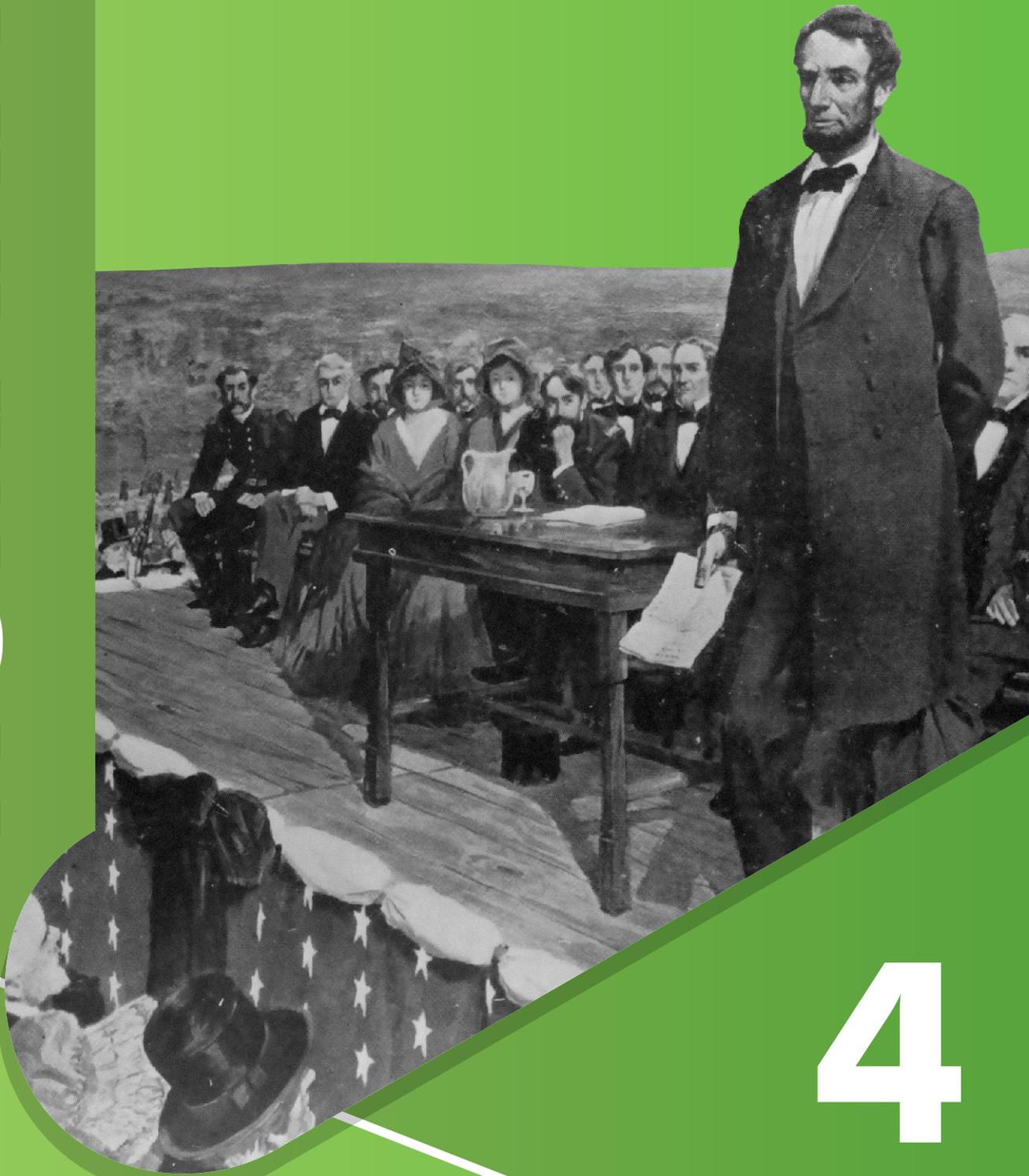


HUMANAS



4



HUMANAS

Volume 4 - 1ª Edição

Goiânia
AP360° EDUCACIONAL
2019

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

EIXOS COGNITIVOS	10
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS.....	10
OBJETOS DE CONHECIMENTO ASSOCIADOS.....	13

FRENTE A

COLONIZAÇÃO	13
Exercícios Resolvidos	22
Exercícios de Fixação.....	24
Enem e Vestibulares.....	25

FRENTE B

OS POVOS DA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA	30
COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA ESPANHOLA.....	33
PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA.....	35
SÉCULO XIX E XX: CAUDILHISMO, SANDINISMO E O ZAPATISMO	38
Exercícios Resolvidos	39
Exercícios de Fixação.....	40
Enem e Vestibulares.....	41

FRENTE C

GUERRA FRIA	46
REVOLUÇÃO CHINESA	50
GUERRA DA COREIA (1950 – 1953)	51

REVOLUÇÃO CUBANA (1959)	52
Exercícios Resolvidos	54
Exercícios de Fixação.....	56
Enem e Vestibulares.....	57

FRENTE D

FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO – ENTRE 1494-1889	61
A REPÚBLICA E A CONFIGURAÇÃO INTERNA DO BRASIL	69
A DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL	70
BRASIL NO SÉC. XXI	77
Exercícios Resolvidos	85
Exercícios de Fixação.....	86
Enem e Vestibulares.....	87

FRENTE E

QUESTÃO AMBIENTAL	91
SITUAÇÃO ENERGÉTICA BRASILEIRA	99
Exercícios Resolvidos	104
Exercícios de Fixação.....	105
Enem e Vestibulares.....	105
GABARITOS	108

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)

I. Dominar linguagens (DL)	dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
II. Compreender fenômenos (CF)	construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
III. Enfrentar situações-problema (SP)	selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
IV. Construir argumentação (CA)	relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
V. Elaborar propostas (EP)	recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

Competência de área 1

Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

H1	Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
H2	Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
H3	Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.

H4	Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
H5	Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

Competência de área 2

Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

H6	Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.
H7	Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
H8	Analisar a ação dos estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
H9	Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
H10	Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

Competência de área 3

Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

H11	Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
H12	Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.
H13	Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
H14	Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
H15	Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

Competência de área 4

Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

H16	Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
H17	Analisar fatores que explicam o impacto das novas tecnologias no processo de territorialização da produção.
H18	Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.
H19	Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.
H20	Selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho.

Competência de área 5

Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

H21	Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.
H22	Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.
H23	Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
H24	Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.
H25	Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

Competência de área 6

Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

H26	Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.
H27	Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.
H28	Relacionar o uso das tecnologias com os impactos socioambientais em diferentes contextos histórico-geográficos.
H29	Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.
H30	Avaliar as relações entre preservação e degradação da vida no planeta nas diferentes escalas.

OBJETOS DE CONHECIMENTO ASSOCIADOS À MATRIZ DE REFERÊNCIA

Diversidade cultural, conflitos e vida em sociedade

Cultura material e imaterial; patrimônio e diversidade cultural no Brasil. A conquista da América. Conflitos entre europeus e indígenas na América colonial. A escravidão e formas de resistência indígena e africana na América. História cultural dos povos africanos. A luta dos negros no Brasil e o negro na formação da sociedade brasileira. História dos povos indígenas e a formação sociocultural brasileira. Movimentos culturais no mundo ocidental e seus impactos na vida política e social.

Formas de organização social, movimentos sociais, pensamento político e ação do Estado

Cidadania e democracia na Antiguidade; Estado e direitos do cidadão a partir da Idade Moderna; democracia direta, indireta e representativa. Revoluções sociais e políticas na Europa Moderna. Formação territorial brasileira; as regiões brasileiras; políticas de reordenamento territorial. As lutas pela conquista da independência política das colônias da América. Grupos sociais em conflito no Brasil imperial e a construção da nação. O desenvolvimento do pensamento liberal na sociedade capitalista e seus críticos nos séculos XIX e XX. Políticas de colonização, migração, imigração e emigração no Brasil nos séculos XIX e XX. A atuação dos grupos sociais e os grandes processos revolucionários do século XX: Revolução Bolchevique, Revolução Chinesa, Revolução Cubana. Geopolítica e conflitos entre os séculos XIX e XX: Imperialismo, a ocupação da Ásia e da África, as Guerras Mundiais e a Guerra Fria. Os sistemas totalitários na Europa do século XX: nazi-fascista, franquismo, salazarismo e stalinismo. Ditaduras políticas na América Latina: Estado Novo no Brasil e ditaduras na América. Conflitos político-culturais pós-Guerra Fria, reorganização política internacional e os organismos multilaterais nos séculos XX e XXI. A luta pela conquista de direitos pelos cidadãos: direitos civis, humanos, políticos e sociais. Direitos sociais nas constituições brasileiras. Políticas afirmativas. Vida urbana: redes e hierarquia nas cidades, pobreza e segregação espacial.

Características e transformações das estruturas produtivas

Diferentes formas de organização da produção: escravismo antigo, feudalismo, capitalismo, socialismo e suas diferentes experiências. Economia agroexportadora brasileira: complexo açucareiro; a mineração no período colonial; a economia cafeeira; a borracha na Amazônia. Revolução Industrial: criação do sistema de fábrica na Europa e transformações no processo de produção. Formação do espaço urbano-industrial. Transformações na estrutura produtiva no século XX: o fordismo, o toyotismo, as novas técnicas de produção e seus impactos. A industrialização brasileira, a urbanização e as transformações sociais e trabalhistas. A globalização e as novas tecnologias de telecomunicação e suas consequências econômicas, políticas e sociais. Produção e transformação dos espaços agrários. Modernização da agricultura e estruturas agrárias tradicionais. O agronegócio, a agricultura familiar, os assalariados do campo e as lutas sociais no campo. A relação campo-cidade.

Os domínios naturais e a relação do ser humano com o ambiente

Relação homem-natureza, a apropriação dos recursos naturais pelas sociedades ao longo do tempo. Impacto ambiental das atividades econômicas no Brasil. Recursos minerais e energéticos: exploração e impactos. Recursos hídricos; bacias hidrográficas e seus aproveitamentos. As questões ambientais contemporâneas: mudança climática, ilhas de calor, efeito estufa, chuva ácida, a destruição da camada de ozônio. A nova ordem ambiental internacional; políticas territoriais ambientais; uso e conservação dos recursos naturais, unidades de conservação, corredores ecológicos, zoneamento ecológico e econômico. Origem e evolução do conceito de sustentabilidade. Estrutura interna da terra. Estruturas do solo e do relevo; agentes internos e externos modeladores do relevo. Situação geral da atmosfera e classificação climática. As características climáticas do território brasileiro. Os grandes domínios da vegetação no Brasil e no mundo.

Representação espacial

Projeções cartográficas; leitura de mapas temáticos, físicos e políticos; tecnologias modernas aplicadas à cartografia.

COLONIZAÇÃO

Antecedentes da Colonização:

Os colonos ingleses, que vieram para a América, tinham, pois, uma memória política e religiosa muito mais fragmentada do que a dos ibéricos. O Estado e a Igreja oficial não acompanharam esses colonos e por isso, se afirma não haver um Estados Unidos colonial, mas sim, 13 colônias, sem qualquer unidade política ou geográfica na costa leste da América do Norte. Também é muito difícil afirmar que existiu uma América Inglesa, pois houveram vários projetos diferentes de colonização na formação dessas regiões.

O primeiro navegador que explorou o continente americano a serviço da Inglaterra foi o genovês Giovanni Caboto (John Cabot, para os ingleses), que durante 1497 e 1498, percorreu a Terra Nova (atual Canadá), porém, não fundou nenhuma colônia.

As primeiras tentativas de colonização ocorreram no século XVI, durante o governo de Elizabeth I, época em que a indústria naval inglesa se fortaleceu, em parte devido à guerra contra a Espanha. Ignorando a divisão papal do mundo entre espanhóis e portugueses, a rainha dá permissão à Sir Walter Raleigh para que inicie a colonização americana. Em 1584, 1585 e 1587, ele conduz expedições à terra que batizou de Virgínia, em homenagem à Elizabeth, a “rainha virgem”. Esse primeiro movimento colonizador é muito semelhante ao primeiro momento do projeto da Espanha e de Portugal para suas colônias na América: a Coroa, impossibilitada de promover ela própria a colonização, concede a um nobre um pedaço de terra, assegurando seus direitos, e reservando para si, parte de eventuais descobertas de ouro e prata, ao mesmo tempo em que delega poderes ao empreendedor particular da conquista.

Foi somente no início do século XVII, com a dinastia Stuart no poder da Inglaterra, que o país voltou às empresas colonizadoras. A Companhia de Londres passou a monopolizar a colonização das regiões mais ao norte, e a Companhia de Plymouth, que recebeu o monopólio dos territórios, mais ao sul.

Quem eram os colonos?

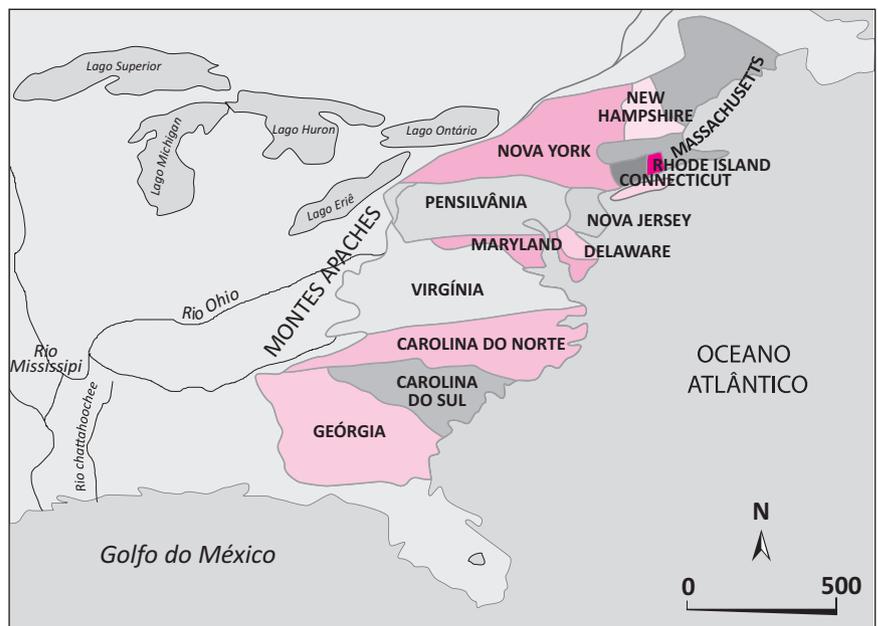
Havia nas cidades inglesas uma grande massa de homens pobres, resultado do êxodo rural, provocado pelo “cercamento” dos campos. A ideia de uma terra abundante, onde era possível enriquecer, atraiu uma grande parcela da população. As autoridades, por sua vez, viam com bons olhos a possibilidade de afastar essas pessoas para outro continente, pois, ao contrário de Portugal, a Inglaterra já sofria com problemas de excedente populacional no início da colonização da América.

Grupos religiosos perseguidos também vieram em grande número para as colônias. Um desses grupos, em 1620, chegou a Massachusetts em um navio chamado Mayflower. Seus líderes John Robinson, William Brewster e William Bradford, religiosos puritanos, estabeleceram um pacto (que levou o nome do navio, **Pacto do Mayflower**) quando fundaram a colônia: um acordo de autogoverno.

A migração puritana foi fundamental para o crescimento das colônias, mas não foi a única responsável por isso. A população, sem contar os indígenas, era de cerca de 2.500 pessoas, em 1620, e saltaria para 3 milhões um século depois. Essa relevante quantidade era composta por vários tipos de colonos: aventureiros, órfãos, mulheres sem posses, crianças raptadas, membros de seitas religiosas (puritanas ou não), negros africanos, comerciantes, nobres e degedados.

A organização das Treze Colônias:

As Treze Colônias eram independentes entre si, porém, estavam cada uma delas subordinadas diretamente à Metrópole. Cada colônia possuía um governador, nomeado diretamente pela metrópole, e que

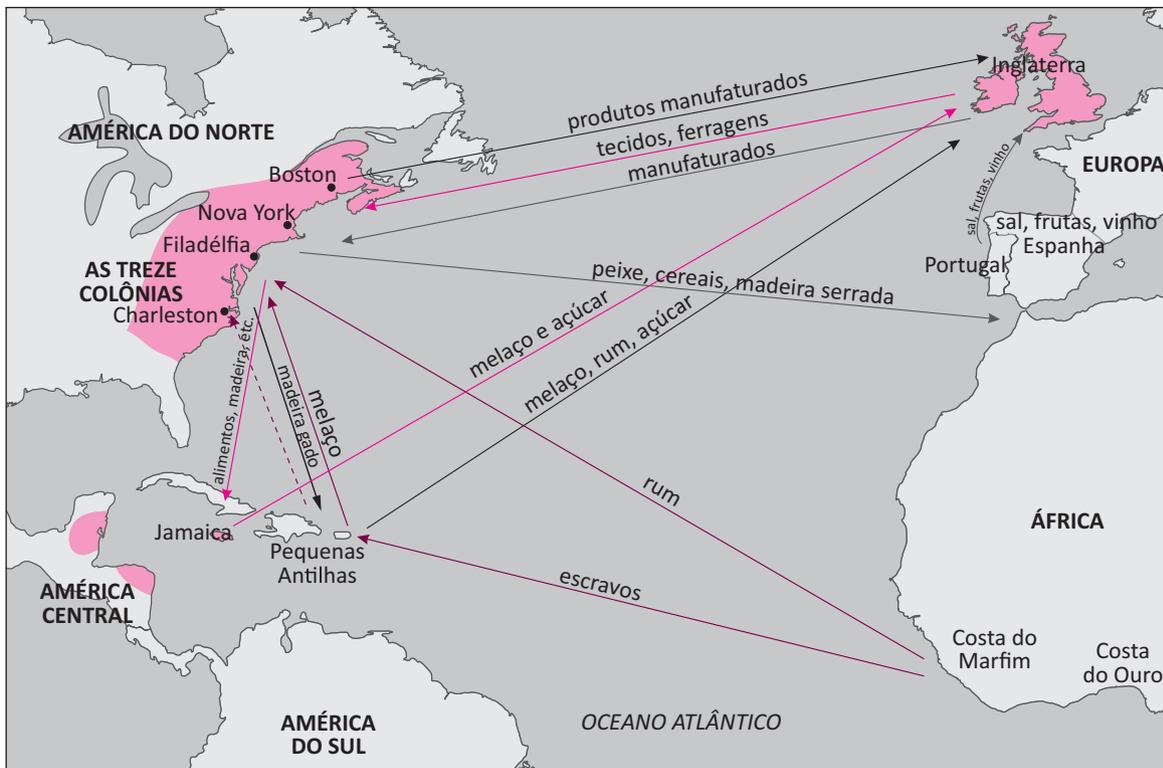


representava seus interesses. Existiam, ainda, em determinadas regiões, conselhos, estes eram formados por líderes locais e assembleias eleitas, que variavam os critérios de participação em cada colônia.

Para entender como se estabeleceu a economia das Treze Colônias, é preciso entender as realidades geográficas e climáticas distintas entre as regiões:

Colônias do Norte:

Como as colônias do Norte da costa do Atlântico apresentam clima temperado, semelhante ao europeu, poucos produtos podiam ser ali cultivados que despertasse o interesse da Europa. Já o núcleo colonial, por sua vez, acabou desenvolvendo uma policultura voltada para o mercado interno, não condicionando aos interesses metropolitanos. O trabalho era, em sua maioria, familiar, livre, assalariado ou de servidão temporária. Nessa região, denominada **Nova Inglaterra**, as colônias prosperaram principalmente devido ao comércio (o Comércio Triangular, por exemplo). A pesca também foi vital para a região.



Colônias do Sul:

As colônias sulinas se desenvolveram aproveitando a proximidade dos trópicos, economia essa que interessava a Europa. Desde cedo, a produção de tabaco levou os colonos a uma permanente expansão agrícola, já que a plantação esgota rapidamente o solo. Para cultivar o fumo recorreu-se a mão-de-obra escrava, que até tornar-se predominante no século XVIII, conviveu com a servidão branca. Com uma economia voltada ao exterior, as colônias do Sul dependiam da Inglaterra: mandavam linho e algodão e compravam roupas, todo o mobiliário também vinha da metrópole.

A vinda de escravos gradualmente alterou o modo de vida e o trabalho no Sul. Já não era tão fácil para o pequeno fazendeiro ou para o trabalhador livre prosperar, as terras aumentaram de preço e foram incorporadas pelos fazendeiros ricos as pequenas propriedades também cederam lugar ao latifúndio.

Colônias Centrais:

Os holandeses foram os primeiros a chegar à área. Fundaram Nova Amsterdã, que mais tarde, já sob o domínio inglês, tornar-se-ia polo da região com o nome de Nova York. Sendo as últimas colônias a serem conquistadas pela Inglaterra, e situadas entre o sul e a Nova Inglaterra, as colônias centrais estendem-se desde a costa até a cadeia montanhosa dos Apalaches. Essas tinham uma vida ligada à agricultura, principalmente de cereais. Embora existissem algumas propriedades bastante extensas, a maioria delas era constituída de pequenas lavouras como na Nova Inglaterra.

As colônias centrais, do mesmo modo que na Nova Inglaterra, tinham alguns escravos negros, esses eram minoria. Também foram desenvolvidas manufaturas, a exemplo das colônias do Norte.

A INDEPENDÊNCIA DAS TREZE COLÔNIAS

A Guerra dos Sete Anos e as pressões britânicas:

A Inglaterra iniciava, nessa época, um período da Revolução Industrial, em que ela necessitava, cada vez mais, de matéria-prima e de mercados consumidores para seu crescente potencial produtivo. Nesse sentido, as Treze Colônias tinham papel fundamental para a metrópole.

Nessa mesma época, a Inglaterra enfrentou e venceu os franceses na Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763). Como indenização, recebeu também os territórios canadenses, que não foram suficientes para cobrir os enormes prejuízos provocados por uma guerra. Para reequilibrar seu orçamento, a monarquia inglesa passou a cobrar pesados impostos das colônias, que haviam ampliado comércio com os franceses no Canadá e nas Antilhas durante o confronto. A Inglaterra iniciou uma política de repressão econômica que objetivava controlar a economia das colônias do Norte.

O primeiro passo dessa política foi o *Sugar Act*, lei que impunha limites ao comércio dos colonos as Antilhas, isso significa que os ingleses exigiam que as Treze Colônias adquirissem o açúcar apenas das Antilhas inglesas, instaurando uma relação mercantilista de exclusivismo metropolitano, ato não existente anteriormente. A seguir veio o *Stamp Act*, ou Lei do Selo, que visava à cobrança de impostos sobre todas as atividades comerciais da colônia. A reação dos colonos não demorou: destruíram as agências vendedoras de selos, queimando-os.

Depois, foi criada a Lei do Aquartelamento, lei que obrigava os colonos a ajudar na manutenção dos soldados ingleses na colônia. O quase inevitável confronto explodiu a partir da assinatura do *Tea Act*, que concedia o monopólio da venda do chá à Companhia das Índias Orientais, pertencente aos ingleses, em detrimento dos interesses econômicos de vários comerciantes americanos. Estes, disfarçados de índios, invadiram navios ingleses atracados no porto de Boston, destruindo toda a carga de chá encontra em seus porões (**Festa do Chá de Boston**).

A reação do governo inglês foi promulgar o que os colonos chamaram de “Leis Intoleráveis”: interdição do porto de Boston (até que o prejuízo fosse ressarcido aos cofres metropolitanos), a restrição do direito de reuniões e a transformação da colônia de Massachussets, em colônia real, impedindo os colonos de elegerem seu governador.

Os colonos reagiram, exigindo representatividade no Parlamento e a manutenção da liberdade religiosa, econômica e política das colônias. Lemas como “**Sem representação, sem taxaço**” estavam em alta na época. Não sendo atendidos pela Metrôpole, os colonos convocaram, em 1774, o **Primeiro Congresso da Filadélfia**, marcando o início do processo de independência.

A independência e o nascimento dos EUA:

A política de repressão, adotada pela Inglaterra e a influência do Iluminismo, foram fundamentais no processo de desencadeamento da independência norte-americana.

No mesmo ano do Primeiro Congresso da Filadélfia, a Inglaterra dá sequência ao processo de pressão econômica, promulgando o **Ato de Quebec**, que impedia a marcha norte-americana para o oeste, pois exigia que as terras a serem ocupadas fossem antes compradas do governo britânico. Essa postura afetou até mesmo os conservadores latifundiários do sul, que precisavam constantemente incorporar novas áreas de plantio.

Os colonos decidiram que só aceitariam leis e impostos aprovados em organismos legislativos, esses deveriam ter a participação de norte-americanos. Nesse sentido, o *Tea Act* teria de ser considerado ilegal, dentro da tradição inglesa.

Os ingleses retrucaram com ações militares intimidadoras em Lexington e Concord. Os colonos organizaram um novo congresso, ainda na Filadélfia, onde foi assinada a **Declaração de Independência**, no dia 4 de julho de 1776. Essa declaração, redigida por Thomas Jefferson, inspirada no teórico inglês John Locke, é uma manifestação da jovem burguesia dos EUA, enfática nos direitos de liberdade, da busca da felicidade pessoal e da defesa da propriedade. As Treze Colônias organizaram-se, então, em uma confederação.

A luta de independência é dirigida por George Washington, que lidera um exército de artesãos e camponeses. Voluntários franceses, como Saint-Simon e Lafayette, ajudam os norte-americanos a encontrar a vitória em Yorktown; os espanhóis também colaboraram fornecendo material bélico.

Em 1783, a independência é reconhecida pelos ingleses com a assinatura do **Tratado de Versalhes** (ou Tratado de Paris).

Constituição dos EUA:

Chega a hora de organizar um país. Nas lutas políticas travadas durante a elaboração da Constituição, destacaram-se Thomas Jefferson e Alexander Hamilton. Jefferson era do Partido Republicano (atual Partido Democrata) e lutou pelo máximo possível de liberdade individual e de autonomia para os Estados Confederados, que formam hoje, os Estados Unidos. Já Hamilton, líder do Partido Federalista (atual Partido Republicano), sonha com um executivo poderoso, pois considerava que nenhum país seria forte sem centralização do poder político.

A nova Constituição, baseada nitidamente nos princípios iluministas de Montesquieu, em face da união dos interesses da burguesia do norte com os dos latifundiários do sul, restringiu os direitos dos trabalhadores, por meio do voto censitário e não levou em consideração escravos e índios. Mesmo assim, serviu de inspiração para a maioria dos movimentos posteriores de independência dos países da América Latina.

O princípio que regia a Constituição de 1787 era o federalismo, que legava a cada estado o direito de compor suas próprias leis, desde que, não entrassem em conflito com as da união.

CONSOLIDAÇÃO DOS EUA (SÉCULO XIX)

A conquista do Oeste:

Através do Tratado de Versalhes de 1783, a Inglaterra reconheceu a independência das Treze Colônias e concedeu-lhes vastos territórios a oeste até o rio Mississippi, iniciando a expansão territorial dos Estados Unidos. Através de acordos, compras e guerras, os Estados Unidos, até meados do século XIX estenderiam seu território por uma superfície de 7.800.000 km², indo até o oceano Pacífico.

Essa expansão deveu-se a uma forte pressão populacional: em 1790 os Estados Unidos ainda não contavam com quatro milhões de habitantes; 80 anos depois tinham cerca de 40 milhões. Uma parcela desse contingente era composta de imigrantes europeus que, nos anos de 1830 a 1860, somaram 5 milhões de pessoas, em busca de prosperidade no Novo Mundo. O número de escravos, em 1860, era de pouco mais de 10% da população total dos Estados Unidos.

A ocupação de novas áreas era controlada pelo governo federal. Desde 1787, quando foi promulgado o **Edito do Noroeste**, estabeleceram-se processos pelos quais um estado deveria se incorporar à nação. Numa primeira etapa, a região ficaria sob tutela do governo federal. Ao atingir 5 mil eleitores, a área poderia ter um governo próprio. Numa terceira etapa, quando atingisse 60 mil habitantes, poderia ser incorporado como estado à nação norte-americana. O intento do governo central, com essa medida, era afastar a possibilidade de estados já existentes ampliarem sua área e, conseqüentemente, sua influência política. O primeiro território a ser incorporado por meio desse sistema foi a Louisiana, comprada da França em 1803. Em 1819, os Estados Unidos compraram a Flórida da Espanha.

Em 1845, o Texas, antigo território mexicano, foi incorporado aos Estados Unidos por meio de uma guerra. Um ano depois, foi a vez do Oregon. Em 1848, após o término da violenta guerra contra o México, anexaram-se Nevada, Califórnia, Utah, Arizona e o Novo México. Com a criação de mais dois estados, o país contava, em 1860, com 33 estados.

Terminada a guerra contra o México, descobre-se ouro na Califórnia, o que atrai um enorme contingente de pessoas, esse movimento que ficou conhecido como “Corrida do Ouro”. Em 1850, ao pedir à União a anexação da Califórnia como estado não-escravista, o norte (interessado no ouro) rompe o **Compromisso de Missouri** (assinado em 1820 que estabelecia uma igualdade entre a quantidade de estados livres e escravistas, com o objetivo de manter um razoável equilíbrio entre os escravocratas e os industriais) e gera uma grave crise. Utah e o Novo México, ante as divergências, pedem para serem incorporados como estados neutros.

A Marcha para o Oeste prosseguiria em plena Guerra de Secessão, quando o governo promulga, em 1862, o **Homestead Act**, medida que garantia a ocupação de terras a oeste por qualquer homem livre que primeiro chegasse à região, atrai milhões de imigrantes europeus.

O Destino Manifesto:

A partir da metade do século XIX, foi difundido nos Estados Unidos a ideia do **Destino Manifesto**. Segundo esta crença, os norte-americanos haviam sido o povo eleito por Deus para levar a civilização ao mundo. Também dizia o Destino Manifesto que, segundo a Divina Providência, os EUA deveriam se transformar na maior nação do mundo, incorporando diversas regiões, mesmo que distantes de Washington. Atuando como um elemento mobilizador da sociedade norte-americana, o Destino Manifesto seria muito utilizado para justificar a conquista de novos territórios pelos EUA. Em 1857, o presidente norte-americano, James Buchanan, no discurso de posse, afirmou que “A expansão dos EUA sobre o continente americano, desde o Ártico até a América

do Sul, é o destino de nossa raça (...) e nada pode detê-la”. No mesmo ano, o jornalista norte-americano John O’Sullivan declarou que “seria intolerável que prejudicassem nosso poder, limitando nossa grandeza e impedindo a realização do nosso ‘Destino Manifesto’, que é estendermo-nos sobre o continente que a Providência fixou para o livre desenvolvimento de nossos milhões de habitantes, que anos após anos se multiplicam”.

A Guerra de Secessão (1861 – 1865):

A Constituição de 1787, que legava a cada estado norte-americano o direito de compor suas próprias leis, desde que essas não entrassem em conflito com as da união, acabou acentuando as diferenças já existentes entre o norte e o sul do país. No sul dos Estados Unidos desenvolvia-se uma política agrária, livre-cambista, baseada no cultivo de matérias-primas, particularmente, o algodão, já que esse era utilizado nas trocas mercantis por produtos industrializados. O norte, por sua vez, desenvolvia uma economia industrial e, por isso, defendia o protecionismo alfandegário e um governo central que investisse em infraestrutura para a industrialização.

Os partidos que dominavam a cena política nesse momento pouco tocavam na questão da escravidão, uma vez que, ela era a única capaz de desencadear disputas intermináveis entre os políticos.

Seria ilusão pensar que o norte não nutria preconceitos de raça, seus líderes sugeriram que, como os sulistas contavam os escravos, eles poderiam contar seu gado. Além disso, criou-se, em território comprado na África (Libéria), uma república para a qual os escravos libertos deveriam emigrar, já que sua convivência com os brancos não seria tolerada.

Neste período, por todo o norte dos Estados Unidos cresce uma campanha abolicionista. Os primeiros movimentos realmente em favor da abolição são datados de 1829 e tiveram sua principal voz em jornais como *The Liberator* (O Libertador), editado por William Lloyd Garrison.

O movimento abolicionista, que tanto gerou discussões, ganha mais força quando é eleito presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln. Antes mesmo de assumir a presidência, Lincoln já alertava para o perigo da separação dos estados do sul, que temendo o fim da escravidão, reúnem-se primeiro na Carolina do Sul e depois no Alabama, e por fim, rompem com a União, formando uma nova nação (os Estados Confederados Americanos). Em um discurso de 1858, Lincoln disse: “Uma casa dividida contra si mesma não subsistirá. Acredito que esse governo, meio escravocrata e meio livre, não poderá durar para sempre. Não espero que a União se dissolva; não espero que a casa caia; mas espero que deixe de ser dividida”.

Essa posição do recém-eleito presidente americano reflete os ideais do norte: tentar manter a união da nação acima de tudo. Contudo, para o sul, a secessão seria a única forma de preservar a escravidão. Ao tentar impedir a independência do sul, a guerra estoura.

Em 1861, os Estados Confederados, mesmo com armamentos precários e com um exército insuficiente, resolvem atacar militarmente o norte, deflagrando uma sangrenta guerra civil que durariam quatro anos.

Os estados nortistas, com o apoio dos estados do Oeste, bloqueiam o apoio inglês, que os sulistas vinham recebendo no oceano Atlântico. Porém, se a supremacia nos mares foi relativamente fácil de ser obtidos, os combates em terra, previstos para durar poucos meses, estendem-se por anos.

Embora a União tivesse o dobro da população do sul, a maior parte das estradas de ferro – 85% das indústrias e 97% da produção de armas. A Confederação lutava motivada para defender seu território (gerando um forte sentimento nacionalista) e, mesmo em menor número, seu exército era mais bem preparado, uma vez que, vários de seus soldados tinham frequentado escolas militares. Para termos a dimensão dos combates em terra, a batalha de Antietam, de 1862, em Maryland, deixou 12 mil mortos para cada lado em um só dia.

Mesmo com toda a precariedade, os sulistas acabam vencendo importantes batalhas. Entretanto, em 1863, durante a Batalha de Gettysburg, o exército do norte mata boa parte dos soldados sulistas, e nos dois anos seguintes, a União vira o jogo. Em 1865, o sul reconhece a vitória do norte.

Nesse mesmo ano, Lincoln é assassinado por um ator sulista durante uma apresentação de teatro.

A Guerra de Secessão deixou várias sequelas na sociedade norte-americana. Em 1865, a escravidão é abolida em todo o território norte-americano. No entanto, a abolição não criou bases sólidas para que os negros libertos tivessem condições sociais de se integrar na sociedade, permitindo que esses fossem alvo de ataques racistas, principalmente no sul.

Foram formados vários grupos racistas, como o **Ku Klux Klan**, criada em Nashville em 1867, o grupo praticava ataques violentos contra os negros, contribuindo para a desigualdade social dessa população. Além disso, a Guerra de Secessão ocasionou 600 mil mortes, deixando o sul dos Estados Unidos fisicamente desfigurado e economicamente arrasado por uma inflação descabida.

Após a Guerra Civil, a economia norte-americana acabou consolidando-se em torno de grandes grupos financeiros que investiam nas indústrias do nordeste. As indústrias norte-americanas passaram, tal como na Europa, por um período de enormes avanços tecnológicos e científicos, avanços esses que proporcionaram um aumento da produtividade por meio da linha de montagem e da produção em massa. O governo também ajudou na consolidação das indústrias ao estabelecer altas tarifas protecionistas que evitavam a concorrência dos produtos europeus.

A Guerra de Secessão e o Brasil:

Com a Guerra de Secessão, a produção e a venda de algodão do sul norte-americano decaem, perdendo espaço para a emergente produção algodoeira brasileira, que aumentava suas exportações em ritmo acelerado. Com a consequente falta de trabalho e com a crescente repressão nortista, milhares de colonos sulistas fugiram do país, exilando-se em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Instalando-se no interior da província de São Paulo, famílias norte-americanas formaram núcleos urbanos que dariam origem a importantes cidades como Americana e Santa Bárbara d'Oeste.

IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

A história da política externa dos Estados Unidos da América pode ser dividida em distintas fases. A primeira delas, que durou do período colonial ao início do século XIX, caracterizou-se por forte isolamento, no qual o país evitava se envolver em conflitos europeus. Num segundo momento, os EUA ampliaram seus domínios por meio de guerras e compras de territórios, dominando o continente de costa a costa. Em 1823, com a **Doutrina Monroe**, os EUA passaram a defender a soberania de todos os países americanos com o intuito de evitar a recolonização dos países independentes, assegurando apoio diplomático para aqueles que estavam em vias de conquistar sua soberania política.

- *Num clima de tentativas de recolonização por parte das potências europeias sobre a América Latina, o presidente norte-americano James Monroe enviou, em 1823, um documento ao Congresso dos EUA que ficaria conhecido na história como a Doutrina Monroe. Nele, os EUA sintetizavam sua política externa em relação à América Latina, repudiando a intervenção europeia nos países do continente americano, e colocando o país num papel de “líder protetor” das jovens nações, sob a máxima “A América para os americanos”. Com a Doutrina, os Estados Unidos garantiam seus interesses na América Latina.*

Em 1904, o presidente Theodore Roosevelt (1901-1909) lançou o corolário (ideia derivada de outra) Roosevelt à Doutrina Monroe, pelo qual se ampliava o “direito” norte-americano de intervir na América, intrometendo-se nas questões internas de outros países, mantendo, por exemplo, somente governantes “aceitáveis” por Washington. A História consagraria o corolário com o nome de **“Política do Big Stick”** (Grande Porrete).

- *O Big Stick reafirmava os preceitos da Doutrina Monroe, pelos quais os EUA se viam como a nação guardiã da América, podendo expandir-se por todo o continente americano. Os Estados Unidos, assim como as demais nações imperialistas, viam-se no dever de levar a “civilização” para os países mais atrasados.*

Antes mesmo da ascensão de Roosevelt, as pretensões imperialistas dos EUA confirmaram-se com a Guerra Hispano-Americana (1898) pela independência de Cuba, na qual houve um embate militar direto, entre norte-americanos e espanhóis. Cuba, maior produtora de açúcar do mundo, atraía grandes investimentos estadunidenses por estar próxima ao istmo do Panamá.

Com a vitória, os cubanos promulgaram sua primeira Constituição, mas foram obrigados a aceitar uma imposição do governo norte-americano: a **Emenda Platt**. Por meio dela, os EUA ganhavam o direito de intervir politicamente no país e de instalar uma base naval em Guantánamo, permitindo que os *trustes* estadunidenses explorassem os recursos minerais da ilha.

Os Estados Unidos continuaram sua política imperialista apossando-se das Filipinas e de Porto Rico (1898), ocupando a Nicarágua (1899), provocando o desmembramento da Colômbia, do qual surgiu o Panamá (1903), e invadindo a República Dominicana duas vezes (1904 e 1914). Apenas no ano de 2000, o **canal do Panamá** foi devolvido pelos EUA ao governo panamenho.

- *Em 1901, os EUA compraram, de uma companhia francesa falida, as obras de um canal, que ligaria o oceano Atlântico ao Pacífico, situado na região do Panamá, Colômbia.*

Como os colombianos não permitiram a intervenção estrangeira, os norte-americanos estimularam o movimento de libertação panamenho, resultando na independência do país em 1903. Em troca da ajuda, os EUA levaram adiante as obras no canal, utilizando-o de maneira irrestrita. Consolidava-se a hegemonia norte-americana na América Central que, mais tarde, se expandiria para todo o Atlântico e Pacífico.

O imperialismo norte-americano na América



Além dos domínios latino-americanos, os EUA avançaram também para o Oriente, exercendo influência no Japão e anexando ilhas estratégicas no oceano Pacífico.

TEXTO COMPLEMENTAR

O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

Conflito mais sangrento de toda a história dos Estados Unidos, a Guerra Civil deixou 620 mil mortos e foi crucial para unificar definitivamente a nação americana

por Farid Ameer

“Espere um pouco, mas qual dos dois se rende ao outro?”, ironiza uma testemunha da rendição do general Robert Lee em Appomattox Court House, no estado da Virgínia. A cena é solene. No dia 9 de abril de 1865, Lee, o comandante confederado, vestia seu melhor uniforme, com a espada cerimonial presa à cintura. Apesar do peso da derrota, sua dignidade é admirável. Sofrendo de enxaqueca, o general Ulysses S. Grant se junta a ele vestindo uma jaqueta desabotoada, botas e calças sujas de lama. Respeitoso, ele contém a emoção, enquanto seu adversário fica impassível ao assinar o ato de rendição das tropas confederadas. Seguindo as recomendações do presidente Abraham Lincoln, o vencedor mostra-se magnânimo. Lee ainda consegue que seus companheiros de armas não sejam processados por traição. A guerra havia acabado; era a hora da reconciliação.

A Guerra de Secessão foi o capítulo mais triste da história dos Estados Unidos. Quatro anos de combates deixaram o país devastado: 360 mil nortistas e 260 mil sulistas pagaram com suas vidas. Em média, um em cada cinco soldados foi morto. O número de feridos e inválidos é de aproximadamente 1 milhão. As perdas totais registradas entre 1861 e 1865



O general Lee (à esq.) ofereceu a rendição dos confederados ao general Grant em 9 de abril de 1865, na Virgínia
BIBLIOTECA DO CONGRESSO, WASHINGTON D.C

são quase tão grandes quanto às de todos os outros conflitos de que os EUA participaram desde o início de sua história. Nem os civis foram poupados. Tais perdas materiais comprovam a obstinação dos dois exércitos combatentes e a eficácia do equipamento militar.

O sul, proporcionalmente mais afetado já que era menos povoado, perdeu um quinto da população ativa. A marcha dos exércitos e a intensidade das batalhas reduziram a cinzas os estados que lutavam pela divisão dos EUA. Para os derrotados, a reconstrução foi longa e dolorosa. Seriam necessários quase 100 anos para curar as feridas de uma guerra fratricida. A violência repentina causou espanto, pois os EUA reuniam todos os elementos do sucesso. Fundado como modelo democrático, seu sistema político era de dar inveja. A Constituição de 1787 previa a separação dos poderes. Primeiro exemplo aplicado de federalismo no mundo, o país foi consagrado por instituições livres e representativas. Some-se a isso a adoção, em 1791, da Declaração dos Direitos dos Cidadãos (Bill of Rights), que garantia as liberdades individuais e públicas de todos.

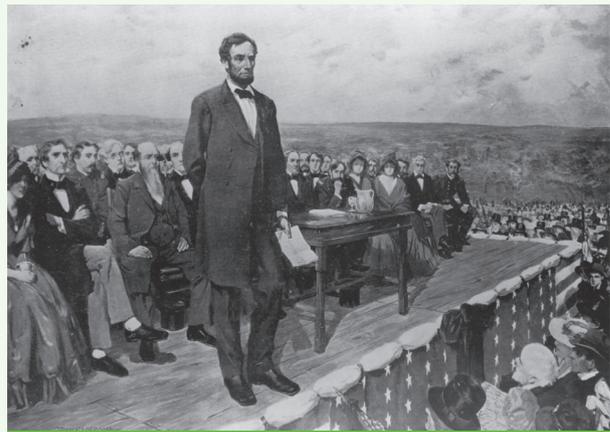
No século XIX, os EUA estavam em vias de se tornar uma potência cujo território – 8 milhões de km² – atingira uma dimensão continental. No censo de 1860, a União tinha 31 estados – repartidos de costa a costa, e do Canadá ao México – além das áreas conquistadas a oeste do Mississippi. O crescimento populacional era tão excepcional quanto a expansão territorial. Nessa época, os EUA tinham 31,5 milhões de habitantes. No espaço de 20 anos, a população dobrou graças aos importantes fluxos migratórios da Europa. Essa mão de obra era oportuna, pois o panorama econômico oferecia oportunidades de desenvolvimento. Em uma terra tão rica e fértil, o mercado dos EUA parecia inesgotável. Acima de tudo, a jovem nação caminhava para uma industrialização que já competia com as potências europeias.

Mas um sentimento separatista surgiu no coração do país. Desde o início do século XIX, sinais de desunião podiam ser detectados entre a indústria do norte, vetor do progresso, e o sul, terra de uma sociedade patriarcal e agrária, baseada na escravidão. Para proteger a indústria, os estados do norte defendiam a aplicação de uma tarifa protecionista, enquanto os do sul desejavam uma política de livre comércio, a fim de promover a exportação de algodão, principal fonte de riqueza. Os sulistas ainda exigiam o direito de quebrar o pacto federativo e deixar a União Federal se sentissem que seus direitos estavam sendo violados, o que os nortistas contestavam, seguindo uma interpretação literal da Constituição. Em 1832, o estado da Carolina do Sul já havia feito uma ameaça antes de ceder à pressão do presidente Andrew Jackson.

A questão da escravidão pôs lenha na fogueira. De debate moral, tornou-se um problema político com a expansão em direção ao oeste. Os sulistas, cuja cultura do algodão esgotava o solo, tentavam exportar seu modelo de plantação, e com ele o sistema escravista. A ameaça era grave para os agricultores do norte, que cobiçavam essas novas terras. Por meio de acordos, o equilíbrio precário foi mantido, mas o mal-estar se tornou inevitável.

Assim, em 6 de novembro de 1860, quando Abraham Lincoln foi eleito presidente, o sul se inflamou. A vitória do republicano, que representava os interesses do norte, foi percebida como uma provocação. Em 20 de dezembro, a Carolina do Sul se separou do restante do país. Em 4 de março de 1861, quando Lincoln entrou na Casa Branca, sete estados escravistas proclamaram a dissolução da União e formaram uma confederação, à qual aderiram outros quatro estados do sul. Em 12 de abril, o ataque a Fort Sumter, reduto federal na entrada da baía de Charleston, na Carolina do Sul, jogou o país em uma guerra civil.

Lincoln declarou estado de insurreição. Por falta de um exército permanente, ele convocou voluntários para abafar a rebelião. Em 19 de abril, um bloqueio foi montado para asfixiar a economia do sul. Era o plano Anaconda. Para vencer, o norte contava com a superioridade de seus recursos humanos e materiais. Com 22 milhões de habitantes, 80% das indústrias do país, uma importante rede ferroviária, uma concentração de centros comerciais e financeiros, os principais projetos de construção naval, a União podia muito bem enfrentar a Confederação, que dispunha de apenas 9 milhões de habitantes (dos quais 3 milhões eram escravos), e sofria com a falta de bens manufaturados, armas e dinheiro.



No célebre discurso de Gettysburg, Lincoln definiu o fim da guerra como o nascimento da liberdade que traria igualdade a todos os americanos

BIBLIOTECA DO CONGRESSO, WASHINGTON D.C

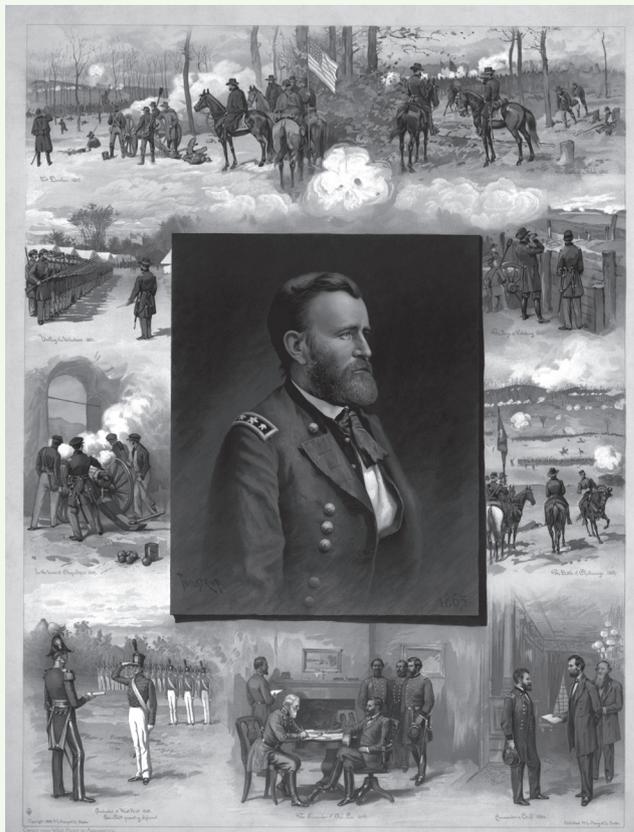
Entretanto, o norte não encontrou facilidade. Com muito sacrifício, o general Ulysses S. Grant abriu o caminho rumo ao Tennessee, ocupando em fevereiro Fort Henry e Donelson Fort. O golpe principal foi dado na foz do rio Mississippi. No final de abril, a esquadra do almirante David Farragut tomou Nova Orleans, a maior cidade da Confederação. Sua queda ameaçava o sul de dissolução e obrigou Jefferson Davis, presidente dos estados separatistas, a alistar civis para a guerra. Na Virgínia, os confederados, sob a liderança do general Robert Lee – um oficial de carreira que se manteve fiel ao sul embora considerasse a secessão inconstitucional e condenasse moralmente a escravidão –, conseguiram adiar o êxito das tropas do norte. Em junho de 1862, o general Lee forçou o general George McClellan, que chegara às portas de Richmond, quartel-general dos sulistas, a dar meia-volta. Nos dias 29 e 30 de agosto, Lee impôs uma nova derrota ao exército da União, em Bull Run. Em seguida, invadiu o estado Maryland em uma tentativa de tomar a capital federal. Mas em 17 de setembro foi derrotado nas margens do córrego Antietam, perto da cidade de Sharpsburg. Com 23 mil vítimas, esse foi o dia mais sangrento do conflito.

Em 1863 as coisas mudaram. Primeiramente, porque Lincoln assinou em 1º de janeiro o ato de libertação dos escravos, que foi, em certos casos no norte, sinônimo de abolição. Em segundo lugar, porque a guerra tomou uma grande proporção, as batalhas eram cada vez mais sangrentas. O desenvolvimento de novas armas, os 3 milhões de homens mobilizados dos 14 milhões disponíveis, a vasta faixa territorial onde se davam as batalhas, a importância dos meios de trans-porte e comunicação (ferrovias, telégrafo) e a organização de operações por terra e água refletiam a evolução dos projetos militares. Pela primeira vez um conflito mobilizava todos os recursos da sociedade civil. O esgotamento dos recursos do sul foi a chave para a vitória.

Depois de duas vitórias, em Fredericksburg (em 13 de dezembro de 1862) e Chancellorsville (em 2 de maio de 1863), Lee invadiu a Pensilvânia, mas seu progresso foi interrompido pelo general George Meade em Gettysburg, em julho de 1863. Cerca de 51 mil soldados foram postos fora de ação. Foi um momento-chave da guerra. No dia 4 de julho, data da independência americana, Grant tomou Vicksburg, no Mississippi, dividindo a Confederação em duas partes. Dominando todo o curso do rio Grande, os nortistas chegaram às portas do sul. Em 1864, Grant foi transferido para o fronte de Virgínia com a missão de derrotar Lee, que se viu obrigado a recuar. Em 14 de abril de 1865, o assassinato de Lincoln, em um teatro em Washington, deu uma dimensão ainda mais trágica àquele momento.

No sul arruinado, devastado, sujeito à dura lei dos vencedores, os anos de reconstrução foram conturbados. Muitos sulistas, desafiando a derrota, perpetuaram o mito da “causa perdida”, daí o clima de extrema violência, ilustrada pelos crimes de bandidos como Jesse James ou de sociedades secretas como a Ku Klux Klan. Ocupado militarmente até abril de 1877, o sul só sairia de seu estado de subdesenvolvimento depois da Segunda Guerra Mundial, como resultado das obras realizadas na bacia do Mississippi e da exploração de petróleo e gás no Golfo do México. Os negros, por sua vez, precisaram esperar até os anos 1960 para conquistar os direitos civis. Isso mostra como a Guerra Civil afetou a história americana. Não à toa ela é tema recorrente nas obras de escritores do sul, como William Faulkner, ou no cinema, de O nascimento de uma nação (1915) a Cold Mountain (2003), passando por ...E o vento levou (1939).

O conflito perdura como uma epopeia nacional, o único que opôs americanos. Ao longo de gerações, o sonho de Lincoln se realizou. Seu triunfo tornou o pacto federativo indestrutível. Foi essa experiência terrível, e não a luta pela independência, que fez dos americanos um povo unido, consciente de seu destino único. A Guerra de Secessão foi uma espécie de segundo nascimento gravado para sempre na memória coletiva dos americanos.



Ao assumir o front da Virgínia em 1864, o general Grant travou um duelo de gigantes com o general Lee
BIBLIOTECA DO CONGRESSO, WASHINGTON D.C

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 | PUC Alexis de Tocqueville, nobre francês que viajou pelos Estados Unidos e relatou suas impressões em seu livro *A democracia na América*, de 1835, assim se referiu à sociedade norte-americana:

“Os colonos americanos exerciam, desde o início, direitos de soberania. Nomeavam os seus magistrados, concluía a paz, declaravam a guerra, promulgavam as leis, como se sua fidelidade só fosse devida a Deus. (...) Nas leis da Nova Inglaterra encontramos o germe e o desenvolvimento da independência local que é a mola da liberdade americana de nossos dias.”

Alexis de Tocqueville. *A democracia na América*. Leis e Costumes. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.73.

- A IDENTIFIQUE** uma característica da colonização inglesa na América possibilitadora do “desenvolvimento da independência local” dos colonos.
- B EXPLIQUE** uma motivação para a Declaração da Independência dos colonos americanos, na década de 1770.

Resolução:

- A** O candidato poderá identificar uma entre as seguintes características da colonização inglesa na América:
- os próprios colonos nomeavam seus magistrados, podiam declarar guerra, concluir tratados de paz e promulgar leis que dissessem respeito às questões locais;
 - o fato de comunidades inteiras migrarem para o Novo Mundo fugindo de perseguições religiosas ou de condições miseráveis de vida, buscando construir um novo lar, colaborou para que os colonos desenvolvessem um espírito de autonomia em relação à Inglaterra;
 - a autonomia local esteve mais presente nas colônias originárias de companhias de comércio, como Massachusetts, nas quais o governador e a Assembléia eram eleitos pelos colonos e os funcionários eram nomeados pela autoridade popular; contudo, mesmo as colônias reais, como Geórgia ou Virginia, e as de proprietários, como Maryland ou Pensilvânia, evoluíram para a criação de Assembléias compostas e eleitas por representantes de homens livres; a isto se denomina tradição do self-government ou auto-governo.
- B** O candidato poderá explicar uma entre as seguintes motivações:
- a independência das Treze Colônias da Inglaterra, em 1776, está relacionada primeiramente à vitória

que os colonos norte-americanos tiveram sobre os franceses em território americano durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). A vitória na guerra tornou o apoio da metrópole dispensável, uma vez que o “perigo francês” havia sido eliminado e, portanto, a presença de tropas inglesas em solo americano parecia cada vez mais incômoda;

- logo após a guerra, a Coroa impediu qualquer povoamento das ricas terras – dos Apalaches ao Mississipi – que os colonos haviam conquistado dos franceses, reservando-as para si;
- a Coroa impôs aos colonos o pagamento dos custos da guerra e, para isso, propôs ao Parlamento uma série de medidas que restaurariam o regime de monopólio e permitiriam a cobrança de novas taxas. O sistema de exclusivo desde muito se deteriorara nas colônias inglesas, e a volta efetiva a uma aplicação estrita deste estatuto trazia em si a ruína de toda uma classe de comerciantes, armadores e marinheiros que tinham baseado sua fortuna no comércio com as Antilhas francesas e espanholas. A subsequente aprovação e imposição pelo Parlamento inglês de uma série de leis (a Lei do Selo, a Lei do Chá, as Leis Intoleráveis, por exemplo), sem consultar as Assembléias coloniais, veio a alterar profundamente as relações entre a metrópole e as colônias. As novas taxas, além de onerarem os colonos, tocavam em um ponto de direito cuja discussão vai ocupar um lugar cada vez maior no desacordo entre as partes. A questão que se colocava se o governo inglês tinha o direito de cobrar esses impostos envolvia o grande princípio constitucional inglês: nada de imposições novas sem o consentimento dos representantes, que remetia à Magna Carta. As colônias da América, ao se rebelarem contra essas atitudes e ao invocarem o respeito a esse princípio, não o faziam somente por influência das idéias iluministas em voga na época, mas colocavam em prática todo um conjunto de tradições políticas britânicas apreendidas na própria experiência colonial.

02 | PUC As transformações ocorridas nas Américas durante a Era das Revoluções Atlânticas estiveram marcadas por dois grandes eventos, ambos igualmente radicais: (a) a Revolução Americana, que, com a independência das 13 colônias em 1776, causou uma primeira séria fratura na ordem do Antigo Regime e cujo pioneirismo na criação da primeira república moderna não seria esquecido e (b) a Revolução de Santo Domingo, no Haiti, nos anos de

1790, a qual veio associada a uma gigantesca, única e bem sucedida rebelião de escravos nos tempos modernos. Esta libertou os escravos e criou a segunda república independente do novo mundo.

- A** **Explique** a contribuição da Revolução Americana para a ideia de República no mundo moderno.
- B** **Caracterize** como os cidadãos franceses, em meio às próprias experiências revolucionárias iniciadas em 1789 na metrópole, reagiram à rebelião dos escravos em sua colônia e à subsequente abolição da escravidão.

Resolução:

- A** *O candidato poderá ressaltar, no caso da República americana, a adoção da **igualdade de condição entre todos os homens livres e pactuantes do novo contrato. Poderá também sublinhar o direito à liberdade, que a partir de então foi apresentada como universal, não mais restrita aos ingleses (a chamada liberdade dos ingleses)**, podendo por conseguinte ser reivindicada para todos os homens. Porém, a contribuição mais importante que o candidato poderá ressaltar diz respeito às primeiras experiências com o **governo representativo, ensaiadas na jovem república. A ideia de que o povo deve governar por meio de representantes e de que esse corpo eleitoral deve ser o responsável pela seleção dos governantes viria complementar a união em curso entre os princípios republicanos e o liberalismo que marcaram o final do século XVIII.***

*O candidato ainda poderá falar das diferenças entre as formas de governos, associando a experiência americana à adoção do **presidencialismo**, contrastando-o com o parlamentarismo ou mesmo com o regime de colegiado. E, por último, poderá explicar a particularidade da República americana diferenciando-a das repúblicas da antiguidade (associadas ou à democracia direta ateniense ou à república romana aristocrática, dirigida pelo Senado) e das repúblicas aristocráticas de Veneza, da Holanda e mesmo da Polônia até o final do século XVIII.*

- B** *O candidato deverá recordar como, em meio aos intensos debates e ações radicais que marcaram a escalada revolucionária de 1789 aos anos do Terror, os franceses da metrópole guardaram as bandeiras da “liberdade, igualdade e fraternidade” para si apenas. Opuseram-se ferozmente não apenas à rebelião de escravos em Santo Domingo como à libertação de sua colônia (apelada à época de a “joia francesa do Caribe”). Ironicamente, coube aos revolucionários haitianos, inspirados nessas mesmas ideias metropolitanas, combaterem os canhões e marinha da França revolucionária que foram submetê-los e tentar mantê-los sob o jugo colonial.*

03 | UFF A formação das nações americanas do Hemisfério Norte e do Hemisfério Sul se processou a partir de relações históricas distintas e, desse modo, desenhou sociedades cujos valores culturais e sociais assumiram perspectivas políticas variadas e diversas. Entretanto, é possível estabelecer entre elas alguns pontos comuns com relação ao seu processo histórico e às ideias matrizes vindas da Europa.

Levando em conta, a afirmação acima,

- A** indique o movimento de ideias que foi comum às duas regiões, tanto ao Norte quanto ao Sul, no que diz respeito aos processos de independência, e explique uma diferença nos seus processos de formação de estados nacionais, tomando como referência a expansão europeia dos séculos XVI e XVII;
- B** explique o significado de “destino manifesto”, presente na formação dos Estados Unidos da América a partir de 1776.

Resolução:

- A** *Os candidatos devem responder **Iluminismo ou Luzes ou Ilustração** e a seguir explicar as diferenças entre os dois processos de colonização, podendo referir-se às metrópoles às quais os espaços colônias se referem, mostrando as diferenças entre elas e ou as diferenças no processo de ocupação, podendo levar em conta as relações sociais de produção, as formas de organização da propriedade, as regiões onde esses processos se verificaram, a expansão nos territórios coloniais ou, ainda, o desenvolvimento das ideias que levaram aos processos de independência.*
- B** *Os candidatos devem explicar que o destino manifesto foi a doutrina que inspirou o processo expansionista norte-americano realizado através de guerras e de compras de território. O destino manifesto significava que o povo americano era inspirado por Deus para realizar a obra civilizatória na América. Isso justificava a expansão. Após a independência houve um crescente desenvolvimento econômico do qual resultou um intenso crescimento populacional. A combinação desses dois elementos propiciou o alargamento do território originalmente ocupado, levando a “marcha” que ampliou as fronteiras em várias direções. Os candidatos podem mencionar o exemplo da política de compras aos franceses, a partir do início do século XIX, e aos espanhóis, gerando a incorporação dos territórios da Louisiana e da Flórida. Ou, após a primeira metade do século XIX, o exemplo da anexação do Alasca dominado pelos russos ou, ainda, darem o exemplo da conquista do Oregon aos ingleses, ou do Texas conquistado aos mexicanos.*

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01| UFRJ “O início da colonização da costa leste da América inglesa encontrou inúmeras dificuldades. Por exemplo, em áreas como a baía de Chesapeake, a mortalidade entre os recém chegados alcançava cerca de 40% nos dois primeiros anos de estadia. Apesar disso, do século XVI ao XVIII, a América inglesa conheceu ondas crescentes de imigrantes provenientes de diferentes partes da Europa, dentre os quais ingleses, irlandeses, escoceses e alemães.”

(ELLIOTT, J. H. *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America 1492-1830*.

New Haven: Yale University Press, 2006, p. 156)

Cite dois aspectos, um de natureza religiosa e outro de natureza econômica, que estimularam a emigração de europeus para a América inglesa entre os séculos XVI e XVIII.

02| UNESP

A razão que me consta por que ides àquele país,
É o desejo de povoar essa terra longínqua e fazer uma nova plantação,
Onde tereis boa terra em abundância para plantar e cultivar,
A qual ninguém vos tirará nunca, enquanto assim o quiserdes.

(Balada inglesa do século XVII. Apud S. E. Morrison e H. S. Commager,

História dos Estados Unidos da América.)

A partir das informações da canção, explique a singularidade da estrutura da colonização inglesa na América do Norte no século XVII.

03| UEG O movimento de emancipação das colônias europeias da América iniciou-se com a independência das colônias inglesas da América do Norte, atingindo a seguir a América Latina, onde ocorreu, com algumas exceções, entre 1804 e 1824. Considerando-se esses processos de independência, explique:

- A** os motivos do pioneirismo das 13 colônias inglesas da América;
- B** a relação entre as Guerras Napoleônicas e a independência das colônias hispânicas na América.

04| UNIMONTES Estabeleça a relação existente entre a criação das 13 colônias na América do Norte e o panorama religioso inglês no século XVII.

05| UNICAMP No fim do século XIX, Frederick Jackson Turner elaborou uma tese sobre a “fronteira” como definidora do caráter dos Estados Unidos até então. A força do indivíduo, a democracia, a informalidade e até o caráter rude estariam presentes no diálogo entre a civilização e a barbárie que a fronteira propiciava. As tradições europeias foram sendo abandonadas à medida que o desbravador se aprofundava no território em expansão dos Estados Unidos.

Em relação à questão da fronteira nos Estados Unidos, responda:

- A** De quais grupos ou países essas terras foram sendo retiradas no século XIX?
- B** O que foi o “Destino Manifesto” e qual seu papel nessa expansão?

06| PUC Quando o revolucionário francês Marquês de Lafayette voltou para os Estados Unidos em 1824, ficou maravilhado pela maneira como aquele país mudara em 40 anos desde o tempo em que servira sob o comando de George Washington, nas guerras de Independência. Em seu discurso de chegada declarou estar comovido por toda a “grandeza e prosperidade destes felizes Estados Unidos que, ao mesmo tempo que nobremente parecem representar a completa afirmação da independência americana, refletem para todas as partes do mundo uma civilização política muito mais superior”.

AA.VV. *América. Passado e presente*. Rio de Janeiro:

Nórdica Ltda, 1992, p. 193.

- A** Em seu discurso, Lafayette elogiava os “felizes Estados Unidos”. Explique por quais motivos ele se identificava mais com o novo regime político norte-americano do que com aquele vigente em seu país.
- B** Para Lafayette, os Estados Unidos eram um único e sólido país. Entretanto, na primeira metade do século XIX, existiam diferenças que opunham os Estados do Norte aos do Sul. Caracterize DUAS dessas diferenças.

07| UFRJ “Entre outra qualquer população, ou num período mais moderno da história da Nova Inglaterra, a sisuda rigidez que petrificava as caras hirsutas daqueles bons cidadãos teria indicado algum tremendo acontecimento em perspectiva. Teria indicado nada menos do que

a execução de algum criminoso notório, sobre o qual a sentença do tribunal da lei não fizesse mais do que confirmar o veredicto da opinião popular. Entretanto, em face da primitiva rigidez do caráter puritano, não era dado estabelecer-se com certeza uma conclusão dessa espécie. Podia ser que um escravo preguiçoso ou um menino rebelde, entregue à autoridade civil, tivesse de ser castigado no pelourinho. Podia ser que um antinomiano, um quacre, ou qualquer sectário da religião heterodoxa, estivesse em via de expulsão da cidade [Boston], ou que um índio vadio e errante, que a água-de-fogo dos brancos houvesse tornado turbulento nas ruas, fosse ser tingido a chicote para as sombras da floresta. Também

podia ser que uma feiticeira [...] fosse subir ao pelourinho. Em qualquer dos casos haveria da parte dos espectadores a mesma solenidade, como cumpria a uma gente para a qual a religião e a lei constituíam quase uma só coisa, e em cuja mentalidade ambas se fundiam de tal maneira que os mais suaves ou os mais severos atos de disciplina coletiva eram, igualmente, veneráveis e terríveis.”

Fonte: HAWTHORNE, Nathaniel. *A letra escarlate*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 57.

Identifique um elemento que configurará a maior diferença econômica e social entre o norte e o sul dos Estados Unidos, sobretudo após a independência.

T ENEM E VESTIBULARES

01 | FMABC

“As colônias inglesas do Novo Mundo foram povoadas de maneira distinta. Em geral, os historiadores as dividem em três grandes grupos que se diferenciavam na atividade produtiva e na organização social.”

Mary Anne Junqueira. *Estados Unidos, a consolidação da nação*.

São Paulo: Contexto, 2001, p. 16.

Sobre esses “três grandes grupos” de colônias norte-americanas, podemos afirmar que houve predomínio,

- A** nas colônias do sul, do regime de grandes propriedades, com emprego de mão-de-obra escrava e produção, entre outros, de arroz, anil e tabaco voltados à exportação para a metrópole.
- B** nas colônias do centro, das práticas de subsistência, desenvolvidas em grandes propriedades rurais, que eram controladas quase na sua totalidade por católicos fugidos das guerras religiosas na Irlanda.
- C** nas colônias do norte, do sistema de parceria entre pequenos proprietários rurais e colonos procedentes de diversas regiões da Europa, como a Suécia, a Holanda e a Itália.
- D** nas colônias do centro e do norte, da pecuária, que provocou a devastação de grandes áreas florestais para a instalação de pastos e de matadouros, cuja produção de carne abastecia a metrópole.
- E** nas colônias do sul e do centro, da atividade mercantil e industrial, responsável pela produção de manufaturas destinadas prioritariamente ao mercado interno.

02 | ESPM Figura ativíssima durante o século XVI, quando os espanhóis conquistaram e exploraram a América, o frei Bartolomeu de las Casas tornou-se conhecido por:

- A** atuar como grande defensor da vida, da liberdade e da dignidade dos índios, tendo enfrentado diversos teólogos que defendiam a legitimidade da conquista e a escravidão dos mesmos;
- B** haver sido o principal teórico a fornecer a justificativa teológica para a conquista espanhola da América e a escravização da população indígena;
- C** criticar intransigentemente a utilização de escravos africanos nas regiões da América espanhola, sob a alegação de negros e espanhóis pertencerem à raça humana e de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus;
- D** teorizar sobre o direito ou não de os espanhóis escravizarem os indígenas embora jamais tenha vivido em terras da América;
- E** elaborar a obra “Brevíssimo relatório da destruição das Índias” que admitia o direito da coroa espanhola de conquistar a América e escravizar os indígenas em casos de guerra justa.

03 | ESPCEX Durante a colonização inglesa na América, as colônias do norte tiveram uma flexibilização política ao monopólio, pois, durante algum tempo, permitiram o comércio entre as colônias e com as Antilhas francesas e espanholas, além de a metrópole não reprimir o contrabando. Tal fato sucedeu-se devido a estas colônias

- A** terem como características o trabalho livre e a grande propriedade.
- B** estarem localizadas em área de clima temperado, que não favorecia o cultivo da cana-de-açúcar, tabaco e algodão, por isto não produziam produtos tropicais que interessavam à Inglaterra.

- C terem sido formadas por pessoas da nobreza parasitária, que desejavam manter o “status quo”.
- D serem de origem holandesa, colônia fundada por Giovanni Caboto, italiano radicado em Amsterdã.
- E estarem numa posição geográfica próximas às Antilhas; além disso, a Inglaterra encontrava-se em guerra com a França e por isso sofriam com a escassez de mão-de-obra especializada.

04| ESPM

Por volta de 1877 os Estados Unidos estavam no limiar da moderna grandeza industrial. Quaisquer que tenham sido os efeitos da guerra civil, nenhuma dúvida há sobre o prodigioso desenvolvimento industrial ocorrido no país no final do século XIX.

(H. C. Allen. *História dos EUA*)

Assinale a alternativa que apresenta as características do desenvolvimento capitalista dos EUA no final do século XIX:

- A o capitalismo adotou uma crescente participação do Estado na economia para evitar as crises de superprodução, cabendo ao Estado cuidar do planejamento econômico;
- B as pequenas empresas cederam lugar aos grandes trustes, que passaram a influir no funcionamento do mercado;
- C o processo de monopolização que incrementava a integração das pequenas empresas produziu o enfraquecimento dos trustes;
- D o capitalismo viveu um momento de forte expansão favorecido por investimentos asiáticos;
- E a formação de trustes democratizou a economia dos EUA, pois eliminou a concorrência praticada pelas pequenas empresas.

05| UFTM Comparando-se os processos de colonização da América, é correto afirmar que

- A a escravidão africana foi a predominante nos núcleos espanhol e português, porém, na parte inglesa, colonos assalariados eram a mão-de-obra principal.
- B as colônias do norte da América Inglesa diferenciaram-se das demais por serem de povoamento e por desenvolverem atividades comerciais e manufatureiras.
- C os princípios mercantilistas e a miscigenação étnico-cultural orientaram todas as colônias americanas, embora as atividades econômicas tivessem variado.
- D as colônias ibéricas singularizaram-se pelo caráter intervencionista da metrópole, expresso no regime

de porto único e na centralização administrativa.

- E o trabalho compulsório dos nativos foi utilizado apenas no núcleo espanhol, já a América Inglesa e a Portuguesa basearam-se no sistema de *plantation*.

06| FGV

“Consideramos (...) que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Que para garantir esses direitos são instituídos entre os homens governos que derivam os seus justos poderes do consentimento dos governados; que toda vez que uma forma qualquer de governo ameace destruir esses fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir um novo governo, assentando a sua fundação sobre tais princípios e organizando-lhe os poderes da forma que pareça mais provável de proporcionar segurança e felicidade.”

A Declaração de Independência dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 53.

Sobre a Declaração de Independência dos Estados Unidos, é correto afirmar que:

- A Defendia o princípio da igualdade de direitos dos seres humanos, mas condenava o direito à rebelião como uma afronta à ordem social.
- B O radicalismo da sua formulação, com respeito ao direito de rebelião dos escravos, provocou forte reação dos proprietários de escravos em toda a América.
- C Sua formulação foi baseada no ideário liberal-iluminista e acabou influenciando outros movimentos políticos na América e na Europa.
- D Influenciada pelos tratadistas espanhóis, a declaração defendia a origem do poder divino e condenava a desobediência dos subordinados.
- E A declaração sustentava que os governos poderiam cercar a liberdade dos indivíduos em nome da segurança e da felicidade coletivas.

07| FAC. SANTA MARCELINA

O texto da Declaração de Independência – inspirado nos escritos de John Locke e Montesquieu e redigido por Thomas Jefferson (1743-1826) – retomou as ideias iluministas de liberdade, igualdade e direito natural. [...] A nova república se implantou com limitações à democracia, pois não adotou o sufrágio universal, e a escravidão continuou em vários estados.

[...]

A Revolução Francesa e as guerras napoleônicas repercutiram nas Américas espanhola e portuguesa. Embora o Iluminismo tivesse influenciado os intelectuais ibéricos,

os rumos tomados pela revolução inquietaram mais do que seduziram. [...] Nos locais onde as tensões sociais eram fortes, receou-se que as “abomináveis ideias francesas” provocassem uma revolta generalizada de indígenas e escravos.

(Armelle Enders, Marieta Ferreira e Renato Franco. *História em curso*, 2008.)

O texto permite concluir corretamente que

- A** os processos de independência na América, embora influenciados pelo liberalismo, foram conservadores ao manter as estruturas de dominação.
- B** o medo de uma grande revolta de escravos, como a do Haiti, levou os colonos ingleses, espanhóis e portugueses a adiarem os movimentos de emancipação.
- C** a crise do Antigo Regime europeu estimulou as lutas de libertação na América, onde as camadas populares ampliaram seus direitos sociais e políticos.
- D** os movimentos de libertação das colônias inglesas e espanholas estiveram relacionados com a expansão napoleônica, mas não o da América portuguesa.
- E** a singularidade da América espanhola deveu-se à implantação de uma república, enquanto na portuguesa e na inglesa a monarquia foi adotada.

08| UEFB As leis do Açúcar, do Selo, do Chá, dentre outras leis decretadas pela Inglaterra contra as Treze Colônias da América do Norte, expressavam

- A** a pressão do mercantilismo colonial monopolista de uma metrópole sobre a área colonial, visando obter maiores rendimentos com a cobrança desses impostos.
- B** o protecionismo da Inglaterra sobre as Treze Colônias, garantindo a supremacia desses gêneros produzidos na América, no mercado internacional.
- C** a vontade dos produtores e comerciantes das Treze Colônias, desejosos de garantir a produção e a exportação dos seus produtos para outras colônias da América.
- D** a expansão do pensamento econômico liberal, voltado para a livre concorrência e para o livre comércio.
- E** o projeto de expansão territorial das Treze Colônias em direção do interior, no fato histórico denominado “marcha para o oeste”.

09| FM PETRÓPOLIS A Guerra dos Sete Anos, iniciada em 1756, foi um confronto direto entre Inglaterra e França, devido à disputa pela posse do Vale do Ohio e, posteriormente, por outras áreas geográficas importantes para a configuração territorial do que se tornaria os Estados

Unidos da América. A paz foi selada, em 1763, pelo Tratado de Paris, mediante uma série de disposições.

Uma das disposições pertinentes a esse tratado de paz foi a

- A** entrega espanhola da Flórida para ingleses e franceses
- B** entrega aos ingleses do Haiti e da Martinica, nas Antilhas
- C** desistência francesa de fortificar seus entrepostos na Índia
- D** retomada francesa do controle da região da Luisiânia
- E** cessão do Canadá ao domínio político da Inglaterra

10| ESCS O século XVIII ficou marcado pela eclosão da chamada “Era das Revoluções”. Tais movimentos, a Revolução Industrial Inglesa, a Revolução Americana e a Revolução Francesa determinaram a chegada da burguesia ao poder político e econômico do mundo ocidental. A Revolução Americana ou A Independência dos EUA pode ser explicada, principalmente, pelo seguinte aspecto:

- A** dissolução do pacto colonial clássico imposto ao sul das Treze Colônias Inglesas na América com a libertação dos escravos pelo governo inglês;
- B** criação de leis mais rígidas em relação ao pacto colonial imposto na região central e norte das Treze Colônias para garantir a venda de produtos ingleses na América do Norte;
- C** disseminação do pensamento liberal despota escla-recido entre os proprietários do sul das Treze Colônias;
- D** presença do interesse do governo espanhol no enfraquecimento econômico inglês em função da disputa comercial entre os dois países;
- E** continuidade do apoio do governo inglês a chamada “Negligência Salutar” imposta sobre a colonização da região norte e central das Treze Colônias.

11| FGV Entre 1861 e 1865, os Estados Unidos foram palco da chamada Guerra de Secessão. A esse respeito é correto afirmar:

- A** O conflito teve início com a reação dos fazendeiros sulistas provocada pela abolição da escravidão, implementada pelo presidente republicano Abraham Lincoln.
- B** As diferentes estruturas socioeconômicas do Norte e do Sul e sua divergência com relação às tarifas de produtos importados estiveram entre as causas do conflito.

- C** A economia sulista estava baseada na produção familiar e voltada para o mercado interno, enquanto no Norte produziam-se artigos destinados ao mercado externo.
- D** A disputa entre o Norte e o Sul colocou frente a frente dois projetos políticos antagônicos, no que se refere à questão dos direitos trabalhistas e da livre organização sindical.
- E** O conflito serviu para encerrar a política de segregação racial vigente em diversos estados norte-americanos e para consolidar a inclusão social dos povos indígenas no país.

12| ESCS Nas décadas finais do século XIX e na primeira metade do século XX, o mundo ocidental viveu o apogeu e a crise da sociedade liberal. Nesse período, a Europa conquistou e perdeu a hegemonia mundial, a expansão norte-americana redesenhou o mapa econômico e geopolítico do planeta, e a concentração capitalista impeliu a corrida imperialista a voltar-se para a América Latina, para a partilha da África e para a dominação da Ásia.

Considerando as informações acima e características essenciais do contexto histórico do período citado, assinale a opção correta.

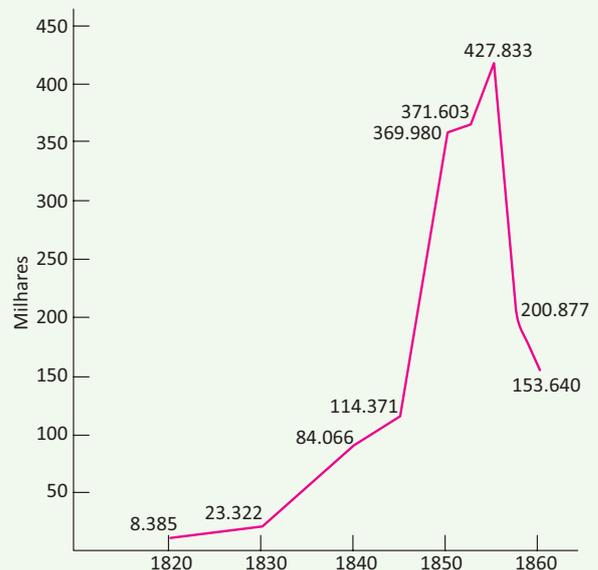
- A** As unificações alemã e italiana exerceram forte impacto político, alterando os padrões de funcionamento do sistema de poder vigente na Europa da segunda metade do século XIX. Sob o ponto de vista da economia, contudo, foi irrelevante o surgimento dos dois Estados nacionais resultantes dessas unificações.
- B** Com as transformações no sistema produtivo, suscitadas pelas inovações tecnológicas trazidas pela Segunda Revolução Industrial, foram recuperadas antigas práticas mercantilistas, mas os governos estavam impedidos de agir para garantir a expansão imperialista das empresas nacionais.
- C** As disputas interimperialistas, ainda que crescentemente ampliadas com o aumento da produção e a presença de novos concorrentes no mercado mundial, não geraram clima de instabilidade política que levasse a conflitos de grandes proporções.
- D** A Guerra da Secessão, vencida pelo Norte, foi decisiva para a consolidação do capitalismo norte-americano: abria-se o caminho para a efetiva conquista do território, de costa a costa, e para o expansionismo externo, voltado, primeiramente, para as Américas e a área do Pacífico (Ásia).
- E** Na Europa, a crise da sociedade liberal vem à tona com a Segunda Guerra Mundial, quando regimes totalitários, à direita e à esquerda, lograram suplantarem antigas democracias estabelecidas no Velho Mundo, desde o fim da era das revoluções (1820, 1830 e 1848).

13| FUVEST No século XIX, o surgimento do transporte ferroviário provocou profundas modificações em diversas partes do mundo, possibilitando maior e melhor circulação de pessoas e mercadorias entre grandes distâncias. Dentre tais modificações, as ferrovias

- A** facilitaram a integração entre os Estados nacionais latino-americanos, ampliaram a venda do café brasileiro para os países vizinhos e estimularam a constituição de amplo mercado regional.
- B** permitiram que a cidade de Manchester se conectasse diretamente com os portos do sul da Inglaterra e, dessa forma, provocaram o surgimento do sistema de fábrica.
- C** facilitaram a integração comercial do ocidente com o extremo oriente, substituíram o transporte de mercadorias pelo Mar Mediterrâneo e despertaram o sonho de integração mundial.
- D** permitiram uma ligação mais rápida e ágil, nos Estados Unidos, entre a costa leste e a costa oeste, chegando até a Califórnia, palco da famosa corrida do ouro.
- E** permitiram a chegada dos europeus ao centro da África, reforçaram a crença no poder transformador da tecnologia e demonstraram a capacidade humana de se impor à natureza.

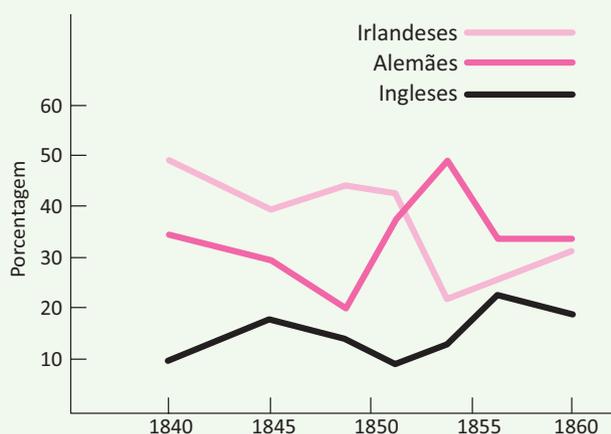
14| PUC Observe os gráficos abaixo sobre o movimento migratório para os Estados Unidos entre as décadas de 1820 e 1860.

Emigração para os Estados Unidos, 1820 – 1860



Secretaria do Censo Americano, **Historical Statistics of the United States, Colonial Times to 1970**, Edição do Bicentenário, Washington, D.C., 1975.

Composição da Imigração, 1840 – 1860



Secretaria do Censo Americano, **Statistical Abstract the United States, 1982-83**, 13a edição, Washington, D.C., 1982

É **CORRETO** afirmar que:

- A** durante as décadas de 1840 e 1850, o fluxo de imigrantes cresceu substancialmente, sendo a maior parte deles originária da Inglaterra e Alemanha.
- B** após a guerra contra o México (1846-1848), houve decréscimo da imigração, em função da limitação do acesso aos novos territórios anexados.
- C** o surto de industrialização, ocorrido nas décadas de 1840 e 1850, aumentou a oferta de empregos na indústria, atraindo uma multidão de emigrantes europeus.
- D** os atrativos oferecidos aos imigrantes ingleses entre as décadas de 1840-1860 justificam a sua maior porcentagem na composição da imigração.
- E** as décadas de menor entrada de imigrantes nos Estados Unidos correspondem ao período de apogeu da expansão para o Oeste.

15| **ESPM**

Em 1903 Washington promoveu a Independência do Panamá em relação à Colômbia, onde anexaram a área em que se encontravam interrompidas as obras do canal transoceânico, que os Estados Unidos concluíram e inauguraram em 1914.

(Paulo Visentini. *História do Mundo Contemporâneo:*

da Pax Britânica do século XVIII ao choque das civilizações do século XXI)

O texto deve ser relacionado com:

- A** a doutrina Monroe do presidente James Monroe;
- B** a teoria do Destino Manifesto do presidente James Polk
- C** a doutrina Hay do secretário de Estado dos EUA John Hay;

- D** a política do Big Stick do presidente Theodore Roosevelt;
- E** a política da Boa Vizinhança do presidente Franklin Roosevelt.

16| **FGV** Cuba começara sua vida política independente com uma organização partidária absolutamente ortodoxa: um partido liberal e um partido conservador. Na realidade, as coisas eram mais complicadas, já que no Partido Liberal se haviam alinhado quase todos aqueles que tinham feito a guerra de independência, enquanto no Partido Conservador haviam convergido os interesses de todos os que até o fim se conservavam favoráveis ao domínio espanhol. Além do mais, os Estados Unidos – libertadores e conquistadores da ilha – continuavam a manter sua tutela e faziam tudo para evitar a vitória dos liberais, dos quais temiam tanto as virtudes quanto os defeitos.

(Halperin Donghi, *História da América Latina*)

A tutela estadunidense é comprovada

- A** pela exigência dos Estados Unidos de que a conversibilidade da moeda cubana sempre estaria atrelada ao dólar.
- B** pelos acordos econômicos entre Cuba e Estados Unidos que restringiam a exploração do açúcar apenas às empresas norte-americanas.
- C** pela imposição da Emenda Platt à Constituição cubana, que garantia aos Estados Unidos o direito de intervenção no país vizinho.
- D** pela concordância do governo de Cuba de que a sua Marinha fosse comandada pelo almirantado dos Estados Unidos.
- E** pelo preceito constitucional que exigia um alto grau de estatização da economia cubana, especialmente no setor industrial.

17| **UNIFOR** Barack Obama foi reeleito, recentemente, presidente dos Estados Unidos, apesar das sérias críticas feitas por vários setores da sociedade norte-americana, particularmente em relação ao desempenho econômico. Dentre as propostas do presidente para o segundo mandato, podemos citar:

- A** A privatização do sistema de saúde e a diminuição dos impostos sobre a renda das camadas mais pobres da população.
- B** A privatização do sistema de saúde e o aumento do gasto público com educação.
- C** A manutenção de um sistema de saúde pública global e uma política geradora de novos postos de trabalho.
- D** A manutenção de um sistema de saúde pública global e a diminuição de imposto sobre a renda das camadas mais ricas da população.
- E** A eliminação do sistema de planos de saúde privados e criação de novos postos de trabalho.

OS POVOS DA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

Chamamos de “povos pré-colombianos” todos aqueles que desenvolveram sua cultura antes da chegada de Cristóvão Colombo à América, no século XVI. Tais povos se estabeleceram, geograficamente, em uma área muito ampla, se estendendo desde o vale do México até os Andes, e num espaço de tempo igualmente extenso, de 1500 a.C. a 1519 d.C. na região da Mesoamérica e de 1000 a.C. a 1532 d.C. na região Andina.

Dentre tais povos podemos destacar os Olmecas, Zapotecas, Maias, Astecas e Incas que, apesar de sua enorme heterogeneidade, compartilhavam várias características, como o cultivo do milho (considerado sagrado), o culto a deuses antropozoomórficos, a prática de sacrifícios humanos, a utilização de calendários, a prática do jogo-ritual de pelota, o planejamento urbano e a utilização de um sistema numérico de base vigesimal.

Apesar da chegada em 1492 de Colombo à América, a região só foi explorada largamente pelos europeus, principalmente espanhóis, no século XVI, culminando na conquista da Cidade do México por Hernán Cortés e na conquista do Império Inca em 1532 por Fernando Pizarro.

A Conquista Espanhola dizimou culturas, assolou terras, ceifou milhões de vidas e tentou apagar parte do passado formador de uma região. O contato entre o branco e o indígena tomou proporções violentas na Mesoamérica e América Andina, impulsionado pela febre do ouro e pela ânsia do domínio que contagiou os espanhóis.



OLMECAS

A cultura Olmeca se desenvolveu na região central da Mesoamérica entre 1500 a.C. e 400 a.C., compreendida, portanto, no Período Formativo (1500 até 200 a.C.). Considerado de extrema importância, o desenvolvimento desse povo pautou o florescimento de todas as outras culturas da América Espanhola. Eram povos sedentários que tinham como principal cultura o milho. Possuíam algum conhecimento astrológico, visto que cidades como La Venta foram construídas segundo um eixo Norte-Sul, supostamente alinhadas com as estrelas. Possuíam um sistema numérico de base 20 e escrita hieroglífica. Cultuavam deuses antropozoomórficos (possuíam características humanas e animais), sendo o mais importante o Jaguar, além de praticarem o jogo-ritual da pelota, que consistia em passar uma bola de borracha (que representava o Sol) por um aro em vertical (representando a Lua) sem usar as mãos. Jogavam dois times e um deles era sacrificado honrosamente ao final da partida.

MAIAS

Por volta do ano 700 a.C., florescia na Península do Iucatã a Civilização Maia que perdurou por muito tempo, até o ano 1511 d.C., grassando-se por uma região que abrange os atuais países da Guatemala, Belize, Honduras e El Salvador e atingindo uma população de 2 milhões de habitantes.

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL

Os Maias desenvolveram um sistema político inédito constituído por um centro urbano autônomo, que servia de sede política e religiosa, mas que não era habitado pela maior parte da população e não necessariamente constituía um poder centralizado. Esta vivia em regiões periféricas e mantinha laços culturais e comerciais com esses centros urbanos, além de pagar tributos fiscais na forma de produção ou trabalho. Possuíam uma hierarquia social, regida por uma espécie de teocracia, na qual o governante (*halac uinic*), escolhido dos deuses, detinha poder religioso, civil e militar e indicava um conselho administrativo que o auxiliava com questões militares, jurídicas, sociais, etc. O sacerdote detinha um poder cultural, como o de organizar a vida intelectual da sociedade e presidir cultos religiosos. Havia uma rígida hierarquia social, sendo o *halac uinic* e sua família os mais importantes indivíduos da sociedade, seguidos pelo conselho administrativo do governante, logo depois o sacerdote. A maior camada social era popular, composta por agricultores, artesãos, comerciantes e etc., antecidos pelos escravos, em geral, prisioneiros de guerra.

CULTURA E ECONOMIA

A cultura Maia foi, indiscutivelmente uma das maiores da América. Possuíam conhecimentos astronômicos e astrológicos, dois calendários, — um ritualístico de 260 dias e um para o uso social, de 365. Sua matemática era baseada num complexo sistema vigesimal, incluindo o zero. Os ritos religiosos incluíam sacrifícios humanos, um jogo esportivo e celebrações de diversas divindades. Além disso, produziram vários códices, livros com ilustrações e relatos do cotidiano, antes e depois da Conquista.

A economia dos Maias tinha como base a agricultura e o comércio. O principal alimento produzido por eles era o milho, base alimentar da Mesoamérica. Ademais, cultivavam algodão, extraíam minérios como cal, jade, serpentina e obsidiana, além de ouro e bronze, majoritariamente utilizadas em adornos. O comércio se dava entre as cidades maias e de outras civilizações e contava com uma contabilidade de estoque e controle de fluxo comercial. Basicamente, todo tipo de produto era comercializado, desde alimentos a vestimentas, adornos e artigos de decoração, como cerâmicas.

Por fim, é preciso destacar também a arquitetura Maia, com enormes pirâmides de base quadrada, como as pirâmides do Sol e da Lua em Teotihuacán, que atingem 65 e 43 metros, respectivamente. Dentro de tais construções é possível encontrar pinturas que relatam detalhes da cultura e cotidiano, além de mostrar a engenhosidade da civilização.

ASTECAS

Os Astecas eram um povo belicoso que se desenvolveu por volta do século XIV, sendo datada de 1325 a fundação da cidade de Teotihuacán, capital do Império Asteca. Diz-se Império pois os astecas expandiram e muito seu território militarmente, abrangendo a área do planalto central do México, atualmente, desde o Sul do México até El Salvador. Foi um povo próspero, atingindo uma população de até 15 milhões de habitantes e construindo algumas das maiores cidades pré-colombianas.



Figura 2- Ruínas do Palácio de Palenque, Cidade Maia.



Figura 3- Pirâmide do Sol, Teotihuacán, Capital do Império Asteca.

POLÍTICA E SOCIEDADE

Os astecas possuíam uma complexa organização política e hierárquico-social. No topo da pirâmide social estava o *tlatoani*, governante máximo. Logo abaixo dele estava o sacerdote, responsável pelos cultos religiosos e pela educação da população, e a aristocracia, responsável por questões civis e militares. Abaixo deles, comerciantes e artesãos, muito valorizados pelos astecas. A parte da população que trabalhava em outros ramos estava numa camada abaixo dos comerciantes e artesãos. Essa população estava organizada em clãs, os *calpulli*, que possuíam seus chefes, responsáveis pela organização e manutenção desses clãs, além de receber tributos dos trabalhadores. A última camada social era constituída por escravos, normalmente prisioneiros de guerra ou endividados. Diferente dos Maias, a hierarquia Asteca era extremamente fluida, permitindo grande ascensão social, até para os escravos.

A educação era pública e a maior parte da população alfabetizada, embora a aristocracia gozasse de uma escola diferente. Semelhante aos maias, a forma de governo era a Teocracia, sendo conferidas ao *tlatoani* características divinas, além de poderes religiosos, militares e civis.

ASPECTOS CULTURAIS E ECONÔMICOS

A base da economia asteca era a agricultura e o comércio, além de espólios de guerra. Os astecas também obtinham grande parte dos recursos das outras civilizações que foram subjugadas pela guerra e forçadas a pagar tributos, inclusive em homens para sacrifícios. O principal produto agrário era o milho, seguido pelo agave que tinha várias utilidades, como a produção de papel e de uma bebida alcohólica ritualística chamada pulque que, posteriormente, foi destilada pelos espanhóis, dando origem à tequila. Os astecas também eram politeístas e prezavam pelo sacrifício humano. Também praticavam o jogo-ritual de pelota e sua principal divindade era *Quetzalcoatl*, a “Serpente Emplumada”, relacionada à fertilidade da terra.

INCAS

Sem dúvida, uma das maiores culturas pré-colombianas existente foram os Incas. Desenvolveram-se tardiamente, provavelmente no século XII, na região de Cuzco, e criaram em pouco tempo um dos maiores impérios da humanidade. Viveram na região correspondente aos atuais países de Equador, Peru, Chile, Bolívia e Argentina que abrigou cerca de 15 milhões de habitantes. Era um Império expansionista, complexo e plural, com um incrível desenvolvimento tecnológico e riqueza mineral que impressionaram aos europeus.

POLÍTICA E HIERARQUIA SOCIAL

Os Incas possuíam um complexo estamento social, com funções e relações muito bem definidas. A base da hierarquia era o povo, de maioria camponesa, organizados em *ayllus*, grupos que compartilhavam um parentesco e que acreditavam descender de uma divindade. Cada um desses grupos funcionava de maneira similar aos *calpulli* maias, possuindo um chefe, responsável pela organização de trabalhos e distribuição de terras, entre outras coisas. Acima dessa camada estava a aristocracia, que ocupava cargos como funcionários do governo e sacerdotes. Acima deles estava o governante, chamado de Inca, e sua família. O Império Inca era baseado num poder centralizado e governo forte. O poder, como em todas as outras culturas supracitadas, era dinástico, porém, não necessariamente passado de pai para filho, o que gerava diversas disputas por poder. O governante era eleito por uma elite, e a ele era incorporada uma imagem divinizada, em algumas situações era visto como o próprio deus.

Apesar de não existir trabalho escravo no Império Inca, pelo sistema da *mita* um camponês era obrigado a desempenhar uma tarefa designada pelo governante ou chefe do *ayllu*, como servir ao exército, trabalhar em obras públicas, etc. A *mita* era uma tradição encarada com um viés religioso, glorificante. Existiam também os *yana*, trabalhadores pertencentes ao Inca e ao chefe do *ayllu* que eram forçados a desempenhar atividades, mas não podiam ser vendidos ou trocados, portanto não eram escravos.



Figura 4 – Cuzco, capital do Império Inca.

VIDA CULTURAL E BASE ECONÔMICA

A topografia acidentada dos Andes não impediu os Incas de desenvolverem estruturas e métodos extremamente eficientes para facilitar a locomoção e o plantio. Os Incas desenvolveram um enorme sistema de pontes, estradas e postos, perfazendo cerca de 16 mil km de extensão, facilitando assim o envio de mensagens, a movimentação de tropas e o fluxo de mercadorias. O sistema de terraços permitiu uma expansão da agricultura de milho, batata, algodão, batata-doce e vagem, melhorada pelo sistema de canalização d'água. Nas cidades havia estoques de excedentes de alimentos e vestimentas, tudo contabilizado num sistema contábil chamado de *quipus*, cordões coloridos entrelaçados e nós permitiam a contagem de mantimentos, tributos, população, etc.

Possuíam enorme conhecimento Astronômico, Astrológico, Arquitetônico e Matemático, além de explorarem muito o ouro, o bronze e outros minérios. Possuíam dois calendários, porém, com uma diferença: o ano era um calendário solar, e os dias eram contados segundo um calendário lunar, o que acarretava em desajustes temporais.

COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA ESPANHOLA

As expedições europeias em direção à América começaram no final do século XV, e Cristóvão Colombo, em 1492, foi o primeiro a aportar em solo Americano, numa ilha do Caribe que nomeou de El Salvador. De lá, continuou a missão desbravadora entre várias ilhas. Retornou à Europa e tornou a navegar para a América Espanhola, chamada, naquele tempo, de Índias Ocidentais, por equívoco de Colombo. Iniciava-se, então a onda de viagens rumo a uma terra desconhecida, lendária e promissora.

A CONQUISTA DOS ASTECAS

Em fevereiro de 1519, Hernán Cortés, um dos maiores conquistadores espanhóis, saiu da atual ilha de Cuba e navegou rumo ao continente. Aportara em solo Asteca, na península de Iucatã, munido de um pequeno exército, mas suficiente para um ataque ao Império Asteca. Montezuma II, ao saber do fato, ordenou a saída de Cortés do continente, o que não aconteceu. Cortés estabeleceu várias alianças com povos subjugados aos Astecas, utilizando o sentimento de vingança daqueles para fortalecer seu ataque. Invadiu a cidade de Tenochtitlan em fevereiro de 1520 e, após uma breve ausência, seu encarregado promoveu um massacre de quase toda aristocracia Asteca. Cortés, ao retornar, tomou rédeas do conflito e atacou pesadamente os astecas, conquistando Tenochtitlan em agosto de 1521.

A CONQUISTA DOS INCAS

Francisco Pizarro, em Maio de 1531, saiu da América Central (atual Panamá) em direção a Cuzco, capital do Império Inca com um exército pequeno, menor que o de Cortés, com intenção de conquistar a cidade. Após duas batalhas vencidas pelos Incas, uma disputa política entre dois irmãos, Huáscar e Atahualpa, enfraqueceu o Império militarmente, dando nova oportunidade para uma investida espanhola. Atahualpa ganhou a disputa e, após ser atacado pelos espanhóis, aceitou uma reunião com Pizarro. Ao chegar no local marcado, Atahualpa foi preso e, como fiança, os europeus exigiram ouro e prata. Os Incas pagaram, mas mesmo assim Atahualpa foi condenado à morte e decapitado. Assim, Cuzco foi dominada, mas o Império Inca só caiu anos depois, quando Tupac Amaru, em 1572, foi executado.

É interessante notar que mesmo em menor número, os europeus promoveram um verdadeiro massacre na América Espanhola. Esse fato pode ser explicado pela superioridade bélica europeia, que já contava com armas de fogo. A cavalaria também era um ponto importante, pois os indígenas, por não conhecerem os cavalos, tinham medo dos animais. Além disso, os espanhóis contavam com uma armadura muito mais protetiva que as vestimentas dos indígenas. Ademais, as doenças europeias que afetaram os índios, como gripe e varíola, dizimaram cidades quase inteiras, por serem estranhas àquela região. Há também a existência de alianças militares entre alguns grupos indígenas oprimidos por Impérios, como o império Maia e Inca, que viram nos espanhóis uma chance de reverter o quadro de opressão sofrida. Por fim, alguns indígenas reconheceram nos espanhóis a figura dos deuses de seu panteão, o que facilitou a infiltração desses no território americano.

ESTABELECIMENTO DE UM MODELO COLONIAL ESPANHOL

Após o sucesso das empreitadas militares na conquista do território da América espanhola, iniciava-se um processo de implantação de um sistema colonial nas novas terras. Aventureiros e pequenos nobres, movidos pelo desejo de ascensão social e incentivados pelas novelas de cavalaria, que fantasiavam as terras mais ao ocidente, se lançaram ao mar e a Coroa, percebendo a tendência, enxergou a possibilidade de arrecadar lucros e expandir-se territorialmente.

Inicialmente, aos aventureiros era dado o direito de explorar as terras ocidentais livremente, desde que um quinto dos metais preciosos fosse enviado à Coroa. Ademais, o custo financeiro da viagem era inteiro do viajante, mas não excluía a possibilidade de uma organização entre eles, de forma que os lucros obtidos fossem proporcionais aos investimentos. Esse sistema foi chamado de Capitulação, mas foi suspenso na segunda viagem de Colombo às Índias Ocidentais.

Com a necessidade de conciliar o controle das atividades dos colonos e a concessão de privilégios suficientes a estes, a Coroa criou as *encomiendas*. As *encomiendas* eram caracterizadas pela entrega de um pedaço de terra e indígenas à um *encomendero*, e este tinha o dever de cristianizá-los, o que forçava a ida de um religioso nas viagens.

Para agregar a esse sistema, foram criadas a Casa de Contratação (1503), que regulamentava o comércio e o recolhimento de impostos, e o Conselho das Índias (1509), centralizador da administração das colônias. Após severas denúncias de maus tratos aos indígenas pelos clérigos europeus, foram criadas as Leis Novas (1542), que proibiam as *encomiendas* e a escravidão indígenas. Entrava em cena um novo aparelho colonial, o *repartimiento*. Tratava de um trabalho assalariado compulsório, cujos trabalhadores tinham de ser alimentados (muitas vezes o pagamento era a comida) e tinham de ser necessariamente homens. Esse sistema era bem parecido com a *mita* dos Incas. A maior parte dos produtos retirados do solo indígena eram minérios como ouro, prata e mercúrio, além de pigmentos, cacau e etc.



Figura 5- Ilustração de Theodore de Bry mostrando os abusos dos espanhóis na colônia.

SOCIEDADE COLONIAL

Estabelecido um modelo de colonização na América espanhola, iniciou-se, sincronicamente, uma redefinição da organização social. De uma maneira simples, os brancos alcançavam o topo da hierarquia social, os mestiços preenchiam o meio e a base, com maior contingente populacional, era representada pelos índios, negros e escravos. No entanto, esse esquema apresenta nuances. Entre os brancos, eles eram basicamente separados entre *Chapetones* (europeus ibéricos que foram para a América) e *Criollos* (filhos de europeus nascidos na América). Entre os mestiços, quanto mais relacionada à ancestralidade negra, menor era o prestígio social do indivíduo, sendo a ancestralidade indígena um pouco mais valorizada, mas não menos oprimida. Quanto aos escravos, sua maioria era negra e existia a possibilidade de ascensão social, apesar de mínima. A escravidão negra na América Espanhola foi mais utilizada nas Antilhas.

ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Inicialmente, como visto anteriormente, os aventureiros espanhóis que aportavam em terras americanas tinham total liberdade para fazer o que bem quisessem da terra e de seus habitantes. Após a fase experimental de implantação de um modelo colonial supracitado, foi se sedimentando um complexo sistema administrativo que tinha como fim a arrecadação de lucro para a Coroa, sendo ela o órgão máximo desse aparelho.

Primeiramente, todas as terras conquistadas pela Espanha na América foram divididas em 4 Vice-Reinos: Nova Granada (Colômbia e Equador), Rio da Prata (Argentina, Uruguai e Paraguai), Nova Espanha (México) e Peru (Peru e Bolívia). Tais Vice-Reinos tinham o objetivo de facilitar a administração das terras conquistadas e de aumentar a presença do poder da Coroa em terras americanas. Dentro desses Vice-Reinos, existiam centros regionais de administração, chamados *cabildos*, que se encarregavam das questões locais. Apenas *chapetones* podiam ocupar os cargos nos *cabildos* e Vice-Reinos. Além destas esferas de poder, a Coroa contava com outros aparatos administrativos, sendo o Conselho Real e Supremo das Índias o órgão de maior importância na colônia, que delegou a criação da Casa de Contratação.

Com esse aparelho administrativo é que a Coroa estendia seus braços até a colônia, garantindo seus lucros e benefícios, além de expandir seu território e religião, muitas vezes utilizando-se da violência.

TEXTO COMPLEMENTAR

“Deus feriu a terra com Dez Pragas pela dureza de e obstinação de seus habitantes, e por manterem cativas as filhas de Sião, isto é, as suas próprias almas para o jugo do Faraó, o primeiro dos quais que teria adentrado à Nova Espanha, O Capitão e Governador D. Fernando Cortés com o seu povo, enquanto o capitão Panfilo de Narvaez desembarcou nesta terra, e em um de seus navios veio um preto contaminado com varíola, que mal nunca nesta terra tinha sido visto; e por esta altura toda a Nova Espanha estava cheia de gentes, e a varíola começou a vencer os índios, e em algumas províncias metade das pessoas morria, e em outras um pouco menos porque, como os índios não sabiam o remédio contra varíola, como tinham antes de outras doenças, saudáveis e doentes banhavam-se frequentemente na mesma água, morrendo como moscas, e muitos dos que não eram contaminados morriam de fome, pois como todos estavam doentes, poucos sobraram para fazer o pão; de repente eles não poderiam curar uns aos outros; e em muitos lugares vieram a morrer todos da casa e vizinhos, e, para remediar o mau cheiro, pois os mortos eram tantos que não podiam ser enterrados, utilizaram suas casas como sepultura.”

Motolinía, Memoriales.

PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA

A Independência das colônias espanholas na América resultou da fragmentação dos Vice-Reinos ali instalados na Era Colonial. Dessa fragmentação derivaram os países como Peru, Colômbia, etc. Os motivos que levaram a essa formação de futuros países decorrem tanto de fatores internos como externos, sendo que cada país possui uma específica trajetória de conflitos.

ANTECEDENTES

A população, na América Espanhola, atingia cerca de 18 milhões de pessoas, sendo que menos de 0.5% era de europeus, ou seja, o poder era concentrado na mão de pouquíssimas pessoas, e a ascensão aos cargos de elite era difícil. A Coroa espanhola passava por uma crise no século XVIII, pois já não arrecadava lucros como nos séculos anteriores. Numa tentativa de solução da crise e dos anseios por mudanças inspiradas pelo Iluminismo, foram criadas algumas reformas políticas, chamadas reformas Bourbonicas:

Foram criados dois novos Vice-Reinos (Nova Granada e do Prata). Os Vice-Reinos tinham o objetivo de aumentar o controle da Coroa no território colonial através da fragmentação do poder em várias regiões. Essa medida não foi encarada com bons olhos pela população das colônias, que interpretou o ato como uma desconfiança da Coroa. Além disso, foram tomadas algumas ações contra a Igreja, como a retirada dos padres do território americano, o que descontentou boa parte da população, que os considerava aliados e fundamentais no processo de educação.

Ademais, visando controlar mais fortemente as colônias, a Coroa abriu as altas patentes do exército aos *criollos* (filhos de espanhóis nascidos na América), que era exclusividade dos europeus. Com isso, foi constituída uma força militar com algumas lideranças coloniais, o que foi essencial nas batalhas pela Independência.



Por fim, medidas econômicas foram tomadas, algumas com caráter liberal, outras nem tanto. Alguns exemplos foram aumento da pressão fiscal, abertura comercial e redução das tarifas de importação. A Coroa visava estimular o comércio interno da colônia e da colônia com a metrópole, porém, apenas aumentou a concorrência com os produtos ingleses, alavancados pela Revolução Industrial.

A CRISE DO SISTEMA COLONIAL

No fim do século XVII e início do século XVIII o Sistema Colonial, não só na América Espanhola mas como no mundo em geral, começava a sofrer fortes abalos. Primeiramente pois já não rendia os lucros de outrora para a Coroa, se tornando ineficiente, burocrático e arriscado. Depois porque em 1776 foi concretizada a Independência das Treze Colônias nos Estados Unidos, o que engrenou o sentimento revoltoso em várias outras regiões das Américas. Ademais, no caso espanhol, as Reformas Bourbônicas não alcançaram popularidade, nem nas camadas mais baixas, nem na aristocracia colonial, pois o ideal de Liberdade, propagado no Iluminismo, inspirava o pensamento da população colonial em geral. A aristocracia almejava o liberalismo econômico para que pudesse expandir seu comércio mundialmente e se ver livre das altas taxações, e as classes mais pobres, como os índios e mestiços, desejavam a independência de uma Metrópole opressora, de uma Coroa ausente e autoritária.

A EFERVESCÊNCIA COLONIAL

A insatisfação popular crescia em todos os setores sociais das Colônias Espanholas e, com a invasão francesa na Espanha em 1808 por Napoleão Bonaparte, o furor ganhou ainda mais intensidade e a Coroa teve que dividir suas forças entre a defesa do território e as questões coloniais.

Apesar da Constituição de Cádiz de 1812 representar alguns interesses dos colonos, o rei Fernando VII não jurou obediência a tal Constituição ao retornar ao trono espanhol em 1814, deitando mais azeite nas engrenagens das lutas coloniais por Independência.

Foi entre 1810 e 1825 que as guerras pela Independência aconteceram, lideradas, em sua maioria por membros da elite *criolla* como Simón Bolívar, Hidalgo e San Martín, mas também contou com mestiços, como Morelos. México e América Central tiveram como principais líderes os padres Miguel Hidalgo e José Maria Morelos. Já na América do Sul foram Simón Bolívar e José de San Martín os mais conhecidos líderes populares.

A RESISTÊNCIA NASCIDA NA RELIGIÃO

Após a queda de Fernando VII em 1808, os *criollos* e os espanhóis da península engajaram-se em uma disputa política, os colonos apoiando os ideais libertários, os ibéricos apoiando uma continuidade governamental. A proposta de subordinação colonial venceu a disputa, e em 1810, vários movimentos sociais contra o sistema colonial começaram a despontar na América. Na cidade de Dolores, na região de Guanajuato, sob forte pressão fiscal e péssimas condições sociais, aliados ao desejo de liberdade, *criollos*, mestiços e índios se uniram sob a liderança do padre Miguel Hidalgo para lutar contra os absolutistas peninsulares. Hidalgo defendia, também o direito dos indígenas, reunindo cerca de 60000 destes, o que acabou deflagrando um embate ente nativos e brancos, peninsulares ou *criollos*. Hidalgo foi fuzilado em 1811.

José Maria Morelos já possui um plano de exigências mais definido, lutando pelo cumprimento da Independência, proclamada em 1813, direito à propriedade privada, leis que permitissem o fluxo entre setores sociais e a constitucionalidade de um Governo. Com a adoção de um sistema liberal de governo, Morelos buscava apoio dos *criollos*. Os apoiadores de Fernando VII pressionaram a Coroa e Morelos foi preso e executado em 1815.

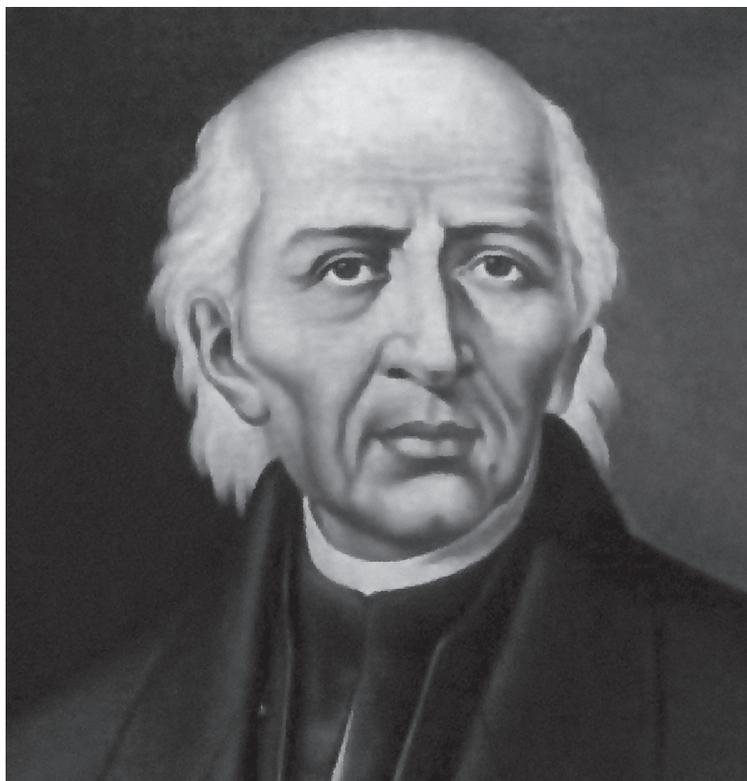


Figura 7 – Padre Miguel Hidalgo, líder dos indígenas contra a Coroa.

A REVOLTA DE TUPAC AMARU

Descendente do famoso imperador inca Tupac Amaru, José Gabriel Condorcanqui era um próspero comerciante mestiço, e apesar da sua famosa ancestralidade, não reconhecia sua identidade indígena. No entanto foi eleito curaca em três cidades peruanas em 1764, tendo, portanto que se adaptar ao modo de vida indígena. Nessa adaptação, Condorcanqui percebeu a importância da luta indígena e, totalmente inserido em sua cultura ancestral, mudou seu nome para Tupac Amaru 2º, iniciando uma luta pelos direitos dos nativos ameríndios. Em um primeiro momento tentou as vias legais, enviando petições contra a exploração do trabalho indígena, impostos altos e taxações de produtos à Coroa Espanhola, mas todas elas foram rejeitadas. Tupac Amaru, então, reuniu lideranças indígenas num levante militar, sendo violentamente reprimido pelas elites. Em 1781, Tupac foi preso e condenado à morte, suprimindo seu movimento.

OS COMUNEROS NA COLÔMBIA

Diferente da revolta de Tupac Amaru, a Revolta dos Comuneros reuniu, num primeiro momento, praticamente todas as camadas sociais coloniais. O movimento se iniciou com o descontentamento da elite *criolla* em relação às altas dos impostos postas em prática pelas Reformas Bourbônicas. Os proprietários de terras, grandes ou pequenas, além de comerciantes, então, se uniram em manifestações contra a Coroa Espanhola. Os indígenas viram nos levantes uma possibilidade de reacender a luta de Tupac Amaru 2º e se integraram em massa. Com o aumento da proporcionalidade indígena nos movimentos, com medo de perderem sua mão-de-obra, sustento de seu poderio, os *criollos* retiraram seu apoio, esfacelando-se com a revolta.

A REVOLUÇÃO DOS ESCRAVOS

O Haiti foi a primeira colônia na América a se tornar independente, após as Treze Colônias. Porém, a Independência do Haiti carrega consigo uma peculiaridade: foi inteiramente regido por escravos e ex-escravos africanos. A Ilha de São Domingos pertencia à França e à Espanha, sendo o território do Haiti correspondente à metade Francesa da Ilha. O ex-escravo Toussaint L'Overture liderou a população negra, maioria maciça do país, contra a dominação francesa e a exploração do trabalho negro na extração de açúcar, além de defender a liberdade aos escravos. Apesar da morte de Toussaint em 1803 o movimento não cessou, e Jean Jacques Dessalines, também ex-escravo, liderou o país rumo a independência, em 1804.

A CAMPANHA LIBERTADORA DE BOLÍVAR E SAN MARTÍN

Simón Bolívar era um militar Venezuelano que idealizou uma América unificada e forte contra a dominação espanhola. Bolívar atravessou o Vice-Reino da Nova Granada e a Capitania-Geral da Venezuela, participando das independências dos países da Colômbia, Venezuela, Equador e Bolívia, entre 1819 e 1825, lhe rendendo a alcunha de “Libertador”.

José de San Martín nasceu onde hoje é a atual Argentina e foi um general igualmente importante para a América do Sul. Percorreu o Vice-Reino do Prata, Vice-Reino do Peru e a Capitania-Geral do Chile, sendo de fundamental importância para a independência dos países da Argentina, Chile e Peru, se tornando o Presidente deste último.

TEXTO COMPLEMENTAR

A INDEPENDÊNCIA DO HAITI

Em Saint Domingue (Haiti), a primeira ilha (das Antilhas) a libertar seus escravos, a luta destes assumiu o caráter peculiar de guerra pela independência. Em 1789, os mulatos livres, muitos dos quais proprietários de terras, conseguiram a concessão de direitos políticos (dados pela nova Assembleia da França revolucionária). Os brancos protestaram e pediram auxílio à Inglaterra e à Espanha. O líder haitiano, Toussaint L'Overture, um ex-escravo, lutou ao lado da França e, mobilizando a camada negra da população (85%), expulsou as tropas estrangeiras, tornando-se governador em nome da Metrópole. Pelo Tratado da Basileia em 1795, a Espanha cedeu sua parte da ilha à França e Toussaint conseguiu estender seu domínio também sobre santo Domingo (República Dominicana). Napoleão Bonaparte, entretanto, temendo perder o domínio da ilha, mandou prender e matar o líder negro e designou um líder francês. Em 1802, os ex-escravos se rebelaram novamente massacrando todos os brancos que não conseguiram fugir. Seu novo chefe, Jean Jacques Dussalines, no ano de 1804, declarou a Independência da ilha adotando o nome indígena Haiti. Após os Estados Unidos, o Haiti foi a primeira Colônia (das Américas) a se tornar independente. As guerras tinham, todavia, o fim de sua importância econômica. Apesar dos esforços do governo haitiano, a produção nos primeiros anos após a revolução chegou a apenas 1% das safras anteriores. Nas palavras de um estudioso: “O país ficou literalmente convertido em um monte de cinzas. De cinzas e de exemplos”.

SÉCULO XIX E XX: CAUDILHISMO, SANDINISMO E O ZAPATISMO

O Caudilhismo é um conceito político sobre um governante. Um governante é caudilhista quando, acerca dele, são reunidos vários poderes e é feita uma imagem idealizada desse líder. Agregado a isto, geralmente, o caudilho, na América Espanhola era um membro da elite *criolla*, utilizando-se de seu poder econômico para galgar poderes políticos, podendo controlar instituições, milícias e poderes. Mas nem todo caudilho é um ditador, podendo se utilizar do carisma para alcançar os mesmos objetivos. No Brasil, o exemplo mais próximo de um caudilho que temos é Getúlio Vargas. Os caudilhistas nasceram na América Latina, no século XIX, sendo observado esse fenômeno em países como Colômbia, Venezuela, Argentina e etc., tendo em William Walker um bom exemplo.

William Walker, após várias façanhas militares na conquista, embora fracassada, da Califórnia do Sul teve sua fama grassada em boa parte do território americano. Foi julgado como réu pela Justiça Americana por ter quebrado um tratado de neutralidade ao conquistar uma região mexicana, mas não recebeu nenhuma punição maior pelo feito.

A região da América Central era controlada por uma confederação chamada Províncias Unidas da América Central, entre elas, a Nicarágua. A existência centralista dessa Confederação se chocou com a pressão Federalista americana, o que culminou numa sangrenta guerra civil. Nicarágua, não vendo outra saída, convocou Walker para que dirigisse uma investida militar contra os “legitimistas” do país. Walker coordenou o ataque e, vendo sua promissora vitória e o fraco poder governamental instaurado no país, tomou o poder e, valendo-se da sua predecessora fama, angariou milhares em seu apoio, tendo seu país reconhecido pelos Estados Unidos e se tornando um ditador aprovado.

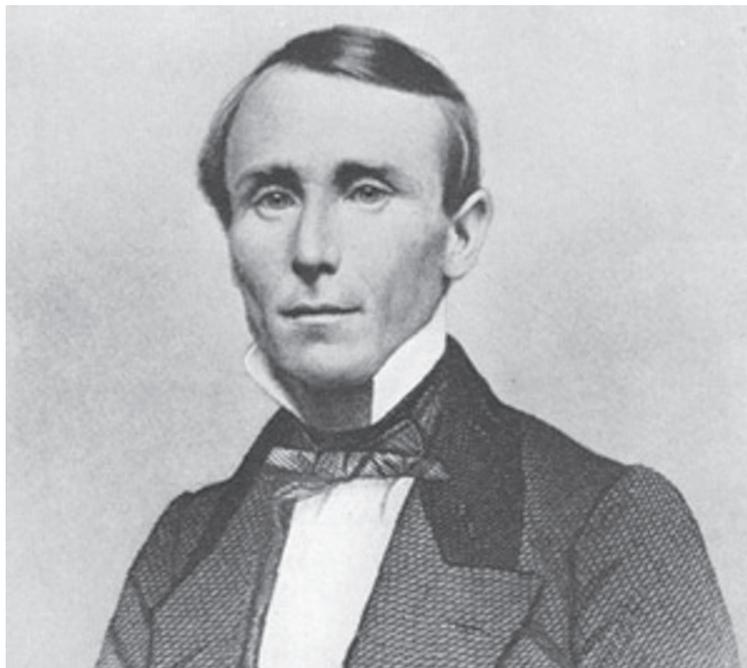


Figura 8 – William Walker, jurista, médico e comandante militar.

SANDINISMO



Figura 9- Augusto Sandino, camponês revolucionário.

Augusto César Sandino foi um camponês nicaraguense que, na década de 1930, organizou uma guerrilha camponesa contra as políticas imperialistas americanas na Nicarágua. O levante popular de Sandino obteve sucesso e conseguiu a saída das tropas americanas, além da soberania de seu país. Sandino, então, concordou com um tratado de paz para garantir que essa autonomia fosse garantida, o que deu a oportunidade para que um golpe militar liderado por Anastásio Somoza (pai) fosse instaurado, e os interesses norte-americanos fossem novamente colocados em curso. Entre 1930 e 1979 a ditadura continuou, porém, na década de 1960 um movimento social florescia novamente, inspirado pelos ideais esquerdistas em plena ascensão no mundo, principalmente pós Revolução Cubana, e, comandado por Tomás Borges, Carlos Fonseca, Pedro Chamorro e etc., foi criada a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional), inspirada na luta do camponês. A FSLN queria reformar o sistema econômico, político e social do país e acabar com a Ditadura de Somoza (filho).

Nos idos de 1970, a Igreja Católica começava a declarar apoio à ditadura e em 1978 Chamorro foi assassinado, sendo atribuído ao ditador o mandado do homicídio, desencadeando o furor popular na Nicarágua. Os EUA tinham especial interesse em manter Somoza no poder, para conter a onda de levantes comunistas na América Central mas, apesar de todo seu

apoio militar e econômico, a FSLN conquistava cada vez mais o apoio popular e começava a articular suas ofensivas ao Estado. Em Junho de 1979 acontece uma greve geral no país, e o exército americano intervém para garantir a continuidade do regime ditatorial. No entanto, a guerrilha popular derrota as tropas americanas mais de uma vez e Somoza é forçado a renunciar.

MÉXICO: ZAPATISMO E SUAS INFLUÊNCIAS EM OUTROS PAÍSES

No México, no período compreendido entre 1897 e 1911, houve a ditadura Porfirista, um militar caudilho que tomou o poder das mãos do Imperador Maximiliano I. Porfirio Díaz teve seu governo marcado pela expansão dos latifúndios, dos poderes políticos dos grandes fazendeiros e exploração dos camponeses que perderam suas terras devido a tal expansão agrária. Porfirio queria expandir o México, e o fez com capital estrangeiro, deixando uma enorme dívida externa, marginalizando os pobres, o que acentuou o abismo social e pressionando fiscalmente as camadas mais pobres. Foi então que Emílio Zapata angariou o apoio dos camponeses mexicanos, maioria absoluta da população e organizou uma guerrilha. Zapata defendia a Reforma Agrária, o direito e identidade indígenas e o fim da opressão ditatorial de Porfirio. Em 1994 o movimento ressurgiu com a criação do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), quando indígenas encapuzados ocuparam algumas cidades da região dos Chiapas para protestar contra a criação do bloco do NAFTA. Desde então o movimento ganhou visibilidade mundial e incorporou lutas como fim da corrupção no México.

Emílio Zapata inspirou movimentos em todo mundo, sendo uma das primeiras grandes revoluções do século XX (antes mesmo da Revolução Russa), mostrando que a guerrilha popular podia sim alcançar seus objetivos, tática que foi utilizada, por exemplos na Revolução Cubana.



Figura 10 – Emílio Zapata, líder do Movimento Zapatista.

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 | FUVEST



Esse quadro, do pintor mexicano José Maria Velasco, pode ser visto como um dos símbolos da modernização da economia da América espanhola no último quartel do século XIX. Sobre tal tema, responda:

- A Que transformações na infra-estrutura de transportes ocorreram na maioria dos países hispanoamericanos?
- B Como esses países inseriram-se economicamente no mercado internacional?

Resolução:

- A *Os países hispano-americanos receberam, principalmente, investimentos ingleses, direcionados à infra-estrutura com a construção de portos e ferrovias, por exemplo, visando ao escoamento de artigos primários para a Europa e à distribuição de industrializados na América, permitindo a incorporação das terras férteis do interior aos circuitos agroexportadores.*
- B *Na segunda metade do século XIX estava em curso a Segunda Revolução Industrial. Nesse momento a industrialização se expandiu para outros países da Europa (Bélgica, França, Alemanha, Itália), América (Estados Unidos) e Ásia (Japão).*

Cresceu a concorrência das potências industriais por áreas de influência em que pudessem explorar matérias-primas, mercados consumidores, mão-de-obra barata e áreas de investimentos de capitais excedentes. Os países hispano-americanos inseriram-se economicamente como produtores de artigos primários (açúcar, tabaco, algodão, café, minérios, entre outros) e consumidores de produtos industrializados. Possuíam uma economia primário-exportadora, dentro da chamada Divisão Internacional do Trabalho (DIT).

02| UEG Atualmente, diversos governos da América do Sul procuram se identificar com os ideais de Simón Bolívar.

Identifique os principais aspectos do projeto político de Bolívar para as colônias da América Espanhola.

Resolução:

O projeto de Simón Bolívar para a América Espanhola visava à independência política das colônias sob o domínio espanhol. Tal independência seria acompanhada da unificação política com o objetivo de formar uma poderosa nação, forte o bastante para comandar politicamente o continente, sem sofrer influência da Europa e dos Estados Unidos. Tal projeto possuía um caráter elitista, uma vez que atendia aos interesses sociais da elite crioula, sem procurar incluir eficazmente os indígenas e mestiços. O plano fracassou, sobretudo devido às disputas de poder entre os líderes locais e pela hostilidade da Inglaterra que não desejava o surgimento de uma potência econômica rival na América do Sul.

03| UFOP Juan Ginés de Sepúlveda, teólogo e cronista da colonização espanhola na América, defendia, em 1548, a tese da natureza inferior dos índios, e a necessidade de os europeus os civilizarem. Os índios, para Sepúlveda, eram escravos por natureza. Sua tese reacendeu os debates em torno da proibição à escravidão indígena estabelecida nas Novas Leis de 1542 e se opôs às teses de Bartolomé de Las Casas, evangelizador e Bispo de Chiapas.

Com base nesse enunciado, responda:

- A** Quais foram os pontos fundamentais do debate sobre a escravidão indígena na América hispânica?
- B** Qual a política adotada pela Coroa espanhola em relação aos indígenas a partir desse período?

Resolução:

- A** *Os pontos principais do debate redundavam a crueldade dos espanhóis e a inferioridade indígena.*
- B** *A coroa passou a lançar mão do trabalho compulsório imposto aos indígenas por meio da mita e da encomienda.*

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01| UFOP A Tabela abaixo apresenta uma estimativa populacional indígena do continente americano no período da chegada dos Europeus à América.

	População estimada	Percentual da população americana total
América do Norte	4.400.000	7,7
México	21.400.000	37,3
América Central	5.650.00	9,9
Caribe	5.850.000	10,2
Andes	11.500.000	20,1
Planícies da América do Sul	8.500.000	14,8
Total	57.300.000	100,0

Fonte: William Denevan (ed.). The Native Population of the America in 1492 (Madison, Wis., 1976). p.291. Apud SCHWARTZ, Stuart & LOCKART, James. A América Latina na Época Colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Analisando os dados faça um pequeno texto identificando as duas maiores populações indígenas, inclusive suas características culturais.

02| UNICAMP Como defensor dos índios e denunciante das atrocidades dos conquistadores, frei Bartolomé de Las Casas desenvolveu a imagem da “destruição das Índias”, que era produto da preocupação do frade com o futuro da sociedade que se organizava: a nova sociedade começava distorcida, prenhe de desequilíbrios e de injustiças, carente dos mais elementares direitos. Com exceção de Las Casas, no século XVI prevaleceu a visão otimista da conquista: acreditava-se que a nova sociedade era inteiramente benéfica para os aborígenes, pois se partia da premissa de que a civilização europeia era superior à civilização americana. O importante era o resultado final, a propagação de valores cristãos e a organização de uma sociedade alicerçada nesses valores.

(Adaptado de Hector Hernán Bruit, Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 17, 55.)

- A** A partir do texto, identifique duas visões opostas sobre a conquista da América, presentes no século XVI.
- B** Cite dois exemplos de mobilização política das populações indígenas na América Latina contemporânea.

03| UFRRJ Leia o texto abaixo e responda o que se pede.

“Na América colonial (...) apareceram juntas revolucionárias em nome da autonomia (...). Esta foi somente a primeira etapa de uma ampla e sangrenta luta que durou mais de uma década (...). Muitos americanos haviam percebido que o injusto sistema podia ser transformado eficazmente somente recorrendo à derrubada violenta das estruturas existentes e que a modernização defensiva somente fazia conservar a essência de uma sociedade e uma economia tradicionais que já eram intoleráveis”.

(Stein, Barbara e Stein, Stanley. La Herencia Colonial en América Latina. Mexico

DF.: Siglo Veintiuno, 1975: 110-111.)

- A** Identifique o setor social que dirigiu o processo de emancipação das colônias espanholas na América Latina
- B** Cite duas razões pelas quais se pode dizer que a política externa de Napoleão Bonaparte desempenhou um papel chave no processo de emancipação das colônias hispanoamericanas.

04| UERJ Veja, se eu sair à rua e disser ao primeiro homem que encontrar “siga-me”, ele me seguirá.

A frase, do general e político argentino do século XIX, traduz muito bem o caráter do caudilhismo, que marcou

a vida política das ex-colônias espanholas na América após os processos de emancipação.

Estabeleça a relação existente entre o fracionamento político-territorial das colônias espanholas na América após suas independências e o surgimento do caudilhismo. Em seguida, indique um fator econômico ou social que explique a constituição desse fenômeno na região.

05| UNIRIO “Em 1825, terminava a guerra de independência, deixando uma pesada herança em toda a América. A ruptura das estruturas coloniais fora causada por uma profunda transformação dos sistemas comerciais, pela perseguição dos grupos mais estreitamente ligados à antiga metrópole que haviam controlado o sistema anterior; e a ruptura fora, finalmente, aguçada pela militarização, que impunha dividir o poder com grupos que antes estavam excluídos do mesmo ... Esperava-se que, das ruínas desse regime, surgisse uma nova ordem, cujas linhas fundamentais haviam sido previstas desde o início das lutas pela independência. Mas a nova ordem tardava a nascer.”

(DONGHI, Halperin. História da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 81.)

A partir da leitura do texto acima, identifique e caracterize um aspecto histórico que se relaciona corretamente com o processo de independência na América Espanhola, ocorrido na primeira metade do século XIX.

T ENEM E VESTIBULARES

01| FM PETRÓPOLIS

palestra sobre os novos tempos



DAHMER, A. Disponível em: <<http://www.malvados.com.br>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

O que os conquistadores a serviço da Coroa espanhola fizeram com os astecas que, de acordo com a interpretação da charge, constituem “coisas que só Deus deveria fazer”?

- A** Antes de atacar a capital Tenochtitlán, dizimaram os povos não astecas que pagavam impostos ao Império.
- B** Assassinaram o governante nativo que os recebeu amigavelmente por acreditar que não seriam hostis.
- C** Evitaram o uso de armas de aço e ferro de modo a prolongar o sofrimento dos nativos que eram torturados até a morte.
- D** Estupraram mulheres astecas para propagar doenças contagiosas que sabiam ser originárias da Europa e mortais para os nativos.
- E** Evitaram grandes combates em terra, por meio do recurso a canhões de guerra, disparados a partir de navios atracados nos portos do litoral.

02| UNIOESTE “Os espanhóis, ao chegarem ao Novo Mundo, depararam-se com as populações nativas, e muito se impressionaram com o nível de civilização de algumas delas.”

In: WASSERMAN, Cláudia; GUZZELLI, Cesar Barcellos. *História da América Latina: do descobrimento a 1900*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996 p.37.

Sobre as populações que viviam na América, à época da chegada dos conquistadores europeus, é **CORRETO** afirmar que

- A** o continente americano era densamente povoado, com exceção dos desertos e das áreas montanhosas como os Andes da América do Sul e a Meso-América.
- B** trata-se de povos que se organizavam somente em pequenas aldeias e se deslocavam constantemente em busca de alimentos.
- C** à época da chegada dos espanhóis na América, as civilizações Inca e Asteca já haviam desaparecido, restando apenas as ruínas das pirâmides na América Central e as ruínas de Machu Picchu, também chamada “cidade perdida dos Incas”, na América do Sul.
- D** à época da chegada dos conquistadores europeus, no continente americano, havia populações que desenvolveram sofisticadas organizações sociais, como os astecas, na Meso-América, e os incas na América do Sul.
- E** à época da chegada dos conquistadores europeus, os povos americanos estavam organizados em uma única civilização: a civilização Maia.

03| UEMS Um bom início para uma análise da questão indígena, no final do século XX e início do XXI, pode ser a partir do questionamento:

“O que é ser índio neste momento histórico?” Posto que a classificação “índio” não remete a um único grupo étnico e muito menos a uma raça, em que consiste esta identidade?

Podemos afirmar que índio, além de referir-se a pessoas integrantes de diferentes grupos étnicos com um longo histórico de luta contra a marginalização imposta pelas políticas coloniais e depois nacionais, e pelos próprios integrantes da cultura ocidental, foi inicialmente uma identidade atribuída.

ANDRADE, T. M. de A.; ALMEIDA, A. C. de. *O Brasil Indígena: um contexto amplo e diversificado*. João Pessoa: Grafset, 2011.

Por “identidade atribuída”, entende-se o fato

- A** de Cristóvão Colombo acreditar ter chegado às Índias, e da posterior manutenção de determinadas práticas das sociedades ameríndias, como a mita, no processo de exploração colonial espanhola.
- B** do estágio atrasado e primitivo dos índios brasileiros impedir sua utilização como mão de obra na exploração das riquezas naturais, forçando Portugal a transplantar da África a mão de obra que vigorou no Brasil.

- C** do extermínio completo das nações indígenas, levando os ambientalistas a criar uma identidade cultural para justificar a preservação das florestas naturais, em nome de um povo totalmente aculturado e descaracterizado.

- D** de a Lei de Terras de 1850 ter restringido ao governo das províncias o direito de dispor das terras e de estabelecer critérios definidores da identidade indígena, promovendo a extinção jurídica do termo índio.

- E** da visão eurocêntrica de responsabilizar a existência de diversas comunidades indígenas com culturas diferentes como empecilho para uma unidade cultural, linguística, política e, conseqüentemente, tirar do índio qualquer possibilidade de cidadania.

04| PUC “A colonização do Peru ilustra seguramente a variedade de ritmos de aculturação num mesmo espaço cultural. Economicamente, o processo foi rápido: introduziu-se o cultivo de frutas e legumes europeus, a criação de aves e de gado (...). Por outro lado, todo o sistema de recrutamento de aldeãos, montado no Império Inca, foi canalizado para suprir o trabalho nas empresas coloniais, notadamente a produção mineratória. Apesar de tudo, o milho e a batata permaneceram como os alimentos essenciais das comunidades, e em pouco tempo foram difundidos entre os europeus. Socialmente, o processo foi lento e ambivalente: à progressiva ‘hispanização’ dos Kuracas [chefes tribais] (...) contrapôs-se a preservação, pela massa aldeã, dos costumes e normas do parentesco e da própria língua quíchua ou aymara (...). Enfim, no terreno religioso, campo das mentalidades coletivas, a tendência foi no sentido da ‘inércia’, ou seja, da manutenção, ainda que dissimulada e perseguida, dos cultos tradicionais – as wakas –, especialmente entre a população trabalhadora das aldeias”.

(VAINFAS, Ronaldo. *Economia e Sociedade na América Espanhola*. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 44)

A leitura do texto permite afirmar que o processo colonizador espanhol, na região americana ali analisada, estabeleceu um espaço sócio-histórico no qual ocorreu

- A** a aniquilação rápida dos traços culturais e dos laços sociais autóctones pelos colonizadores.
- B** a prevalência unilateral do ritmo de exploração econômica mercantilista sobre os demais fatores socio-culturais.
- C** o surgimento diferenciado de relações socioculturais complexas de dominação e resistência.
- D** a tolerância jurídica por parte da administração laica metropolitana das manifestações religiosas locais.
- E** a irrelevância dos fatores linguísticos como elementos de defesa cultural dos povos colonizados.

06| UNESP Era o fim. O general Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios ia embora para sempre. Tinha arrebatado ao domínio espanhol um império cinco vezes mais vasto que as Europas, tinha comandado vinte anos de guerras para mantê-lo livre e unido, e o tinha governado com pulso firme até a semana anterior, mas na hora da partida não levava sequer o consolo de acreditarem nele. O único que teve bastante lucidez para saber que na realidade ia embora, e para onde ia, foi o diplomata inglês, que escreveu num relatório oficial a seu governo: “O tempo que lhe resta mal dá para chegar ao túmulo.”

(Gabriel García Márquez. *O general em seu labirinto*, 1989.)

O perfil de Simón Bolívar, apresentado no texto, acentua alguns de seus principais feitos, mas deve ser relativizado, uma vez que Bolívar

- A** foi um importante líder político, mas jamais desempenhou atividades militares no processo de independência da América Hispânica.
- B** obteve sucesso na luta contra a presença britânica e norte-americana na América Hispânica, mas jamais conseguiu derrotar os colonizadores espanhóis.
- C** defendeu a total unidade das Américas, mas jamais obteve sucesso como comandante militar nas lutas de independência das antigas colônias espanholas.
- D** teve papel político e militar decisivo na luta de independência da América Hispânica, mas jamais governou a totalidade das antigas colônias espanholas.
- E** atuou no processo de emancipação da América Hispânica, mas jamais exerceu qualquer cargo político nos novos Estados nacionais.

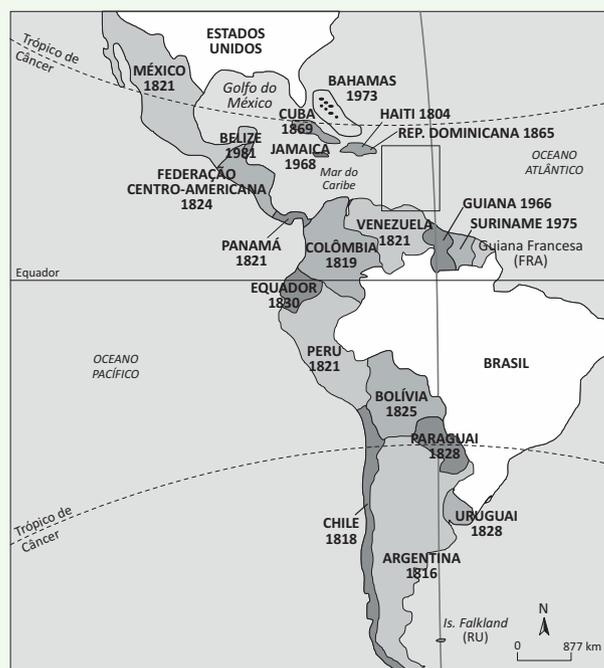
07| CEFET

AMÉRICA COLONIAL



Fonte 1: Mapa América Colonial. *Atlas Bordas Historique et Géographique*. Paris: Larousse/Bordas, 1998

AMÉRICA LATINA INDEPENDENTE



Fonte 2: América Latina Independente. *Atlas Encyclopedique Mondial*, Quid Monde, 2006.

O processo de formação dos países da América Latina no século XIX foi caracterizado pela

- A** existência de conflitos territoriais entre os países independentes.
- B** conservação das divisões coloniais espanholas e portuguesas.
- C** obediência às monarquias europeias em defesa da recolonização.
- D** implantação do pan-americanismo para minimizar as diferenças culturais.
- E** interferência da Inglaterra interessada em manter o monopólio sobre o tráfico negreiro.

05| UFG Leia o texto a seguir.

A riqueza dos incas e astecas foi assim devorada num relance, os impérios eliminados e, dentro em pouco, não estava ali, de toda a riqueza sonhada, senão o solo, prodigiosamente rico de ouro e prata, e restos de tribos selvagens, apavoradas, combatidas, desmoralizadas. O espanhol [...], por essa forma depredadora, adaptou logo as suas tendências e apetites naturais às condições novas que se lhe ofereciam. Enquanto houve riqueza acumulada, ele foi depredador, guerreiro, conquistador. Esgotaram-se as riquezas, ele fez-se imediatamente sedentário. Colheu os restos de populações índias sobreviventes às matanças, escravizouas e fê-las produzir riquezas para ele – cavando a mina ou lavrando a terra.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 103. (Adaptado).

Ao analisar as relações entre as metrópoles ibéricas e as suas colônias americanas, o pensador brasileiro Manoel Bomfim (1868-1932) fez uma analogia entre sociedades humanas e organismos biológicos, prática recorrente entre inúmeros intelectuais brasileiros no início do século XX. A partir da análise do texto, considerando o contexto histórico e os conceitos de interações biológicas, conclui-se que o conquistador espanhol

- A** sobreviveu e se alimentou à custa das populações incas e astecas, mantendo com elas uma relação análoga à interação do parasitismo.
- B** interagiu com o que restou do solo, das terras e das populações incas e astecas sobreviventes, numa relação análoga ao mutualismo.
- C** devorou, com seu apetite natural, as riquezas dos povos incas e astecas, mantendo com eles uma relação análoga ao comensalismo.
- D** depredou, escravizou e explorou os povos incas e astecas sobreviventes, estabelecendo com eles uma relação análoga ao predatismo.
- E** viveu à custa das populações incas e astecas, na condição de hospedeiro, por meio de uma relação análoga à interação do inquilinismo.

08| FAMECA

No início do século XIX, a maior parte das colônias que Portugal e Espanha criaram na América transformaram-se em países independentes.

Todavia, havia importantes diferenças entre as mudanças ocorridas na América espanhola e na América portuguesa.

(Ilmar Mattos e Luis de Albuquerque. *Independência ou morte*, 1991.)

É correto afirmar que uma das diferenças mencionadas no texto foi

- A** o fim do preconceito e das distinções sociais na América Hispânica, enquanto se manteve no Império brasileiro o sistema de trabalho escravo.
- B** a fragmentação do território em várias repúblicas na América Hispânica, enquanto o Brasil monárquico preservou a unidade territorial.
- C** a manutenção, na América Hispânica, da estrutura colonial de produção, que foi substituída por um modelo econômico autônomo no Brasil.
- D** a adoção de governos oligárquicos na América Hispânica, enquanto se estabeleceu no Brasil um regime liberal democrático.
- E** o abandono, na América Hispânica, dos princípios religiosos do catolicismo, que, no Brasil, continuaram a orientar o país como religião oficial.

09| UFTM

Os homens ilustrados da nossa época não podem deixar de aqui enxergar o fator histórico predominante da revolução de independência sul-americana, inspirada e movida, de maneira assaz evidente, pelos interesses da população crioula [descendentes de espanhóis nascidos na América] e, ainda, da espanhola, muito mais do que pelos interesses da população indígena. Analisada, no contexto da história mundial, a independência sul-americana apresenta-se ditada pelas necessidades do desenvolvimento da civilização ocidental ou, mais exatamente, capitalista.

(José Carlos Mariátegui. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, 1975.)

A partir do texto, infere-se que

- A** o movimento de independência da América do Sul foi resultado das lutas internas que opuseram indígenas e brancos.
- B** a independência abalou o domínio da população crioula, que não mais contava com a proteção da metrópole europeia.
- C** os interesses dos índios da América só foram respeitados após a independência, quando foram reconhecidos como civilizados.
- D** a noção de igualdade entre nações e povos levou ao reconhecimento do direito à independência das áreas coloniais.
- E** o fim dos domínios espanhol e português na América do Sul estava em consonância com as necessidades do capital industrial.

10| UNICID No contexto da Revolução Mexicana, as lideranças de *Emiliano Zapata* e *Pancho Villa* representavam os interesses

- A** da classe média urbana, que reivindicava melhores condições de trabalho nas fábricas.
- B** da elite agrária, que combatia a penetração dos Estados Unidos em território mexicano.
- C** da Igreja Católica, preocupada em perder as suas propriedades com a expansão do comunismo.
- D** nacionalistas, que se opunham à cessão da exploração das reservas de petróleo às empresas europeias.
- E** dos camponeses empobrecidos que, entre outras reivindicações, lutavam pela reforma agrária.

11 | UNAERP A primeira metade do século XIX foi palco da emancipação política de quase todas as colônias ibéricas na América Latina.

Dos fatores abaixo relacionados, assinale aquele que não contribuiu de forma efetiva com os movimentos de independência nesses países:

- A** Crise do sistema colonial em face da consolidação capitalista.
- B** Influência dos ideais iluministas, da independência dos EUA e da Revolução Francesa.
- C** Reação das elites que se formaram nas colônias, contra a opressão e exploração das metrópoles.
- D** Apoio da Inglaterra, que tinha interesse na expansão de mercados.
- E** Expansão dos movimentos guerrilheiros que desestabilizaram os governos locais.

12 | PUC

Atenção: América Hispânica e América Portuguesa, futuro Brasil, viveram processos históricos parecidos, mas não idênticos, do final do século XV até a primeira metade do XIX. A(s) questão(ões) a seguir discute(m) essas semelhanças e diferenças.

Quanto aos processos de independência na América Hispânica e no Brasil no início do século XIX, pode-se afirmar que:

- A** ambos foram marcados por guerras, mas no pós-independência a América Hispânica conservou a unidade do período colonial e o Brasil foi dividido politicamente.
- B** ambos receberam auxílio francês e inglês, mas no pós-independência o Brasil rompeu os laços com a Inglaterra e a América Hispânica se aproximou mais da França.
- C** ambos foram influenciados pelo pensamento iluminista, mas no pós-independência na América Hispânica predominou a idéia republicana e o Brasil se tornou uma monarquia.
- D** ambos contaram com apoio militar dos Estados Unidos, mas no pós-independência o Brasil se aliou aos norte-americanos e a América Hispânica entrou em conflito com eles.
- E** ambos foram negociados, mas no pós-independência a autonomia da América Hispânica foi apenas provisória e a brasileira se tornou definitiva.

GUERRA FRIA

Após a Segunda Guerra Mundial, teve início a **Guerra Fria**. Estados Unidos e União Soviética irão, nesta fase, disputar zonas de influência geopolíticas em um contexto de bipolarização mundial. De um lado, estava o capitalismo defendido pelos norte-americanos e, do outro, o socialismo representado pela União Soviética.

Na defesa de suas respectivas ideologias, essas superpotências protagonizaram momentos tensos quanto aos rumos da política mundial que, em alguns momentos, pareciam anunciar a eclosão de um conflito nuclear de proporções, até então, desconhecidas pelos homens.

Nessa perspectiva, países se alinharam secundariamente aos interesses representados por esses dois países. Não raros foram os envolvimento de EUA e URSS em conflitos militares indiretos e disputas estratégicas em termos políticos e econômicos mundo afora. A Guerra chegou ao fim somente em 1991, após o esfacelamento da União Soviética e fracasso do modelo político nela implantado.

É o que estudaremos a seguir.

AS CAUSAS DA GUERRA FRIA

A Segunda Guerra Mundial apresentou ao mundo novas tecnologias e estratégias de guerras. O ataque nuclear dos Estados Unidos ao Japão serviu não apenas a esse momento específico, no sentido de colocar um ponto final ao conflito mundial, mas, sobretudo, para demonstrar aos seus adversários norte-americanos o poder de destruição em massa introduzido por tal tecnologia.

TEXTO COMPLEMENTAR

Novas tecnologias relacionadas à indústria bélica como navios de guerra, aviões, submarinos, mísseis e tanques de guerra compunham as armas convencionais. Mas chamava a atenção as novas gerações de armas químicas, biológicas e, principalmente, a bomba atômica.

A corrida armamentista alcançou seu auge em 1960 quando Estados Unidos e a URSS tinham armas suficientes para vencer e se destruir mutuamente. O controle dessas armas nucleares tornava-se uma ameaça à vida na terra, fator este que certamente impediu tais líderes mundiais de se enfrentarem diretamente levando ao “equilíbrio do terror”.

Nesse contexto, destacou-se a corrida espacial. A tecnologia necessária ao lançamento de mísseis e foguetes é praticamente a mesma, daí os pesados investimentos de URSS e EUA no setor. Em 1957, os soviéticos lançaram o Sputnik 1 e 2. O primeiro artefato humano com capacidade de orbitar o planeta foi enviado ao espaço. Logo depois, o primeiro ser vivo, a cadela Laika, foi colocada a bordo da nave em direção ao espaço. Em 1958, os EUA lançaram o Explorer I e a URSS, o Vostok I, em 1961, tripulado por Yuri Gagarin, o primeiro ser humano enviado ao espaço e que conseguiu retornar a Terra em segurança. Após alguns fracassos dos soviéticos, os norte-americanos conseguiram enviar Apollo 11, em 1968, em uma missão tripulada em direção a órbita lunar, com Neil Armstrong e Edwin Aldrin, os primeiros humanos a caminhar em outro corpo celeste.



Astronauta Aldrin fotografado por Armstrong durante a missão Apollo 11, em 20 de julho de 1969.
Fotografia: NASA

Considerando as informações anteriores, independente de União Soviética e Estados Unidos terminarem a Segunda Guerra como aliados na luta contra as potências do Eixo e os regimes totalitários, após 1947 suas relações se tornaram mais tensas, culminando em **conflitos indiretos** entre os mesmos.

O centro das divergências encontrava-se nas posições ideológicas politicamente incompatíveis defendidas por essas superpotências: o **capitalismo**, pelos EUA, e o **socialismo**, pela URSS.

A URSS buscava implantar o socialismo em outros países para que pudessem expandir a

Pregando a igualdade social, a economia planificada, a existência de um único partido (nesse caso, o Partido Comunista), bem como uma ditadura, a URSS se opunha aos interesses dos países capitalistas liderados pelos EUA. Era contrária à própria expansão do sistema, à economia de mercado, à democracia política e à propriedade privada.

Os anos finais da década de 1940 evidenciaram a oposição entre capitalismo e socialismo. Como o próprio nome sugere, não houve um enfrentamento direto entre as superpotências, apesar da rivalidade existente, mas sim a constante tentativa de influenciar outros países, exemplo da Coreia e do Vietnã. A explicação do enfrentamento indireto está na corrida armamentista e nuclear protagonizada por EUA e URSS que, caso se enfrentassem diretamente, poderiam levar à mútua destruição dos mesmos, inclusive da vida em escala planetária.

Objetivando reforçar o capitalismo mundial, o presidente norte-americano, **Harry Truman**, criou o **Plano Marshall**, acessível às nações livres e aos países do leste europeu recém libertados do domínio nazista. Os EUA passaram a investir e oferecer empréstimos a baixos juros a esses países arrasados pela Segunda Guerra Mundial, a fim de que pudessem se recuperar economicamente.

Consciente da estratégia norte-americana quanto ao Plano Marshall, a União Soviética criou o **Kominform** para coordenar a ação dos partidos comunistas na Europa, no sentido de afastar a influência dos EUA. Estabelecia-se, assim, a “*cortina de ferro*”. Em 1949, a URSS lançou o **Comecon**, uma resposta de caráter econômico-financeiro ao seu principal adversário político que impedia a aceitação do favor proposto aos países socialistas aliados.

Um dos primeiros países a aderir ao Plano Marshall foi a Alemanha Ocidental. Arrasada pela Segunda Guerra Mundial, esse país buscava seu restabelecimento e tal postura obrigou a União Soviética a bloquear as rotas terrestres que davam acesso à capital Berlim, em 1948. Desafiando os soviéticos, os Estados Unidos recorreram à via aérea para abastecer a Berlim capitalista o que levou, em 1949, a divisão da Alemanha em duas: **Alemanha Oriental** (República Democrática Alemã) e **Alemanha Ocidental** (República Federal da Alemanha)¹.

Ainda em 1949, os Estados Unidos e seus aliados criam a **OTAN** (Organização do Tratado do Atlântico Norte). O objetivo era manter as alianças militares entre os países ocidentais em possíveis situações de conflito com os soviéticos. Por outro lado, a União Soviética estabeleceu com seus aliados, em 1955, o **Pacto de Varsóvia** que também unia as forças militares da Europa Oriental. Dessa forma, consolidava-se a bipolarização mundial.



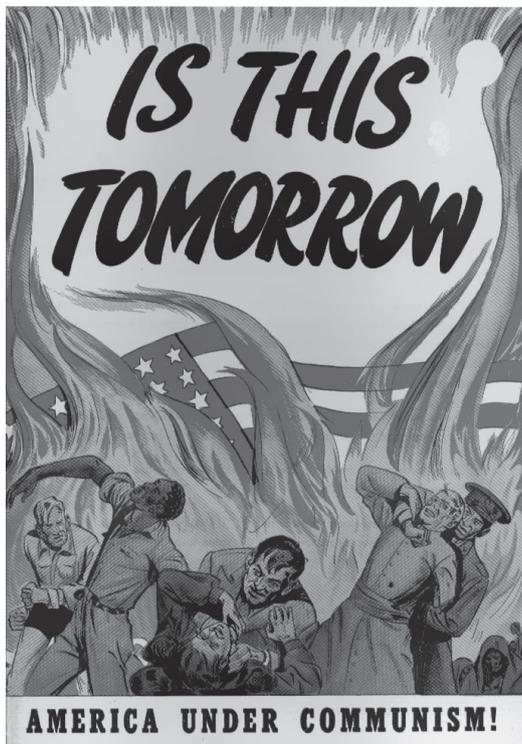
Teste nuclear referente a Operação Upshot-Knothole, na Área de Testes de Nevada, EUA. (1953). Fotografia: Federal Government of the United States.

1 Símbolo máximo do conflito, o Muro de Berlim foi construído em 1961 vindo a separar a referida cidade, separando famílias e amigos. Somente em 1989 ocorreu sua derrubada, após a constatação do colapso do socialismo real, ocorrendo, em seguida, a reunificação da Alemanha.

Internamente, esses países estruturaram poderosas políticas ideológicas baseadas na negação do *outro*. Ao mesmo tempo em que procuravam desacreditar as ações e ideologias adversárias, buscavam convencer sua população e a de outros países da superioridade político-econômica e sócio-cultural do sistema defendido. Tudo que viesse do lado inimigo era ruim. O **marxismo** de Joseph McCarthy dominou os EUA em 1950. Uma onda de investigações e denúncias tomou conta do país. Atividades entendidas pelo governo como pró-comunistas estavam categoricamente proibidas e quem as estimulasse seria perseguido e punido, inclusive artistas de Hollywood. A URSS agiu similarmente em relação aos seus suspeitos de favorecimento à política norte-americana. Pessoas eram internadas ou presas acusadas de espionagem, simplesmente por se oporem ao regime stalinista.



Selo soviético em referência a exploração do espaço, por Yuri Gagarin (1980). В.А. Джанибеков



"Este será o amanhã: a América sob o comunismo!". Propaganda anticomunista de 1947. Catechetical Guild

Apesar dos esforços de adesão às suas respectivas ideologias, alguns países optaram por não se alinhar diretamente às superpotências da Guerra Fria, mantendo-se, portanto, neutras. Em abril de 1955, esses **países não alinhados** organizaram **Conferência de Bandung**, que apoiava países contrários à bipolarização, principalmente aqueles que se encontravam em subdesenvolvimento. Apesar de tais esforços, muitos dos países participantes divergiam entre si quanto à política comum a ser adotada.

Com a morte de Stálin, em 1953, **Malenkov** assumiu o governo soviético até que, em 1955, **Nikita Krushchev** assumiu o cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista e condenou os crimes de seu antecessor, dando início ao processo de "*desestalinização*". Tratava-se da descentralização administrativa, da liberalização cultural, do incentivo ao desenvolvimento tecnológico e do incentivo à produção de bens de consumo. Quebrava-se-se o mito de que apenas o Ocidente seria capaz de desenvolver tecnologias, a exemplo da corrida espacial.

TEXTO COMPLEMENTAR

Krushchev flexibilizou a relação político-ideológica com os países alinhados ao bloco comunista. O reconhecimento do governo de Josip Broz Tito, na Iugoslávia, tradicional inimigo ideológico de Stálin, é um exemplo de tal flexibilização do centralismo político soviético. No entanto, Krushchev sofria oposições internas e externas a seu governo, o que culminou em vários eventos, como a recondução de Wladislaw Gomulka, que havia sido destituído durante a administração stalinista, ao governo da Polônia. Houve ainda a substituição de Mátyás Rakósi por Imre Nagy na direção do partido Comunista húngaro que, em seguida, tentou abandonar o Pacto de Varsóvia. A capital da Hungria, Budapeste, foi ocupada em 1956, culminando na derrubada de Nagy do poder, tendo sido substituído por János Kádár.

Anacronicamente, Krushchev defendia o não alinhamento, o neutralismo e as diferentes vias do socialismo, discurso esse agradável aos países do Terceiro Mundo, mas na prática enfrentou as divergências, a exemplo da Hungria.

Por outro lado, alguns países defendiam que Krushchev havia se distanciado dos princípios socialistas ao propor a Coexistência Pacífica. Foi o caso da China que, sob a liderança de Mao Tse-tung, declarou sua autonomia frente a URSS, levando ao rompimento do acordo nuclear entre os dois países em 1959. No ano seguinte, a URSS retirou o apoio econômico e tecnológico à China. Tal fato levou ao desgaste da política proposta por Krushchev, que chegou a perder apoio de outros países que passaram a se alinhar à China, a exemplo da Albânia.

A desestabilização da unidade socialista, fomentada pelo rompimento com a China, bem como a oposição externa dos EUA, fez com que a URSS passasse a intervir mais intimamente na Guerra do Vietnã quanto ao apoio aos norte-vietnamitas.

Um dos momentos mais tensos da Guerra Fria foi a chamada Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962. Revertendo o quadro que se apresentava, Krushchev e Kennedy assinaram, em 1963, inúmeros acordos, dentre eles, a proibição de testes nucleares na terra, nas águas e na atmosfera.

Diante de uma possível guerra direta entre URSS e EUA, Krushchev passou a defender a necessidade de uma **Política da Coexistência Pacífica** entre esses dois países. Todos os esforços seriam no sentido de evitar o conflito militar direto, o que não significou o fim do confronto ideológico e tecnológico entre as superpotências.

A política do presidente norte-americano **Dwight Eisenhower** (1956 – 1960) se dividiu entre o enfrentamento da Guerra Fria e a Política da Coexistência Pacífica. Ao mesmo tempo em que se opunha frontalmente aos soviéticos por meio de alianças com os países alinhados, foi o responsável pelos primeiros acordos com os soviéticos.

As oposições internas dos países alinhados e o fim da unidade socialista levaram, consequentemente, à destituição de Krushchev em 1964, assumindo em seu lugar um **triumvirato (troika)** centralista: o Primeiro-Secretário do Partido, **Leonid Brejnev**, o presidente do Conselho de Ministros, **Alexey Kossiguin**, e o Presidente do Soviete Supremo, **Nikolai Podgorny**.

Nos EUA, o democrata **John F. Kennedy** venceu as eleições de 1960, mas foi assassinado em 1963. Durante seu governo, envolveu-se em questões polêmicas, a exemplo da oposição ao governo de Fidel Castro, em Cuba, cuja Revolução enterrou a hegemonia dos EUA sobre a ilha. O auge do desentendimento ocorreu com a tentativa de **invasão à Baía dos Porcos** naquela ilha que terminou em fracasso.

A crise com os cubanos agravou-se em 1962 com o alinhamento do país à URSS, que teria instalado mísseis localizados a apenas 300 quilômetros de distância dos EUA. Diante da tensão e ameaça da guerra total, a URSS recuou.

Imagem: <https://guerraearmas.wordpress.com/2011/02/08/ecos-da-guerra-fria-cuba-e-a-cri-se-dos-misseis/>



Che Guevara e Fidel Castro (1961). Museo Che Guevara, Havana Cuba. Fotografia: Alberto Korda

Temendo novas convulsões no continente americano, principalmente na América Latina, Kennedy deu início ao programa **Aliança para o Progresso**. Tratava-se de empréstimos e investimentos que pretendiam garantir a supremacia ideológica e a presença norte-americana no continente.

O presidente **Lyndon Johnson** (1964 – 1968) manteve o distanciamento da URSS e a política oposicionista ao comunismo. Esse presidente desgastou-se com a intervenção militar na impopular Guerra do Vietnã e República Dominicana. Movimentos populares e estudantes levantaram-se contra o governo, além de outros levantes sociais, a exemplo do movimento negro que, sob a liderança de **Martin Luther King**, lutava contra o racismo.

REVOLUÇÃO CHINESA

Como analisamos anteriormente, a **China** foi uma das nações que, no século XIX, sofrera com a exploração e a dominação imperialista, principalmente da Inglaterra.

A hegemonia inglesa sobre a China levou à completa submissão da **Dinastia Manchu**, tanto no que se refere aos assuntos políticos e econômicos, quanto às questões culturais. Juntamente à dominação estrangeira, outras questões internas assolavam o país.

No início do século XX, setores populares passaram a defender a consolidação de um governo nacionalista. Nesse contexto, surgiu o **Kuomintang** ou Partido Nacionalista, fundado pelo médico **Sun Yat-sen**, em 1900. A Guerra dos Boxers (1898 – 1901) contribuiu diretamente com tal movimento, justamente por defender a autonomia político-econômica chinesa e a definitiva expulsão dos estrangeiros do país.

A agitação política interna levou a **Proclamação da República**, em 1911, sob o comando de Sun Yat-sen. Apesar dessa conquista, a China continuava submetida aos interesses das potências estrangeiras, com destaque ao Japão e à Inglaterra. Somado a isso, o Kuomintang enfrentava internamente a dificuldade de unificação do país, a oposição dos representantes dos setores agrários e do recente criado **Partido Comunista Chinês** (PCC), sob influência direta da Revolução Russa.



Mao Tsé-tung iluminando a estrada da Grande Revolução Cultural Proletária.
Imagem: Chinese posters.net



Martin Luther King proferindo seu discurso intitulado "Eu tenho um sonho", durante a Marcha sobre Washington, pelo emprego e a liberdade, em agosto de 1963. Inspirado na doutrina indiana de desobediência civil (não da violência) de Mahatma Gandhi, ele lutou por importantes conquistas sociais, principalmente pelo fim da segregação racial e pela igualdade de direitos entre brancos e negros. Martin Luther King foi assassinado em 1968. Unknown.

Em 1925, **Chiang Kai-shek** assumiu o governo chinês e deu início a uma dura oposição aos comunistas liderados por **Mao Tse-tung**. Derrotados em Xangai e Pequim, os comunistas recuaram de seu projeto político e estabeleceram um projeto revolucionário. Em 1934, os camponeses aderiram à **Longa Marcha** (1934 – 1935) comunista que percorreu cerca de 10 mil quilômetros com a pretensão de impor a distribuição de terras e a expulsão das forças imperialistas do país.

A invasão japonesa levou à formação da Frente Única entre o PCC e o Kuomintang em 1937. A aliança durou até o final da Segunda Guerra Mundial, período esse que o PCC esteve no controle de parte do exército chinês. Após a derrota dos japoneses, Chiang

Kai-shek tentou eliminar a presença comunista. Mas o apoio norte-americano aos nacionalistas levou Chiang Kai-shek a ser visto pela população como um “cúmplice dos estrangeiros”.

Mesmo sem o expressivo apoio soviético, gradativamente o Partido Comunista Chinês conseguiu ganhar espaço até que, em 1949, tomaram Pequim e proclamaram a **República Popular da China**.

Sob a liderança de Mao Tsé-tung, a China foi organizada sob a orientação ideológica comunista. Inaugurando o **plano econômico quinquenal**, o novo governo almejava estimular a agricultura e o avanço industrial. Internacionalmente, a China optou pela orientação socialista independente da soviética.



Imagem de Mao Tse-tung proclamando a fundação da República Popular da China na Praça Tiananmen, na Cidade Proibida, em Pequim, em 01 de outubro de 1949. Unknown

GUERRA DA COREIA (1950 – 1953)

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, as potências do Eixo foram derrotadas e a Coreia, que durante o conflito esteve sobre o controle japonês, foi dividida entre Estados Unidos e União Soviética. Era o início da Guerra Fria e tal divisão simbolizava a divergência entre esses países que, em termos práticos, reverberava-se na divisão de áreas de influência econômica, política e ideológica.

Na verdade, a divisão da Coreia ocorreu antes do término do conflito mundial. Nesse momento, as tropas norte-americanas controlavam o sul e os soviéticos o norte. O intuito desses últimos era o rápido enfraquecimento do Japão, que ainda resistia aos Aliados. Uma fronteira artificial foi estabelecida durante a ocupação militar do país, compondo o equilíbrio de atuação dessas duas forças militares a partir do paralelo 38°, determinando os limites da presença da URSS na Coreia do Norte e dos EUA na Coreia do Sul.

Esse equilíbrio foi rompido ao final da Segunda Guerra e acentuou-se com a instauração da República Popular da China, em 1949, por Mao Tse-tung. Fazendo fronteira com a Coreia do Norte, a China influenciou a região com sua marcante experiência revolucionária comunista e, em 1950, colocou em prática o projeto de reunificação do país, iniciando a Guerra da Coreia após a invasão do sul.

Imediatamente delineou-se o quadro da bipolarização. As potências capitalistas, com destaque aos EUA, mobilizaram a intervenção militar da ONU. Sob o comando do general MacArthur, os EUA enviaram, em setembro do mesmo ano, tropas e

armamentos para a guerra contra a Coreia do Norte, logrando expressivas vitórias. Entretanto, os norte-coreanos receberam o apoio chinês e soviético, com o envio de tropas em sinal de apoio ao norte. O possível desdobramento militar obrigou o recuo das tropas comandadas pelo general MacArthur aos limites do paralelo 38°. O presidente Dwight Eisenhower optou pelas negociações diplomáticas, culminando no **Tratado de Pan Munjon**, em 1953. Por esse acordo de paz, as fronteiras territoriais do paralelo 38° foram restabelecidas.

O fim da Guerra da Coreia não significou o esgotamento da tensão entre essas duas nações. O norte manteve-se sob o controle do Partido Comunista e com uma estreita relação com os países do bloco socialista. Desse alinhamento conseguiu atingir índices satisfatórios nas áreas da saúde e da educação, bem como o desenvolvimento do ambicioso projeto relacionado à tecnologia bélica e nuclear. Esse último aspecto é, até os dias atuais, motivo de grande tensão com os países capitalistas, em especial com os Estados Unidos.



Bombardeio do navio americano USS Missouri a costa coreana (1950). Fotografia: U.S. Navy

A Coreia do Sul, por sua vez, transformou-se em uma das mais promissoras economias capitalistas. O auxílio financeiro dos EUA permitiu a superação dos problemas econômicos e da instabilidade política da região. Inclusive, em 2002, o país foi sede de alguns jogos da Copa do Mundo de Futebol.

REVOLUÇÃO CUBANA (1959)

Cuba enfrentou vários problemas políticos desde a sua independência, desde a instalação de governos ditatoriais, a exemplo das administrações de Gerardo Machado e Fulgêncio Batista, até a interferência dos Estados Unidos na região.

Uma das primeiras intervenções dos Estados Unidos ocorreu em 1901 com a imposição da **Emenda Platt**. Esse dispositivo inserido na Constituição de Cuba permitia que os EUA intervissem nas questões políticas internas do país. Igualmente, os norte-americanos pressionaram o país a ceder a Baía de Guantánamo correspondente a 117 quilômetros quadrados.

Na década de 1950, a situação sócio-econômica do país agravou com a instalação do governo golpista do general **Fulgêncio Batista** (1901 – 1973). Nesse contexto, surgiu um expressivo movimento oposicionista guerrilheiro liderado por **Ernesto “Che” Guevara**, **Fidel Castro** e **Camilo Cienfuegos**. Sem saída, Fulgêncio acabou se refugiando na República Dominicana e, em janeiro de 1959, Fidel Castro foi aclamado primeiro-ministro de Cuba. O novo governo seria marcado pela adoção de medidas contrárias aos interesses norte-americanos.

As medidas mais importantes adotadas pelo governo revolucionário cubano foram a reforma agrária, a nacionalização das refinarias de açúcar e a estatização do setor industrial controlado pelos Estados Unidos. Em um primeiro momento, Cuba tentou adotar uma política internacional independente da bipolarização mundial, mas a pressão política dos Estados Unidos conduziu o país à aproximação do bloco soviético.

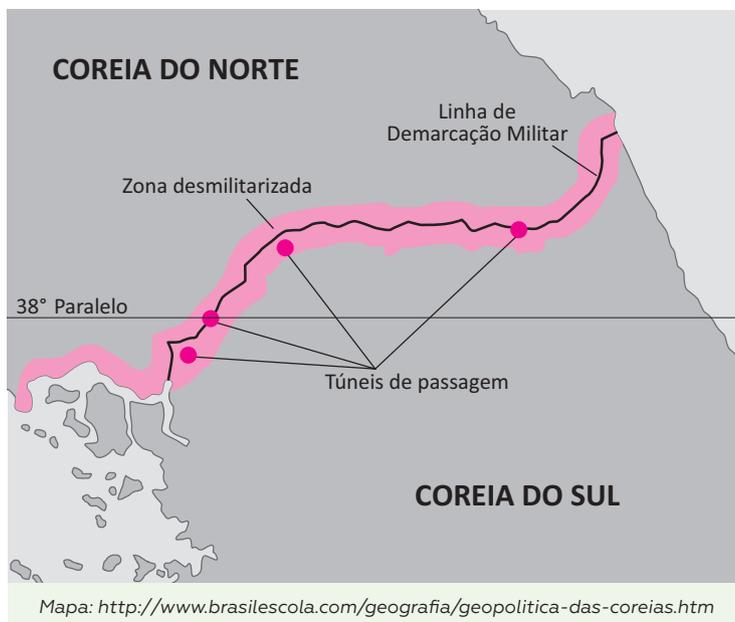
Diante da ameaça que se tornou a experiência revolucionária cubana, os Estados Unidos estabeleceram o programa de cooperação econômica às nações americanas, conhecido como **Aliança para o Progresso**. Com o objetivo de enfraquecer o governo de Fidel Castro, os norte-americanos fixaram um embargo econômico ao país. Ainda em 1961, os Estados Unidos tentaram invadir a Baía dos Porcos, mas acabaram se frustrando ao final. Em 1962, a URSS chegou a instalar mísseis em Cuba apontados para os EUA, o que levou a uma extraordinária tensão diplomática entre essas duas potências. Esse momento ficou historicamente conhecido como a **crise dos mísseis**.

Com a resolução da questão, a URSS retirou o armamento de Cuba que, mesmo assim, continuou hostil à presença e dominação americana, o que ficou demonstrado com o apoio do governo de Cuba aos movimentos guerrilheiros espalhados pela América Latina. Inclusive “Che” Guevara foi executado em um desses movimentos, em 1967, na Bolívia.

A aproximação de Cuba da URSS conduziu o país a uma enorme dependência econômica desse país, principalmente a partir da década de 1970. Os anos de 1990 revelaram a inevitável crise do bloco socialista, o que exigiu o remodelamento dessa economia por Fidel Castro.

Doente, Fidel Castro afastou-se do poder em 2006. Seu irmão, **Raul Castro**, assumiu o comando do país, o que aumentou expressivamente a esperança de uma aproximação de Cuba com outros países, em especial com os Estados Unidos, governado pelo presidente democrata Barack Obama, o que de fato ocorreu com a histórica aproximação dos dois países no início de 2015.

Cuba e Estados Unidos têm negociado o restabelecimento das relações diplomáticas e a reabertura das respectivas embaixadas. Isso inclui o fim do embargo econômico, comercial e financeiro imposto a Cuba, desde 1962.



TEXTO COMPLEMENTAR

EUA E CUBA INICIAM APROXIMAÇÃO HISTÓRICA

O anúncio foi feito pelos presidentes Barack Obama e Raúl Castro. Os dois países não têm relações diplomáticas desde 1961.

Por Redação — publicado 17/12/2014 16h10, última modificação 17/12/2014 16h53

O presidente americano Barack Obama anunciou nesta quarta-feira 17, às 15 horas no horário de Brasília, um novo capítulo nas relações entre os Estados Unidos e Cuba, assinalando que já é hora de acabar com “um enfoque antiquado sobre a ilha comunista”. “Através dessas mudanças, tentamos criar mais oportunidades para os povos americanos e cubanos e iniciar um novo capítulo”, afirmou.

Falando em cadeia nacional, Obama também anunciou que os Estados Unidos vão revisar a designação de Cuba como Estado patrocinador do terrorismo e que vai discutir no Congresso a suspensão do embargo aplicado contra Havana, destacando que isolar a ilha não atingiu seus objetivos.

A notícia da aproximação chegou na sequência da libertação por Cuba de Alan Gross, de 65 anos, um empreiteiro americano mantido prisioneiro por cinco anos sob acusações de espionagem, e de um suposto agente americano não identificado. Em troca do segundo prisioneiro, os Estados Unidos libertaram três supostos espões cubanos. Ambos os lados haviam apontado a libertação de seus cidadãos como pré-condição para a abertura de negociações.

Na sequência da troca de prisioneiros, autoridades americanas informaram que o presidente Barack Obama estava pronto para negociar os termos para reabrir a embaixada dos Estados Unidos em Cuba, que está fechada desde 1961. “Está claro que décadas de isolamento dos Estados Unidos de Cuba não conseguiram alcançar o nosso objetivo permanente de promover a ascensão de uma Cuba democrática, próspera e estável”, informou a Casa Branca.

Em seu anúncio, o presidente cubano Raúl Castro disse que, em uma conversa por telefone com Obama, na terça-feira 16, “acertamos o restabelecimento das relações diplomáticas” com os EUA. O cubano, no entanto, lamentou que seja mantido o bloqueio econômico sobre a ilha. “Acertamos o restabelecimento das relações diplomáticas. Isto não quer dizer que o principal tenha sido resolvido: o bloqueio econômico”, acrescentou.

“Chegaram hoje à nossa pátria Gerardo (Hernández), Ramón (Labañino) e Antonio (Guerrero)”, anunciou, citando os três cubanos que continuavam presos nos Estados Unidos, dos cinco agentes detidos em 1998 e condenados a longas penas de prisão por espionagem. “Baseados em razões humanitárias, hoje, também foi devolvido ao seu país o cidadão americano Alan Gross”, disse Raul sobre o funcionário terceirizado detido em 2009 e condenado a 15 anos de prisão.

Raúl Castro expressou que a decisão de Obama de mudar a política com Havana depois de meio século, anunciada na mesma hora em Washington pelo presidente americano, merece “respeito e reconhecimento”. “Esta decisão do presidente Obama merece respeito e reconhecimento do nosso povo”, afirmou.

Obama e Castro agradeceram o apoio do papa Francisco e do governo canadense no processo de aproximação entre Cuba e Estados Unidos. “Quero agradecer o apoio do Vaticano e especialmente do papa Francisco”, afirmou Castro, que sucedeu no comando do país seu irmão, Fidel Castro, afastado do poder por motivo de saúde em 2006 no único país comunista do Ocidente.

Os Estados Unidos impuseram um embargo comercial contra Cuba — o inimigo da Guerra Fria mais próximo de sua costa — em 1960 e os dois países não têm relações diplomáticas desde 1961. O embargo prejudica a economia da ilha caribenha, mas não conseguiu derrubar o governo comunista liderado pelos irmãos Castro.

Com informações da AFP

<http://www.cartacapital.com.br/internacional/eua-e-cuba-iniciam-aproximacao-historica-1706.html>



*Obama anuncia aproximação “histórica” com Cuba
DOUG MILLS / POOL / AFP*

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01| ENEM Rua Preciados, seis da tarde. Ao longe, a massa humana que abarrotava a Praça Puerta Del Sol, em Madri, se levanta. Um grupo de garotas, ao ver a cena, corre em direção à multidão. Milhares de pessoas fazem ressoar o slogan: “Que não, que não, que não nos representem”. Um garoto fala pelo megafone: “Demandamos submeter a referendo o resgate bancário”.

RODRÍGUEZ, O. “Puerta Del Sol, o grande alto-falante”. Brasil de Fato, São Paulo, 26 maio-1 jun. 2011 (adaptado).

Em 2011, o acampamento dos indignados espanhóis expressou todo o descontentamento político da juventude europeia. Que proposta sintetiza o conjunto de reivindicações políticas destes jovens?

- A** Voto universal.
- B** Democracia direta.
- C** Pluralidade partidária.
- D** Autonomia legislativa.
- E** Imunidade parlamentar.

Resolução:

- B** Democracia direta.

O Estado Democrático de Direito consagrou um regime político que atribui ao cidadão mecanismos de atuação indireta, a exemplo do voto, e direta em relação a sua prática. O plebiscito e o referendo surgem como institutos jurídicos capazes de garantir ao cidadão a intervenção direta em ações políticas do Estado.

02| ENEM



LORD WILLINGDON'S DILEMMA

Disponível em: www.gandhiserve.org. Acesso em: 21 nov. 2011.

O cartum, publicado em 1932, ironiza as consequências sociais das constantes prisões de Mahatma Gandhi pelas autoridades britânicas, na Índia, demonstrando

- A** a ineficiência do sistema judiciário inglês no território indiano.
- B** o apoio da população hindu à prisão de Gandhi.
- C** o caráter violento das manifestações hindus frente à ação inglesa.
- D** a impossibilidade de deter o movimento liderado por Gandhi.
- E** a indiferença das autoridades britânicas frente ao apelo popular hindu.

Resolução:

- D** a impossibilidade de deter o movimento liderado por Gandhi.

O cartum faz referência ao processo político de independência da Índia em relação à Inglaterra mediante o quadro histórico de descolonização. Mahatma Gandhi apresenta-se como principal líder desse processo fazendo uso do Princípio da desobediência civil e na ideia da resistência pacífica. O movimento independentista da Índia levou a um amplo processo de participação popular e influenciou o processo de independência de outras colônias.

03| ENEM Nós nos recusamos a acreditar que o banco da justiça é falível. Nós nos recusamos a acreditar que há capitais insuficientes de oportunidade nesta nação. Assim nós viemos trocar este cheque, um cheque que nos dará o direito de reclamar as riquezas de liberdade e a segurança da justiça.

(KING Jr., M. L. Eu tenho um sonho, 28 ago. 1963. Disponível em: www.palmareis.gov.br. Acesso em: 30 nov. 2011 – Adaptado)

O cenário vivenciado pela população negra, no sul dos Estados Unidos nos anos 1950, conduziu à mobilização social. Nessa época, surgiram reivindicações que tinham como expoente Martin Luther King e objetivavam

- A** a conquista de direitos civis para a população negra.
- B** o apoio aos atos violentos patrocinados pelos negros em espaço urbano.
- C** a supremacia das instituições religiosas em meio à comunidade negra sulista.
- D** a incorporação dos negros no mercado de trabalho.
- E** a aceitação da cultura negra como representante do modo de vida americano.

Resolução:

A a conquista de direitos civis para a população negra.

A abolição da escravatura nos EUA não foi acompanhada por inclusão social. Durante décadas os negros norte-americanos sofreram com uma apartação jurídica, social e econômica, principalmente nos estados do sul. Organizações segregacionistas como a K.K.K. (Ku Klux Klan) atestam tal segregacionismo por meio de linchamentos, perseguições e assassinatos. No século XX, especialmente nas décadas de 50 e 60, os movimentos anti raciais ganham um contorno todo especial, tendo a frente o líder pacifista Martin Luther King. Em meio à explosão das contraculturas (gays, feministas, punks, hippies) o movimento negro se fortalece e conquista direitos políticos e sociais que garantiram, paulatinamente, uma maior inclusão social.

04 | ENEM



Texto do Cartaz: “Amor e não guerra”

(Foto de Jovens em protesto contra a Guerra do Vietnã. Disponível em: <http://goldenyears-66to69.blogspot.com>. Acesso em: 10 out. 2011.)

Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra, movimentos como o Maio de 1968 ou a campanha contra a Guerra do Vietnã culminaram no estabelecimento de diferentes formas de participação política. Seus slogans, tais como “Quando penso em revolução quero fazer amor”, se tornaram símbolos da agitação cultural nos anos 1960, cuja inovação relacionava-se

- A** à contestação da crise econômica europeia, que fora provocada pela manutenção das guerras coloniais.
- B** à organização partidária da juventude comunista, visando o estabelecimento da ditadura do proletariado.
- C** à unificação das noções de libertação social e libertação individual, fornecendo um significado político ao uso do corpo.

D à defesa do amor cristão e monogâmico, com fins à reprodução, que era tomado como solução para os conflitos sociais.

E ao reconhecimento da cultura das gerações passadas, que conviveram com a emergência do rock e outras mudanças nos costumes.

Resolução:

C à unificação das noções de libertação social e libertação individual, fornecendo um significado político ao uso do corpo.

A contracultura surgiu mediante um quadro intenso de questionamento aos paradigmas da Bipolaridade no contexto histórico da Guerra Fria. As manifestações ganharam contornos singulares e revolucionários. O corpo, gestos, gírias, hábitos entre outros aspectos de manifestações, se transformaram em verdadeiras armas intelectuais e gestuais contra os modelos do pensamento capitalismo e socialismo da época.

05 | ENEM O ano de 1968 ficou conhecido pela efervescência social, tal como se pode comprovar pelo seguinte trecho, retirado de texto sobre propostas preliminares para uma revolução cultural: “É preciso discutir em todos os lugares e com todos. O dever de ser responsável e pensar politicamente diz respeito a todos, não é privilégio de uma minoria de iniciados. Não devemos nos surpreender com o caos das ideias, pois essa é a condição para a emergência de novas ideias. Os pais do regime devem compreender que autonomia não é uma palavra vã; ela supõe a partilha do poder, ou seja, a mudança de sua natureza. Que ninguém tente rotular o movimento atual; ele não tem etiquetas e não precisa delas”.

Journal de la comune étudiante. Textes et documents. Paris: Seuil, 1969 (adaptado).

Os movimentos sociais, que marcaram o ano de 1968,

- A** foram manifestações desprovidas de conotação política, que tinham o objetivo de questionar a rigidez dos padrões de comportamento social fundados em valores tradicionais da moral religiosa.
- B** restringiram-se às sociedades de países desenvolvidos, onde a industrialização avançada, a penetração dos meios de comunicação de massa e a alienação cultural que deles resultava eram mais evidentes.
- C** resultaram no fortalecimento do conservadorismo político, social e religioso que prevaleceu nos países ocidentais durante as décadas de 70 e 80.

- D tiveram baixa repercussão no plano político, apesar de seus fortes desdobramentos nos planos social e cultural, expressos na mudança de costumes e na contracultura.
- E inspiraram futuras mobilizações, como o pacifismo, o ambientalismo, a promoção da equidade de gêneros e a defesa dos direitos das minorias.

Resolução:

- E *inspiraram futuras mobilizações, como o pacifismo, o ambientalismo, a promoção da equidade de gêneros e a defesa dos direitos das minorias.*

Conhecido como “o ano que não terminou”, 1968 esteve marcado por vários movimentos sociais importantes que ocorreram no Brasil e no mundo. Diver-

sas rebeliões ocorreram mundo afora a exemplo de Argentina, Estados Unidos e México. No Brasil, estudantes e operários questionavam a ordem vigente imposta pelos militares como a marcha dos 100 mil no centro do Rio de Janeiro. Assim, podemos traçar um paralelo histórico entre este ano e os dias atuais à medida que inúmeros movimentos, organizações e mobilizações contemporâneas têm como objetivo questionar o que não é considerado correto, justo ou politicamente correto, bem como lutar por causas específicas, criação ou efetivação de direitos. Tal como no passado evocado, percebemos que, a exemplo do que ocorre no Brasil, as pessoas têm se organizado em movimentos diversos como é o caso das atuais manifestações públicas contra a corrupção, pelo acesso efetivo aos direitos sociais e, até mesmo, contra o Governo.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

- 01| UEG Uma vez Stálin, Krushev e Bréjnev estavam andando num trem. Num certo momento, o trem parou. Como fazê-lo andar de novo? Stálin mandou fuzilar uma porção de gente. O trem não andou. Veio então Krushev e reabilitou os fuzilados. O trem continuava parado. Finalmente, Bréjnev deu a solução: vamos todos fingir que o trem está andando.

SCHMIDT, Mario. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, s.d. p. 277.

Esta anedota, que circulava entre os anticomunistas na década de 1980, ironizava a atuação de três importantes líderes soviéticos do século XX. Considerando-se que a anedota espelha a realidade política da URSS, explique o significado histórico de

- A Krushev ter “reabilitado os fuzilados”;
- B Bréjnev fingir “que o trem está andando”.

02| UERJ

Phan Thi Kim Phuc:
um símbolo da Guerra do Vietnã



<http://blogs.estadao.com.br>

O destino da menina que foi a cara de uma guerra

Ela se transformou no símbolo da Guerra do Vietnã (1959-1975). Hoje, Phan Thi Kim Phuc ainda carrega as marcas do bombardeio, mas se esforça para superar o trauma. A bomba foi lançada sobre seu vilarejo, quando tinha 9 anos, por soldados do Vietnã do Sul contra tropas norte-vietnamitas. A operação foi coordenada por militares americanos.

No regime comunista, Phan obteve a autorização para estudar medicina em Cuba, onde conheceu seu marido. Na viagem de lua-de-mel, o avião fez uma escala no Canadá, de onde o casal nunca mais saiu. Nos anos 1990, a vietnamita passou a atuar como ativista de direitos humanos, tornou-se embaixadora da Unesco e criou uma fundação. Até hoje, Phan se lembra dos comentários do então presidente americano Richard Nixon, que duvidava da autenticidade da foto que correu o mundo, na qual ela foge nua após o ataque com bomba de napalm.

Adaptado de www.estadao.com.br, 13/12/2009

A Guerra do Vietnã, no sudeste asiático, foi um dos conflitos mais sangrentos do século XX, estando diretamente relacionado às tensões do contexto internacional, nas décadas de 1960 e 1970.

Identifique um fator que caracteriza a Guerra do Vietnã como um conflito típico da Guerra Fria. Apresente, também, duas consequências desse conflito para esse país.

03| UNESP

Nunca houve um ano como 1968 e é improvável que volte a haver. Numa ocasião em que nações e culturas ainda eram separadas e muito diferentes — e, em 1968, Polônia,

França, Estados Unidos e México eram muito mais diferentes um do outro do que são hoje — ocorreu uma combustão espontânea de espíritos rebeldes no mundo inteiro.

(Mark Kurlansky. 1968 – *O ano que abalou o mundo*, 2005.)

Indique dois movimentos de “espíritos rebeldes” ocorridos em 1968 e identifique, em cada um deles, o caráter “espontâneo” mencionado no texto.

- 04| UFES** “Nos anos oitenta do século passado, em plena Guerra Fria, após a queda de um avião no mar, um grupo de cadetes militares americanos se vê isolado em uma ilha deserta. Percebendo que as chances de resgate são mínimas, os jovens se aproximam pelo medo e desespero. À medida que vão tomando conta da ilha, a competição pelo poder começa a dividi-los em dois grupos. Ralph lidera um grupo e prega a engenhosidade civilizada e cooperação, mas Jack não quer saber nada disso e constrói uma facção de caçadores impiedosos. Essa poderosa mudança de consciência transforma garotos normais em assassinos primitivos, iniciando uma batalha devastadora do bem contra o mal e trazendo à baila a perturbadora metáfora do selvagem que há dentro de todos nós.”

(LOPES, José de Sousa Miguel. O senhor das Moscas: os labirintos do poder. In: *A diversidade cultural vai ao cinema*. TEIXEIRA, Ines Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (orgs.). Belo Horizonte: Atlântica, 2006, p. 65).

Explique

- A** o que foi a Guerra Fria;
- B** o que é civilização e o que é barbárie.

- 05| UERJ** **Cuba e as reformas do bloco socialista:** back to the future?

Os líderes cubanos excitaram a imaginação do mundo ao lançarem em setembro o mais radical pacote de medidas. As reformas cubanas trazem logo à mente duas grandes ondas de reforma na antiga União Soviética: a

Nova Política Econômica – NPE, nos anos 1920, e o início da Perestroika, em meados dos anos 1980. Em ambas, inicialmente, as medidas tomadas e o espírito condutor eram bastante parecidos, mas os resultados das duas foram completamente diferentes. Qual desses caminhos seguirá Cuba, em um mundo cada vez mais globalizado?

ÂNGELO SEGRILLO
Adaptado de *O Globo*, 19/09/2010

No mundo contemporâneo, países socialistas viveram situações de crise, contornadas por meio da promoção de reformas, como as mencionadas no texto.

Aponte um princípio comum à Nova Política Econômica e à Perestroika. Em seguida, indique o principal resultado de cada uma dessas políticas promovidas pelo governo soviético.

- 06| FUVEST** Em outubro de 1949, Mao Tsé Tung, derrotando os nacionalistas, proclamou a República Popular da China.

Mostre a importância desse fato no interior do chamado campo socialista.

- 07| FUVEST** Qual o significado da expressão “guerra fria” e a que período da história das relações internacionais ela se refere?

- 08| FUVEST** A era de paz e cooperação, que muitos esperavam se seguiria à vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, não resistiu até o final dos anos de 1940, tendo sido substituída pela “guerra fria”, entre as grandes potências, e por “guerras quentes” localizadas.

Considerando a “guerra fria”,

- A** explique as divergências fundamentais entre as grandes potências;
- B** relacione a “guerra fria” com um conflito de “guerra quente”.

T ENEM E VESTIBULARES

- 01| EFOA** O vasto império colonial português na África, cujas origens se encontram na expansão ultramarina no século XV, começou a ruir a partir da década de 50 do século XX, quando suas colônias iniciam as lutas pela independência. Esse processo estava associado ao fim do Imperialismo e do Colonialismo, com a emancipação das colônias européias na África e na Ásia.

Dentre as opções abaixo, assinale aquela que NÃO está diretamente associada ao fim do Imperialismo e do Colonialismo afro-asiático:

- A** A ampliação do poder econômico e político dos Estados Unidos e da União Soviética.
- B** As transformações políticas, econômicas, sociais e ideológicas causadas pela Segunda Grande Guerra.
- C** A ampliação dos movimentos de caráter nacionalista.
- D** O declínio da hegemonia européia iniciado na Primeira Guerra Mundial.
- E** As pressões da China comunista pela ampliação de sua área de influência na Ásia e na África ocidental.

02 | FATEC Sobre a “Primavera de Praga”, considere as seguintes afirmações:

- I. Em janeiro de 1968, após manifestações de trabalhadores, intelectuais e estudantes, assumiu o poder Alexandre Dubcek, que implantou rapidamente uma série de reformas.
- II. O novo programa do Partido Comunista propunha uma nova postura ao partido, a de orientador e não depositor da linha política. Dubcek sintetizava sua proposta no slogan: “Socialismo humanizado”.
- III. Os presidentes Tito, da Iugoslávia, Ceausescu da Romênia e o governo da União Soviética imediatamente se uniram contra a Tchecoslováquia. Alegando que ela caminhava para o retorno ao capitalismo, as tropas do Pacto de Varsóvia invadiram o país em agosto de 1968.

Devemos afirmar que:

- A** somente a I é correta.
- B** somente a I e a II estão corretas.
- C** somente a I e a III estão corretas.
- D** somente a II e a III estão corretas.
- E** todas estão corretas.

03 | FUVEST Na década de 1950, dois países islâmicos tomaram decisões importantes: em 1951, o governo iraniano de Mossadegh decreta a nacionalização do petróleo, em 1956, o presidente egípcio, Nasser, anuncia a nacionalização do canal de Suez. Esses fatos estão associados:

- A** às lutas dos países islâmicos para se livrarem da dominação das potências Ocidentais.
- B** ao combate dos países árabes contra o domínio militar norte-americano na região
- C** à política nacionalista do Irã e do Egito decorrente de uma concepção religiosa fundamentalista.
- D** aos acordos dos países árabes com o bloco soviético, visando à destruição do Estado de Israel.
- E** à organização de um Estado unificado, controlado por religiosos islâmicos sunitas.

04 | PUCAMP “... inspirado por razões humanitárias e pela vontade de defender uma certa concepção de vida ameaçada pelo comunismo, constitui também o meio mais eficaz de alargar e consolidar a influência norte-americana no mundo, um dos maiores instrumentos de sua expansão (...) tem por consequência imediata consolidar

os dois blocos e aprofundar o abismo que separava o mundo comunista e o Ocidente...”

“... as partes estão de acordo em que um ataque armado contra uma ou mais delas na Europa ou na América do Norte deve ser considerado uma agressão contra todas; e, conseqüentemente, concordam que, se tal agressão ocorrer, cada uma delas (...) auxiliará a parte ou as partes assim agredidas (...)”

Os textos identificam, respectivamente:

- A** A Doutrina Monroe e a Organização das Nações Unidas (ONU).
- B** O Plano Marshall e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).
- C** O Pacto de Varsóvia e a Comunidade Econômica Européia (CEE).
- D** O Pacto do Rio de Janeiro e o Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON).
- E** A Conferência do Cairo e a Organização dos Estados Americanos (OEA).

05 | UCPEL Em 1989, os regimes socialistas do leste europeu que integravam o bloco soviético desmoronaram, fato que levou Francis Fukuyama a afirmar em um artigo jornalístico que era o “fim da história”.

De acordo com Fukuyama, esta expressão significa:

- A** uma interpretação dissimulada e equivocada do pensamento filosófico de Hegel.
- B** o fim do enfrentamento entre as ideologias capitalistas e socialistas e o triunfo final do capitalismo.
- C** o fracasso do golpe de Boris Ieltsin e o término do socialismo estadista em decorrência do desmembramento da URSS.
- D** o fim de grandes acontecimentos, como guerras, que viessem a abalar a manutenção da paz mundial.
- E** a vitória da democracia liberal do oriente após o término do episódio denominado guerra fria.

06 | UECE Observe a seguinte notícia a respeito da atualidade:

“O Papa João Paulo II denunciou ontem as conseqüências ‘negativas’ da ‘globalização econômica mundial’ em detrimento dos mais pobres”.

Fonte: Jornal O POVO, 12 set. 1999, p. 2-A.

Conseqüentemente, é correto afirmar que:

- A** a crítica apresentada confirma a retomada, pela Igreja Católica, das diretrizes da Teologia da Libertação, como tentativa de ampliar o seu espaço.
- B** a posição papal resulta de sua nacionalidade, que o faz simpatizar com a idéia de solidariedade social, presente no antigo regime comunista da Polônia
- C** o juízo crítico do Papa, apesar da repercussão que lhe é conferida, pelos meios de comunicação, representa uma simples advertência
- D** a neutralidade do Papa em relação aos regime políticos, existentes na atualidade, lhe garante uma função conciliadora superior à usufruída pela O.N.U.

07| PUC Após o término da Segunda Guerra Mundial, o governo norte-americano lançou o Plano Marshall, que se constituiu em uma manobra estratégica fundamental no interior da Guerra Fria.

Este plano visava a:

- A** garantir, aos norte-americanos, o fim das hostilidades entre o Vietnã do Sul e o Vietnã do Norte.
- B** obter a vitória, no Senado, dos republicanos, os quais defendiam o retorno do isolacionismo norte-americano em relação às guerras na Europa.
- C** assegurar a livre penetração dos capitais norte-americanos no continente europeu e nos países da Europa Oriental.
- D** difundir uma doutrina político-ideológica que alertasse quanto ao perigo do macartismo na década de 50, nos Estados Unidos.
- E** estabelecer a “coexistência pacífica” entre os Estados Unidos e os países do Leste Europeu, através da política de investimentos no bloco soviético.

08| PUC Considere o texto abaixo.

“No caso da Guatemala em 1954, (...) teria sido difícil – de fato ridículo – para o governo norte-americano alegar que os Estados Unidos estavam ameaçados de destruição porque um governo reformista moderado (...) tentou expropriar terras inexploradas da United Fruit Company para transferi-las para camponeses miseráveis (...). Mas as coisas apareceram a uma nova luz quando o governo Eisenhower anunciou que a Guatemala era simplesmente um posto avançado da Internacional Comunista, uma base avançada para uma superpotência (...), armada nuclearmente e com amplo recorde de brutalidade (...). Quando a URSS invadiu a Hungria dois anos depois, ela recorreu a uma retórica essencialmente igual. Os líderes

soviéticos não tiveram nem a originalidade de mudar o registro; a doutrina de Krushev foi simplesmente uma transposição da doutrina de Eisenhower.”

(CHOMSKY, Noam. “Armas estratégicas, guerra fria e terceiro mundo”. In: THOMPSON, E. Exterminismo e guerra fria. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 189-92.)

Considerando o contexto internacional de pós-Guerra, os dois fatos comentados no texto permitem que se note a utilização ideológica da Guerra Fria para justificar:

- A** a expansão do mercado para as indústrias de capital privado das duas superpotências em países do Terceiro Mundo.
- B** as agressões intervencionistas diretas das superpotências, efetivadas no interior de seus respectivos blocos de poder.
- C** a aplicação, pelas superpotências, contra o bloco oposto, de doutrinas políticas baseadas explicitamente na idéia de superioridade racial.
- D** a necessidade de negociação política no interior de cada bloco de poder para harmonizar interesses militares e econômicos.
- E** a adoção de políticas coordenadas entre as duas superpotências, para limitar o potencial dos sistemas militares no interior dos respectivos blocos de poder.

09| PUC A Iugoslávia manteve-se unificada desde o final da II Guerra Mundial pela liderança forte do Marechal Josef Broz Tito. As diferenças reprimidas durante a ditadura do Marechal Tito explodiram após a sua morte, com a fragmentação da Iugoslávia em várias repúblicas. Estão relacionados a esse processo de fragmentação os conflitos na Bósnia, entre 1992-1995, e no Kosovo, entre 1999-2000, que contaram com a mediação diplomática e, posteriormente, com a intervenção militar da ONU para sua resolução.

A origem desses conflitos está relacionada com reivindicações de caráter:

- A** econômico, pois a região é dotada de ricas jazidas de petróleo e minérios.
- B** militar, pois a região é estratégica como teatro de operações para a OTAN.
- C** econômico, pois a região é estratégica para os investimentos do capital multinacional europeu.
- D** nacionalista, pois a região reúne grupos de diferentes etnias e religiões, que buscam autonomia.
- E** militar, pois a região é estratégica para a CEI na manutenção do Pacto de Varsóvia.

10| PUC Na esteira da ascensão dos movimentos totalitários na Europa do entre-guerras, Antônio de Oliveira Salazar, apoiado pela União Nacional, instaura a ditadura em Portugal ao tornar-se chefe do governo, em julho de 1932. A constituição outorgada no ano seguinte organizaria o Estado Novo, que adota as medidas típicas das ordens fascistas do contexto.

Entre tais medidas **NÃO** se pode citar:

- A** o estabelecimento do partido único.
- B** a proibição de greves.
- C** a criação da polícia política.
- D** a extinção dos meios de propaganda de massa.
- E** a articulação de sindicatos corporativos.

11| UERJ Um dos importantes episódios da Guerra Fria foi a Guerra da Coreia, de 1950 a 1953. Ao seu fim, a divisão do mundo em dois blocos de influência dominantes ficou mais bem delineada. tal definição se consolidou com a criação do seguinte acordo internacional:

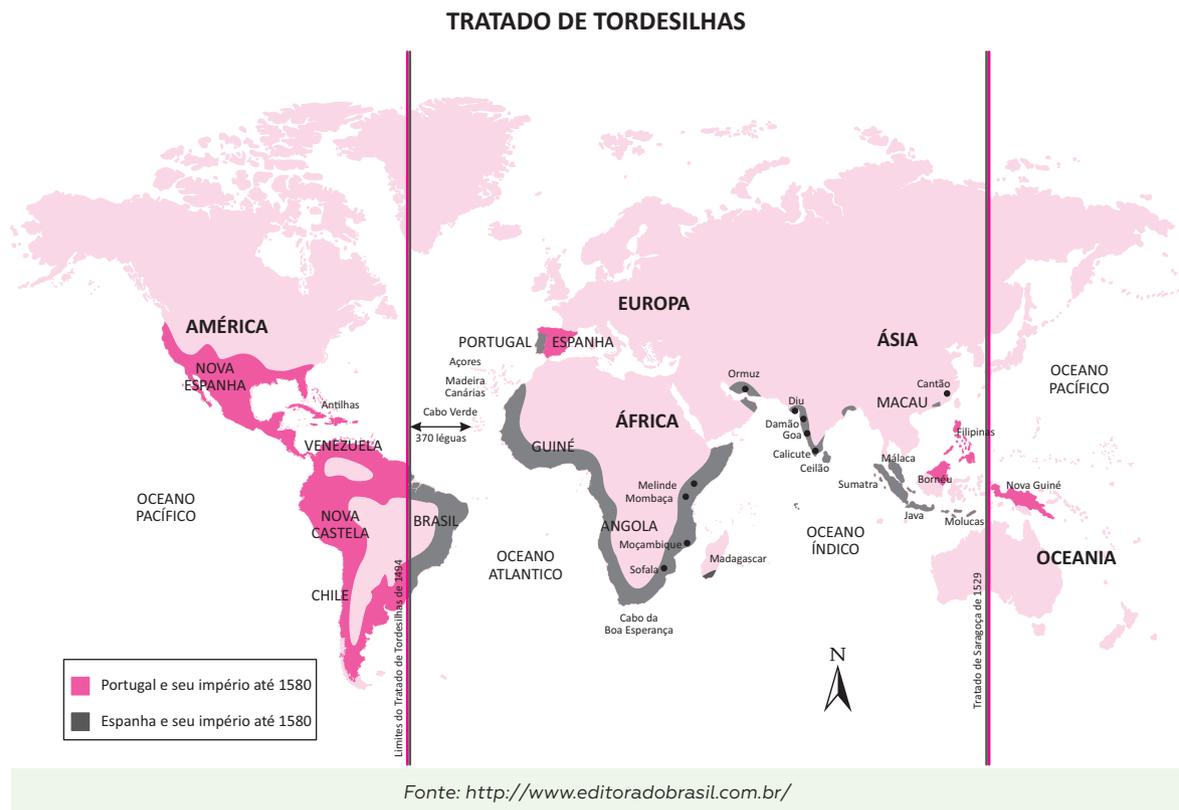
- A** Pacto de Varsóvia como contrapartida da OTAN
- B** OLP em oposição ao Estado de Israel
- C** OUA em oposição ao APARTHEID
- D** ALALC em contrapartida ao MCE
- E** Liga Árabe em oposição à ONU

12| UFF Escolha, a opção que indica corretamente algumas das conseqüências da Guerra da Coreia (1950-1953) para a própria Coreia:

- A** O Japão teve de retirar-se da Coreia – que ocupava desde 1910 – e os coreanos proclamaram sua independência.
- B** O presidente da Coreia do Sul, Singman-Ri, renunciou por não aceitar as condições do armistício que concluiu a guerra.
- C** Os chineses ocuparam a Coreia do Norte e os Estados Unidos fizeram o mesmo na Coreia do Sul, por decisão do armistício de 1953.
- D** O armistício que pôs fim à guerra manteve a divisão do país, decidida em 1945; a fronteira entre Coreia do Norte e Coreia do Sul transformou-se em zona desmilitarizada.
- E** A China, que recomeçara desde 1985 a independência da Coreia, recuperou a península coreana após o término da guerra de 1950-1953.

FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO – ENTRE 1494-1889

A formação do Brasil inicia-se com a divisão regional do mundo entre Portugueses e Espanhóis, em um acordo denominado de Tratado de Tordesilhas. Ele consistia em uma linha longitudinal que dividiu o mundo em dois hemisférios: ocidental e o oriental. Coube aos portugueses o controle de rotas de comércio e a colonização do hemisfério oriental e aos espanhóis, o hemisfério ocidental.



- Observe o mapa colonial – O tratado de Tordesilhas e a divisão da América (1494).
- As terras Portuguesas e sua divisão com a Espanha – A partir do Tratado de Saragoça (1529).

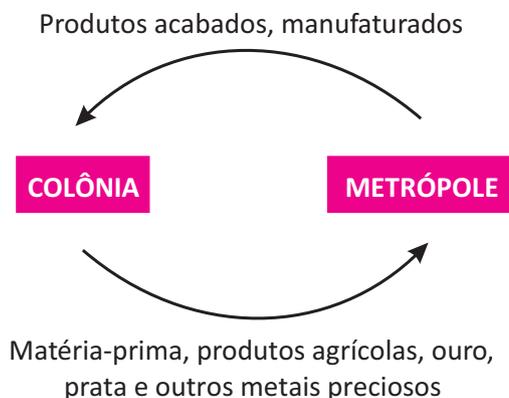
Os portugueses foram pioneiros na expansão marítima e comercial na Europa, posto que são considerados os que iniciaram o processo de globalização no mundo tanto econômica, quanto culturalmente. Esse processo é estabelecido pela conquista da cidade de Ceuta na costa norte da África, reino do Marrocos em 1415, sendo uma marca para o mundo ocidental.

Esse feito foi possível por meio do desenvolvimento tecnológico e matemático, da construção de navios como caravelas e naus, não obstante da universidade de Coimbra e da escola de Sagres, além das oficinas de marcenaria/carpintaria e construção, tendo esse conhecimento transmitido oralmente do mestre para o seu discípulo. Instituições que se beneficiaram com estabilidade social e econômica do reino na virada do século XIV para o XV.

A situação social e econômica portuguesa baseava-se no extrativismo vegetal e mineral e de especiarias: pimenta do reino, cravo, noz-moscada, canela, açúcar entre outras, juntamente ao comércio de manufaturas produzidas em oficinas, localizadas no reino (em Portugal), que era denominado de Metrópole. O comércio realizava-se com a Europa e com outras regiões do mundo, em especial com as Índias, a costa africana, golfo pérsico, a China e o Japão.

O Brasil é fruto desse processo expansionista português e ibérico, não obstante como parte do processo da reconquista cristã dos territórios muçulmanos da península ibérica, e da conquista do continente americano pelos espanhóis, ambos no ano de 1492 e da expansão portuguesa nas terras do subcontinente indiano e dos mares que o cercaia.

O esquema abaixo representa o sistema colonial implantado pelos europeus no mundo, iniciado pelos portugueses e espanhóis. Sendo considerado a velha Divisão Internacional do Trabalho, final do século XV a meados do século XIX.



A função inicial das terras brasileiras permanecia na região litorânea, na costa, durante o século XVI, destinando-se ao abastecimento dos navios, com alimento e água, não só portugueses, mas espanhóis e franceses. Comercialmente servia como um território preenchido de feitorias no seu litoral, principalmente nas ilhas, devido à dificuldade de se ocupar e conquistar o território povoado pelas nações tupis e tapuias.

O comércio da madeira com alto valor de pigmentação, nomeada de Pau-Brasil, era utilizado para a produção de móveis e em tinturas de tecidos, com alto valor monetário agregado, em Portugal e na região de Flandres, da França e atual Bélgica/Holanda. Foi o primeiro produto fornecido do território brasileiro, extraído da floresta tropical atlântica, no capitalismo mercantil, característico da primeira expansão do capitalismo comercial das chamadas grandes descobertas e das viagens marítimas (1415 – 1930).

A primeira expedição destinada na apropriação do território português na América ocorre em 1500, por parte de Pedro Álvares Cabral, que comandava a mando de Dom Manuel I, rei de Portugal, uma esquadra às Índias na conquista das cidades de Calicuti e Diu, sendo conhecida na historiografia portuguesa como Guerras Índicas.

EXPEDIÇÕES E ECONOMIAS COLONIAIS – OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

A ocupação portuguesa no território do Brasil inicia-se no litoral com a construção de fortes e entrepostos comerciais, entre os anos de 1500 a 1800. A interiorização territorial se dá inicialmente com as expedições de reconhecimento e mapeamento, promovendo a classificação da terra e de suas características geográficas.

Não obstante, essas expedições eram compreendidas de empresas, cujo objetivo era aprisionar nativos para o trabalho compulsório (escravo) nas fazendas que se formavam no litoral, na produção canaveira e na criação de muars (tropas), na pecuária, ainda incipiente (boiadas), principalmente entre os anos de 1560-1780.

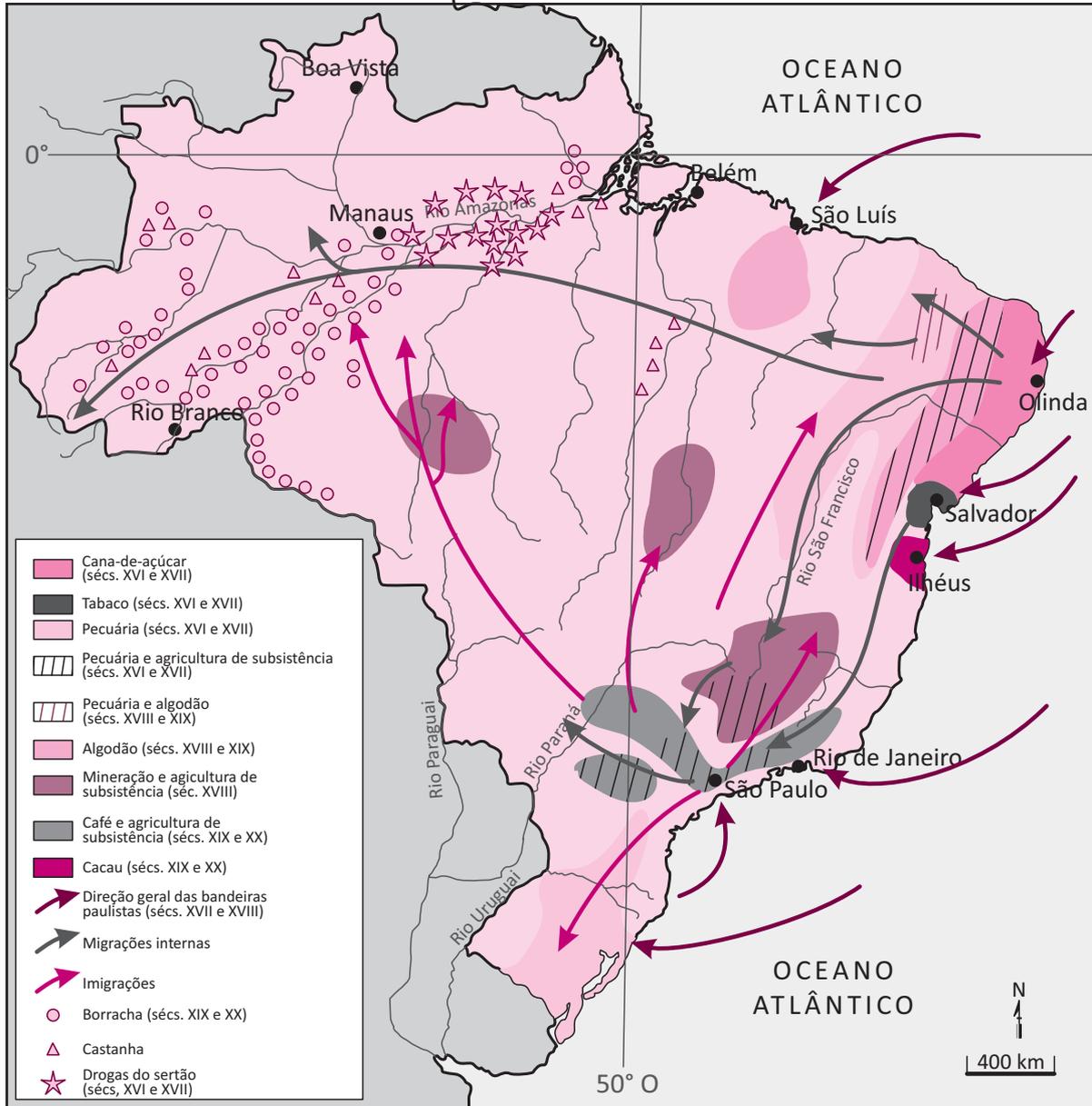
As expedições eram de várias ordens: as entradas se realizavam concomitantemente às bandeiras e descidas, cujo foco estava no reconhecimento do território americano do Brasil e no contato com diversos povos e nações indígenas do interior, das regiões denominadas de sertanejas. Essas expedições vinham principalmente de Pernambuco, Bahia e São Paulo para as regiões de Goiás e Mato Grosso. O marco dessas ações foi a Guerra Justa, no sertão nordestino, entre colonos e as nações nativas (os Cariris e Patachós), entre 1660 a 1700.

As descidas eram ações expedicionárias organizadas pelas ordens religiosas, cujo vetor se direcionava às regiões centrais, como Goiás, bem como para a bacia amazônica, subindo os afluentes e os canais principais da região. Tinha como objetivo a catequização e aldeamento dos povos nativos em pequenas vilas, arraiais e povoados comandados por um chefe indígena e um missionário.

Muitos desses núcleos e povoações é a origem de muitas cidades amazônicas e da rede urbana dos séculos posteriores, os quais existem atualmente.

As bandeiras mais comuns no século XVII e XVIII visavam à descoberta de minerais preciosos como o ouro, e pedras preciosas: diamante e esmeraldas entre outros, mas também realizavam a captura e o arrasamento de aldeias inteiras de vários povos nativos do interior, principalmente dos tupis, guaranis e posteriormente dos grupos Jê (como os Caiapós, Karajás e Xavantes), do atual Brasil Central.

As bandeiras se movimentavam principalmente no sentido sul-norte, organizadas por fazendeiros e capitães-militares da vila São Vicente (atual cidade de São Paulo).



Fonte: Atlas histórico escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

- A migração de populações livres, nativas e escravizadas seguem o fluxo das expedições, expandindo a população e povoando o território, direta e indiretamente.
- As bandeiras eram observadas como milícias que vigiavam e “protegiam” o território dos avanços dos nativos e ataques de corsários.

As expedições foram responsáveis em reconhecer o território colonial e ocorreram sincronizadas à inserção econômica do Brasil com a metrópole portuguesa, administrado como uma empresa e indústria pelos colonizadores. Houve um regime de divisão e controle da produção de mercadorias, notadamente matérias-primas, sendo o açúcar a principal mercadoria produzida na colônia.

O açúcar era o único produto na colônia que cumpria com todas as etapas de um produto manufaturado fora da metrópole (o reino). Logo, o engenho foi a primeira unidade fabril estabelecida no território brasileiro. Essa economia formava uma cadeia produtiva como a procura de mão-de-obra (escrava, mais barata que empregar pessoas livres, e sendo mais abundante), de alimentos (produzidos nas fazendas) para os trabalhadores (trabalho compulsório). Com o enriquecimento dos senhores de engenho, ocorre a procura por artigos de luxo, como rendas, seda oriental, azulejos e peças de porcelana e prata.

A economia açucareira localiza-se inicialmente no atual nordeste, em particular no litoral, que se estendia de Salvador a São Luiz do Maranhão. As principais vilas e cidades formadas a partir dessa economia foram Recife, Olinda, Fortaleza, Salvador, Natal, Maceió e São Luiz. Todas atualmente são capitais dos estados da região.

A economia colonial brasileira segue ciclos de produção e etapas que concordam com a ocupação portuguesa no seu território, associada com as disputas, necessidades e transformações ocorridas na Europa.

A economia da pecuária será responsável, juntamente das expedições e da mineração no século XVIII, pela interiorização do território colonial e pela absorção de grandes áreas para o império português, transpassando os limites do Tratado de Tordesilhas, principalmente devido à união ibérica (1580-1640).

A pecuária é introduzida a partir do atual nordeste, seguindo o São Francisco, denominado posteriormente de rio dos currais. Essa região, por predominar chapadas e serras com profundos vales, terá na atualidade uma grande quantidade de quilombos, povoações formadas a partir da resistência à escravidão por parte dos negros africanos e brasileiros.

Da pecuária formava-se uma indústria simples, pois do bovino retirava-se o couro para fabricação de chapéus, botas, cintos, cordas, jaquetas e calças além de outros utensílios. Obtinha-se também a carne, para a fabricação do charque (carne salgada e exposta ao sereno da noite), o sebo, entre outras.

O atual norte brasileiro foi ocupado por fortes militares, como o de Belém, atual capital do estado do Pará e o de Manaus, capital do Amazonas. Justaposto aos militares às organizações religiosas, como as dos jesuítas, realizaram-se as descidas nos rios da região, formando os aldeamentos indígenas, dando início à uma teia de cidades da bacia amazônica na atualidade.

Os religiosos desenvolvem uma economia a partir do aldeamento indígena e do conhecimento empírico deles sobre o território. A partir do trabalho compulsório haverá a coleta de produtos naturais, como castanhas, seivas, fibras naturais da região, denominadas de drogas do sertão. Elas eram utilizadas, principalmente, pelas manufaturas francesas na fabricação de cosméticos. No sul do país, na bacia do rio Prata-Paraná, os religiosos (jesuítas em sua maioria) repetiram a estrutura que ocorre no norte, produzindo pequenas manufaturas, trabalho em ferro e produção da erva mate.

Porém, foi com a mineração, localizada principalmente na porção central da colônia – Goiás-Tocantins, Mato Grosso e Minas Gerais (atual), que se formou uma imagem e identidade de brasileiro autônomo em relação ao português.

Essa economia produzirá o primeiro sistema urbano colonial, constituindo uma malha urbana, de vilas, arraiais e cidades, com seus serviços de correspondência, de policiamento, a formação dos arrabaldes (atuais subúrbios e periferias). Elas, em sua maioria, foram construídas a partir da nova planta urbanística de Lisboa, que devido ao terremoto de 1755, foi reconstruída com o ouro extraído da colônia americana.

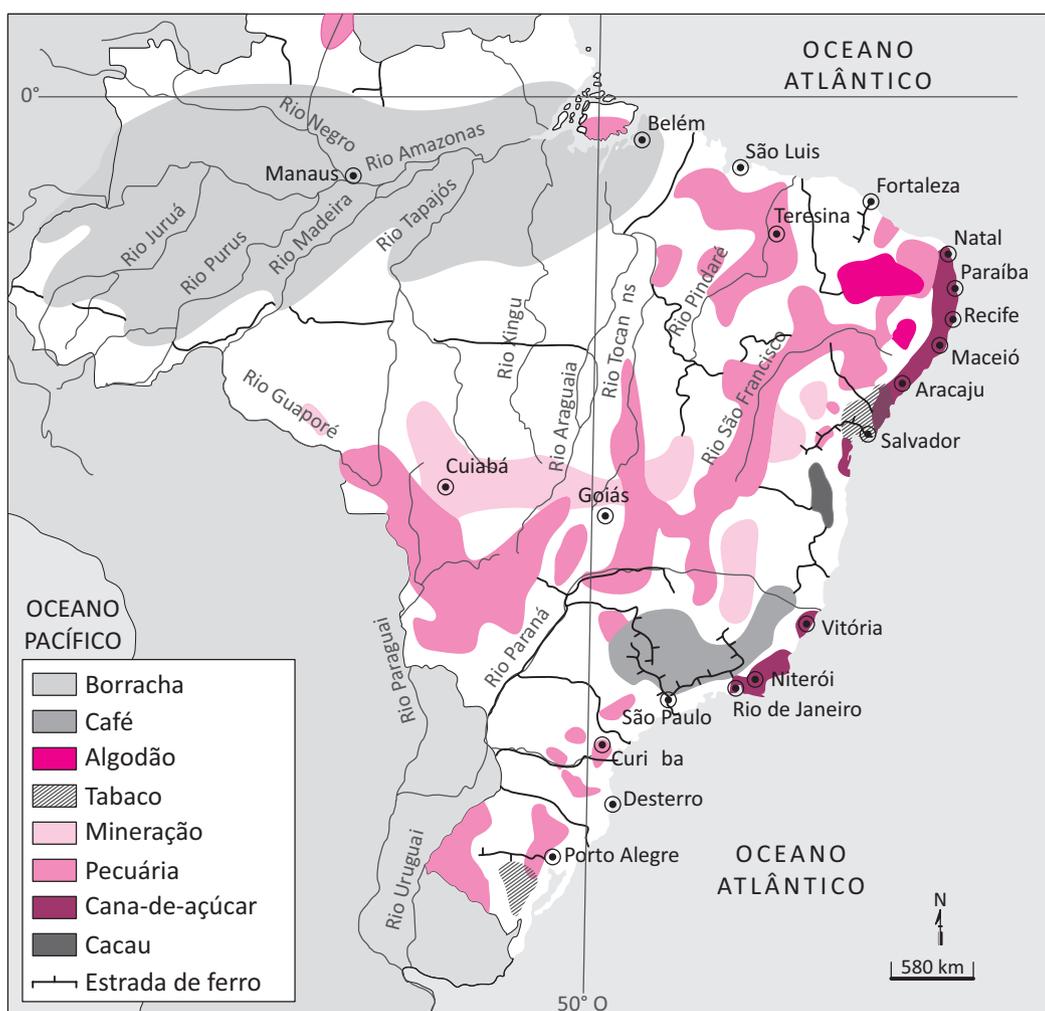
Com o programa de urbanização das vilas e arraiais a partir da notícia do ouro, se estabelece o aumento da população colonial juntamente da demanda por gêneros alimentícios e manufaturados, forçando a coroa (metrópole) a permitir pequenas manufaturas a serem produzidas na colônia.

Com aumento demográfico ocorre uma integração entre as hinterlândias, as chamadas ilhas de povoamento das capitânicas, bem como o extermínio sistemático de nativos, ocupação de suas terras e a proibição de outro idioma que não fosse o português reinol.

A economia mineira requisitará uma mão-de-obra excedente e intensa, porquanto o trabalho escravo nas minas não permitia a sobrevivência de um ser humano por mais de dez anos.

Essa economia provoca uma integração cada vez mais dependente da economia de Angola, colônia portuguesa na costa africana do atlântico sul, responsável em consumir produtos semimanufaturados do Brasil. Além de ter os maiores portos de venda de seres humanos para o trabalho escravo no império português e do hemisfério sul.

A mineração tem um ciclo de cem anos aproximadamente, entre os anos de 1680 a 1780, o Brasil produz a metade de todo ouro conhecido no mundo do período. Seu esgotamento, enquanto ciclo econômico se estabelece no final do século XVIII.



Fonte: Atlas histórico escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

- É observável que há mais 300 anos de economia colonial presente no mapa (1530-1890), enquanto há uma releitura desses acontecimentos.
- No mapa é possível ver a distribuição espacial das economias coloniais no atual território nacional.

A mineração fixa o sítio do império português nos territórios além do tração por Tordesilhas, provocando a reivindicação lusitana sobre esses territórios, a partir do artifício jurídico *Utis Possidetis*. Tal fato dá origem a diversos conflitos internacionais na América e na Europa. Além de diversos tratados internacionais redefinindo os limites fronteiriços do atual Brasil.

O TERRITÓRIO LEGALIZADO: OS TRATADOS

Como já foi exposto no início, o Tratado de Tordesilhas (1494) definiu as áreas de domínio do mundo extra-europeu dos reinos de Portugal e Espanha em particular, os primeiros limites do Brasil e do continente americano. Com a união ibérica os colonos portugueses adentram o território do novo continente anulando esse primeiro tratado.

Com a separação de Portugal da união, em 1640, exige-se uma nova redefinição das fronteiras coloniais das duas Metrópoles – Espanha e Portugal. O primeiro tratado que surge nesse âmbito é o Tratado de Lisboa (1681).

Nesse acordo se realizou a devolução da Colônia do Sacramento (parte do Uruguai e Argentina atualmente), ocupada pelos espanhóis no ano de sua fundação (1680) para a coroa portuguesa. O apoio da Inglaterra foi decisivo para Portugal conseguir essa vitória diplomática. A saída das forças espanholas só se dá efetivamente em 1683.

As disputas fronteiriças da colônia portuguesa ainda persistiam. Desde a expulsão dos holandeses do nordeste (1664), não havia mais invasões de outras metrópoles européias nas áreas já colonizadas e povoadas por portugueses e brasilistas (não havia o termo brasileiro antes de 1822).

Porém, nos limites do Vice-Reino do Maranhão (divisão administrativa do da colônia do Brasil), do atual Amapá, os franceses ocuparam a margem direita do Rio Amazonas.

Esse fato estabelecerá o primeiro Tratado de Utrecht entre Portugal e a França (1713), que impôs as fronteiras portuguesas do norte do Brasil: o rio Oiapoque, reconhecido como limite natural entre a Guiana (Francesa) e a Capitania do Cabo do Norte (Amapá). Essa questão voltará a ser uma contenda com as guerras napoleônicas (1800-1814), quando Portugal ocupa a Guiana (1808), devolvendo-a ao Reino da França em 1818.

Porém a questão será solucionada somente na República, em 1900, quando o arbítrio Suíço estabelece a fronteira entre a República Francesa e a Brasileira no atual rio Oiapoque.

Nesse mesmo ano, foi acordado o segundo Tratado de Utrecht, entre Portugal e Espanha (1715), que tratou da segunda devolução da Colônia de Sacramento (atual Uruguai e parte da Argentina) a Portugal. No caminho histórico da formação do Brasil, esses tratados não chegaram a definir a nossa imaginação espacial das fronteiras. O desenho atual estará próximo de se finalizar a partir do Tratado de Madri (1750), que será o principal para o Brasil no século XVIII.

Esse tratado redefiniu as fronteiras entre as Américas Portuguesa e Espanhola, anulando o estabelecido no Tratado de Tordesilhas. Portugal garantia o controle da maior parte da Bacia Amazônica, e do Brasil Central, região da mineração, enquanto a Espanha controlava a maior parte da bacia do Prata, região que transportava a prata das terras de Potosí, na atual Bolívia.

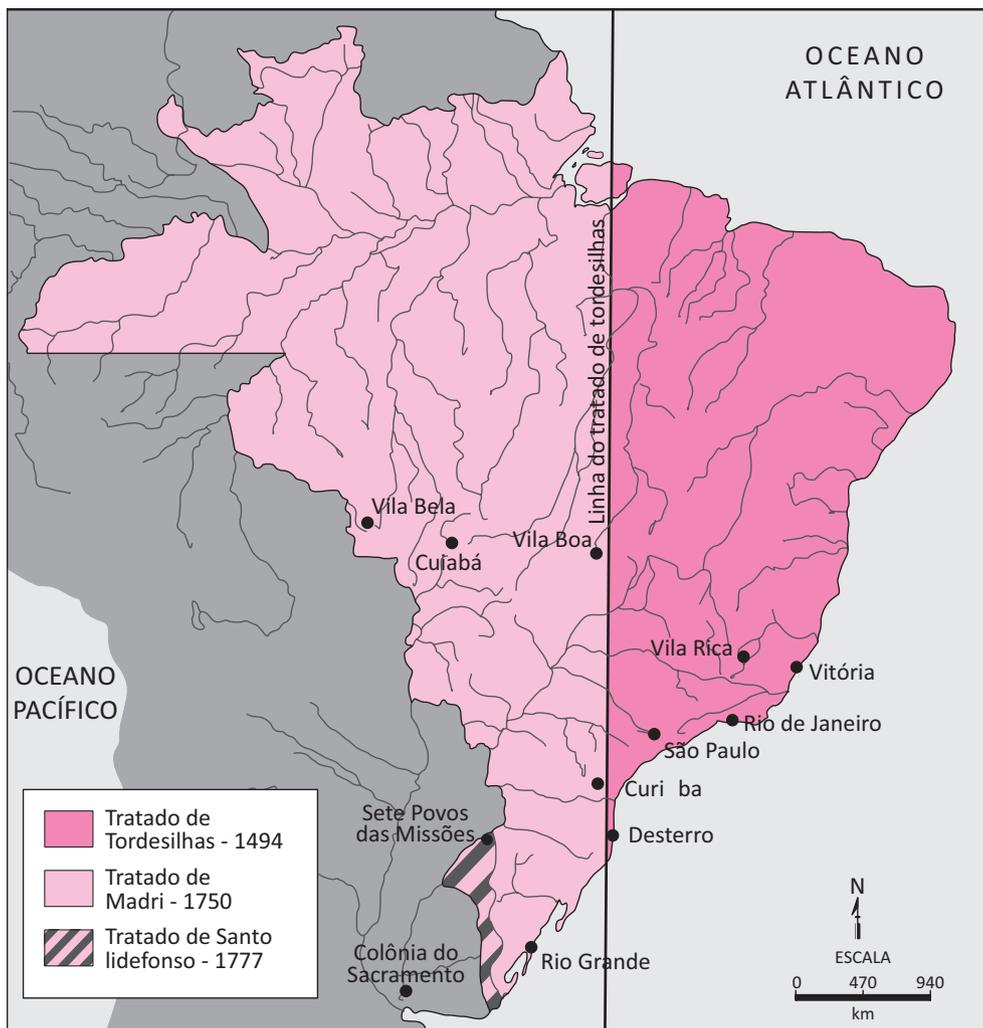
No Tratado o princípio do usucapião (*uti possidetis*), que quer dizer que a terra pertence a quem a ocupa, foi levado em consideração pela primeira vez, como já ressaltado. Depois do Tratado de Madri houve tanto avanços quanto recuos fronteiriços entre os dois territórios – espanhóis e portugueses. Notadamente foi firmado o Tratado de Santo Ildefonso (1777).

Ele confirmou o Tratado de Madri e devolveu a Portugal a ilha de Santa Catarina, ficando com a Espanha a Colônia de Sacramento e a região dos Sete Povos (Uruguai e oeste do Rio Grande do Sul atualmente), um recuo dos limites.

A contenda do século XVIII se finaliza com o Tratado de Badajós entre Portugal e Espanha (1801) novamente. Nesse tratado, Portugal incorporou definitivamente os Sete Povos das Missões ao Brasil, sendo um avanço.

As contendas fronteiriças do Brasil no continente, se findaram somente com o advento da República. Em particular entre os anos de 1892 a 1908. Sendo o Tratado de Petrópolis (1903) o de grande repercussão nacional, pois é negociado pelo Barão do Rio Branco com a Bolívia, com a incorporação como território da região do Acre, sendo o ponto ocidental mais extremo do país.

TRATADOS DE LIMITES



Fonte: José de Arruda e Nelson Pietti. Toda a História. 8. ed. São Paulo, Ática, 1997. p.226

- *Observe as transformações territoriais dos limites do Brasil – da colônia ao Império. Percebermos que a forma de espacial que conhecemos já está se definindo.*
- *As capitais (vilas) das capitanias brasileiras se mantêm, em sua maioria, como capitais dos estados atuais. Todas no período colonial foram planejadas pela Metrôpole.*

O IMPÉRIO DO BRASIL – CONTÍNUA INTERIORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Com a formação do Império do Brasil não há muitas transformações na estrutura social da população, pois se mantém o escravismo, o latifúndio, a relação da casa-grande e da senzala, bem como a desapropriação de terras dos sertanejos, principalmente depois da Lei de terras, de 1850, intensificando a formação de latifúndios e conflitos agrários nas décadas subsequentes. Essa lei é feita no mesmo ano em que há a lei do Ventre Livre e do fim do tráfico negreiro no Atlântico sul.

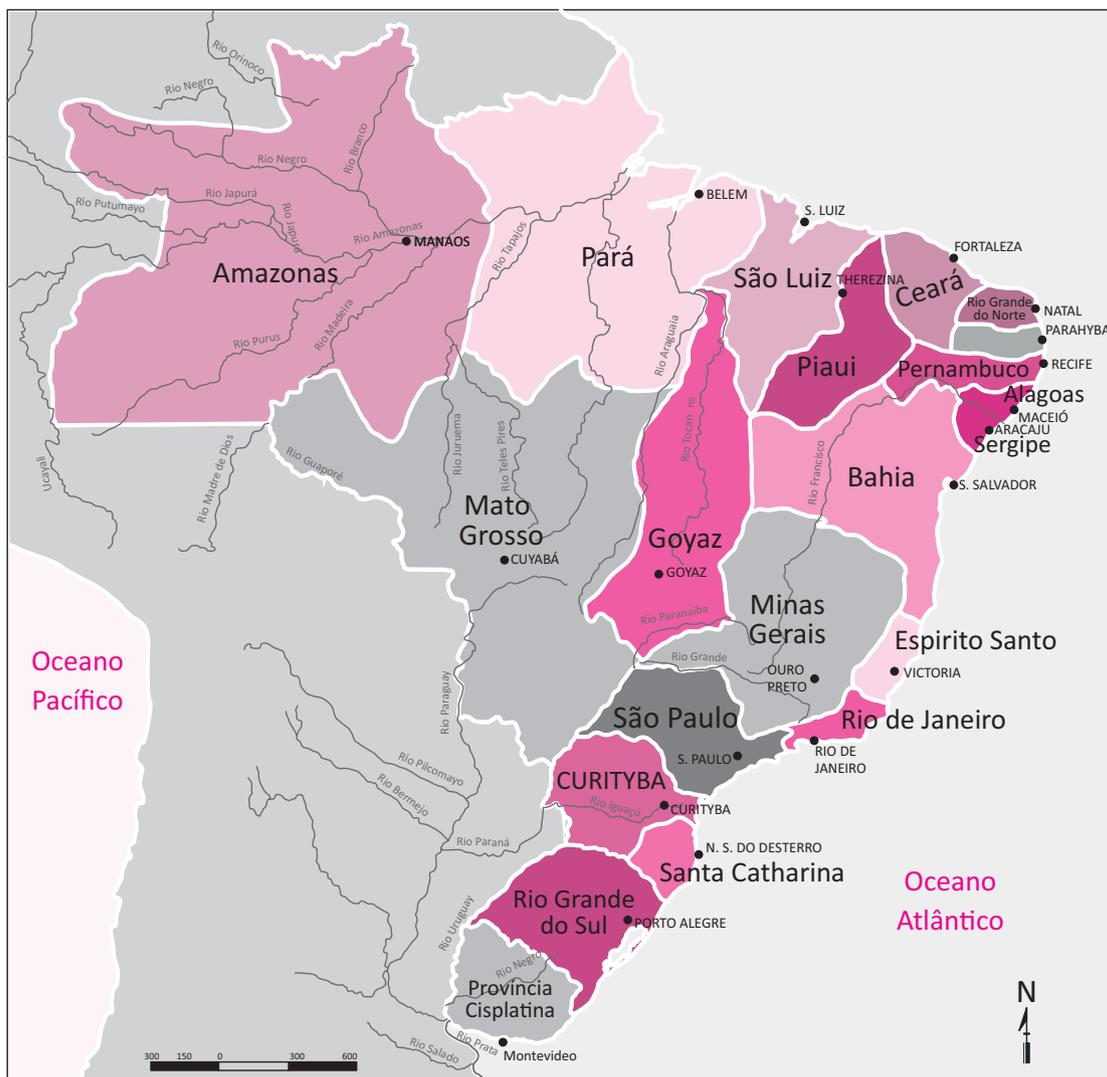
A economia do café substitui a produção de renda da mineração. Porém mantém-se o eixo econômico na região sul (atual sudeste). Porque com a intensificação da produção do ouro, houve a necessidade de fiscalizar a saída desse produto, logo se transfere a capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763. Com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808), e com a independência do Brasil (1822), a cidade torna-se sede da corte imperial.

O principal fato territorial do império é a separação do Uruguai, em 1828. As guerras provinciais (1835 a 1845) serão fundamentais na definição da forma e dos limites dos estados federados atualmente. Porquanto haverá a divisão e criação de novas províncias nesse período, como do Paraná, Maceió, Piauí e Rio Negro (atual Amazonas).

A Guerra do Paraguai não repercutirá tanto em questão de limites, senão na destruição do país vizinho, mas encontrará na estrutura social seu principal eco. Constitui o exército e a marinha como instituições ideológicas e produção de conhecimento concorrente ao Instituto Histórico Brasileiro (IHGB) e à monarquia.

O fato será relevante, pois os comandantes militares, a partir do positivismo científico, serão agentes que derrubaram a monarquia, com apoio dos barões do café, futuros industriais na década de 1930, por meio de um golpe, em 1889, logo após à lei

Áurea, que acabou com o escravismo no país, inaugurando o fim do Império e início do sistema Republicano.



Fonte: Mapa Império do Brasil – 1822. Cartógrafo: João Emilio Bien.
Org: Cristina Meneguello, 2014. Geoprocessamento e Cartografia: Giorgia Limnies, 2014.

- *Esse mapa representa a dimensão espacial dos limites do Brasil antes do ano de 1828. Onde se encontra ainda unido a província do Uruguai.*
- *Observe as províncias existentes no Império, até 1889 e seus limites.*

A REPÚBLICA E A CONFIGURAÇÃO INTERNA DO BRASIL

Com o advento da República no Brasil há uma mudança processual e conflituosa do funcionamento do estado e da formação da nação.

As décadas iniciais da república, 1889 a 1910, se caracterizarão com a expansão da malha ferroviária. Isso quis dizer que a ferrovia além de um meio para se realizar o transporte de mercadorias, pessoas e ideias, se constituía como um sistema de redes no território, em particular nas áreas cafeeicultoras e no litoral nordestino (antiga área açucareira). Ela conectava cidades, portos marítimos e fluviais, juntamente a terminais ferroviários da zona rural ou urbana.

A ferrovia e o transporte de cabotagem: navegação nos rios profundos e largos (São Francisco, Amazonas, Paraguai, Paraná, Tocantins-Araguaia, Tietê, Uruguai, Grande entre outros) tornam-se marcas desse período republicano.

Nesses anos iniciais não há um projeto nação que faz um planejamento público do país para o futuro, nem mesmo uma política pública de estado. Predominam os interesses familiares (oligárquicos), ligados ao campo, associados às grandes companhias mundiais. Isso ocorreu porque o estado se caracteriza como uma tendência mundial, de ser liberal e mínimo, como parte do capitalismo liberal.

Esse sistema econômico permitia a ação do setor privado, como as companhias (no Brasil prevaleceu a Light, Standard Oil, Ford, Railway Company Road, e diversos Bancos, entre outras estrangeiras) de realizarem obras e monopolizarem os três setores da economia – primário, secundário, terciário.

O destaque econômico das companhias se faz pela inexistência do setor público nesse período – 1889 – 1929, pois não havia instituições como universidades, senão escolas politécnicas privadas, poucas faculdades municipais, havia ainda a inexistência de hospitais públicos, institutos de estudos e análises sociais, bem como poucos ministérios e empresas estatais.

O estado brasileiro se configurava como a maioria dos estados mundiais não colonizados, servia somente para regular a ação econômica desses capitais e agentes privados, que se organizavam em companhias, muitas delas presididas pelos seus próprios donos e familiares.

A ação fiscalizadora frágil e a falta de entendimento social em relação às populações do campo e da cidade, por parte do Estado, produzirá a ocorrência de conflitos sociais.

Os principais conflitos ocorrem entre as companhias privadas e os habitantes locais, como a questão do Contestado, na fronteira do Paraná e Santa Catarina, entre os anos de 1900-1910, onde os agricultores entram em conflito armado com madeireiras e a Railway Company Road. Outros conflitos, além do campo, ocorrem na cidade, principalmente no Rio de Janeiro, como a Revolta da Vacina.

Outro aspecto desse período é a formação dos subúrbios nas grandes cidades: Rio de Janeiro, Recife, Salvador, São Paulo. Esses locais são produzidos por meio de reformas urbanas, aos moldes do urbanismo europeu e americano. Destruindo casas com estilo colonial simples e edifícios denominados de cortiço.

Essas reformas eram parte de uma ideologia e propaganda estatal oligárquica, que buscava dar a imagem de país moderno e civilizado, associado ao sanitarismo, porquanto as cidades brasileiras, por falta da saúde pública e preventiva, sofriam de epidemias de gripe, dengue, febre amarela, tifo, cólera, leishmaniose e outras patologias tropicais.

As reformas urbanas, além de produzir o subúrbio produzem um tipo de habitação denominando de favela. As pessoas que moravam nas centralidades são deslocadas de suas casas e desabrigadas, sendo forçadas a habitarem os morros periféricos e áreas longevas do distrito urbanizado. A maioria dessas pessoas era descendente ou ex-escravos, que saíam do campo para as cidades médias e grandes.

As cidades nesse período ganham o investimento no setor artístico como a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o Teatro Amazonas, além do setor hoteleiro e cassinos destinados ao turismo e à propaganda internacional do país.

O SURGIMENTO DO SETOR PÚBLICO E DO SETOR TERCIÁRIO – A REPÚBLICA NACIONAL DESENVOLVIMENTISTA

Com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, o sistema econômico do capitalismo liberal se desmancha, com isso a economia brasileira estruturada a partir da política do café, que beneficiava e indenizava prejuízos aos produtores, ou seja, aos *oligarcas do café* (*paulistas, fluminenses, mineiros*), também se desfaz.

Esse período republicano, característico pelas oligarquias e capitalismo liberal chegará ao fim (1929), por meio de um golpe, do mesmo modo como ela se iniciou. O golpe se realiza com as fraturas sociais e políticas no Estado.

Inicialmente é realizado a partir da aliança de diversos setores da sociedade como os militares, grupos oligárquicos periféricos no sistema político de partilha de recursos financeiros do Estado, grupos populares, como a frente negra, sertanejos, milicianos populares, intelectuais e tantos outros grupos.

A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO NAÇÃO – POLÍTICAS E AÇÕES

A partir dos anos de 1930 teremos a construção de um Estado e uma república nacionalista e centralizada. O que quer dizer isso?

Temos algumas características:

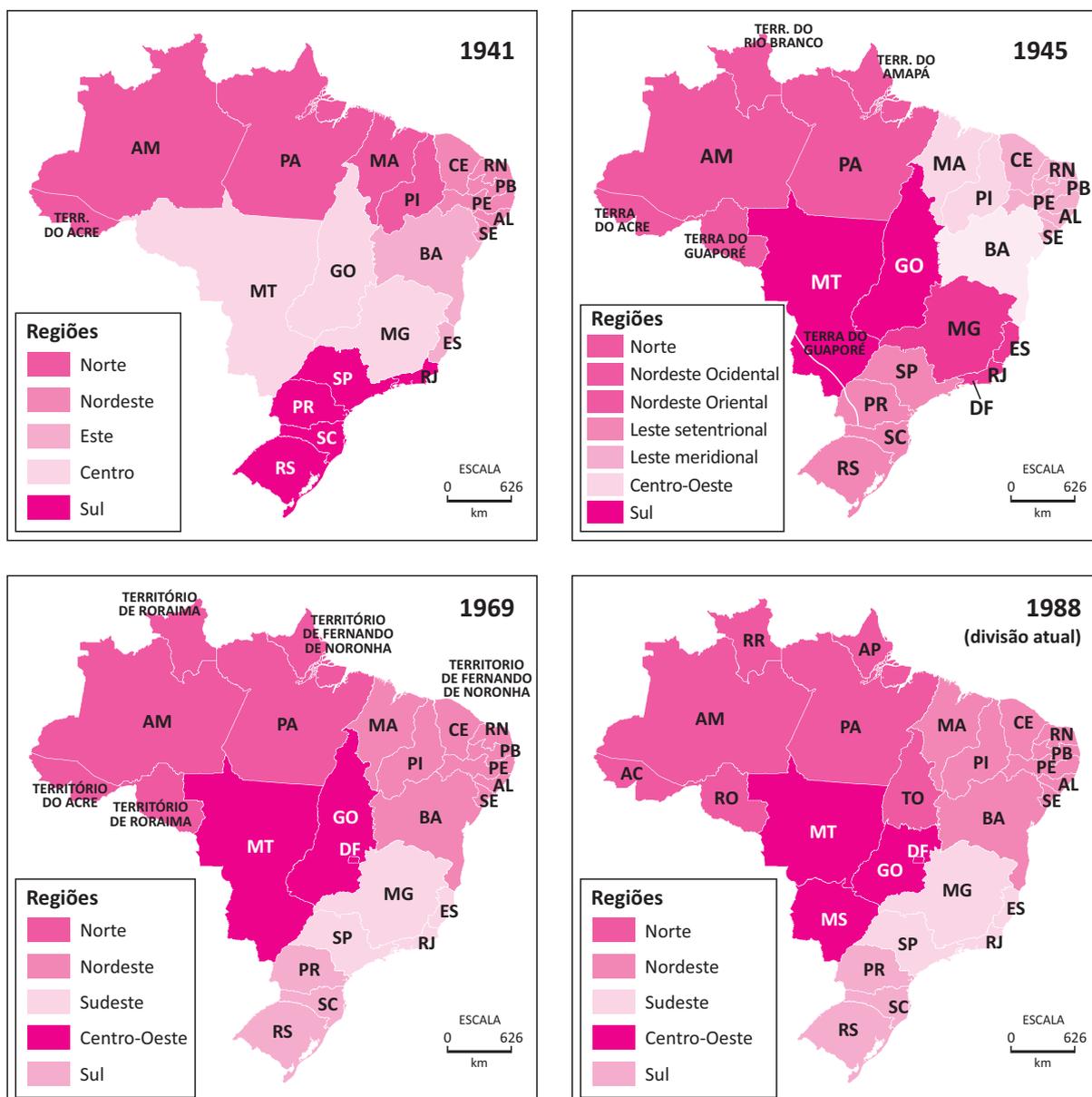
- Criação de instituições de ensino como as universidades, não havia faculdades no Brasil antes de 1930;
- Criação de instituições de pesquisa, o primeiro foi o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), posteriormente é criado o IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas);
- Criação de Empresas Estatais – Vale do Rio Doce, Petrobras, a Siderúrgica de Volta Redonda, Radiobras, Fábrica Nacional de Motores, entre tantas que foram criadas em três décadas (1930-1960);
- Além das instituições de pesquisa e ensino, houve a criação de cidades planejadas como Goiânia e Brasília, buscando integrar as regiões centrais do Brasil com o litoral;
- Houve uma política de proteção e integração dos povos nativos do Brasil na sociedade brasileira, a partir do Serviço de Proteção ao Índio, com as expedições do Brasil Central;
- Montagem de infraestrutura e instalação da indústria automobilística, indústria de base e de transformação, além de fábricas de torno e mecânica;
- No plano político o Brasil buscou ter uma política independente no plano internacional, sendo signatário de diversos tratados como o fim do colonialismo na África, Ásia e América.
- No plano econômico teremos a política de substituição de importação, que promoverá a industrialização do país a partir da criação de diversas empresas estatais como já referenciado;
- Haverá a regionalização do Brasil, a partir das pesquisas do IBGE, a metropolização e a industrialização das periferias das grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro;
- Criação de terras indígenas e parques ambientais;
- Crescimento das favelas em São Paulo proveniente do êxodo rural;
- O cenário internacional desse período é da Guerra Fria, que influenciará nas políticas internas e externas do Brasil, ocasionando as crises de 1960-1970, que provocarão a ruptura social e política do projeto de 1930, estabelecendo uma ditadura civil-militar a partir de 1964.

A DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL

Planejamento regional foi a base das diversas divisões regionais do IBGE sobre o Brasil. O país volta seu olhar para as questões internas, mediante a resolução até 1910, em relação às questões de limites em sua fronteira.

Foram essas as divisões regionais entre os anos de 1930 a 1989 no Brasil (os militares mantêm uma política regional advinda do nacional-desenvolvimentismo de 1930-1960).

As divisões regionais do IBGE que diferem das divisões econômicas do Brasil, totalizam quatro transformações até alcançar a situação atual:

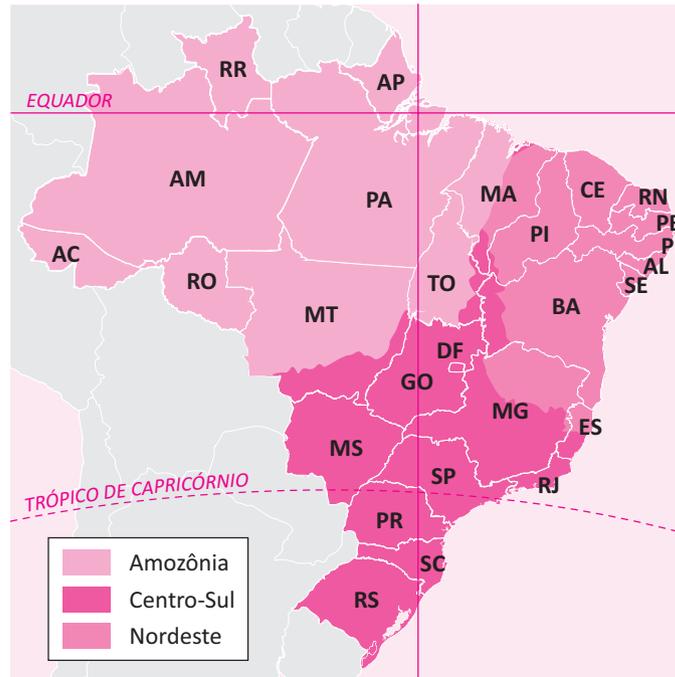


Fonte: IBGE. Anuário Estatístico do Brasil 1999.

As divisões do IBGE priorizam a questão ambiental e social no agrupamento dos Estados. As transformações regionais ocorrem pela transformação social e mudança espacial dos estados, como cultura e uso do sistema ambiental, que interferem na construção de critérios divisores. Outra questão que é prioritária na divisão regional é por estar ligada à administração pública do país.

A divisão do IBGE é uma divisão regional do país, cujo objetivo é a gestão do território e administração pública do país em macro-regiões. A que está em vigor atualmente utiliza o conceito de região homogênea (leva em consideração os fatores sociais, naturais e econômicos em um conjunto). Essa divisão está em vigor desde 1969. As mudanças foram a criação de 5 estados e diluição dos territórios federais.

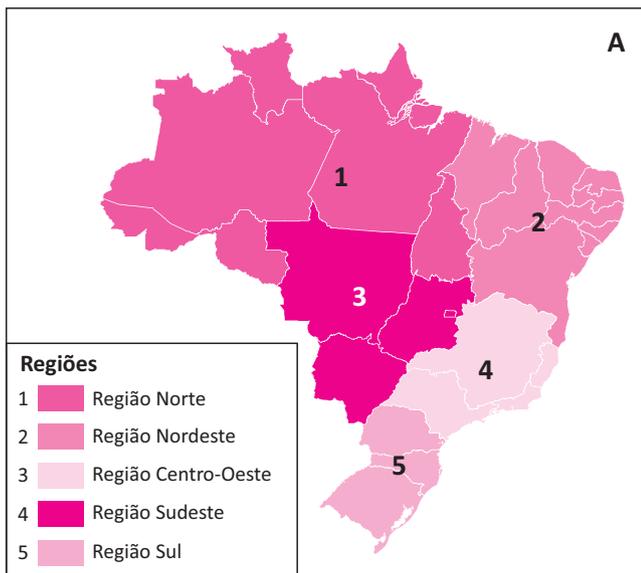
Outra forma de Divisão Regional utilizada é a das macro-regiões. Principalmente pelo setor de logística e liberal, por trazer os fatores locacionais (interferências dos lugares no rendimento de uma empresa ou de um setor da economia). Essa divisão promove um ordenamento territorial do país e a sua divisão por zonas econômicas:



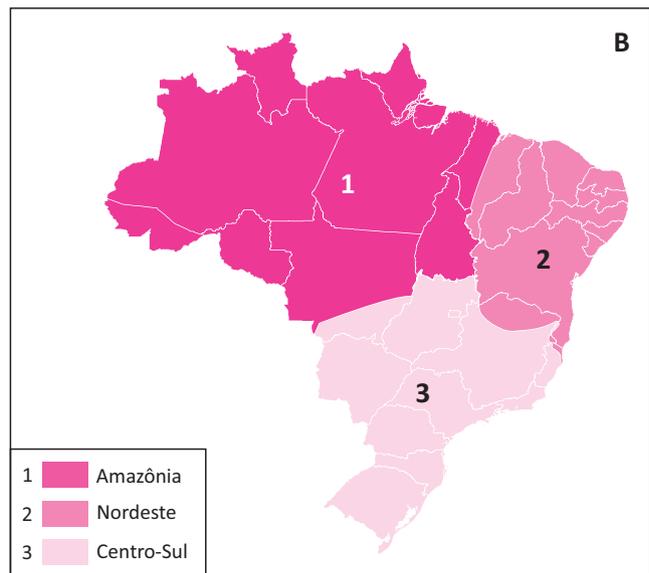
Essa divisão foi criada em 1967, pelo geógrafo Pedro Geiger, ela divide o Brasil em três complexos (zonas) ou macrorregiões geoeconômicas. Essa divisão advém da dinâmica econômica e social. Onde relaciona o dinamismo produtivo e a demanda consumidora.

Temos uma diferenciação entre a regionalização do IBGE e a de Geiger, que pode ser observada:

BRASIL: divisão regional



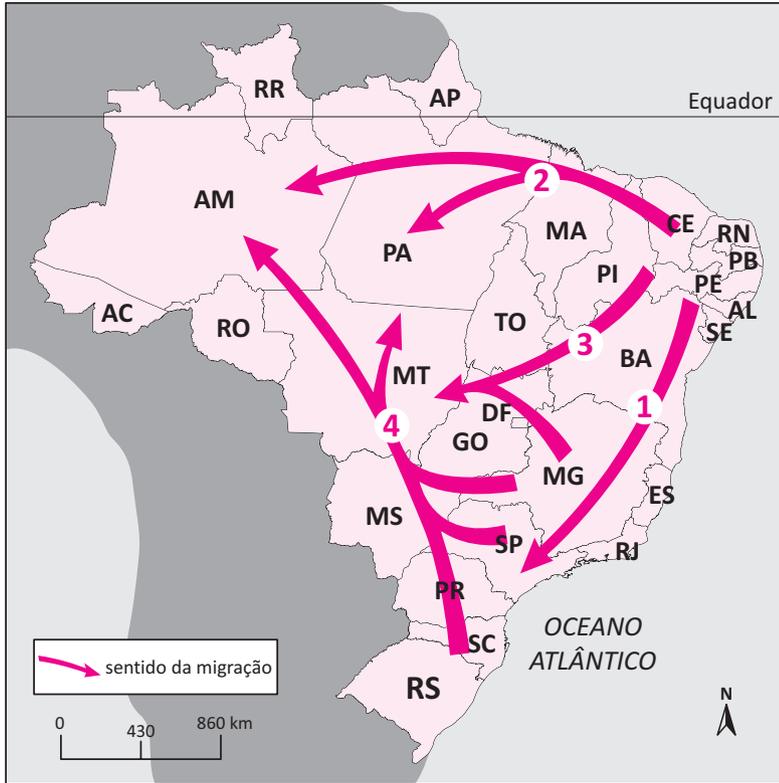
Os grandes espaços regionais do Brasil



MOREIRA, Igor. O espaço geográfico: Geografia geral e do Brasil. 39. ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 262. (Adaptado)

A divisão regional do IBGE e de Geiger interage com a questão de migração, por ela se relacionar com questões sociais e econômicas. O fluxo migratório do Brasil até os anos 2000 seguia essa lógica:

PRINCIPAIS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS NO BRASIL DURANTE O SÉCULO XX

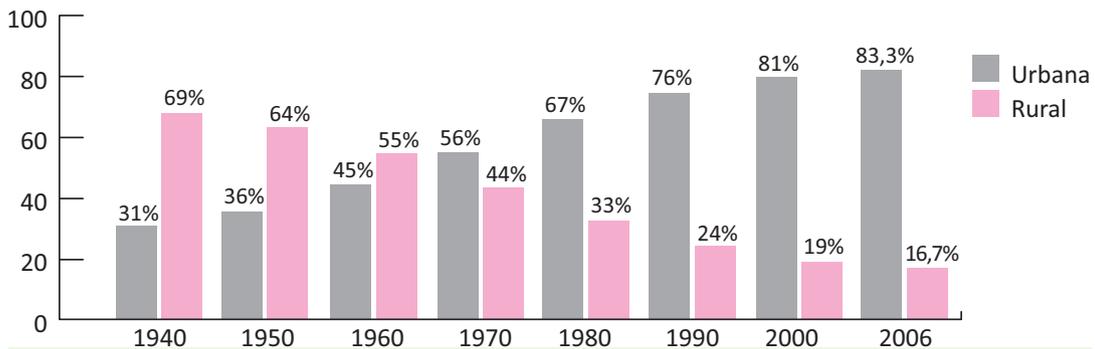


- 1 Fluxos migratórios do Nordeste para os grandes centros urbanos do Sudeste, mais intensamente após a década de 1950, sobretudo em direção ao estado de São Paulo.
- 2 Fluxos migratórios do Nordeste para a Amazônia em direção às novas áreas agrícolas e aos garimpos, após a década de 1960.
- 3 Fluxos migratórios do Nordeste e Sudeste para o Centro-Oeste, entre as décadas de 1960 e 1970, principalmente devido à construção de Brasília.
- 4 Fluxos migratórios dos estados do Sul, além de São Paulo e Minas Gerais, para o Centro-Oeste e o Norte, especialmente a partir da década de 1970, com a expansão das áreas de colonização agrícola na Amazônia.

Centro de Estudos Migratórios. Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra. São Paulo, Paulinas, 1986.

O fluxo 1 marca a formação dos subúrbios e a metropolização das cidades do Brasil. Processo que ocorre motivado pela industrialização, que se localiza nas periferias dessas grandes cidades (São Paulo e Rio de Janeiro):

BRASIL – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RUAL-URBANA ENTRE 1940 E 2006



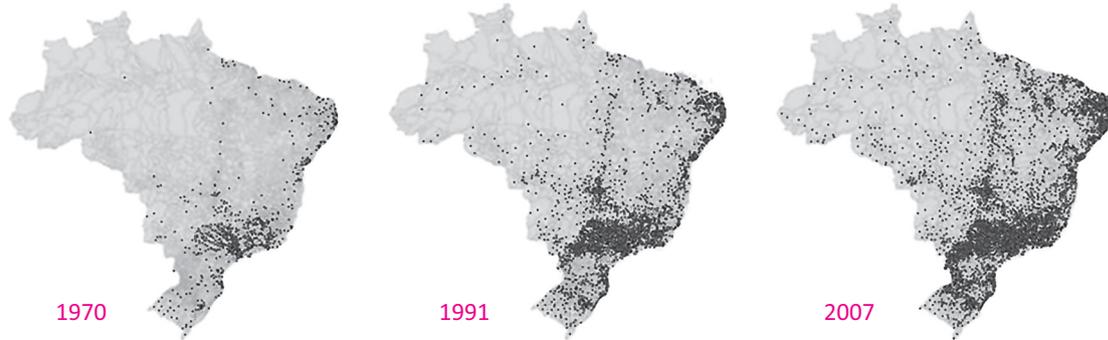
Fonte: IBGE. Anuário estatístico do Brasil, 1986, 1990, 1993 e 1997; Censo demográfico, 2000; Síntese de indicadores sociais, 2007.

O fluxo 2 ocorre em direção aos garimpos e extração de madeira. O fluxo 3 ocorre devido à política de integração nacional e povoamento do centro oeste, agora definido pelo estado como uma macrorregião brasileira.

O fluxo 4 do mapa relaciona-se com a expansão do agronegócio no Brasil e o desmatamento de 1970 aos dias atuais. Além de apontar o crescimento econômico de 1970 a 1975, chamado de milagre Brasil, no regime civil-militar. Esse fluxo aponta também o incremento da desigualdade social relacionada com os conflitos no campo e a suburbanização das grandes cidades. O processo de metropolização e a violência social se agravam, entre os anos de 1970 aos 2000:

CARACTERÍSTICAS DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

municípios com mais de 50% da população urbana por período:



Urbanização acelerada:
em 50 anos a população urbana cresceu mais de 150 milhões de habitantes

Urbanização concentrada:
mais de 40% da população de vive em regiões metropolitanas, que representam 8% dos municípios brasileiros

Urbanização desigual:
distribuição e apropriação desigual dos benefícios da urbanização

Urbanização com baixos salários:
urbanização espontânea, impossibilidade de acesso ao mercado formal de habitação

Fonte: IBGE

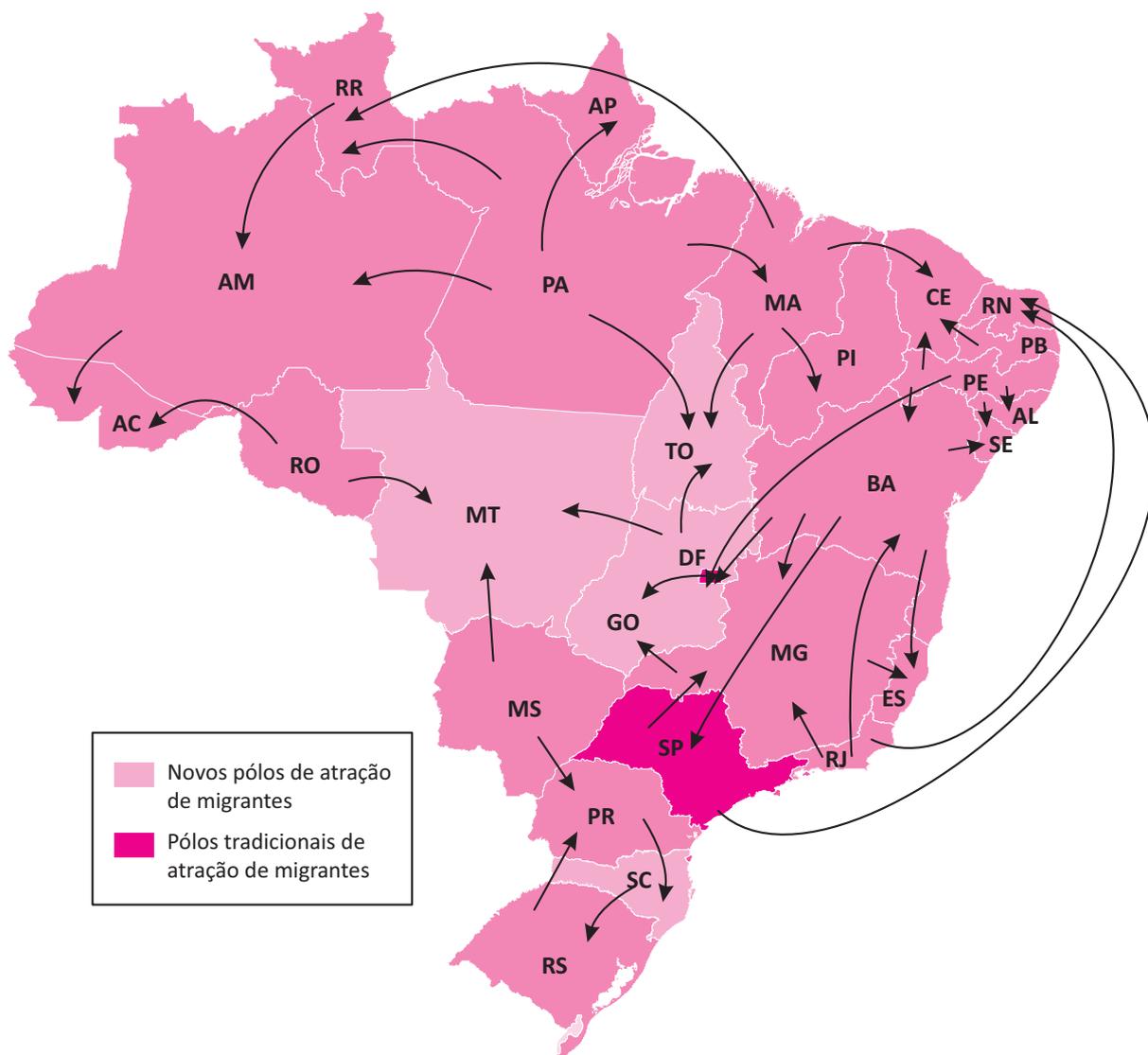
A partir de 2005 o fluxo migratório modifica-se, principalmente com o processo de mudança econômica e social no nordeste brasileiro:

MIGRAÇÃO NA DÉCADA DE 2000



ELABORAÇÃO: Simelli, 2009, com dados de ARAÚJO, marton (OPEAL, 2006. © 2009, M. E. Simieli.

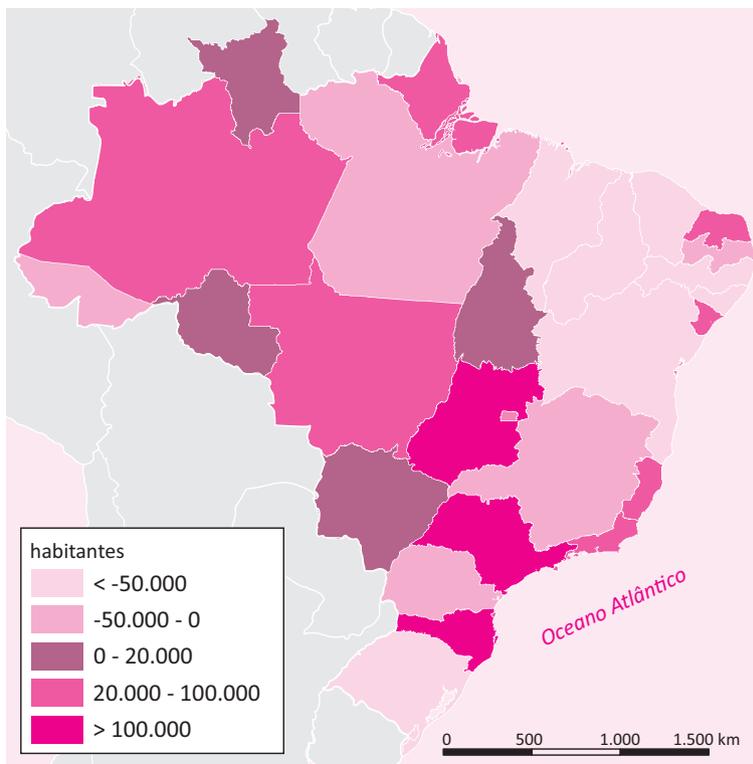
Nessa representação o Nordeste aparece como um novo pólo de atração de população, diferenciando-se das décadas anteriores, em que era representado como um pólo de expulsão populacional. Hoje a região mais recebe migrantes do perde população.



▪ *Novos pólos de atração de migrantes surgem na década de 90. Tocantins, Mato grosso e Goiás destacam-se em razão do desmembramento territorial e do crescimento econômico regional Santa Catarina sobressai na Região Sul. O fluxo que parte do norte reflete o esgotamento da fronteira agrícola e mineral*

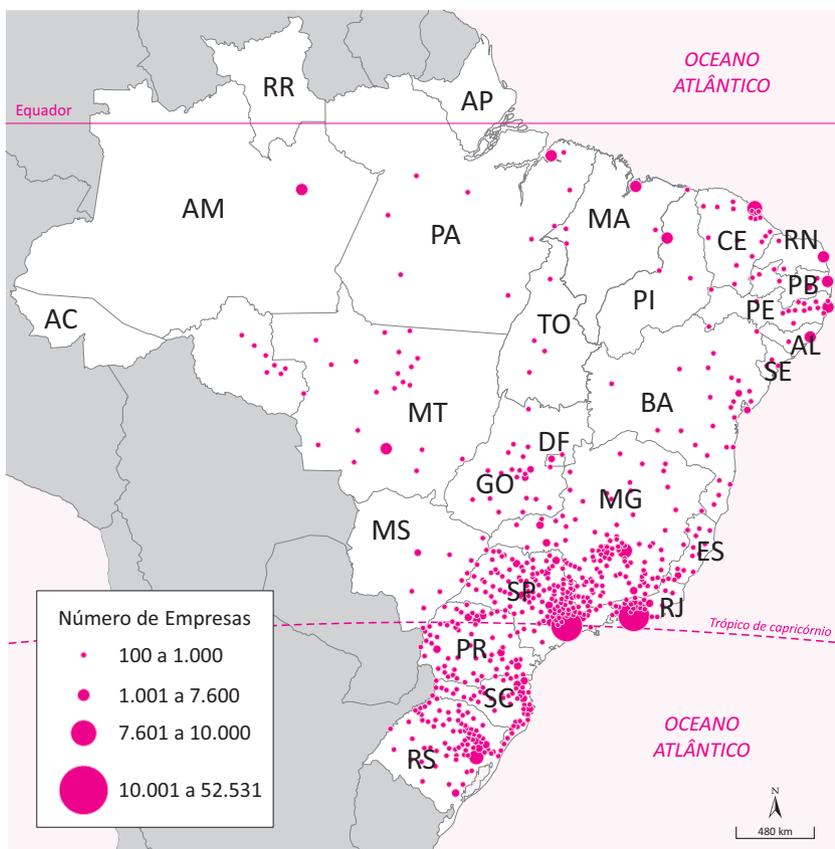
Em uma representação de densidade demográfica teremos os estados como pontos de densidade que variam do mais claro para o mais escuro, onde sugere que onde está o mais escuro se localiza o maior fluxo e há a concentração de migrantes, em relação aos mais claros. Os pólos de atração migratória em uma perspectiva estadual sugerem que a migração se direciona do leste para o oeste, e do nordeste e sul para as demais regiões. Salvo alguns outros pontos como Sergipe, Paraíba e Rio Grande do Norte:

SALDO MIGRATÓRIO 2005 – 2010

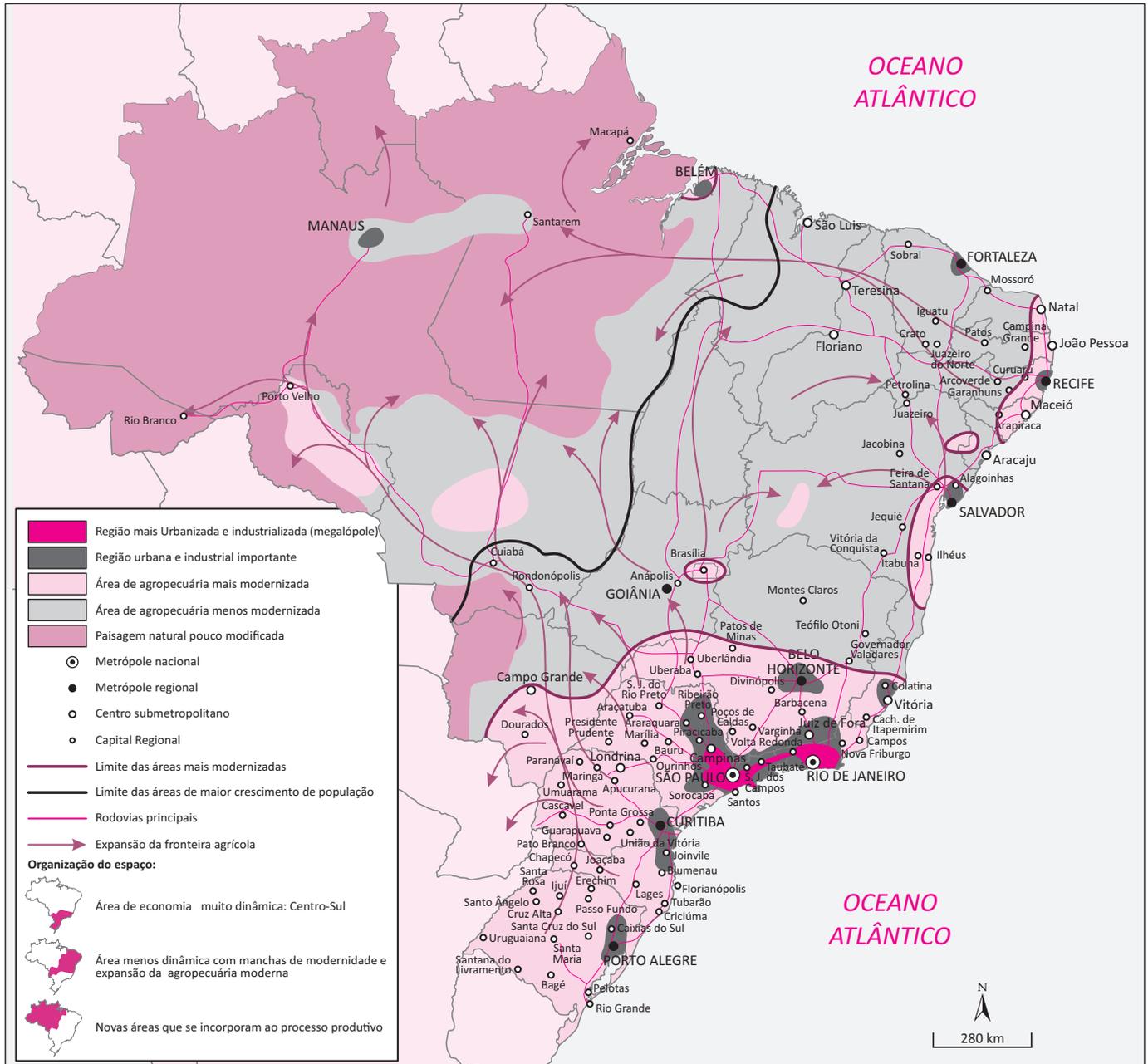


Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaboração: SEPLAG/DEPLAN – 05/2013

Se compararmos o mapa acima com a espacialização atual da indústria, poderemos perceber a formação da representação de Geiger, que divide o Brasil em três complexos regionais:



Em uma síntese espacial do Brasil atual temos a representação cartográfica abaixo:



BRASIL NO SÉC. XXI

ASPECTOS ECONÔMICOS.

O século XXI marcou a volta do nacional desenvolvimentismo associado à economia neoliberal, produzindo um enriquecimento econômico nunca visto na histórica industrial do Brasil.

O marcos dessa política caminham em três frentes sincronizadas e associadas:

- A 1ª frente é a distribuição de renda que ocorre, criando uma nova classe média, não aos moldes dos países ricos, porém com poder de compra e decisão. Isso quer dizer que a pobreza diminui e as consequências derivadas dela também, como a fome, o analfabetismo, a mortalidade infantil e outras mazelas socioeconômicas;

- A 2ª frente é a autonomia econômica e política do país, apesar de ainda ser dependente das instabilidades do setor financeiro global. Essa certa independência permitiu o Brasil criar políticas sociais autônomas para cuidar de seus problemas particulares, sem adaptar ao receituário das companhias de investimento e financiamento como FMI, Banco Mundial, Standart 'Poor. O Brasil nesse cenário aparece como um investidor;
- A 3ª frente é a dependência no cenário interno das companhias de investimento, observando um enriquecimento acelerado de uma parcela muito restrita da população, eles se tornam donos de bilhões. O pequeno grupo é ligado principalmente ao varejo, à comunicação, setor financeiro, à indústria de alimentos e construção civil/engenharias.

BRASIL NO MUNDO GLOBALIZADO – BRICS

A nova ordem mundial é o cenário do século XXI. O mundo torna-se multipolar, com nações antes tidas por atrasadas como o Brasil, Índia, China, África do Sul e a enfraquecida Rússia formando um bloco no ano de 2006-2008, o BRICS, que se antagoniza com a OTAN na questão militar. Na questão econômica, diversos acordos e mecanismos econômicos são criados como o Banco do BRICS (Novo Banco de Desenvolvimento – NBD), um fundo de investimento e reservas financeiras (100 bilhões de dólares inicialmente) e cooperação em engenharia e tecnologia em todos os setores da economia. Além de se adotar as moedas nacionais para a transação bilateral entre os membros do grupo.

Essas medidas servem para dar soberania a esses países e cooperação com outros países, bem como diminuir a influência do dólar sobre os mercados e as dívidas das nações em desenvolvimento, situação que perdura desde o fim da Segunda Guerra Mundial, com o Tratado de *Bretton Woods*.

Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o BRICS busca algumas medidas que acompanhem as mudanças globais do século XXI, não permanecendo na mesma lógica do pós-2ª guerra, por ser anacrônica (não condiz com o presente). Entre elas seriam:

“Com relação à coordenação dos BRICS em foros e organismos internacionais, o mecanismo privilegia a esfera da governança econômico-financeira e também a governança política. Na primeira, a agenda do BRICS confere prioridade à coordenação no âmbito do G-20, incluindo a reforma do FMI. Na vertente política, o BRICS defende a reforma das Nações Unidas e de seu Conselho de Segurança, de forma a melhorar a sua representatividade, em prol da democratização da governança internacional. Em paralelo, os BRICS aprofundam seu diálogo sobre as principais questões da agenda internacional.” (BRASIL, 2015)

O BRICS surge como uma aliança institucional entre grandes nações em dimensão territorial, demográfica, de recursos minerais e energéticos, econômica, militar, tecnológica e em influência no mundo. No entanto, elas foram negligenciadas pelo G8 (Grupo dos oito países mais ricos do mundo: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália, Canadá, França, Inglaterra, mais a Rússia como convidada).

Com o BRICS, os países do grupo e parceiros buscam novas formas de incluir os diversos problemas como a fome, a propriedade e a produção intelectual, a produção industrial e poder de consumo, a questão da desigualdade social e concentração de renda, o comércio internacional, a segurança contra os crimes de segurança à informação (espionagens na rede) e o terrorismo.

Essas medidas foram tomadas em 2009, nesse período a África do Sul ainda não estava inclusa no grupo. Posteriormente a essa data, ocorrem várias reuniões, onde o país africano participa na formulação das políticas de funcionamento do mecanismo, como também é conhecido o BRICS.

As reuniões que ocorreram até hoje foram seis (6), desde 2009. Sendo assim descritas pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil e compartilhadas com os demais estados membros:

“A I Cúpula ocorre na cidade de Ecaterimburgo, na Rússia, em junho de 2009. Ela inaugura a cooperação em nível de Chefes de Estado e de Governo do então BRIC – (a África do Sul ainda não havia sido incorporada ao mecanismo). Realizada sob o impacto da crise iniciada em 2008, a reunião teve seus debates centrados em temas econômicos e financeiros, com ênfase na reforma das instituições financeiras internacionais e na atuação do G-20 para a recuperação da economia mundial, ademais de discussões sobre temas políticos, como a necessidade de reforma das Nações Unidas. Além da Declaração, a I Cúpula emitiu um documento de seguimento intitulado “Perspectivas para o Diálogo entre Brasil, Rússia, Índia e China”.” (BRASIL, 2015)

Essa foi a primeira Cúpula do BRICS. No ano seguinte, em 2010 teremos a segunda Cúpula, que ocorreu no Brasil:

*“A II Cúpula, sediada no Brasil, aprofundou a política comum entre os membros do BRIC e caracterizou-se pelo crescimento exponencial, ao longo de 2010, das iniciativas de cooperação intra-BRIC – reunião dos Chefes dos Institutos Estatísticos e publicação de duas obras com estatísticas conjuntas dos países membros; encontro de Ministros da Agricultura do grupo; encontro de Presidentes de Bancos de Desenvolvimento; Seminário de **Think Tanks [expressão inglesa que significa discussões em grupo de questões estratégicas]**; encontro de Cooperativas; Fórum Empresarial; e II Reunião de Altos Funcionários Responsáveis por Temas de Segurança. Além da Declaração de Brasília, foi emitido o “Documento de Seguimento da Cooperação entre Brasil, Rússia, Índia e China”.” (BRASIL, 2015)*

A partir dessa data, 2010, o BRIC torna-se um processo irreversível na história atual do mundo.

Tal existência marca a mudança política e de forças de uma época unipolar, sob liderança dos Estados Unidos e aliados, para uma geografia da multipolaridade, onde há a construção de uma ordem de grandes potências e blocos em permanente diálogo e acordos, um tipo de “Pax Mundial”.

Em 2010-2011 a África do Sul entra no grupo, colocando o continente africano em uma rota de autonomia, continuando o processo de independência das Metrôpoles Europeias, se iniciando nos anos de 1950, pós-2ª guerra mundial. No ano de 2011 ocorre a terceira cúpula do grupo, nomeada agora de BRICS:

*“Com o ingresso da África do Sul, a III Cúpula consolidou a composição do que passou a ser denominado BRICS. Diante da relevância econômica da África do Sul no continente africano, sua construtiva atuação política no cenário internacional e sua representatividade geográfica, o seu ingresso agrega importante contribuição ao mecanismo. Além de aprofundar a cooperação setorial já existente, na Cúpula de **Sanya [cidade chinesa]** foram lançadas novas iniciativas em áreas como saúde, ciência e tecnologia. Associado à Cúpula, realizou-se o encontro de Ministros do Comércio para discutir os rumos da Rodada de Doha. Na Declaração, os parceiros reafirmaram a necessidade de reforma das Nações Unidas, com a inclusão, pela primeira vez, de menção ao tema do alargamento da composição do Conselho de Segurança. Além dos assuntos econômico-financeiros, o documento menciona temas como: condenação ao terrorismo; incentivo ao uso de energias renováveis e ao uso pacífico de energia nuclear; importância dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e da erradicação da fome e da pobreza.*

Na oportunidade, foi aprovado Plano de Ação, anexo à Declaração, com diretrizes voltadas ao aprofundamento da cooperação existente e a exploração de novas áreas. Além de outros encontros ministeriais, o Plano de Ação institucionalizou a reunião de Chanceleres à margem do Debate Geral da Assembléia Geral das Nações Unidas.” (BRASIL, 2015)

Essa cúpula ocorre no momento em que se inicia um processo de mudanças e crise estrutural (sócio-econômica e institucional) nos países do grupo, sem exceção. Atualmente todos se encontram em recessão. A situação aprofundou os laços entre os países do mecanismo. Diante dos conflitos internacionais e a crise iminente eles se reúnem novamente em 2012, na IV Cúpula do BRICS, na cidade de Nova Délhi, na Índia:

“Além da realização dos eventos tradicionais, que consolidaram e aprofundaram os dois pilares de atuação do BRICS – coordenação em foros multilaterais e cooperação intra-grupo –, a IV Cúpula lançou as bases para um terceiro pilar: a cooperação financeira com terceiros países, mediante a criação do “Banco BRICS”, liderado pelos cinco países e voltado ao financiamento de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável, nos países do BRICS e também nos demais países emergentes e em desenvolvimento. A Declaração da IV Cúpula estabeleceu um grupo de trabalho para estudar a viabilidade da iniciativa. Adicionalmente, em sequência a entendimentos anteriores, foram assinados durante o evento, dois acordos entre os Bancos de Desenvolvimento dos BRICS, visando a facilitar a concessão de créditos em moedas locais.”

A V cúpula do grupo buscou desenvolver mecanismos institucionais como bancos e fundos de investimento e de reserva financeira, além de parcerias tecnológicas e de ensino (superior e médio), investimento em infraestrutura e produção, aumentando a competitividade dos países membros e a mútua integração. Ela ocorre em 2013, na cidade de Durban, na África do Sul:

“A V Cúpula realizou-se sob o tema “BRICS e África: Parceria para o Desenvolvimento, Integração e Industrialização”. O encontro de Durban encerrou o primeiro ciclo de Cúpulas do BRICS, tendo em cada país sediado uma reunião de Chefes de Estado ou de Governo. Os principais resultados do encontro foram: início das negociações para a constituição do Arranjo Contingente de Reservas, com capital inicial de US\$ 100 bilhões (parágrafo 10 da Declaração); aprovação do relatório de viabilidade e ação do “Banco de Desenvolvimento dos BRICS” e decisão de dar continuidade aos entendimentos para o lançamento da nova entidade (parágrafo 9 da Declaração); assinatura de dois acordos entre os Bancos de Desenvolvimento dos BRICS (parágrafo 12 da Declaração); estabelecimento do Conselho Empresarial do BRICS; e estabelecimento do Conselho de Think Tanks do BRICS. Após o encerramento da Cúpula, os mandatários do BRICS encontraram-se com lideranças africanas, em evento sob o tema “Liberando o potencial da África: Cooperação entre BRICS e África em Infraestrutura.” (BRASIL, 2015)

Em 2014 ocorreu a VI cúpula, que discutiu questões econômicas e sociais relacionadas ao ambiental, como uma forma de não destruir os recursos naturais rapidamente, porém investir para o permanente uso das gerações futuras, não causando crises sistêmicas e irreversíveis, o que será chamado de crescimento sustentável. Nessa mesma reunião se discutiu questões a respeito dos conflitos globais como o da Ucrânia e da Síria, bem como a abertura de Cuba e o desbloqueio econômico da ilha, por parte dos Estados Unidos, essas discussões são chamadas de reuniões de Conselho **Think Thanks**:

A VI Cúpula foi realizada em Fortaleza, em julho de 2014, sob o tema "Crescimento Inclusivo: Soluções Sustentáveis". O encontro deu início ao segundo ciclo de reuniões do mecanismo. Previamente à Cúpula, tiveram lugar, em março, no Rio de Janeiro, reuniões do Conselho de Think Tanks e do Foro Acadêmico do BRICS, que deram a partida aos encontros ligados à Cúpula. Em Fortaleza, foram assinados os acordos constitutivos do Novo Banco de Desenvolvimento (parágrafos 11 e 12 da Declaração) e do Arranjo Contingente de Reservas (parágrafo 13 da Declaração), entre outros resultados. Foi celebrado, ademais, o Memorando de Entendimento para a Cooperação Técnica entre Agências de Crédito e Garantias às Exportações do BRICS, bem como o acordo entre os bancos nacionais de desenvolvimento dos BRICS para a cooperação em inovação.

Assim temos seis cúpulas realizadas pelo BRICS em 9 anos de existência, sendo:

- **I Cúpula:** Ecaterimburgo, Junho de 2009;
- **II Cúpula:** Brasília, Brasil, abril de 2010;
- **III Cúpula:** Sanya, China, abril de 2011;
- **IV Cúpula:** Nova Délhi, Índia, março de 2012;
- **V Cúpula:** Durban, África do Sul, março de 2013
- **VI Cúpula:** Fortaleza, Brasil, julho de 2014.

MERCOSUL

"Com mais de duas décadas de existência, o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) é a mais abrangente iniciativa de integração regional já implementada na América Latina." (BRASIL, 2015).

O MERCOSUL é formado em 1991 por meio do Tratado de Assunção, celebrado em 1994, composto inicialmente por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai; hoje inclui a Venezuela, além de países que participam como convidados ou com associação especial, o que quer dizer que não compartilham todas as políticas do bloco econômico e político. Esses países são o Peru, Equador, Guiana, Suriname, Chile e a Bolívia (esse segundo país será parcialmente integrado à economia do bloco, denominado de plurinacional). Há um estudo para incluir Cuba e México. As características geográficas do Bloco são:

- Os países abrangem aproximadamente, 72% do território da América do Sul (12,8 milhões de km², equivalente a três vezes a área da União Europeia);
- 70% da população sul-americana (275 milhões de habitantes) e
- 77% do PIB da América do Sul em 2012 (US\$ 3,18 trilhões de um total de US\$ 4,13 trilhões, segundo dados do Banco Mundial).
- O MERCOSUL seria a quinta maior economia do mundo, com um PIB de US\$ 3,32 trilhões.
- O MERCOSUL é o principal receptor de investimentos estrangeiros diretos (IED) na região. O bloco recebeu 47,6% de todo o fluxo de IED direcionado à América do Sul, América Central e ao México em 2012 (dados da UNCTAD).
- O bloco constitui espaço privilegiado para investimentos, por meio de compra, controle acionário e associação de empresas dos Estados Parte. A ampliação da agenda econômica da integração, na última década, contribuiu para incremento significativo dos investimentos diretos destinados pelos Estados Parte aos demais sócios do bloco.
- Desde sua origem, o MERCOSUL é baseado em um projeto político e estratégico de integração, no qual o aspecto comercial se soma a outras vertentes – de igual ou maior importância.
- A semente do MERCOSUL está no processo de aproximação entre Brasil e Argentina iniciado na década de 1980 e reforçado com a redemocratização nesses dois países

- Desde sua gênese, o bloco está marcado pelo simbolismo de nações que se unem em torno de princípios e objetivos como a democracia e o desenvolvimento econômico – elementos que qualificaram o bloco com o passar do tempo.
- O comércio intrabloco corresponde a cerca de 15% do total global do MERCOSUL e reduziram-se quase totalmente as tarifas para comércio entre os países do bloco.
- O MERCOSUL é fundamental para a atividade industrial dos Estados Parte. Em 2012, 92% das exportações brasileiras ao MERCOSUL foram bens industrializados (manufaturados e semimanufaturados).

O bloco pode ser caracterizado como uma união aduaneira em fase de consolidação, com matizes de mercado comum, com eliminação dos entraves à circulação dos fatores de produção, bem como pela adoção de política tarifária comum em relação a terceiros países, por meio de uma Tarifa Externa Comum (TEC).

Hoje, estão consolidados no MERCOSUL a cláusula democrática e o entendimento de que o desenvolvimento econômico deve vir acompanhado da melhoria das condições de vida das populações.

- O tratamento das assimetrias entre os países recebe atenção especial.
- Em pouco mais de vinte anos, o MERCOSUL provou ser um grande sucesso em termos econômico-comerciais.
- O estabelecimento do Fundo de Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM), em 2005, visou ao financiamento de programas para melhorar a infraestrutura na região, desenvolver a competitividade, coesão social e o fortalecimento institucional do processo de integração regional.
- Em operação desde 2007, o FOCEM conta com carteira de mais de quarenta projetos, em valor total de cerca de US\$ 1,4 bilhão – dos quais cerca de US\$ 1 bilhão são custeados por recursos não-reembolsáveis do FOCEM.

O fundo tem contribuído para as iniciativas em áreas como habitação, transportes, incentivos à microempresa, biossegurança, capacitação tecnológica e infraestrutura sanitária – em particular nas economias menores do bloco – além de custear projetos que beneficiam cidades e comunidades fronteiriças, inclusive no Brasil.

- Um dos setores que mais se beneficia do MERCOSUL é o automotivo, pois o bloco possibilitou a Brasil e Argentina, integrar suas cadeias produtivas de automóveis. Brasil e Argentina juntos são o terceiro maior mercado global de automóveis (depois de China e Estados Unidos).
- O comércio do Brasil com o MERCOSUL quase se multiplicou por dez – ao passo que, com o resto do mundo, o aumento foi de oito vezes. (BRASIL, 2015).

Julho de 2013. Todos os países da América do Sul estão vinculados ao MERCOSUL, seja como Estado Parte, seja como Associado. (BRASIL, 2015)

Em uma definição o MERCOSUL é uma união aduaneira, que está se consolidando. A eliminação dos entraves à circulação de mercadorias, quer dizer o fim de impostos sobre bens importados, além de medidas comuns em taxas de proteção à produção local. Assim, almeja-se chegar a uma taxa tarifária em relação aos países que não participam com o bloco, porém mantêm relação comercial, que seria a Tarifa Externa Comum (TEC). A perspectiva aduaneira tem se tornado em integração regional com o objetivo de se criar uma zona de segurança e livre circulação e soberana na América do Sul.

Hoje na esfera do ensino, de forma tímida, já foi criada a primeira universidade bilíngue na região, a Universidade Federal de Integração Latino-Americana, UNILA. Como um programa de integração social e cultural do bloco.

Na esfera comercial, o comércio interno se retroalimenta, quer dizer que o comércio entre os países membro cresce e mantém o crescimento econômico e a estabilidade produtiva de cada setor nas partes integradas.

Pois, segundo dados governamentais e das agências de indústria e comércio o comércio no bloco cresceu de 5,1 bilhões de dólares em 1991, para 58, 2 bilhões em 2012, em um movimento crescente.

O bloco em si tem se concretizado como uma integração inicialmente econômica e comercial, para abranger demais áreas, como da ciência e tecnologia, das telecomunicações e assuntos estratégicos, biossegurança (alimentar e ambiental), infraestrutura, educação (ensino e pesquisa), direitos humanos, democracia, política fronteiriça, combate ao tráfico entre outros programas. O MERCOSUL, juntamente à UNASUL é um projeto de integração sulamericana, ou mesmo latino-americana.

**MERCOSUL****População**

275 milhões de habitantes
70% do total da América do Sul

PIB

US\$ 3,3 trilhões
83,2% do total da América do Sul

Território

12,7 milhões de km²
72% do total da América do Sul

Fonte: Ministérios das Relações Exteriores

PROBLEMAS SOCIAIS

A desigualdade social ainda tem sido um problema a ser enfrentado no Brasil. Com atual crise política, econômica e ambiental os avanços sociais que o país busca alcançar com as *metas do milênio*, desaceleram. Uma das piores situações sociais que há é a perda da valorização do salário mínimo, pois como uma *política social*, consolida os avanços adquiridos.

A valorização do salário mínimo possibilita a diminuição da desigualdade e o fim da pobreza, principalmente por aumentar o poder de consumo e melhoria na alimentação. A partir do IPEA podemos dizer que de 1995 a 2011, 70% da redução da desigualdade se deve à política de valorização do salário mínimo.

A questão produtiva e de consumo precisa de um mercado capaz de absorver a oferta e provocar novas demandas. Para haver o crescimento e evitar crises como assistimos hoje, é preciso saber incluir mais uma parcela da população excluída, por meio da previdência, assistência social, trabalho e produção.

Com a situação econômica desfavorável no país, as dificuldades ambientais se destacam, por exemplo, com a crise hídrica em São Paulo, em São Luiz do Maranhão, em cidades do interior mineiro e paulista. O racionamento e mesmo a falta no fornecimento de água afeta a todos, em particular as populações em situação de risco, cujas moradias se localizam em terrenos impróprios, como encostas de morros, às margens de córregos ou rios.

A situação habitacional e de renda provoca a criação de grandes aglomerados de exclusão (*subúrbios, periferias e favelas*). Áreas onde não há saneamento básico, ensino e saúde básica e uma situação onde populações inteiras vivem abaixo da linha da pobreza, abrindo espaço para a criação de um sistema de violência social endêmico nas cidades.

A garantia de habitação e renda permite os indivíduos nessa situação tornarem-se cidadãos, diminuindo a ideia de violência e a situação de exclusão.

A fome, como um problema social, associada a diversas doenças, como a tuberculose na periferia do Rio de Janeiro, se associam formando zonas que servem como vetores para todo um tecido urbano. Outras doenças como a dengue se inserem como um problema cultural nas grandes cidades, por se relacionar à higiene, logo aos hábitos sociais, bem como um problema ambiental e social, por ter seu foco localizado nas áreas de rendas médias e pobres de uma metrópole.

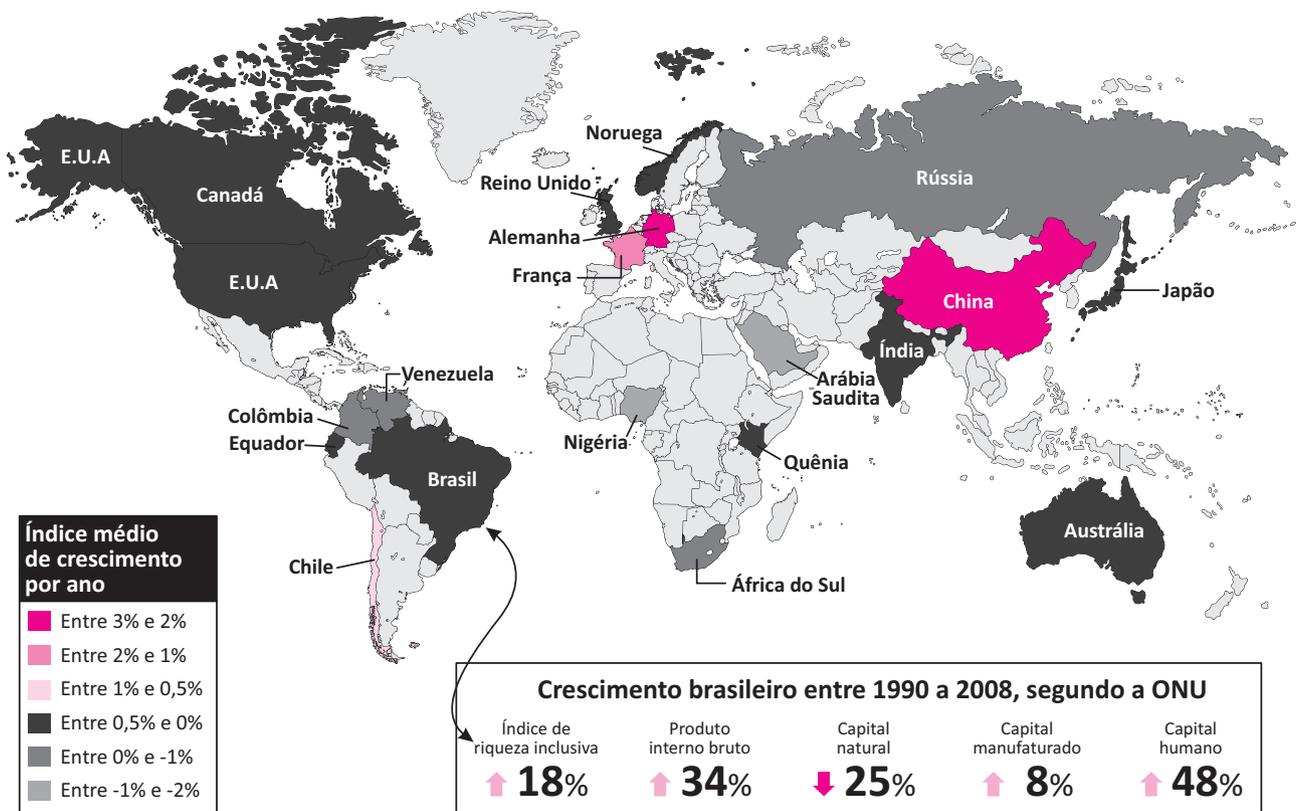
O campo (zona rural) também tem assistido um crescimento de conflitos armados entre agropecuaristas e indígenas, como o que assistimos no Mato Grosso do Sul, local em que se observa o *genocídio* dos índios *Guarani Kaiwoá*.

O combate à corrupção também se insere como um problema social. Com a corrupção, que é a relação ilícita entre o setor privado e público, que permite o desvio do dinheiro público para o uso particular, provocando o endividamento público e o corte de melhorias sociais dos serviços públicos, forçando a privatização, desfavorecendo aqueles que não têm poder de compra, esses indivíduos permanecem novamente em uma situação de exclusão e cidadania mutilada.

Abaixo podemos observar a espacialização da riqueza inclusiva (a riqueza distribuída mais equânime) no mundo e no Brasil:

MAPA DA RIQUEZA INCLUSIVA NO MUNDO

ONU mostra crescimento per capita dos países, considerando PIB, IDH e Perda de Recursos Naturais

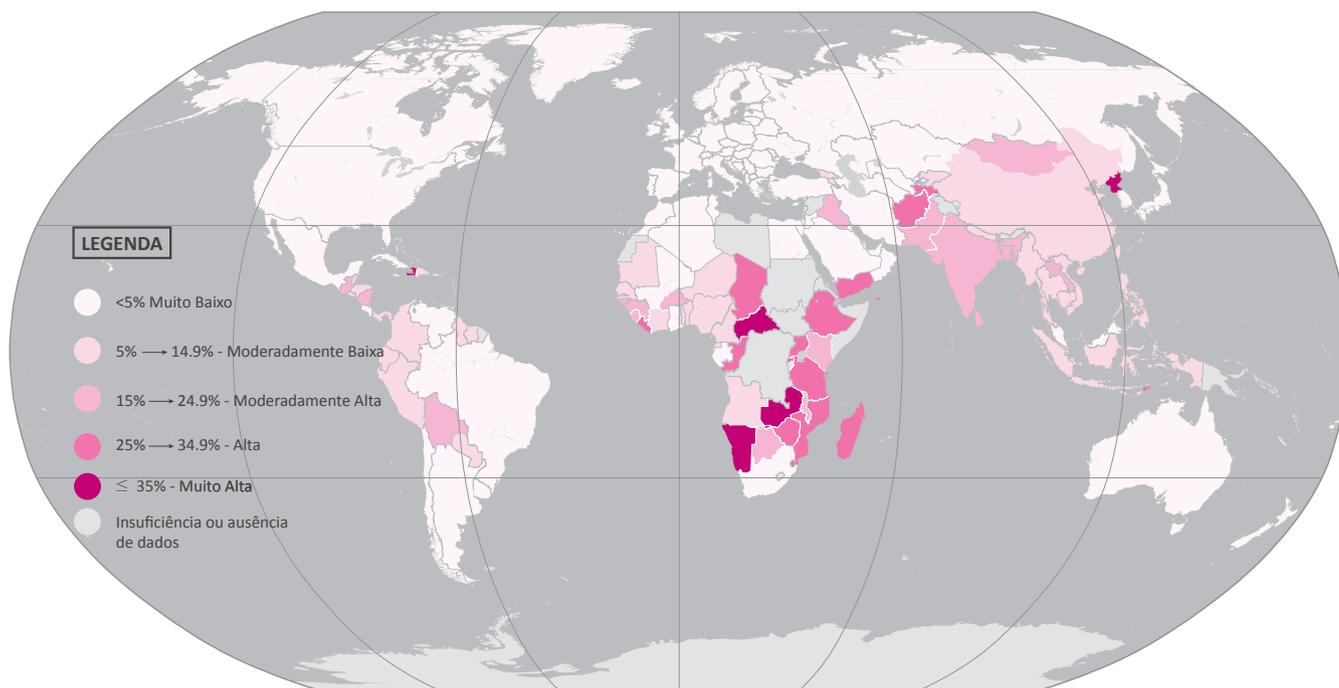


Fonte: Programa das nações Unidas para o meio ambiente (Pnuma)

Os países em tons vermelhos tiveram situações negativas na inclusão econômica de população, os de tons alaranjados tiveram melhorias mínimas, porém significativas. Os países de tonalidade verde foram os que mais avançaram na inclusão econômica da população.

Esse ano os dados das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO na sua sigla em inglês) apontaram a saída do Brasil do mapa da fome do mundo. Situação que se repetia e se perdura desde a criação dos mecanismos de controle na década de 1950. Com isso o Brasil tornou-se uma referência mundial em programas sociais de cuidado e assistência social, não somente para países pobres, mas também para países como os Estados Unidos, que tiveram um crescimento de 30 milhões de população abaixo da linha da pobreza nos últimos 8 anos.

Observe o Mapa da Fome no Mundo abaixo. No tom mais escuro estão as localidades onde a situação da fome é crônica, o mais claro é onde a segurança alimentar se mantém baixa e sob controle:



Fonte: Organizações das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, 2014. Mapa da Fome no Mundo

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 | *Não é menos sintomático que as teorias racistas substituíam toda a discussão no Brasil, da luta de classes pela “luta de raças”. O que parece grotesco hoje era uma realidade muito forte ao tempo em que intelectuais como Silvio Romero ocupavam o centro das atenções do chamado mundo culto. Silvio Romero tinha uma “tese” sobre a luta pela vida, em que afirmava:*

“A vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá no porvir, ao branco; mas que esse, para essa mesma vitória atenta às agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para esse resultado: de um lado, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e outro a emigração européia.”

CHIAVENATO, Julio José. O negro do no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai. 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1980. 174p.

O processo de formação do povo e do território brasileiro não se fez jamais sem a presença dos negros africanos e brasileiros, e sem os povos nativos, denominados de indígenas. A composição também do que Silvio Romero chama do tipo branco não é homogênea, sendo compos-

ta por diversas etnias européias, no Brasil os japoneses, sírio, turcos, libaneses e judeus, armênios são considerados brancos como os europeus. No início da migração dos europeus, posteriormente outros grupos brancos, foram assentados em colônias agrícolas, muitas formando bairros industriais, por exemplo: de São Paulo e Rio de Janeiro. Reflita e disserte sobre as imagens atuais das favelas (denominadas de aglomerados subnormais pelo IBGE) e os quadros sociais e raciais presente nelas:

Resolução:

As favelas são paisagens e estruturas urbanas, que foram organizadas a partir do deslocamento forçado do centro do Rio de Janeiro (fenômeno que se repete no Brasil todo), quando da reforma urbana de Pereira Passos, entre os anos de 1902-1906. Esse momento marcou o que seria conhecido por modernização urbana. Conhecida hoje como gentrificação urbana. A forma em que isso ocorreu foi pela demolição de morros e cortiços do centro atual do Rio de Janeiro e áreas “nobres”. A população dessas localidades demolidas foram despejadas, e forçadas a emigrarem para longe do centro moderno. Eles buscam inicialmente morar nos morros, onde havia alguns moradores, desde a guerra do Paraguai (a maioria descendentes de ex-escravos(as) que serviram o exército). desde o início do século XX a população dos morros são majoritariamente negras. A partir de censos

do IBGE, dados do IPEA da década de 1970, essa realidade vem se repetindo. Hoje são locais militarizados e com alto índice de violência (doméstica, policial, tráficos e outras). Sendo espaços que impera uma paisagem sem benfeitorias públicas e com abandono social secular. Busca-se urbanizar essas áreas sem deslocar a população, como ocorreu no início da formação dessas áreas.

- 02|** A europeização do subúrbio não era um fato isolado. Para entendê-la, é preciso ter em conta que a proposta de formação dos núcleos coloniais dos arredores de São Paulo foi feita por João Teodoro Xavier, que governou a província de 1872 a 1875. Já em 1874, ele determinara um exame da Fazenda São Caetano para verificar se poderia ser transformada em núcleo colonial. Não por acaso, foi ele quem concebeu e levou adiante a grande reforma urbana da cidade de São Paulo nesse período, reforma justamente classificada por um historiador como “segunda fundação de São Paulo”. Portanto, nas ideias desse setor das elites, a fundação dos núcleos coloniais era parte de um amplo projeto de reformulação do espaço da cidade e seu contorno.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha. São Paulo: Ed. Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul. 1992. 140p.

A escola francesa de urbanismo tinha na legislação urbana o instrumento oficial e legítimo para impor os planos urbanísticos nas cidades francesas e nas cidades de suas colônias. Segundo Guillaume de tarde, alto funcionário francês no Marrocos, “não existe urbanismo, sem uma legislação. Uma legislação que seja a mais prática e a mais simples possível. (...) Isto é, que seja aplicável e que não choque os hábitos e a cultura da população local. (...) Uma baseada em um conceito elevado, prevendo o interesse coletivo, baseada no consentimento coletivo futuro. (De tarde, 1932, p. 28)

DAHER, Tania. Goiânia uma utopia européia no Brasil. Goiânia: Ed. ICBC. 2003. 111p.

Os dois textos trazem concepções da formação urbana de um determinado território. O primeiro foca na sociologia e na geografia histórica da cidade de São Caetano do Sul, classificada como um subúrbio de São Paulo, formada para abrigar os colonos europeus (maioria italiana). A proposta desses núcleos coloniais formados no final do império até os anos de 1930 era formar *civilização brasileira* (para Silvio Romero) moderna aos olhos do mundo. O segundo texto expõe a concepção de urbanismo e arquitetura que predomina no Brasil após os anos de 1910, até os anos de 1960, sendo derivada de um pensamento colonial francês. Leia os dois os textos, e reflita sobre a formação dos subúrbios (aglomerados subnormais) nas metrópoles brasileira a partir de 1950:

Resolução:

Os subúrbios brasileiros são formados com o deslocamento forçado de população, seja por questões naturais como uma seca, algo muito presente na década de 1960 e 1970 no nordeste Brasileiro. Seja por questões de conflitos sociais como ocorre no Rio de Janeiro na construção da sua barra litorânea e outros espaços. Ou ainda por planejamento pré-estabelecido como ocorreu com Goiânia, onde a palavra subúrbio e sua descrição é definida e aplicada, sendo uma área perto do urbano (cidade), mas que não se configura espacialmente como tal, e se necessário deveria permanecer sem contato com o centro ou áreas planejada (a cidade). Essa realidade é repetida em Brasília, que como em Goiânia, teve o subúrbio chamado de Cidades Satélites. Essas áreas apesar da formação histórica distintas carregam consigo semelhanças. Como espaços onde não ocorre a cidadania, há noção de perda do futuro, mantêm-se semi-isoladas dos principais serviços e lazeres de uma grande cidade, há alto índice de vigilância e violência policial e de outras ordens. Em si, são espaços onde se reproduz culturalmente a histórica posição da dos arrabaldes coloniais como espaços sanitários, isolados dos espaços sadios (a cidade).

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

- 01|** A mudança geográfica do café fez com que o fluxo do produto se orientasse para o porto de Santos, e não mais apenas para o do Rio de Janeiro. A cidade passou a ser um ponto de convergência obrigatório dessa riqueza, deixando de ser um simples entreposto comercial para se tornar, também, um centro financeiro e, em seguida, industrial.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha. São Paulo: Ed. Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul. 1992. 140p.

A partir do texto acima disserte sobre a formação urbana do Brasil contemporâneo, de 1930 aos dias atuais:

- 02|** Com a difusão dos transportes e das comunicações, cria-se a possibilidade da especialização produtiva. Regiões se

especializam, não mais precisam produzir tudo para sua subsistência, pois, com os meios rápidos e eficientes de transporte, podem buscar em qualquer outro ponto do país, e mesmo do planeta, aquilo de que necessitam.

SANTOS. M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Ed. USP. 2012. 57p.

A metropolização do interior do Brasil, Goiânia e Brasília, Cuiabá, Belo Horizonte, é algo planejado desde os anos de 1930, com idealizações antes mesmo do século XX. A divisão internacional do trabalho caracteriza em regiões produtivas, permitindo a especialização de grandes áreas integradas em um sistema econômico de produção e consumo. Diante da integração nacional disserte a respeito das características das três macrorregiões econômicas do Brasil:

03| *O que é a lei de cotas? A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.*

Como é feita a distribuição das cotas? As vagas reservadas às cotas (50% do total de vagas da instituição) serão subdivididas — metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

BRASIL. cotas perguntas freqüentes. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

Acessado em: 08 de Set. 2015

Sobre a formação dos aglomerados subnormais e a tardia constituição das universidades no Brasil, somente a partir de 1933 com a fundação da USP e da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal Fluminense reflita sobre as condições sociais e ambientais presente nas favelas e subúrbios, depois disserte sobre a possibilidade de equidade social e melhoria de vida do negro no Brasil e, o seu acesso à universidade:

04| *O espaço é a totalidade verdadeira, porque dinâmica, resultado da geografização da sociedade sobre a configuração territorial. Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial oferecem-nos, no transcurso histórico, espaços diferentes.*

SANTOS. M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Ed. USP. 2012. 57p.

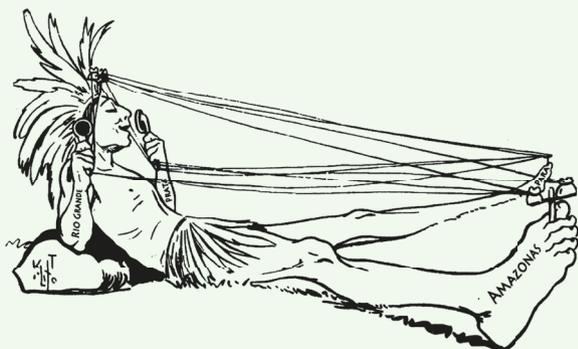
O texto acima diz da formação espacial, que é tudo que conhecemos dispostos à nossa vista e em nossa memória, porém compartilhados com todas as pessoas de um lugar ou país. Também, ele remete sobre as transformações sociais e históricas da paisagem, e das funções de diversas instituições, lugares e configurações territoriais (uso da terra e seus valores), como podemos perceber nas transformações do território do Brasil desde o início da colonização. A partir da definição do que é o espaço para Geografia digam quais foram as principais metamorfoses na paisagem social com o acesso dos negros, indígenas e alunos de escolas públicas à Universidade, e diga quais as mudanças sociais que produziram essas paisagens:

05| A partir dos tipos de regionalização do Brasil, ainda na primeira metade do século XX aos dias atuais, diga quais as instituições principais na realização dessas representações espaciais. Explane sobre a importância para a formação espacial do Brasil expondo as suas características, diferenciando-as ente si:

T ENEM E VESTIBULARES

01| ENEM

A REDE TELEPHONICA



Em breve, já poderá o Brazil esticar as canellas sem receio de não ser ouvido dos pés á cabeça.

Fon-Fon!, ano IV, n. 36, 3 set. 1910. Disponível em: objdigital.bn.br. Acesso em: 4 abr. 2014.

A charge, datada de 1910, ao retratar a implantação da rede telefônica no Brasil, indica que esta:

- A** permitiria aos índios se apropriarem da telefonia móvel.
- B** ampliaria o contato entre a diversidade de povos indígenas.
- C** faria a comunicação sem ruídos entre grupos sociais distintos.
- D** restringiria a sua área de atendimento aos estados do norte do país.
- E** possibilitaria a integração das diferentes regiões do território nacional.

02| ENEM Ao deflagrar-se a crise mundial a situação da economia cafeeira se apresentava como segue. A produção, que sé encontrava em altos níveis, teria de seguir crescendo, pois os produtores haviam continuado a expandir as plantações até aquele momento. Com efeito, a produção máxima seria alcançada em 1933, ou seja, no ponto mais baixo da depressão, como reflexo das grandes plantações de 1927-28. Por outro lado, era totalmente impos-

sível obter crédito no exterior para financiar a retenção de novos estoques, pois o mercado internacional de capitais se encontrava em profunda depressão e o crédito do governo desaparecera com a evaporação das reservas.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1997 (adaptado).

Uma resposta do Estado brasileiro à conjuntura econômica mencionada foi o(a)

- A** atração de empresas estrangeiras
- B** reformulação do sistema fundiário.
- C** incremento da mão de obra imigrante.
- D** desenvolvimento de política industrial.
- E** financiamento aos pequenos agricultores.

03| ENEM Embora haja dados comuns que dão unidade ao fenômeno da urbanização na África, na Ásia e na América Latina, os impactos são distintos em cada continente e mesmo dentro de cada país, ainda que as modernizações se dêem com o mesmo conjunto de inovações.

ELIAS, D. Fim do século e urbanização no Brasil. Revista Ciência Geográfica, ano IV, n. 11, set./dez. 1988.

O texto aponta para a complexidade da urbanização nos diferentes contextos socioespaciais. Comparando a organização socioeconômica das regiões citadas, a unidade desse fenômeno é perceptível no aspecto.

- A** espacial, em função do sistema integrado que envolve as cidades locais e globais.
- B** cultural, em função da semelhança histórica e da condição de modernização econômica e política.
- C** demográfico, em função da localização das maiores aglomerações urbanas e continuidade do fluxo campo-cidade.
- D** territorial, em função da estrutura de organização e planejamento das cidades que atravessam as fronteiras nacionais.
- E** econômico, em função da revolução agrícola que transformou o campo e a cidade e contribuiu para fixação do homem ao lugar.

04| ENEM De todas as transformações impostas pelo meio técnico-científico-informacional à logística de transportes, interessa-nos mais de perto a intermodalidade. E por uma razão muito simples: o potencial que tal “ferramenta logística” ostenta permite que haja, de fato, um sistema de transportes condizente com a escala geográfica do Brasil.

HUERTAS, D. M. O papel dos transportes na expansão recente da fronteira agrícola brasileira. Revista Transporte y Territorio, Universidade de Buenos Aires, n. 3, 2010 (adaptado).

A necessidade de modais de transporte interligados, no território brasileiro, justifica-se pela(s)

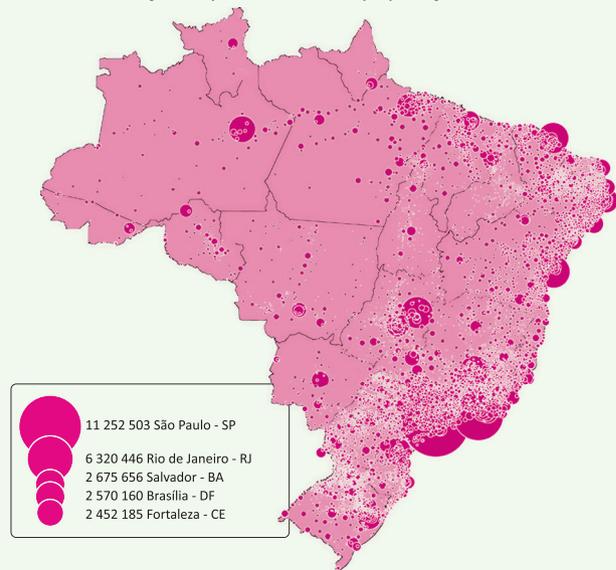
- A** variações climáticas no território, associadas à interiorização da produção.

- B** grandes distâncias e a busca da redução dos custos de transporte.
- C** formação geológica do país, que impede o uso de um único modal.
- D** proximidade entre a área de produção agrícola intensiva e os portos
- E** diminuição dos fluxos materiais em detrimento de fluxos imateriais.

05| ENEM

MAPA 1

Distribuição espacial atual da população brasileira



MAPA 2

Conflitos em terras indígenas



MAPA 1: THÉRY, H. As boas-novas sobre a população brasileira. Conhecimento Prático Geográfico, n. 41, jan. 2012 (adaptado).

MAPA 2: SIMIELLI, M. E. Geotlas. São Paulo: Ática, 2009 (adaptado).

Os mapas representam distintos padrões de distribuição de processos socioespaciais. Nesse sentido, a menor incidência de disputas territoriais envolvendo povos indígenas se explica pela:

- A fertilização natural dos solos.
- B expansão da fronteira agrícola
- C intensificação da migração de retorno.
- D homologação de reservas extrativistas
- E concentração histórica da urbanização.

06| ENEM Trata-se de um gigantesco movimento de construção de cidades, necessário para o assentamento residencial dessa população, bem como de suas necessidades de trabalho, abastecimento, transportes, saúde, energia, água etc. Ainda que o rumo tomado pelo crescimento urbano não tenha respondido satisfatoriamente a todas essas necessidades, o território foi ocupado e foram construídas as condições para viver nesse espaço.

MARICATO, E. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

A dinâmica de transformação das cidades tende a apresentar como consequência a expansão das áreas periféricas pelo(a)

- A crescimento da população urbana e aumento da especulação imobiliária.
- B direcionamento maior do fluxo de pessoas, devido à existência de um grande número de serviços.
- C delimitação de áreas para uma ocupação organizada do espaço físico, melhorando a qualidade de vida.
- D implantação de políticas públicas que promovem a moradia e o direito à cidade aos seus moradores
- E reurbanização de moradias nas áreas centrais, mantendo o trabalhador próximo ao seu emprego, diminuindo os deslocamentos para a periferia.

07| ENEM O Centro-Oeste apresentou-se como extremamente receptivo aos novos fenômenos da urbanização, já que era praticamente virgem, não possuindo infraestrutura de monta, nem outros investimentos fixos vindos do passado. Pôde, assim, receber uma infraestrutura nova, totalmente a serviço de uma economia moderna.

SANTOS, M. A Urbanização Brasileira. São Paulo: EdUSP, 2005 (adaptado)

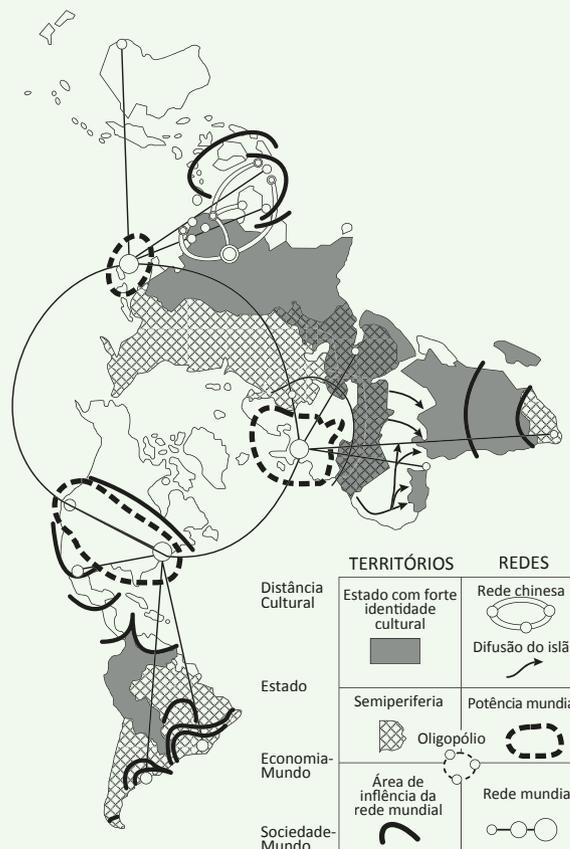
O texto trata da ocupação de uma parcela do território brasileiro. O processo econômico diretamente associado a essa ocupação foi o avanço da

- A industrialização voltada para o setor de base.
- B Economia da borracha no sul da Amazônia.

- C Fronteira agropecuária que degradou parte do cerrado.
- D Exploração mineral na Chapada dos Guimarães.
- E Extrativismo na região pantaneira.

08| ENEM

A nova des-ordem geográfica mundial: uma proposta de regionalização



Fonte: LÉVY et al. (1992), atualizado.

O espaço mundial sob a “nova des-ordem” é um emaranhado de zonas, redes e “aglomerados”, espaços hegemônicos e contra-hegemônicos que se cruzam de forma complexa na face da Terra. Fica clara, de saída, a polêmica que envolve uma nova regionalização mundial. Como regionalizar um espaço tão heterogêneo e, em parte, fluido, como é o espaço mundial contemporâneo?

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C.W. A nova des-ordem mundial. São Paulo: UNESP, 2006

O mapa procura representar a lógica espacial do mundo contemporâneo pós-União Soviética, no contexto de avanço da globalização e do neoliberalismo, quando a divisão entre países socialistas e capitalistas se desfez e as categorias de “primeiro” e “terceiro” mundo perderam sua validade explicativa.

Considerando esse objetivo interpretativo, tal distribuição espacial aponta para

- A** a estagnação dos Estados com forte identidade cultural.
- B** o alcance da racionalidade anticapitalista.
- C** a influência das grandes potências econômicas.
- D** a dissolução de blocos políticos regionais.
- E** o alargamento da força econômica dos países islâmicos.

09| ENEM Na década de 1990, os movimentos sociais camponeses e as ONGs tiveram destaque, ao lado de outros sujeitos coletivos. Na sociedade brasileira, a ação dos movimentos sociais vem construindo lentamente um conjunto de práticas democráticas no interior das escolas, das comunidades, dos grupos organizados e na interface da sociedade civil com o Estado. O diálogo, o confronto e o conflito têm sido os motores no processo de construção democrática.

SOUZA, M. A. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: participação e possibilidades das práticas democráticas. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt>. Acesso em: 30 abr. 2010 (adaptado)

Segundo o texto, os movimentos sociais contribuem para o processo de construção democrática, porque

- A** determinam o papel do Estado nas transformações socioeconômicas.
- B** aumentam o clima de tensão social na sociedade civil.
- C** pressionam o Estado para o atendimento das demandas da sociedade.
- D** privilegiam determinadas parcelas da sociedade em detrimento das demais.
- E** propiciam a adoção de valores éticos pelos órgãos do Estado.

10| ENEM A escravidão não há de ser suprimida no Brasil por uma guerra servil muito menos por insurreições ou atentados locais. Não deve sê-lo tampouco, por uma guerra civil, como o foi nos Estados Unidos. Ela poderia desaparecer, talvez, depois de uma revolução, como aconteceu na França, sendo essa revolução obra exclusiva da população livre. É no Parlamento e não em fazendas ou quilombos do interior, nem nas ruas e praças das cidades, que se há de ganhar, ou perder, a causa da liberdade.

NABUCO, J. O abolicionismo [1883]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha 2000 (adaptado).

No texto, Joaquim Nabuco defende um projeto político sobre como deveria ocorrer o fim da escravidão no Brasil, no qual

- A** copiava o modelo haitiano de emancipação negra.
- B** incentivava a conquista de alforrias por meio de ações judiciais.
- C** optava pela via legalista de libertação.
- D** priorizava a negociação em torno das indenizações aos senhores.
- E** antecipava a libertação paternalista dos cativos.

11| ENEM



Disponível em: www.ipea.gov.br. Acesso em: 2 ago. 2013.

Na imagem, é ressaltado, em tom mais escuro, um grupo de países que na atualidade possuem características político-econômicas comuns, no sentido de

- A** adotarem o liberalismo político na dinâmica dos seus setores públicos.
- B** constituírem modelos de ações decisórias vinculadas à social-democracia.
- C** instituírem fóruns de discussão sobre intercâmbio multilateral de economias emergentes.
- D** promoverem a integração representativa dos diversos povos integrantes de seus territórios
- E** apresentarem uma frente de desalinhamento político aos polos dominantes do sistema-mundo.

QUESTÃO AMBIENTAL

A questão ambiental na virada da década de 1960 para 1970 torna-se uma centralidade nas discussões internacionais, não sendo inicialmente uma questão da Geografia, porém da Ecologia e da Biologia. Iniciando no âmbito das discussões empresariais migra para os debates públicos, para torna-se um paradoxo do século XXI.

A partir dessa questão outras mais surgem tanto da vontade auspiciosa de mudar uma crise iminente, como das ditas mudanças climáticas e do esgotamento de um ciclo energético baseado nos combustíveis fósseis, enquanto interesses dúbios fazem parte das tomadas de decisões a partir do que se denomina a terceira via, os créditos de carbono e a diminuição da emissão de dióxido de carbono. Por fim, surge a questão de como fica a distribuição das riquezas entre as nações ricas e pobres, e entre explorados e exploradores.

A questão ambiental parece não estar perto de ser resolvida. Porém percebemos que países como o Brasil e a Rússia tornam-se referências entre as grandes nações e a Alemanha para as de menores dimensões territoriais.

CONFERÊNCIAS AMBIENTAIS

As conferências ambientais surgem como um problema entre estados e por sua vez como um problema global, visto com ressalvas, principalmente por países em fase de industrialização. O que é sabido é que elas ocorrem ao mesmo tempo em que o neoliberalismo é posto em prática e as nações como o Brasil, iniciam seu processo desindustrializando, voltando sua economia para a produção de matérias-primas e commodities. Temos assim, a nova Divisão Internacional do Trabalho.

Por ordem cronológica temos as seguintes conferências ligadas à Questão Socioambiental:

- Em 1925 – Protocolo de Genebra – Temos a proibição do emprego na Guerra de gases asfixiantes, tóxicos ou similares e de meios bacteriológicos;
- 1964 – Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento – UNCTAD. Relaciona-se com a questão do comércio internacional e a industrialização. Ao mesmo tempo, que ocorre o processo revolucionário de descolonização da África. Nessa conferência na questão das águas marinhas, o subterrâneo marítimo é posto a partir do prisma comercial, em vez do olhar preservacionista;
- 1968, Paris – Conferência sobre Biosfera – Surge uma certa consciência ecológica em uma perspectiva global;
- 1971 – Praga, Tchecoslováquia – Simpósio sobre problemas relativos ao meio ambiente. Devido às chuvas ácidas na Europa, o continente do hemisfério norte convida o mundo a discutir o controle ambiental. Inicia-se a criação de medidas, nunca postas em prática de punição aos países poluidores;
- 1977 – Mar Del Plata, Argentina – I Conferência das Nações Unidas sobre a Água. Dizia-se que com o aumento da população, principalmente do Brasil, China, Índia e do continente africano, poderia ocorrer o esgotamento dos recursos hídricos, discutia-se o controle de natalidade, medidas abortivas, esterilização, medidas neo-malthusianas, além de uma forma de adotar um programa de gerenciamento dos recursos hídricos. Porém, é sabido que as indústrias e corporações eram as maiores consumidoras, desperdiçando bilhões de litros cúbicos de água por dia em todo o mundo. Essa conferência ficou conhecida como o primeiro encontro para tratar os problemas da água;
- 1987 – Protocolo de Montreal foi sobre as substâncias (dióxido de carbono era o foco) que destroem a camada de Ozônio, provocando o aquecimento Global (emendas em 1990 e 1992). Gerou o relatório da Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento (Comissão Brundtland), intitulado “Nosso Futuro Comum” realçou a importância da *proteção do meio ambiente* na realização do desenvolvimento sustentável (criação de diversas ONGs, e ingerência na soberania dos países pobres). Essa década coincide com dois acidentes nucleares, um na antiga União Soviética, atual Ucrânia, e outro nos Estados Unidos, no estado do Texas;

- EM 1991, como foi mencionando nas datas anteriores, o setor privado global prepara um documento denominado de “Carta Empresarial para o desenvolvimento sustentável” no âmbito da Câmara de Comércio Internacional (é preciso compreender que está havendo uma ruptura produtiva e energética em curso, e as empresas pioneiras faturam e competem com as que permanecem na estrutura anterior). Essa carta teve por objetivo direcionar o setor privado neoliberal, cumprir de forma abrangente as suas obrigações em matéria de gestão ambiental seria uma resposta social da empresa, hoje essa resposta virou uma moeda de troca no valor do produto;
- 1992 – Dublin, Irlanda – Conferência Internacional sobre Água e Meio Ambiente (está em curso um processo de internacionalização das reservas globais de água doce). Afirma que “a água doce é um recurso finito e vulnerável, essencial para garantir a vida, o desenvolvimento e o meio ambiente”, nesse momento inicia-se o agravamento no fornecimento hídrico da Europa. A questão dessas reuniões pouco fez em responsabilizar as indústrias e o setor privado apesar de ser o maior beneficiado e consumidor e aquele que desperdiça; mas deu *essência* a uma responsabilidade e uma austeridade (como é observada no estado e na cidade de São Paulo) na população civil e no setor público;
- Declaração do Rio (1992) – Momento do final da União Soviética. Na prática o bloco Comunista europeu deixava de existir. A conferência tornou-se um marco, teoricamente, na colaboração entre os povos. Ela buscou estabelecer “acordos internacionais que respeitem os interesses de todos e protejam a integridade do sistema global de ecologia e desenvolvimento”. Esses acordos se pautariam na Agenda 21. Ela tinha alguns pontos:

Preparar o “mundo” para os problemas e desafios ambientais do novo século XXI. A partir de encontros multilaterais com centenas de países, ter por objetivo o desenvolvimento e o compromisso ambiental. Ela culpa os governos por qualquer falha na implementação das políticas, porém isenta agora na fase neoliberal da economia e da sociedade, o setor privado de sua responsabilidade, sendo ele em si atua no território, já que o Estado é mínimo nessa fase. Palavras chaves surgem como solução: *sustentabilidade*, para evitar a *degradação ambiental*.

- Em 2009 – é assinado o Protocolo de Kyoto, o qual foi o primeiro acordo que responsabilizou os países ricos, denominados desenvolvidos, pelos maiores problemas globais relacionados ao meio ambiente. Nele vislumbrou-se o fim de emissão de gases causadores do efeito estufa, como o dióxido de carbono. Iniciando um programa de reflorestamento, tecnologias limpas e o crédito de carbono, que seria uma forma de mascarar o problema ambiental e realizar uma compensação econômica pelo não desenvolvimento dos países pobres ou uma via de crescimento tecnológico e social. No momento do acordo o único país que não assinou o protocolo foram os Estados Unidos.

Observamos que com a crise instalada desde 2008 aos dias atuais, países como a China, optaram por desacelerar sua economia modificando a sua estrutura produtiva para atenuar a poluição presente em suas grandes cidades. Essas medidas, porém, afetam o crescimento sócio-econômico do Brasil, por exemplo; outros países como a Alemanha e o Brasil estão conseguindo aplicar as medidas do protocolo;

- No ano de 2002, na cidade de Johannesburgo, localizada na África do Sul, houve o Encontro da Terra, denominado de Rio+10. Nesse encontro avaliaram-se as decisões da Conferência do Rio de 1992.

PRINCIPAIS PROBLEMAS AMBIENTAIS.

Os maiores problemas ambientais enfrentados hoje são o processo de desertificação em todos os continentes, uma irregularidade nas chuvas, o aumento da temperatura global, o aumento do nível dos mares, o esgotamento das fontes energéticas não-renováveis, as secas prolongadas, a poluição das águas no campo e nas cidades, a falta de saneamento básico, o aumento da fome, a perda de variedade genética de plantas com o cultivo de commodities, a destruição de florestas, o derretimento das geleiras no ártico e na antártica, a poluição dos mares, o monopólio na produção de sementes pelas grandes corporações como a Monsanto, o uso de agrotóxicos em abundância, além da falta de mobilidade nos grandes centros populacionais.

ENERGIA E MEIO AMBIENTE

Vivemos uma crise energética, social e estrutural, no que diz respeito ao consumo e produção de energia. As fontes denominadas por não renováveis, além de estarem se findando, também causam sérios problemas socioambientais, como a mudança do clima local regional (ilhas de calor nas cidades e bairros), chuvas ácidas e torrenciais, causando inundações e deslizamento de solo, em uma escala regional e até mesmo continental como ocorre na Europa, Estados Unidos e China.

As grandes cidades, mal planejadas para o aumento de população e a distribuição espacial de água potável, tendem a desenvolver *latifúndios hídricos*, prevalecendo o valor econômico sobre a saúde e a segurança hídrica e social, bem como a seca associada ao recuo dos reservatórios subterrâneos.

Os desafios com a mobilidade urbana, os carros contra a vida, o transporte público, veículo pouco poluentes são, e provavelmente se tornarão o grande impasse para o convívio social e pacífico no futuro, dentro das grandes cidades.

A fome e o uso da terra para a produção de commodities, destinada à ração animal e à alimentação dos grandes centros econômicos são lógicas questionáveis, porquanto têm transformado as florestas nativas em culturas exógenas, bem como perdido a biodiversidade vegetal e animal, sendo resultados irreversíveis.

A industrialização sem precedentes, a poluição atmosférica, a falta de saneamento nos bairros pobres, a crise do estado e a falta de regulação do setor privado tem se somado aos outros fatores, incorrendo na necessidade de rever o sistema e a sua estrutura em uma escala global às instâncias mais próxima do cotidiano.

FONTES DE ENERGIA NÃO RENOVÁVEIS

As principais fontes *não renováveis* são originárias de *fósseis de animais ou vegetais*, que passam por um processo de cristalização ou decomposição a ponto de se tornarem residuais em forma de rochas/cristais, óleos ou gases:

Os principais são:

- O **Carvão Mineral**, que foi o primeiro a ser incorporado pelos industriais como combustível de suas fornalhas utilizadas na transformação de matérias-primas como o *ferro* e a *bauxita*, em *aço* e *alumínio*, matérias-industrializadas. Há *quatro tipos* de Carvão Mineral: *turfa*, *linhito*, *hulha* e *antracito*. Por ordem crescente em *concentração de carbono*, do primeiro para o quarto, eles têm seu valor energético e de queima gradativo em relação à concentração de carbono.
- O **Petróleo** é incorporado à indústria moderna a partir da segunda metade do século XIX. Era denominado antes desse período de betume e outros nomes. Um tipo de óleo subterrâneo é produzido a partir da quebra de moléculas orgânicas, animais ou vegetais, produzindo alguns tipos de óleos e gases ricos em carbono, se localizando em uma rocha porosa, formando um reservatório ao encontro de uma rocha sem porosidade, denominada de *selante*. É comum o encontro do *Petróleo* com o *Gás Natural*, porquanto são originários do mesmo processo geológico, da mesma matéria animal e vegetal.
- O **Xisto**, conhecido há muitas décadas, só foi incorporado à indústria energética e à matriz energética industrial na última década. Inicialmente nos Estados Unidos, onde há abundância desse material. O xisto originalmente, sem transformações, é uma rocha/cristal derivada da petrificação da argila, logo é de base orgânico-geológica. Nos Estados Unidos se desenvolveu um processo de quebra das moléculas desse cristal, produzindo um composto líquido rico em carbono e outros elementos, destinado à produção de combustível.
- O **Urânio**, conhecido desde o final do século XIX é utilizado na indústria bélica e civil a partir da década de 1940. É um mineral metálico radioativo, que tem um alto valor energético quando passa pelo processo químico de enriquecimento que quebra com seus prótons e libera seus elétrons, conhecido como enriquecimento do urânio. Esse processo é realizado na produção de energia elétrica em usinas nucleares e na detonação de uma arma nuclear.

FONTES DE ENERGIA RENOVÁVEIS

As fontes de energia renováveis são múltiplas, mas são menos exploradas e utilizadas do que as fontes não-renováveis, com exceção da hidráulica. As fontes são:

- **Energia Hídrica:** é produzida a partir da força hidráulica dos rios, movendo uma turbina que produz eletricidade com o impacto de sua movimentação;
- **Energia da Biomassa:** é derivada da extração de massa vegetal como, óleos vegetais, cana-de-açúcar, madeira e outros, a partir de sua queima, produz-se uma força próxima da energia derivada do vapor;
- **Energia Geotérmica:** é produzida a partir da força da temperatura de vulcões e gêiseres, sendo ainda pouco explorada;
- **Energia das Ondas e Marés:** mais comum em países desérticos, como do Golfo Pérsico e Israel. Utiliza-se da força sísmica produzida pelas marés ao se encontrarem com o continente;

- **Energia solar:** se utilizam dos raios solares para gerar energia. Muito presente em residências, porém insuficiente para a indústria pesada;
- **Energia eólica:** é a energia gerada por meio da força do vento captado por aerogeradores (*pás de um moinho*). Tem se expandindo comercialmente em todo mundo, no Brasil é a fonte que mais tem recebido investimento em relação à sua produção;
- **Etanol:** é produzido principalmente a partir da cana-de-açúcar (no Brasil), do milho (nos Estados Unidos) e da beterraba (Alemanha). Como energia (combustível) pode ser utilizada para fazer funcionar motores de veículos ou para produzir energia elétrica (nas usinas de etanol). Polui menos que os derivados do Petróleo, porém tem menos potência energética. Sem planejamento pode provocar a substituição de áreas agrícolas para alimentação, ocasionando escassez de alimentos ou inflação;
- **Biodiesel:** inicialmente desenvolvido no Brasil substitui parcialmente, em alguns casos inteiramente, o óleo diesel feito de petróleo. De origem vegetal, como da mamona e da soja, substitui os derivados do Petróleo, como o Diesel. Tem a vantagem de ser mais fino, destinando-se principalmente para a produção de combustíveis.

ENERGIA E A INDUSTRIALIZAÇÃO

As transformações das fontes energéticas e a formação das matrizes se relacionam principalmente com capitalização do consumo de mercadorias e sua produção industrial. Exigindo fontes ricas em potência e abundantes para manter um ciclo produtivo e duradouro, podem sempre provocar mudanças, como as chamadas inovações do ciclo econômico-produtivo. Temos três fases organizadas que marcam certas rupturas de ciclos produtivos e de consumo, que são classificadas de:

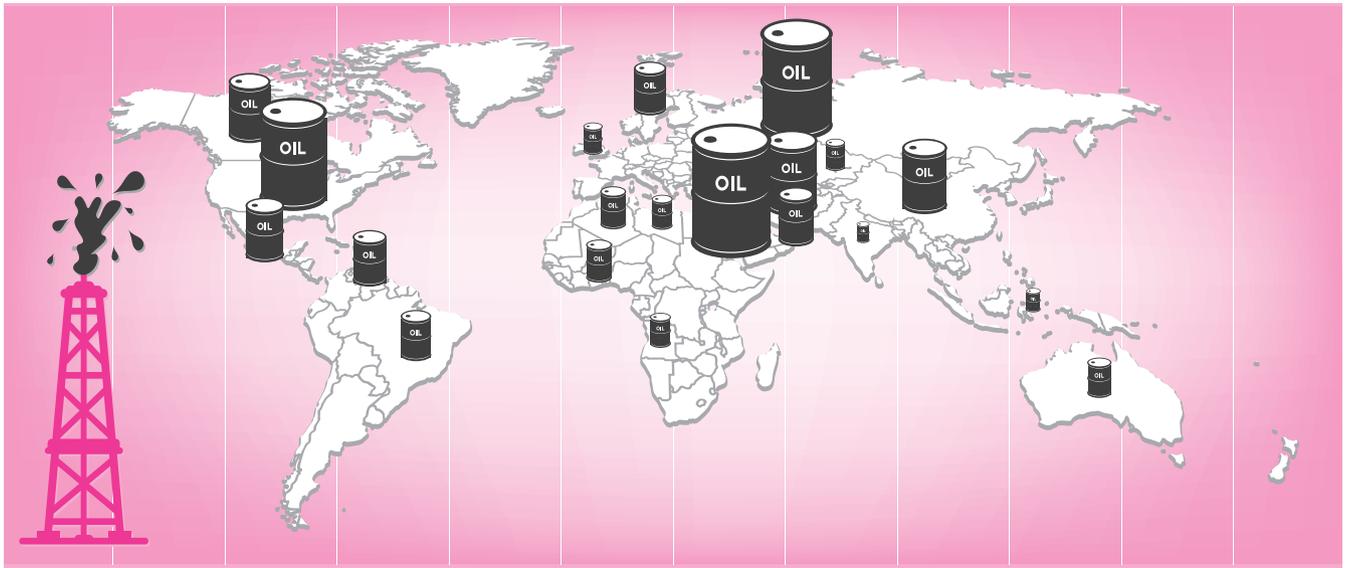
- **1ª Revolução Industrial – 1730 – 1860** – conhecida como a revolução da mecânica; a principal fonte energética era o vapor e o carvão mineral. Ela inicia-se na Inglaterra com a criação do tear mecânico, movido pela força da evaporação das águas, que será aproveitado pela força mecânica da água na produção de energia. Dessa tecnologia se formará todo um complexo produtivo e de consumo, sendo a principal a metalurgia, além de modificar toda a estrutura social do mundo a partir do colonialismo. Algumas tecnologias criadas na época: máquina a vapor, tear mecânico, barco a vapor;
- **2ª Revolução Industrial – 1860 – 1940** – é conhecida como a revolução química. Teremos a maior parte dos conhecimentos químicos a respeito dos elementos e seus usos no planeta, bem como o início das tecnologias de transformação denominadas de siderurgias. Te,os então as refinarias de petróleo, a indústria farmacêutica e automobilística a partir da produção de combustível e da criação do motor mecânico, a energia elétrica a partir das termelétricas, hidroelétricas e o gás natural.
- **3ª Revolução – 1940** – como foi conhecida a ruptura tecnológica social na criação de tecnologias e na produção de bens de consumo, e no próprio consumo. Ela prevalece até os dias de hoje. É conhecida como a revolução informacional/linguagem, pois é a criação do computador, da televisão do satélite, da internet, das redes sociais, das tecnologias de espionagem, do GPS, a transformação do telefone. Nesse período o urânio passa a ser utilizado como fonte energética e matriz de muitos países, como a França, o Japão e a Alemanha. Atualmente o xisto é incorporado na produção de eletricidade nos Estados Unidos, a partir do gás de xisto, utilizado nas termoelétricas. O período atual também pode ser compreendido como uma revolução energética com a criação de uma variedade crescente de tipos de fontes de energia como a nuclear, solar, biodiesel, álcool, eólica, internet, hidrogênio, biomassa e outras mais.

ESPACIALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RESERVAS ENERGÉTICAS DO MUNDO

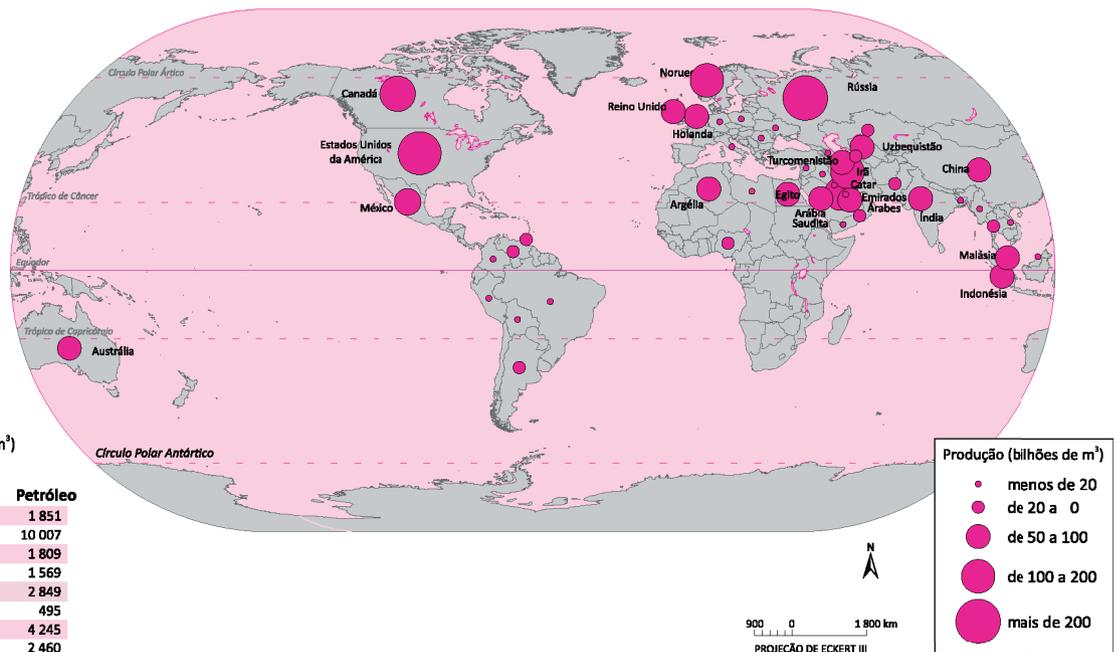
Em todo o mundo há quantidades inumeráveis de recursos minerais e fontes de energia. Sempre há a descoberta de novas fontes e o desenvolvimento de novas tecnologias.

Um das fontes energéticas provenientes de Combustíveis não renováveis mais utilizadas é o Petróleo, com suas reservas abundantes no Oriente Médio (Arábia Saudita, Irã, Países do Golfo Pérsico, Iraque e Síria), nas antigas repúblicas Soviéticas (Cazaquistão, Azerbaijão, Turcomenistão, Uzbequistão), na China, no Mar do Norte (Grã Bretanha, Noruega, Dinamarca e Holanda), no Caribe (Estados Unidos, México e Venezuela), Na Plataforma Sul-Americana (litoral do Brasil, Argentina e Uruguai), na América do Sul (Bolívia e Paraguai), em Angola, Nigéria e Líbia, juntamente da Tanzânia e Namíbia na África.

PRODUÇÃO GLOBAL DE PETRÓLEO



GÁS NATURAL 2010



Países da OPEP -
Produção 2010

Produção de gás natural (bilhões de m³)
Produção de petróleo (mil barris/dia)

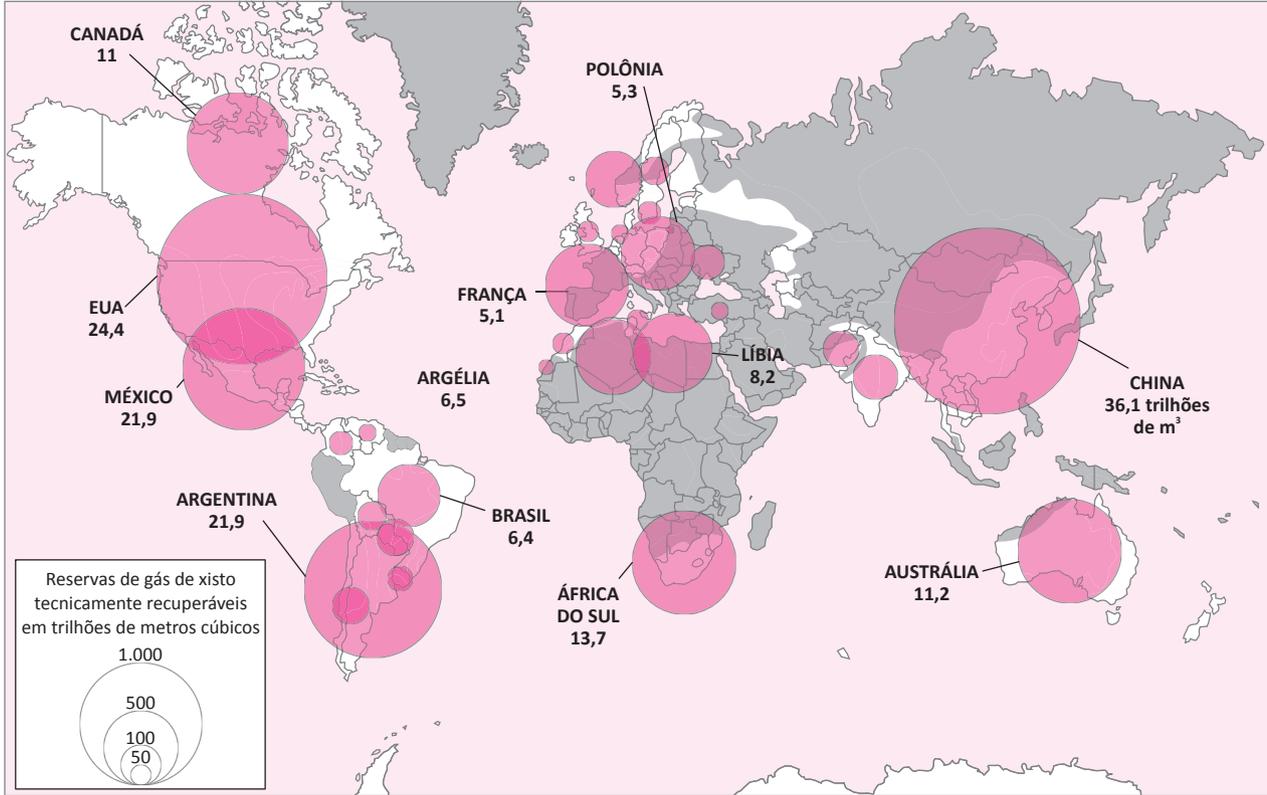
País	Gás natural	Petróleo
Angola	não disponível	1 851
Arábia Saudita	83,9	10 007
Argélia	80,4	1 809
Catar	116,7	1 569
Emirados Árabes Unidos	51	2 849
Equador	0	495
Irã	138,5	4 245
Iraque	1,3	2 460
Kuwait	11,6	2 508
Líbia	15,8	1 659
Nigéria	33,6	2 402
Venezuela	28,5	2 471

Fonte: Anuário estatístico brasileiro do petróleo, gás natural e biocombustíveis 2010. Brasília, DF: Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP, 2010. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/?pg=57662#Se_o_2>. Acesso em: mar. 2012.

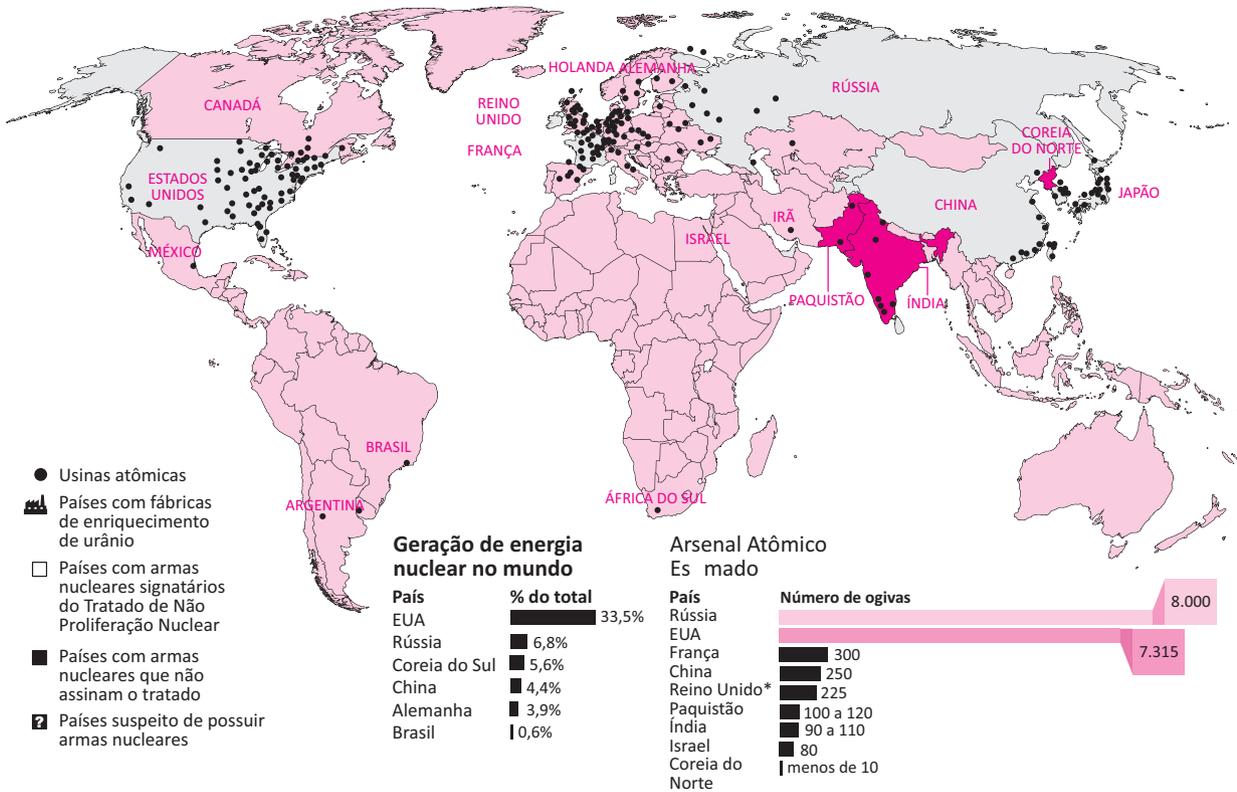
Os combustíveis fósseis como o petróleo e o Gás Natural invariavelmente se encontram nas mesmas jazidas. Podemos comparar a localização de ambos no espaço global.

Os mapas a seguir representam as distribuições do xisto e das usinas nucleares no mundo.

UM PRÊMIO INCERTO – ACREDITA-SE QUE HAJA GÁS DE XISTO EM MUITOS PAÍSES

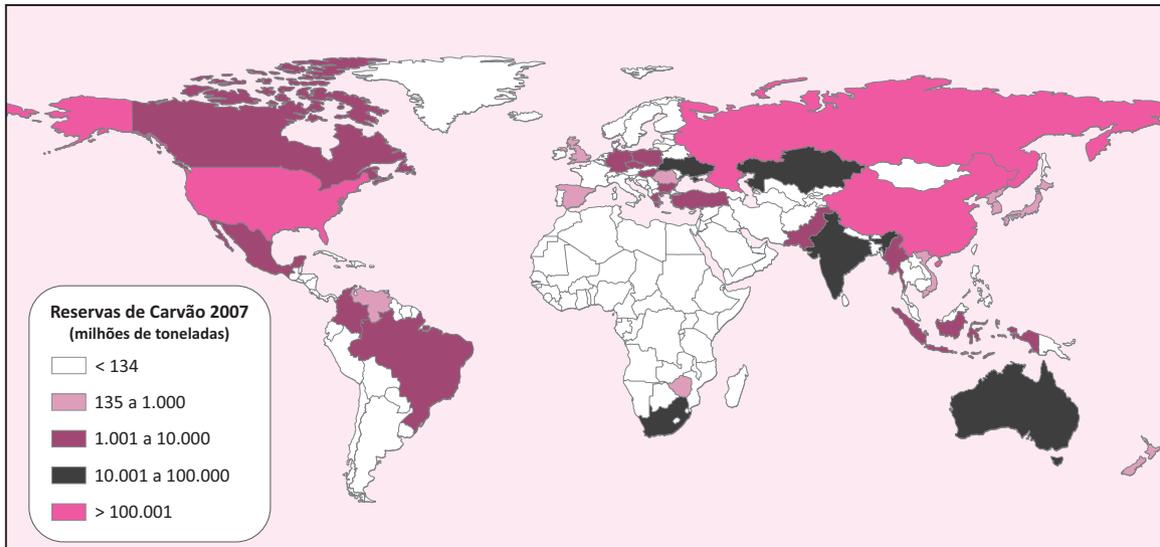


Fonte: Agência de Informação Energética dos EUA



Fonte: Associação Nuclear Mundial e Federação Americana de Cientistas, dados de 2014.

RESERVAS MUNDIAIS DE CARVÃO MINERAL – 2007 (EM MILHÕES DE TONELADAS)

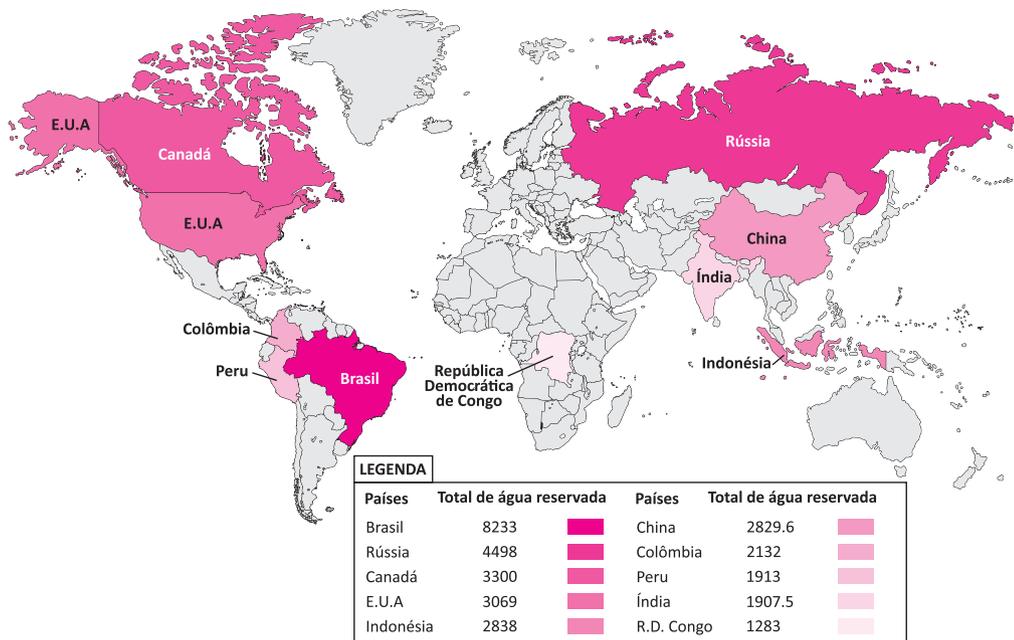


Fonte: BP, 2008.

Esses mapas representam a distribuição de recursos, e se associam com os países que mais produzem matérias-primas como fontes de energia- não-renováveis.

A distribuição de recursos hídricos possíveis de serem utilizados na produção de energia hidráulica é menor do que em relação aos recursos minerais fósseis. Principalmente por haver grandes áreas desérticas no planeta. O mapa abaixo demonstra a espacialização da água doce subterrânea do globo. Com exceção do Congo, o único país no centro do continente africano, os demais têm uma grande quantidade de hidroelétricas em seu território, com destaque para o Brasil, China e Estados Unidos:

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA



O Brasil tem as maiores

O Brasil tem as maiores reservas de água doce do mundo, e a América do Sul possui um dos mais altos índices de disponibilidade de água vs. população.

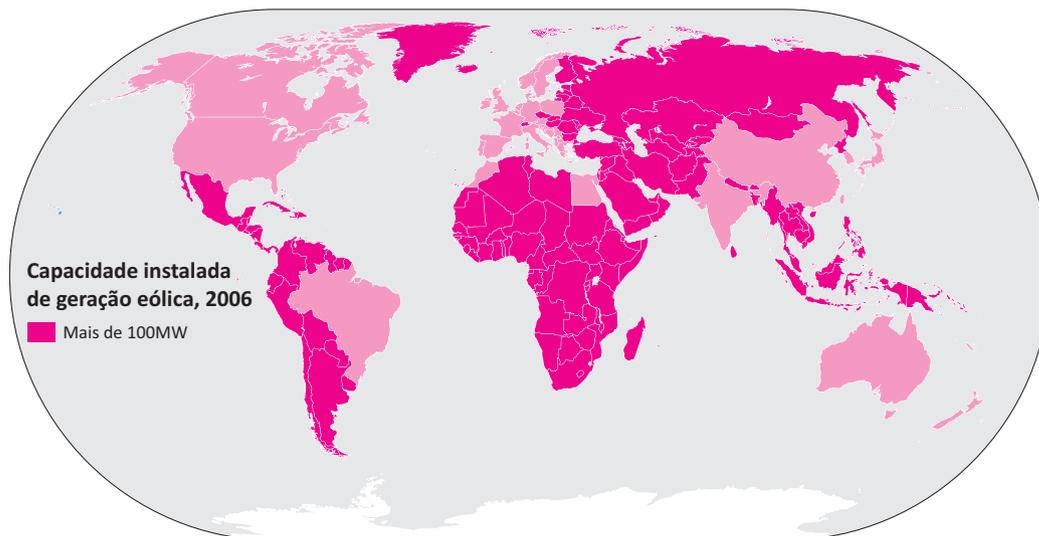
Este é um indicador essencial para qualquer produtor mundial de alimentos e, especialmente, para os exportadores de alimentos.

Centro de Agronegócio da FGV – GV Agro

A energia hidráulica, Eólica, Biodiesel e Solar são as que reconhecem maior expansão no mundo atualmente.

A FORÇA DOS VENTOS

A energia eólica vem se tornando popular em muitos países, sendo a Alemanha o maior produtor. Na Europa, as turbinas eólicas poderiam atender a 16% de todas as necessidades energéticas até 2020.



Fonte: Global Wind Energy Council 2003

PAÍSES COM MAIOR CAPACIDADE INSTALADA DE GERAÇÃO EÓLICA, 20 MEGAWATTS (MW)

Alemanha 20.622	Espanha 11.615	EUA 11.603 Classificado em primeiro lugar em 2006 por sua capacidade total: 2.454 MW	Índia 6.270	Dinamarca 3.136	China 2.604	Itália 2.123	RU 1.963	Portugal 1.716	França 1.567
---------------------------	-------------------	--	----------------	--------------------	----------------	-----------------	-------------	-------------------	-----------------

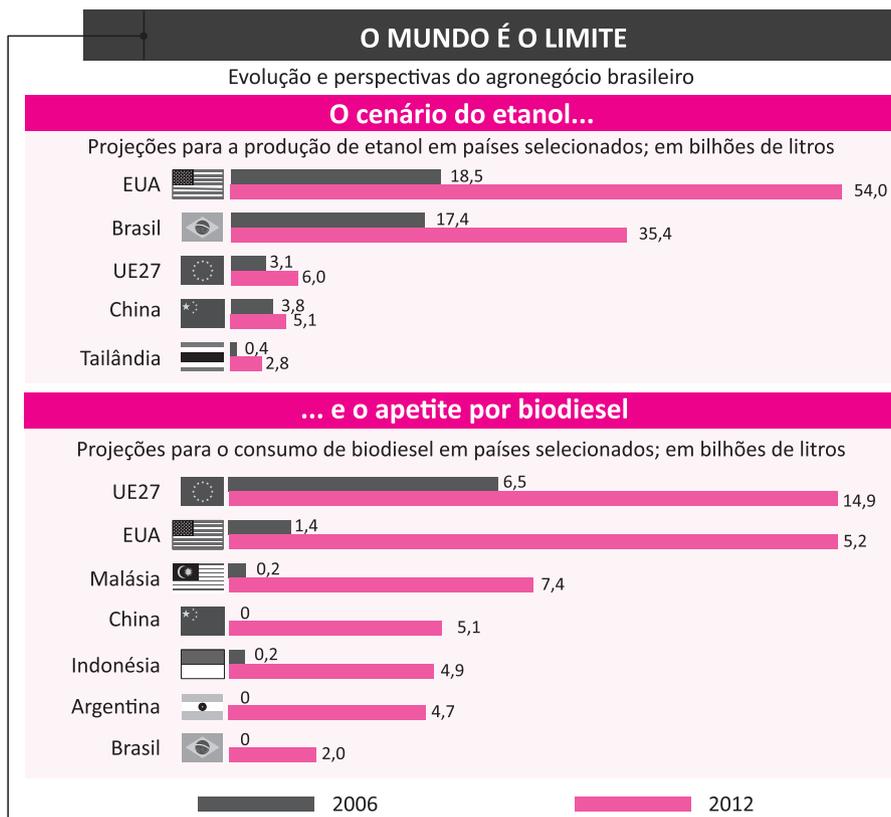
Fonte: Global Wind Energy Council 2003

ENERGIA EÓLICA – CAPACIDADE INSTALADA NO MUNDO (MW)

País/região	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Alemanha	2080	2874	4445	6113	8734	12001
Estados Unidos	1590	1927	2492	2555	4245	4645
Dinamarca	1116	1450	1742	2297	2456	2889
Espanha	512	834	1530	2402	3550	4830
Brasil	3	7	20	20	20	22
Europa (exceto Alemanha Dinamarca e Espanha)	1058	1411	1590	2610	2760	3637
Ásia	1116	1194	1287	1574	1920	2184
Continente Americano (exceto EUA e Brasil)	52	128	194	223	302	353
Austrália e Pacífico	33	63	116	221	410	524
África e Oriente Médio	24	26	39	141	147	149
Total	7584	9914	13455	18156	24544	31234

Fonte: Global Wind Energy Council 2000

O mapa representa a distribuição espacial da produção de energia elétrica a partir do uso da força eólica no mundo. Os países que aparecem são aqueles que mais têm investido na variedade energética e em tecnologias para a produção da energia eólica.



Fontes: Universidade Estadual de Iowa, Unica, Abiave/Elaboração. Icone. 2006-2012

Esse gráfico representa a produção de etanol e biodiesel no mundo. Os Estados Unidos lideram a produção e o consumo. O seu etanol e biodiesel são produzidos a partir do milho, podendo provocar crise alimentar no mundo, por serem um dos maiores produtores do cereal na escala mundial.

SITUAÇÃO ENERGÉTICA BRASILEIRA

O Brasil no cenário mundial tem um dos maiores potenciais de produção de energia renovável no mundo. Dentro do grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) é o país com a maior participação de energia renovável em sua matriz (não incluindo a importação).

- As fontes renováveis representaram 73% da geração de energia elétrica do país, em 2014.

Nos demais países do grupo, esse percentual varia de 2% (no caso da África do Sul) a 22%, na China.

Justapostos às fontes renováveis (hidroelétricas, eólicas, solar) estão os combustíveis fósseis (petróleo, carvão, gás natural e os derivados), como os principais emissores de CO₂ e não renováveis. Esses desempenham uma dependência estratégica e secundária na matriz de geração elétrica do país.

Os combustíveis fósseis participam com apenas com apenas 22% na geração energética do Brasil

A energia renovável na oferta interna – sendo esta toda energia necessária para movimentar a economia de um país – corresponde a 39% na demanda brasileira.

A energia interna dos BRICS é de 14,2%, enquanto na média mundial as renováveis representam 13,6%.

O Brasil no cenário dos países industrializados é o que tem a menor taxa de emissão de carbonetos (CO₂), principalmente devido à sua matriz energética, predominantemente renovável.

HIDRELÉTRICAS

As hidrelétricas são as principais usinas de produção de energia elétrica no Brasil e, a base da estrutura produtiva da matriz energética do país.

Podemos considerar se não fossem as condições naturais (geomorfológicas, hídricas, climáticas e geológicas), que o território dispõe certamente a industrialização no país estaria retardada em 20 a 30 anos, permanecendo em uma defasagem tecnológica mais acentuada, diante dos países pioneiros nas transformações tecnológicas e produtivas.

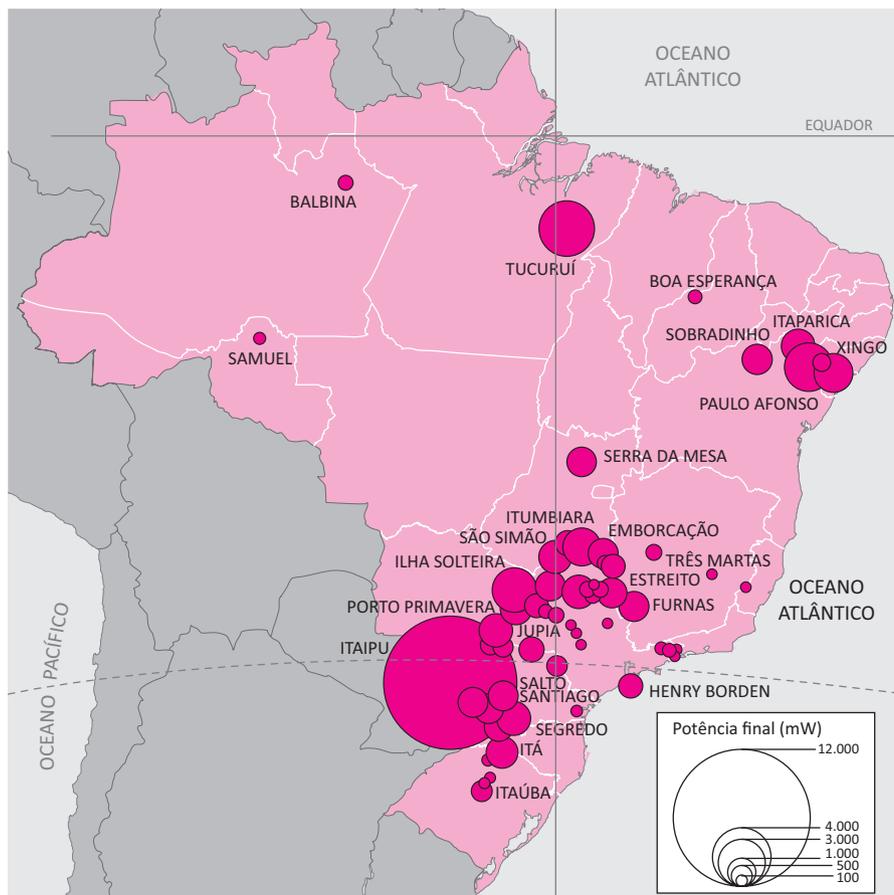
As hidrelétricas no Brasil seguem e se distribuem na lógica das bacias hidrográficas, que influenciam na divisão regional brasileira, sendo a principal bacia da base produtiva a do Paraná.

Nessa bacia, os principais estados do agronegócio e industrializados, bem como o setor de serviço são: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo.

Os principais rios que compõem a Bacia do Paraná são: Paranaíba, Grande, Tietê, Paraná, Corumbá. Nesses rios há maior parte das usinas, com destaque à Usina de Itaipú, que é binacional, bem como a maior, com exceção da Usina de Tucuruí, no Rio Tocantins, que compõe a Bacia Amazônica.

A capacidade média de produção energética da Bacia do Paraná é: 94.684.781 megawatts-hora (MWH). Quer dizer que fornece 20% do consumo brasileiro, bem como quase a totalidade Paraguai.

BRASIL: USINAS HIDRELÉTRICAS



Outra Bacia hidrográfica que se destaca na produção energética, onde se tem concentrada a maior parte dos investimentos estatais é a Amazônica. Nela têm sido construídas diversas pequenas usinas, sendo três de grande porte: duas Usinas no Rio Madeira, na divisa entre o Acre, Rondônia e Amazonas e uma no Rio Xingu, a Usina de Belo Monte.

O principal rio produtor de energia elétrica, que possui a maior parte de usinas, é o Rio Tocantins. Iniciando com a Usina de Cana Brava, no estado de Goiás, tem em Tucuruí a segunda maior usina do País em produção energética.

A Bacia do Rio São Francisco corresponde em sua quase totalidade ao abastecimento elétrico e energético da região Nordeste: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba. Na região ainda impera outras fontes como a solar, eólica e as de etanol e principalmente, as usinas termoelétricas.

PROGRAMA NUCLEAR BRASILEIRO

O programa nuclear brasileiro inicia-se com pesquisas no final da década de 1930 e início de 1940.

O contexto do programa estava na 2ª Guerra Mundial, na descoberta de reserva de Urânio abundante no quadrilátero ferrífero em Minas Gerais e no Ceará. A pressão estadunidense era para que o Brasil doasse esse mineral, o interesse na produção energética, como já foi dito, sobre as hidroelétricas, contribui para o início das pesquisas. Pois, nesse período não havia se definido a matriz energética e a industrialização se iniciava, bem como a busca por desenvolver o conhecimento científico e militar a partir desse programa.

A energia nuclear no Brasil sempre se mostrou promissora e auto-suficiente. Sendo limpa e barata é produzida a partir de uma tecnologia nacional, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de São Paulo e Universidade Federal Fluminense.

Podemos notar que sempre foi de interesse público e estatal desenvolver pesquisas na área nuclear. As usinas nucleares no Brasil concentram-se no litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Elas são denominadas de Angra I e II. As duas usinas juntas são conhecidas nos departamentos estatais como a *Eletronuclear do complexo nuclear de Angra dos Reis*.

O potencial de geração total delas é de aproximadamente 29.700.000 MWh por ano, sendo capaz de atender a cerca de 60% da demanda energética do Estado do Rio de Janeiro, se considerarmos os dados de 2014.

As duas usinas foram construídas a partir da colaboração estratégica inicialmente dos Estados Unidos, em 1962, quando se constrói a Angra I, com interesse em ampliar o programa, mas tendo a recusa do estado norte-americano, já na década de 1970, o regime militar com apoio da República Democrática da Alemanha, constrói a usina nuclear conhecida como Angra II.

A Alemanha ainda se encontrava dividida entre Ocidental –Capitalista – e Oriental – Comunista, denominada de República federal da Alemanha. A divisão ocorreu desde o pós-guerra como punição de guerra.

POTENCIAL ENERGÉTICO BRASILEIRO

O Brasil, na perspectiva global, é uma das regiões com maior diversidade e capacidade de produção energética renovável e não renovável do mundo. Não é por acaso que a matriz energética brasileira está ligada à hidroeletricidade, que corresponde aproximadamente a 80% da produção energética do território nacional.

Na última década houve um crescimento da participação de diversas matrizes como as Usinas de Etanol, Termoelétricas, Eólicas, Solares e Nucleares.

O investimento estatal tem se direcionado para a energia elétrica gerada a partir dos ventos, a chamada produção eólica. Houve um crescimento de 103%, quer dizer que ela produziu 5.833 MW de 2014 a 2015, em relação aos 2.877 MW (megawatts) comparados aos anos anteriores.

No Brasil há 21 usinas termoeletricas, todas pertencentes à Petrobras, concentradas em sua maioria na região Norte e Nordeste. As usinas de Etanol se concentram na Zona da Mata Nordestina (Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe, Alagoas) e na mesorregião do Centro-Sul (estados de Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Espírito Santo).

Há 9 usinas de etanol da estatal, somadas à participação de centenas ligadas ao setor privado. As usinas de etanol concentram-se na Zona da Mata Nordestina e na Região Centro-Sul, segundo dados do IBGE. Abastecem principalmente pequenas cidades e o seu próprio consumo.

O projeto de uma terceira usina nuclear no Brasil, denominado de Angra 3, ainda não entrou em funcionamento. O projeto que prevê a aplicação da expansão dessa fonte energética é nomeado de *O Plano Nacional de Energia 2030*.

Nos últimos doze anos se desenvolveu uma política pública e estratégica a respeito da matriz energética brasileira, principalmente com foco na expansão da indústria de base, que deixou de existir no país e na modernização e crescimento produtivo, com foco no aumento da demanda (inclusão social, aumento da renda, crescimento vegetativo e demográfico da população).

Independentemente das projeções e da diversificação, a base hidrelétrica não deixará de prevalecer no país, pois o potencial de recursos hídricos é imensurável até a presente situação socioambiental.

A fonte hidráulica é da ordem de 76,2%, seguida pela térmica (gás, diesel e carvão), que detém 21, 5% de um total de 96.504 MW de capacidade instalada em 2006.

A projeção de investimentos prevista pela Empresa de Pesquisa Energética até o final de 2015 será de 75 bilhões de reais, sendo 60 bilhões em hidrelétricas e 15 bilhões em unidades térmicas.

Essas políticas ainda estão sendo construídas e se estabelecem a partir de diagnósticos. Busca-se a construção de pelo menos mais quatro usinas termonucleares, divididas entre o Nordeste e Sudeste brasileiro com a produção mínima de 1.000 MW cada uma.

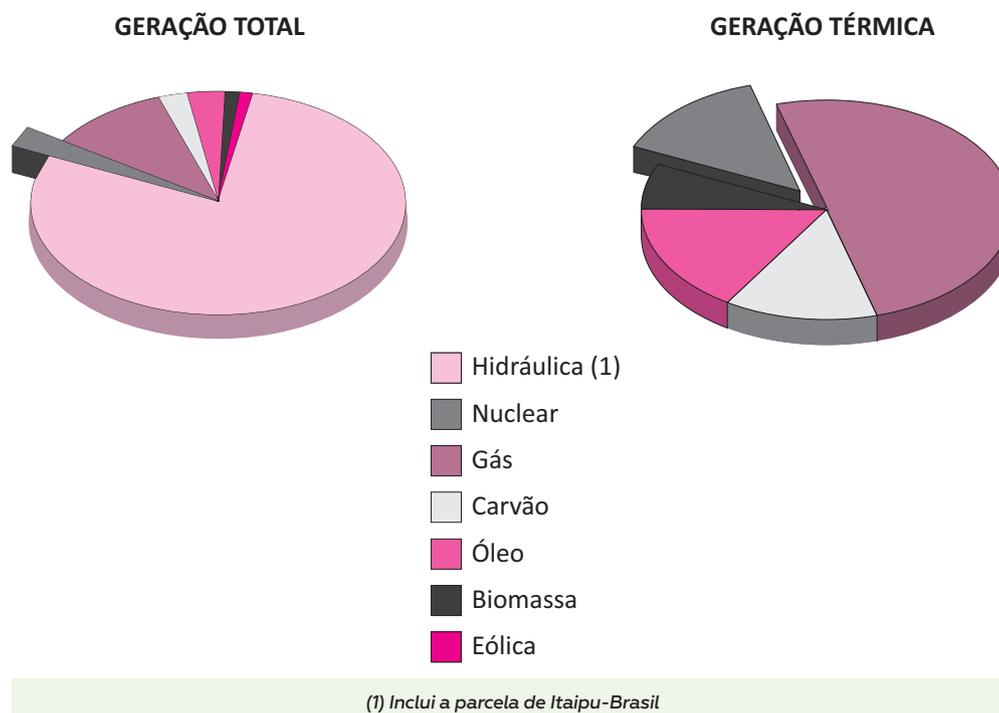
Nessa projeção a matriz nuclear poderia ser ampliada de 2.007 MW para 7, 3 mil MW. Partindo de três usinas atualmente em produção (Angra 3 ainda não está produzindo energia elétrica), para sete em prognóstico.

A energia solar também tem sido foco em investimentos. A maior usina construída atualmente está na cidade de Campinas (SP), sendo capaz de abastecer 630.000 habitantes da cidade, o que quer dizer algo próximo a 70% da população, produzindo em torno de 200 kWh todo mês.

Na tabela e no gráfico a seguir é possível observar os dados da produção energética brasileira e sua relação com a matriz proveniente. No que diz respeito à produção hidráulica há a exceção da Usina de Itaipú, porém seus dados já foram expostos acima.

GERAÇÃO DO SISTEMA INTERLIGADO NACIONAL (SIN) PERÍODO: JANEIRO/2013 E DEZEMBRO/2013

TIPO DE USINA	GERAÇÃO TOTAL		GERAÇÃO TÉRMICA
	(GWh)	(%)	(%)
Hidráulica (1)	414.538,359	78,81	-
Nuclear	14.645,452	2,78	13,64
Gás	54.071,415	10,28	50,37
Carvão	14.194,580	2,70	13,22
Óleo	16.932,360	3,22	15,77
Biomassa	7.494,615	1,42	6,98
Eólica	4.088,711	0,78	-
Total térmicas	107.338,422	20,40	100,0
Total do SIN	525.965,492	100,0	-



Fonte: ANEEL

Podemos apontar que a diversificação das matrizes energéticas é inevitável a partir de múltiplos estudos e coeficientes. Principalmente por questões socioeconômicas como das incertezas, logo de variação, do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nos próximos anos, como referente às deficiências estruturais do país, presente desde o início de sua industrialização. O que interfere na relação oferta/demanda, como já foi exposto, bem como dos fatores climáticos e de matéria-prima (o que chamamos de recursos minerais) de abastecimento.

PROBLEMAS ENERGÉTICOS

Alguns fatores decorrem para provocar crise ou mau desempenho na produção de energia elétrica como:

- O problema socioambiental, que permite o agravamento da escassez de recursos minerais, como a água em São Paulo. Sendo um problema endêmico e conectado com todo o país, principalmente ao observarmos a urbanização sem estudos e prognósticos com os impactos ambientais. Assim ocorre a impermeabilidade do solo, não permitindo o aumento da vazão hídrica no reservatório subterrâneo. Além de permitir o aumento da evaporação acelerada e compulsória, acarretando em chuvas torrenciais nas grandes cidades. Desse modo, com a formação das *megalópoles* o abastecimento hídrico passa a ser um desafio social e nacional, influenciado principalmente pelos hábitos adquiridos e praticados pela maioria da população desses centros.
- Problemas de infra-estrutura, como a necessidade de conectar os pontos produtores de energia (*as usinas*) em todo o território nacional, além de buscar novas tecnologias para se ampliar a potência produtiva das turbinas e da fiação elétrica (*as redes*), não havendo perda de energia com o transporte, nem a obliteração da rede.
- Um parque industrial defasado e com pouca perspectiva de mudança, devido, principalmente, à mudança de setor realizada pelos investidores (*as*), saindo do setor secundário, partindo para o terciário, ou retirando suas indústrias para locais onde as leis trabalhistas são flexíveis ou inexistentes e impostos são mais baixos, ou adquirem incentivo fiscal.

A perspectiva atual reconhece o crescimento do investimento estatal e privado na diversificação da matriz energética brasileira, apesar dos inúmeros desafios que um país continental enfrenta.

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01| *As primeiras duas semanas de setembro trouxeram chuvas acima da média e ampliaram em 50 bilhões de litros as reservas das principais represas da Grande São Paulo. Todo esse volume, porém, representa apenas um ligeiro alívio nos agonizantes mananciais e deverá ser todo consumido num intervalo de apenas três semanas de estiagem – como aconteceu nos últimos 18 dias do mês de agosto.*

E é justamente essa a previsão dos climatologistas para a próxima semana. Segundo essas previsões, a região metropolitana e seu entorno, onde estão os seis principais reservatórios, terá bastante calor e quase nenhuma chuva.

Setembro e o último mês da estação seca, iniciada em abril. A expectativa do governo Geraldo Alckimin (PSDB) é que as chuvas em grande volume voltem a partir de outubro – na última estação chuvosa, porém, elas só vieram em fevereiro e março.

A Grande de SP vive hoje a mais grave seca já registrada.

Chuva Fora de Época Dá Só 18 dias de Alívio. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em 15 Set, de 2015

A crise hídrica na grande São Paulo acontece a mais de um ano. O Brasil é o país como as maiores reservas hídricas do mundo, e com dois gigantescos reservatórios subterrâneos, entre eles o Aquífero Guarani, que ocupa a metade subterrânea do Estado de São Paulo. Diante do que vem sendo noticiado e dos dados geográficos aponte as principais consequências da crise hídrica e os principais influenciados negativamente com ela.

Resolução:

A crise hídrica expõe a fragilidade que cidades como São Paulo estão expostas. Apesar de ser a cidade mais rica e com uma das maiores rendas per capita do país, mantém uma política socioambiental guiada pelo estado de São Paulo, que deteriora os recursos hídricos e ambientais. Além de excluir e punir com altos valores as tarifas de água e energia elétrica para a população civil, deixando de onerar os maiores consumidores e quem mais desperdiçam as indústrias e o grande varejo. A consequência imediata é o esgotamento ambiental e a tensão social sobre esses recursos, potencializando a exclusão e a violência social.

02| *Brasil está prestes a ver mais um reservatório de usina hidrelétrica ocupar espaços que antes eram destinados a múltiplos usos. A história se repete, com nuances de diferenças e muitas similaridades. A hidroeletricidade é apontada como uma das energias ambientalmente mais limpas do planeta, no entanto, não se pode dizer o mesmo de seus impactos sociais. A hidrelétrica de Belo Monte está instalada em uma das regiões de maior sociobiodiversidade, do Brasil, muito próxima ao Parque Indígena*

do Xingu e de Altamira, cidade que sempre foi um portal para a Amazônia. [...] Há críticas consistentes também em outras áreas da relação entre poder público e a Norte Energia, como saúde ou segurança. A presença da obra de Belo Monte, que será a 3ª maior hidrelétrica do mundo, levou milhares de trabalhadores e migrantes para a região, causando um enorme impacto sobre os serviços públicos, que já não eram de excelência antes do início dessa movimentação. A população de Altamira deu um salto de 100 mil para 150 mil habitantes, o que se refletiu no número de ocorrências policiais, onde a taxa de homicídios subiu de 48 para cada 100 mil habitantes para os atuais 57 assassinatos por 100 mil habitantes. A média nacional é de 32 e a média mundial é de seis.

Belo Monte Uma Usina de Promessas. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br>.

Acesso em 11 Set. 2015.

Os grandes reservatórios hídricos construídos para produção de força e movimentação das turbinas de uma usina hidroelétrica no Brasil, a partir de 1970, foram quase todos destinados à produção de energia elétrica destinada às Indústrias e suas atividades. O preço ambiental e social é tão caro, quanto a falta de produtividade. O valor maior é a ruptura cultural e de sociabilidade nas áreas onde houve e há presença dessas infraestruturas. Explane sobre as principais consequências negativas e positivas de Belo Monte.

Resolução:

Belo Monte é um projeto estratégico de ocupação e povoamento do norte Brasileiro. O principal objetivo é produzir energia e construir uma base industrial de transformação de metais (metalúrgica e siderúrgica), absorvendo a produção de minerais da Serra dos Carajás, que é explorada pela Companhia Vale. Tendo o apoio da ferrovia e dos portos locais, em uma década a região torna-se-ia uma das principais zonas industriais do Brasil, quicá do mundo. Os impactos desses projetos são gigantescos são imensuráveis, pois deslocam populações de suas áreas históricas de ocupação, muitas se retiram para locais piores. Retiram os seus hábitos e interferem em sua cultura, provocando problemas sociais, muitos são presenciados nas cidades. Com a atração de população exógena da região, muitas não conseguem emprego ou outras atividades no final da construção, se desenvolve toda uma economia da violência, que gera décadas de problemas sociais e custos ilimitados a todos. Os problemas imediatos também se referem aos trabalhadores da construção, pois muitos permanecem anos no local, criando uma demanda por saúde, escolas, que não são atendidos pelas construtoras que os contrata, causando sérios problemas às administrações públicas dos municípios, estados e da união.

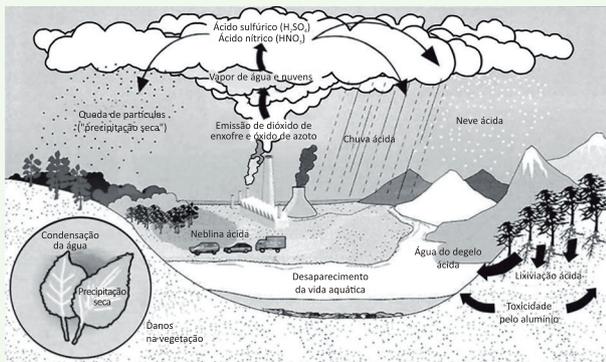
F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

- 01** A partir da tabela do Sistema de Interligação Nacional, podemos observar a média em porcentagem e em KW. A energia hidráulica se destaca diante das demais matrizes energéticas no Brasil. Argumentem quais seriam os impactos econômicos e sociais no cotidiano se houver distúrbios atmosféricos como uma seca prolongada:
- 02** Sobre a diversidade energética e o potencial de produzi-las, muitos países buscam parceria uns com os outros, em particular com o Brasil. Por quê?
- 03** O Relevo do Brasil, segundo o professor Aziz Ab'Saber, é dividido em domínios morfoclimáticos, que seria a associação do relevo, do solo, vegetação, clima e bacias hidrográficas na composição regional do ambiente brasileiro. Este conceito é da Geografia, em razão do de Bioma, que advém da Biologia. As ONG's Internacionais costumam trabalhar com o conceito de Bioma, numa perspectiva de ecossistemas, que são unidades de vida que se retroalimentam e se interdependem, constituindo sistemas complementares e indissociáveis; enquanto o IBGE e as instituições federais trabalham com o conceito geográfico. Para o Brasil, a partir de um projeto estratégico, qual a importância de ambos os conceitos na distribuição de Hidroelétricas no território nacional?
- 04** A abundância hídrica do Brasil é algo que chama a atenção de múltiplas instituições internacionais, corporações transnacionais, como a Nestlé, fábricas de celulose e biodiesel e etanol, entre tantas outras. Quando se exporta um produto primário, como a soja, do Brasil para o mundo, como a China ou a Europa, se exporta o clima, o solo e a água que esta commodity precisou para ter saúde, logo competitividade no mercado financeiro. Diga quais são os aspectos positivos e negativos desse tipo de agricultura nos recursos hídricos do país:
- 05** A crise hídrica nas grandes cidades tem sido um grande desafio brasileiro, quiçá do mundo. A crise tem sido um grande problema a ser enfrentado pelas pessoas, que compõe a sociedade de um país ou cidade. Porém, para se realizar intervenções culturais, no que tange o uso da técnica para promover a qualidade social da vida, é preciso organizar um projeto, chamado de planejamento, ressaltando os pontos positivos e negativos e medi-los diante da possibilidade de execução, pensando em uma democracia representativa, ainda instável e se consolidando após mais de vinte anos de regime ditatorial. Esses são os quadros sociais e espaciais do Brasil atual. Explane como deveria ser planejado e aplicado uma política socioambiental para as regiões metropolitanas do Brasil. Destaque uma e diga os seus problemas ambientais, e as consequências sociais delas:

T ENEM E VESTIBULARES

- 01** **ENEM** Nos últimos decênios, o território conhece grandes mudanças em função de acréscimos técnicos que renovam a sua materialidade, como resultado e condição, ao mesmo tempo, dos processos econômicos e sociais em curso.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2004 (adaptado).
- A partir da última década, verifica-se a ocorrência no Brasil de alterações significativas no território, ocasionando impactos sociais, culturais e econômicos sobre comunidades locais, e com maior intensidade, na Amazônia Legal, com a
- A** reforma e ampliação de aeroportos nas capitais dos estados.
- B** ampliação de estádios de futebol para a realização de eventos esportivos.
- C** construção de usinas hidrelétricas sobre os rios Tocantins, Xingu e Madeira.
- D** instalação de cabos para a formação de uma rede informatizada de comunicação.
- E** formação de uma infraestrutura de torres que permitem a comunicação móvel na região.
- 02** **ENEM** Empresa vai fornecer 230 turbinas para o segundo complexo de energia à base de ventos, no sudeste da Bahia. O Complexo Eólico Alto Sertão, em 2014, terá capacidade para gerar 375MW (megawatts), total suficiente para abastecer uma cidade de 3 milhões de habitantes.
- MATOS, C. GE busca bons ventos e fecha contrato de R\$820mi na Bahia. Folha de S. Paulo, 2 dez. 2012.
- A opção tecnológica retratada na notícia proporciona a seguinte consequência para o sistema energético brasileiro:
- A** Redução da utilização elétrica.
- B** Ampliação do uso bioenergético.
- C** Expansão de fontes renováveis.
- D** Contenção da demanda urbano-industrial.
- E** Intensifi-cação da dependência geotérmica.

03| ENEM



Disponível em: <http://blig.ig.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2011 (adaptado).

No esquema, o problema atmosférico relacionado ao ciclo da água acentuou-se após as revoluções industriais. Uma consequência direta desse problema está na

- A redução da flora.
- B elevação das marés.
- C erosão das encostas.
- D laterização dos solos.
- E fragmentação das rochas

04| ENEM



Disponível em: <http://sys2.sbgf.org.br>. Acesso em: 13 maio 2013 (adaptado).

A preservação da sustentabilidade do recurso natural exposto pressupõe

- A impedir a perfuração de poços.
- B coibir o uso pelo setor residencial.
- C substituir as leis ambientais vigentes.
- D reduzir o contingente populacional na área.
- E introduzir a gestão participativa entre os municípios.

05| ENEM Antes de o sol começar a esquentar as terras da faixa ao sul do Saara conhecida como Sahel, duas dezenas de mulheres da aldeia de Widou, no norte do Senegal, regam a horta cujas frutas e verduras alimentam a população local. É um pequeno terreno que, visto do céu, forma uma mancha verde — um dos primeiros pedaços da “Grande Muralha Verde”, barreira vegetal que se estenderá por 7 000 km do Senegal ao Djibuti, e é parte de um plano conjunto de vinte países africanos.

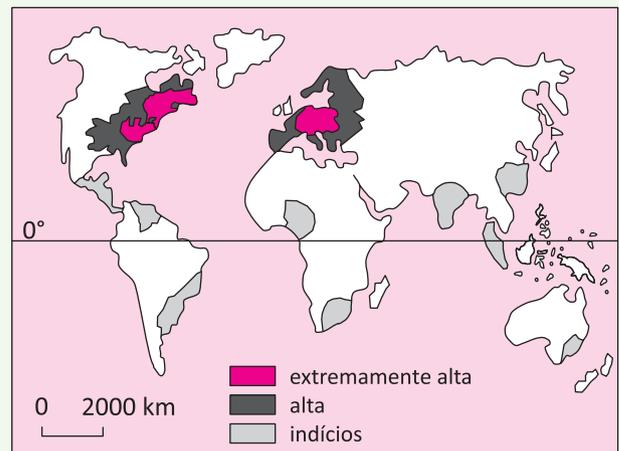
GIORGI, J. Muralha verde. Folha de S. Paulo, 20 maio 2013 (adaptado).

O projeto ambiental descrito proporciona a seguinte consequência regional imediata:

- A Facilita as trocas comerciais.
- B Soluciona os conflitos fundiários.
- C Restringe a diversidade biológica.
- D Fomenta a atividade de pastoreio.
- E Evita a expansão da desertificação.

06| ENEM

Ocorrência da Chuva ácida



Disponível em: <http://img15.imageshack.us> (adaptado)

Maior frequência da ocorrência do fenômeno atmosférico da figura relaciona-se a

- A concentrações urbano-industriais.
- B episódios de queimadas florestais.
- C atividades de extrativismo vegetal.
- D índices de pobreza elevada.
- E clima quentes e muito úmidos.

07| ENEM A interferência do homem no meio ambiente tem feito com que espécies de seres vivos desapareçam muito mais rapidamente do que em épocas anteriores. Vários mecanismos de proteção ao planeta têm sido discutidos por cientistas, organizações e governantes. Entre esses mecanismos, destaca-se o acordado na Convenção sobre a Diversidade Biológica durante a Rio 92, que afirma que a nação tem direito sobre a variedade de vida contida em seu território e o dever de conservá-la utilizando-se dela de forma sustentável.

A dificuldade encontrada pelo Brasil em seguir o acordo da Convenção sobre a Diversidade Biológica decorre, entre outros fatores, do fato de a

- A extinção de várias espécies ter ocorrido em larga escala.
- B alta biodiversidade no país impedir a sua conservação.
- C utilização de espécies nativas de forma sustentável ser utópica.
- D grande extensão de nosso território dificultar a sua fiscalização.
- E classificação taxonômica de novas espécies ocorrer de forma lenta.

08| ENEM O município maranhense de Bacabal foi fortemente atingido por enchentes, submetendo a população local a viver em precárias condições durante algum tempo. Em razão das enchentes, os agentes de saúde manifestaram, na ocasião, temor pelo aumento dos casos de doenças como, por exemplo, a malária, a leptospirose, a leishmaniose e a esquistossomose.

Cidades inundadas enfrentam aumento de doenças. Folha online. 22 de abr. 2009. Disponível em: [HTTP://WWW.FOLHA.UOL.COM.BR](http://www.folha.uol.com.br). Acesso: em 28 abr. 2010 (adaptado).

Que medidas o responsável pela promoção da saúde da população afetada pela enchente deveria sugerir para evitar o aumento das doenças mencionadas no texto, respectivamente?

- A Evitar o contato com a água contaminada por mosquitos, combater os percevejos hematófagos conhecidos como barbeiros, eliminar os caramujos do gênero *Biomphalaria* e combater o mosquito *Anopheles*.
- B Combater o mosquito *Anopheles*, evitar o contato com a água suja acumulada pelas enchentes, combater o mosquito flebótomo e eliminar os caramujos do gênero *Biomphalaria*.
- C Eliminar os caramujos do gênero *Biomphalaria*, combater o mosquito flebótomo, evitar o contato com a água suja acumulada pelas enchentes e combater o mosquito *Aedes*.
- D Combater o mosquito *Aedes*, evitar o contato com a água suja acumulada pelas enchentes, eliminar os caramujos do gênero *Biomphalaria* e combater os percevejos hematófagos conhecidos como barbeiros.
- E Combater o mosquito *Aedes*, eliminar os caramujos do gênero *Biomphalaria*, combater o mosquito flebótomo e evitar o contato com a água contaminada por mosquitos.

09| ENEM O aquecimento global, ocasionado pelo aumento do efeito estufa, tem como uma de suas causas a disponibilização acelerada de átomos de carbono para atmosfere-

ra. Essa disponibilização acontece, por exemplo, na queima de combustíveis fósseis, como a gasolina, os óleos e o carvão, que libera o gás carbônico (CO_2) para a atmosfera. Por outro lado, a produção de metano (CH_4), outro gás causador do efeito estufa, está associada à pecuária e à degradação de matéria orgânica em aterros sanitários.

Apesar dos problemas causados pela disponibilização acelerada dos gases citados, eles são imprescindíveis à vida na Terra e importantes para a manutenção do equilíbrio ecológico, porque, por exemplo o:

- A metano é fonte de carbono para os organismos fotossintetizantes.
- B metano é fonte de hidrogênio para os organismos fotossintetizantes.
- C gás carbônico é fonte de energia para os organismos fotossintetizantes.
- D gás carbônico é fonte de carbono inorgânico para os organismos fotossintetizantes.
- E gás carbônico é a fonte de oxigênio molecular para os organismos aeróbios heterotróficos

10| ENEM Subindo morros, margeando córregos ou penduradas em palafitas, as favelas fazem parte da paisagem de um terço dos municípios do país, abrigando mais de 10 milhões de pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

MARTINS, A. R. A favela como um espaço da cidade. Disponível em: <http://www.revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 31 jul. 2010.

A situação das favelas no país reporta a graves problemas de desordenamento territorial. Nesse sentido, uma característica comum a esses espaços tem sido

- A o planejamento para a implantação de infraestruturas urbanas necessárias para atender as necessidades básicas dos moradores.
- B a organização de associações de moradores interessadas na melhoria do espaço urbano e financiadas pelo poder público.
- C a presença de ações referentes à educação ambiental com consequente preservação dos espaços naturais circundantes.
- D a ocupação de áreas de risco suscetíveis a enchentes ou desmoronamentos com consequentes perdas materiais e humanas.
- E o isolamento socioeconômico dos moradores ocupantes desses espaços com a resultante multiplicação de políticas que tentam reverter esse quadro.

**FRENTE A
AMÉRICA INGLESA
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (P. XX)**

01|

O candidato poderá citar as perseguições religiosas e os altos índices de desemprego e subemprego, derivados do processo de expropriação rural.

02|

Afirma-se que a colonização inglesa na América do Norte teria sido “singular”, tal como aparece no enunciado, quando comparada, por exemplo, à colonização portuguesa na América. Esta última caracterizou-se pela implantação de um sistema produtivo com a finalidade de complementar a economia da metrópole sob um regime de monopólio e que se caracterizou por ter grandes propriedades, grande concentração da renda, monocultura e uso do trabalho escravo. Esse seria um exemplo típico daquilo que alguns especialistas chamaram de “colônias de exploração”. Por contraste, as colônias inglesas da Nova Inglaterra (Nordeste dos atuais Estados Unidos) teriam sido “colônias de povoamento”, caracterizadas pelas pequenas propriedades, economia de subsistência e presença de trabalho livre.

Tais núcleos de povoamento teriam sido motivados pela transferência de parte da população da metrópole, que sofria perseguições religiosas e que na América teria procurado locais onde pudesse sobreviver e praticar livremente suas crenças religiosas.

Nesse sentido, esses estabelecimentos coloniais eram bastante singulares. Deve-se observar também que as colônias do Sul da América do Norte seguiram o padrão geral da colonização como “colônias de exploração”, ou seja, grandes propriedades, trabalho escravo e economia voltada para as necessidades da metrópole.

03|

a) Autonomia sócio-econômica e cultural das colônias do norte em detrimento das pressões tributárias impostas a elas pela Inglaterra, após o término da Guerra dos Sete Anos, que a deixou falida, justificam o pioneirismo das 13 colônias no processo de independência das Américas. Fato da Inglaterra ter negligenciado as colônias do norte, produziram sua autonomia, que perdurou por tanto tempo, até 1763.

b) A Espanha se ocupou de lutar contra a invasão de seu território pelas tropas napoleônicas. Desviando-se do controle sobre suas colônias da América, em pleno clima de luta por independência, o que facilitou o trabalho das lideranças liberais no continente.

04|

Os avanços da Reforma Protestante na Europa, tanto no contexto político quanto religioso, provocaram densas crises na monarquia britânica. Alternaram-se no poder Maria Tudor e Elisabeth, respectivamente católica e anglicana, sucedendo Henrique VIII _ criador da Igreja Anglicana, após ter rompido relações com o papado. Perseguiram constantemente aqueles que não se submetessem à autoridade das rainhas, o que era comum em meio aos puritanos (calvinistas). Tal situação se torna caótica e se arrastava até o século XVII, quando britânicos tendem a fugir das perseguições religiosas, partindo em busca de uma nova terra, cuja adaptação fosse viável, bem como o acesso. Nesse contexto são fundadas no norte da América as Treze Colônias (a Nova Inglaterra), com forte predominância de povoamento e trabalho livre, sendo esta porção negligenciada pela Coroa Britânica até o século XVIII.

05|

a) A questão solicitava a indicação das áreas de expansão territorial dos Estados Unidos. Poderiam ser indicados como exemplos a retirada de terras dos indígenas e de domínios pertencentes ao México, à França, à Inglaterra, à Espanha, à Rússia e ao Haváí.

b) O Destino Manifesto foi um argumento utilizado pelos norte-americanos de que havia uma manifestação da providência divina que reconhecia sua excepcionalidade como defensores da liberdade e da democracia. Tal ideário foi utilizado como legitimador da expansão de seus domínios territoriais em relação a grupos considerados inferiores.

06|

a) Em 1824, ao comparar os Estados Unidos com a França, Lafayette comparava uma República Federativa com uma Monarquia Constitucional restaurada. Os ideais liberais da Revolução Francesa – a descentralização dos poderes, a igualdade

jurídica, o princípio de representação, a garantia das liberdades individuais – estavam mais vivos nos Estados Unidos do que na própria França onde, com a restauração dos Bourbons (desde 1815) e a ascensão ao trono de Carlos X (1824), monarquistas e conservadores tentavam restabelecer os privilégios do Antigo Regime: foram decretadas leis que permitiam à Igreja controlar a educação, nobres que sofreram prejuízos durante a Revolução estavam sendo indenizados e a imprensa sofria censura.

b) A história dos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX, foi marcada pelo início da expansão territorial em direção ao Oeste e pela crescente oposição política, social e econômica entre os Estados do Norte e os do Sul. As questões mais controversas sobre as quais opunham-se esses Estados eram a política econômica e o trabalho escravo.

Foi o desenvolvimento econômico da União que fez divergirem o Norte e o Sul. O Nordeste industrializava-se e o Sul permanecia agrícola e voltado para fornecer matérias-primas ao mercado externo. Politicamente isto significava que os representantes do Norte (e do Oeste) passavam a defender no Congresso uma política alfandegária protecionista. O interesse dos latifundiários sulistas era exatamente o contrário: desde o final do século XVIII, a produção de algodão havia se tornado uma monocultura para exportação, tornando seus produtores dependentes da venda de suas safras aos industriais têxteis ingleses. Defendiam no Congresso o livre comércio e baixas tarifas alfandegárias.

Além da divergência econômica sobre o regime alfandegário, Norte e Sul também discordavam acerca de um sério problema social: a escravidão. A expansão do algodão estimulava e ampliava o uso de mão-de-obra escrava no Sul, enquanto no Norte e no Oeste predominava o trabalho assalariado e começava a ser desenvolvida uma campanha abolicionista estimulada por motivos religiosos e econômicos.

07|

O sul se constituiu escravista no sentido de que sua elite se reproduzia mediante a utilização do trabalho escravo, movimento cada vez menos comum no norte dos EUA.

ENEM E VESTIBULARES (P. XX)

01 A	06 C	11 B	16 C
02 A	07 A	12 D	17 C
03 B	08 A	13 D	
04 B	09 E	14 C	
05 B	10 B	15 D	

FRENTE B
AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (P. XX)

01|

As duas maiores populações indígenas eram os incas e os astecas, que constituíram verdadeiros impérios, respectivamente no Peru e no México. Dotados de avançados sistemas de arquitetura, agricultura e governos teocráticos.

02|

a) Bartolomé de Las Casas, frei dominicano, destacou-se como defensor dos indígenas na América espanhola. No texto, aparece a visão de Las Casas de como a conquista, provocando a destruição das Índias, resultou em uma sociedade injusta, que tirou do indígena os mais elementares direitos.

A visão oposta à Las Casas era otimista em relação à nova sociedade a ser criada. A imposição de valores europeus cristãos sobre os indígenas resultaria numa civilização americana superior àquela encontrada pelos espanhóis.

b) Entre os vários movimentos, podemos destacar:

- Em 1994, no México, eclode a revolta do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), que, entre suas propostas, exige a ampliação da autonomia política e dos direitos dos indígenas.
- Na Bolívia, o presidente Evo Morales, de origem indígena, atribui a si um governo dirigido para a maioria étnica do país – indígena –, vivendo desde a conquista espanhola à margem da sociedade.
- No Brasil, as pastorais do indígena, organizadas pela Igreja Católica, visam uma maior participação do indígena na sociedade brasileira.

Os vários movimentos indígenas pelo Brasil exigem do governo federal a demarcação de terras indígenas.

03|

a) a Elite Criolla

b) (I) Em função de sua aliança com a França e contra a Inglaterra após decretado o Bloqueio continental, a Espanha foi isolada de suas possessões no novo mundo pelo eficaz Bloqueio Inglês à península.

(II) O aumento de autonomia política e administrativa das colônias por seu isolamento em relação à Metrópole, tendo os Cabildos se tornado Juntas Governativas..

04|

As disputas pelo poder empreendidas por lideranças locais e regionais, interessadas em afirmar e ampliar sua autonomia, contribuíram diretamente para a fragmentação político-territorial que se verificou no Império espanhol na América à época das independências. O fenômeno do caudilhismo encontra-se na base de uma tensão entre centralização/descentralização que marcou a história dos Estados americanos de colonização hispânica ao longo do século XIX e influenciou, inclusive, em posteriores secessões.

Um dentre os fatores:

– econômicos

- exploração excessiva da mão-de-obra
- permanência do domínio da grande propriedade
- estrutura econômica baseada na exportação de gêneros primários
- – sociais
- concentração de renda e riquezas
- manutenção da desigualdade social existente no período colonial
- estabelecimento de uma sociedade caracterizada por grande exclusão e hierarquização social

05|

Reformas borbônicas; reflexos da expansão napoleônica na Espanha; interesses comerciais e de ampliação de mercados consumidores e exportadores na América por parte da Inglaterra; difusão das idéias iluministas e liberais na América latina; enfraquecimento das monarquias absolutistas europeias; crise do pacto colonial; disputas políticas na Espanha e na América espanhola, o que proporcionou o surgimento das juntas locais revolucionárias; influência da maçonaria na defesa do republicanismo; ampliação dos interesses políticos dos segmentos criollos na ruptura do pacto colonial ou de privilégios metropolitanos; participação dos cabildos

na busca de autonomia; sentimentos de americanidade; movimentos populares ou armados em prol da independência; atuação dos caudilhos; bolivarianismo;

ENEM E VESTIBULARES (P. XX)

01 B	04 C	07 B	10 E
02 D	05 D	08 E	11 C
03 A	06 A	09 E	

FRENTE C
GUERRA FRIA
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (P. XX)

01|

a) Espera-se que o candidato possa interpretar “a reabilitação dos fuzilados” como a política de desestalinização de Nikita Krushev, denunciando os crimes ocorridos no governo de Stálin e propondo a coexistência pacífica com os países capitalistas.

b) Espera-se que o candidato possa interpretar a ação de “fingir que o trem está andando” como uma referência à política econômica adotada por Leonid Brejnev, em que o crescimento da indústria bélica e o desenvolvimento da tecnologia espacial mascaravam os problemas estruturais da economia soviética, principalmente a fraqueza na produção de bens de consumo de massa.

02|

Um dos fatores:

- bipolaridade das relações internacionais da época
- intervenção das grandes potências estrangeiras no conflito
- polarização ideológica entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul

Duas das consequências:

- unificação territorial
- devastação da produção agrícola
- unificação política sob o regime socialista
- elevado número de mortes da população civil, especialmente de camponeses

03|

Entre os vários movimentos que espelham a rebeldia juvenil do ano de 1968, podem-se citar:

Primavera de Praga (Tchecoslováquia): grandes concentrações espontâneas ocorreram em Praga, capital do país socialista e membro da chamada “Cortina

de Ferro”. Estudantes e trabalhadores reivindicavam mais liberdade para a sociedade e criticavam o intervencionismo da URSS nos assuntos internos do país. Cartazes e panfletos bem-humorados, além de pichações antissoviéticas, marcaram o movimento.

Passeata dos Cem Mil (Brasil): em março de 68, durante uma passeata no Rio de Janeiro, a polícia matou a tiros o estudante Edson Luís. A partir desse momento, os protestos contra o regime militar aumentaram, culminando na **Passeata do Cem Mil**, no Rio de Janeiro, em junho de 1968.

Mai de 1968 (França): nascido a partir do movimento estudantil e inicialmente não vinculado a formas tradicionais de organização política, criticava valores burgueses e a sociedade de consumo. O espírito rebelde pode ser percebido através das grandes manifestações, das pichações e de lemas como “A Imaginação no Poder” e “É Proibido Proibir”.

Guerra do Vietnã (Estados Unidos): o intervencionismo imperialista norte-americano no país asiático teve ampla divulgação pela mídia, levando à conscientização da juventude, que passa a questionar o elevado número de mortos e os custos da guerra, em época de Guerra Fria. A espontaneidade do movimento pode ser apontada pelas manifestações com cartazes pacifistas, lemas do movimento *hippie*, enfrentamentos com a polícia e canções de protesto.

04|

- a) Foi a tensão entre o mundo capitalista e o socialista, iniciada logo após a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e que não se limitou ao confronto ideológico e às ações de caráter bélico.

O confronto denominado Guerra Fria manifestou-se de diversas formas: na corrida espacial, nos modelos de desenvolvimento econômico e social e no acesso da população a bens de consumo.

Durante a Guerra Fria, em ambos os lados, houve perseguição política a artistas e intelectuais que questionavam ou eram suspeitos de criticar os governos de seus países.

No imaginário do Ocidente, os EUA se projetavam como tendo o padrão de consumo desejado, sedutoramente apresentado ao mundo através dos filmes de Hollywood. Além disso, ostentavam enorme poderio

econômico e bélico, expresso em seu papel de agente financiador da reconstrução e do desenvolvimento do mundo capitalista e no avanço da pesquisa e produção de artefatos atômicos. Já a URSS, que teve de fazer um enorme esforço de reconstrução pós guerra, destacava-se por apresentar políticas de pleno emprego, ampliação de programas sociais e um projeto de sociedade igualitária.

Essa rivalidade entre as potências resultou em incidentes diplomáticos e militares, colocando o mundo em situação de alerta e temor. O ponto culminante foi quando, em 1962, o governo de Cuba autorizou a instalação de mísseis soviéticos em seu território. Após um período dramático da negociação, em que os dois países fizeram concessões mútuas, a URSS desmantelou suas bases em Cuba.

Essa rivalidade entre as duas potências se transformou em outros tipos de tensões após a queda do muro de Berlim e da implosão do mundo soviético no início da década de 90 do século passado.

- b) POSSIBILIDADE 1 – Atualmente, não há atividade intelectual-história, literatura, moral, política, ciência social, estética – que não se pergunte o que é ser civilizado, e, em consequência o que é barbárie.

POSSIBILIDADE 2 – De fato, se no passado a tradição cientificista europeia e anglo-saxã embasada em um discurso da razão, civilidade e urbanização como elementos julgadores e hierarquizados do real designava civilização como o conjunto de caracteres em oposição à barbárie – rudeza, ferocidade, selvageria dos estranhos e inferiores povos latino-americanos, africanos, asiáticos – hoje após as invasões e bombardeios no Iraque e Afeganistão e também os ataques terroristas é necessário relativizar a condição de civilizado e ponderar que o equilíbrio entre a civilização e a barbárie é tão frágil, que por vezes, esses dois extremos trocam de lugar.

05|

Um dos princípios:

- abertura para a iniciativa privada em pequena escala
- manutenção do controle estatal sobre os setores-chave da produção

A NPE permitiu contornar a crise e consolidou a orientação socialista soviética.

A Perestroika conduziu à desintegração da União Soviética e ao fim do socialismo nos países do bloco sob sua influência direta.

06|

Com a vitória das tropas lideradas por Mao Tsé Tung na Guerra Civil, em 1949, a China continental passou para o bloco socialista.

Podemos observar dois aspectos básicos desse processo, entre outros de menor importância. O primeiro foi a ampliação do campo socialista no mundo, principalmente em direção à Ásia, trazendo um novo equilíbrio à disputa em curso entre socialismo e capitalismo, denominada Guerra Fria. Como exemplo, cite-se o papel relevante das tropas chinesas de “voluntários” na Guerra da Coreia (1950 – 1953).

O segundo aspecto relaciona-se à emergência original de Mao Tsé Tung no mundo socialista, que, levando à disputa entre China e União Soviética pela liderança do comunismo internacional, desencadeou entre as duas potências um conflito progressivo, que culminou com a ruptura sino-soviética, em 1962. A consequência básica dessa disputa foi o enfraquecimento da unidade e da força do movimento comunista mundial. O caso do Brasil exemplifica isso, com a cisão entre maoístas (PC do B) e soviéticos (PCB).

07|

O termo “Guerra Fria” pode ser caracterizado pela expressão de Raimond Aron: “Guerra improvável, paz impossível”. Define as relações internacionais do pós Segunda Guerra Mundial, marcado pela bipolarização do mundo em dois blocos de poder. O bloco capitalista, delineado a partir da defesa do sistema liberal, deveria ser um escudo à expansão das áreas de influência soviética, o que caracterizou a “Doutrina Truman” e o “Plano Marshall” sob liderança dos Estados Unidos da América. O bloco comunista, sob liderança soviética, nascido a partir da ocupação da Europa Oriental durante a Segunda Guerra, ampliou-se com a formação do “Kominform”, união dos partidos comunistas visando ao fortalecimento do mundo socialista e como reação ao “Plano Marshall”.

Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico, aliado à corrida armamentista, levou à bomba atômica. O que, com o desenvolvimento da política de blocos, tornava impossível um confronto direto entre Estados Unidos e União Soviética, pois não haveria vencedores. Os confrontos, diplomáticos e militares, eram indiretos e localizados, tendo no bloqueio de Berlim (1948-1949) e na Guerra da Coreia (1950-1953) seus marcos iniciais, que foram se desdobrando em momentos de maior ou menor tensão, até a queda do Muro de Berlim e as transformações do Leste europeu no final dos anos 1980 e início da década de 1990.

08|

- a) Existia um clima de mútua suspeição entre as duas grandes superpotências regidas por sistemas socioeconômicos distintos – os Estados Unidos, capitalista e a União Soviética, socialista. Os Estados Unidos temiam o que chamavam de “expansão do comunismo”, consignado na chamada Doutrina Truman (1947), segundo a qual, entre outros aspectos, qualquer medida era legítima desde que fosse com a finalidade de “conter” o expansionismo soviético. Em nome desta doutrina, os Estados Unidos, por exemplo, patrocinaram golpes militares e regimes políticos obscurantistas pelo fato de levantarem uma bandeira anticomunista. Os soviéticos, por sua vez, além de debitar ao capitalismo, e particularmente aos Estados Unidos, a existência de disparidades socioeconômicas nacionais, regionais, sociais e setoriais (o imperialismo norte-americano), responsabilizavam os Estados Unidos de se constituir uma “ameaça” à paz mundial, especialmente devido ao seu poderio bélico de pronta-intervenção. Pelo temor de que a utilização de artefatos nucleares pudesse dar origem a uma catástrofe que destruiria toda a humanidade, as divergências entre as superpotências foram de alguma maneira administradas para que não se desdobrassem num conflito mais amplo. Disputava-se, desta maneira, no campo esportivo, na tecnologia, na corrida espacial e armamentista.
- b) Não obstante os esforços no sentido de se evitar um conflito de maiores proporções, em mais de uma ocasião a “Guerra Fria” foi permeada por “guerras quentes”. Dentre elas podemos destacar pelo menos duas ocorridas na Ásia Oriental:

a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã. Ambos podem ser considerados exemplos típicos de “guerras quentes” no interior da “Guerra Fria”.

Ao término da II Guerra Mundial, o Japão foi derrotado e perdeu seu império colonial. Como resultado das divergências políticas da Guerra Fria, os projetos de unificação da península da Coreia como Estado autônomo sob um único governo foram frustrados. Desencadeia-se uma guerra entre o norte, apoiado pela China e União Soviética, e o sul, apoiado pelos Estados Unidos. O final da guerra deu origem à consolidação da Coreia do Norte (socialista) e Coreia do Sul (capitalista) que ainda perdura.

O império colonial francês também desmorona nos anos que se seguem ao término da II Guerra Mundial. Os franceses foram derrotados pelos vietnamitas na península da Indochina. Os acordos políticos previam a existência de um Estado unificado na região. Entretanto, o predomínio de forças de esquerda deu origem a um grave conflito que resultou na divisão provisória da península entre Vietnã do Sul (capitalista) e o Vietnã do Norte (socialista). A possibilidade de vitória política e militar do Vietnã do Norte sobre o do Sul resultou na intervenção militar dos Estados Unidos em favor do Sul. Ao término de uma longa guerra, o Vietnã do Sul e os Estados Unidos foram militarmente derrotados e foi unificado o país sob o controle das forças políticas do Norte.

ENEM E VESTIBULARES (P. XX)

01 E	04 B	07 C	10 D
02 B	05 B	08 B	11 A
03 A	06 C	09 D	12 D

GEOGRAFIA

FRENTE A

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (P. XX)

01|

De 1930 aos dias atuais as cidades brasileiras passaram por múltiplos e distintos processos, que marcam a sua configuração atual. Alguns fenômenos e eventos históricos são necessários serem ressaltados. Entre eles temos o fim da escravidão, concomitante à economia cafeeira e o recrutamento de imigrantes europeus (eram agenciados, quer dizer contratados pelo estado para viverem no Brasil), esses

fenômenos eram comuns antes de 1930. Os ex-escravos abandonam seus antigos cativerios, as fazendas e casas patronais denominados de mucamos no Recife. O abandono leva um deslocamento para as grandes cidades, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, ou enriquecida São Paulo, pois como o Rio de Janeiro (capital da República) era um centro financeiro em ascensão, local que vivia boa parte dos imigrantes europeus, principalmente nos bairros periféricos, originalmente colônias agrícolas. Na década de 1930 a estrutura econômica muda, porém a situação social permanece. O estado confisca o capital financeiro dos cafeicultores, muitos eram banqueiros, e os aplica na construção de infraestruturas e utiliza os empréstimos estatais realizados em décadas anteriores para financiar as obras e a formação das empresas públicas, denominadas de indústrias de base. Essa indústria permanece nos subúrbios das capitais e ou constroem cidades para os trabalhadores. Esse fenômeno atrai a população do campo, não assistida, e atenta com as melhorias sociais nas cidades. 1940 a 2000 o campo perdeu 90% de sua população, e passou a depender economicamente da cidade. As cidades tornaram-se em metrópoles e dotadas de espaços periféricos e sem urbanização. Pois, não houve política de habitação até o início dos anos de 2005.

02|

São três macrorregiões econômicas do Brasil. A mais rica em objetos espaciais, infraestruturas e dinâmica é a Centro-Sul. Nela quase a totalidade da produção industrial, agropecuária está localizada. Mais 70% da população vive nessas áreas, tendo a maior parte da produção energética e a instalação de hidrelétricas, e Usinas de Álcool e todas a Usinas Nuclear. As maiores metrópoles e megalópoles se localizam também nessas áreas, que retêm a maior parte das Universidades e Institutos Federais. A região Nordeste em aspecto de crescimento econômico e populacional é a que mais cresce e se moderniza no Brasil. Se instalando nos últimos dez anos modernos objetos espaciais, diversificando a economia e ampliando o setor de serviço e produtivo (indústria e setor primário). Nela se concentra 20% da população nacional, localizada principalmente nas metrópoles Fortaleza, Salvador e Recife, também são tidas pelo IBGE

como três das de maiores cidades brasileiras. Temo setor de serviços de destaque, com alguns modernos pólos de tecnologia da informação e digital, nanotecnologia. A região Norte se destaca como a maior produtora de minério de ferro e minerais preciosos e raros do Brasil. Nela se concentra 10% da população. Nela se localiza a maior bacia hidrográfica do mundo e a segunda região com mais hidroelétricas. Tem um dos pólos industriais e manufatureiros da América Latina, a Zona Franca de Manaus. Enfim, as três regiões se complementam e necessitam de ambas. Porém a desigualdade é nítida entre elas, causando desequilíbrios financeiros e sociais no país.

03|

A questão sugere relacionar a formação das favelas e sua ocupação por uma maioria negra, que havia sido submetida à escravidão, logo excluída dos serviços de formação da cidadania como as escolas. As favelas são aglomerados humanos sem serviços básicos como o saneamento, habitação, sem lazer, sem transportes, sendo tudo precário, incompleto, dispostas a riscos ambientais como deslocamento de solo e erosões, além de múltiplas patologias tropicais. O que ocorre que a Universidade é um espaço de criação intelectual, onde os mais diversos problemas e desafios sociais e ambientais podem ter a esperança de serem solucionados como a questão das favelas e do subúrbio nas grandes cidades. Além de formar uma massa crítica que pode atuar politicamente na sociedade.

04|

O acesso social à camada periférica e excluída da população, dado que sobrepõe aos dados raciais, tanto no campo como na cidade, produz o surgimento de massas críticas que produzem novos horizontes intelectuais capazes de melhorar a situação social de milhares de brasileiros que permanecem ainda em um sistema de cidadania mutilada. As medidas que atribuem cotas sociais e raciais, bem como econômicas permite às camadas sociais mais empobrecidas acessarem a serviços caros e que requer tempo ocioso, não dedicado ao trabalho manual, para serem exercidos como é o caso dos estudos e a sua formação continuada.

05|

A questão pede para dizer quais as instituições do estado que formaram uma imagem espacial do Brasil; sugere que a

principal foi e é o IBGE, juntamente das Universidades Federais. Posteriormente teremos o IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) que irá desenvolver estudos sobre a economia familiar e local e suas variâncias. A importância das diferenças regionalizações que o Brasil passou situa os distintos e diversos planejamentos que o território foi submetido, pelas políticas públicas e pela economia locacional das empresas. As principais regionalizações foram de 1940, quando a região nordeste, centro e leste, de 1961, que cria região sudeste, centro-oeste e há 1988, quando o Tocantins se separa de Goiás e se integra à região Norte do Brasil. Outra regionalização, com cunho econômico é a macrorregião geoeconômica, que sobrepõe um mapa de dinâmica econômica com o das macrorregiões do IBGE, caracterizando a população e a economia brasileira, sendo três macrorregiões: Norte, Centro-Sul, Nordeste.

ENEM E VESTIBULARES (P. XX)

01 E	04 B	07 C	10 C
02 D	05 E	08 C	11 C
03 C	06 A	09 C	

FRENTE B

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (P. XX)

01|

Os principais impactos seriam primeiro o esgotamento das reservas hídricas, tanto superficiais e subterrâneas dependendo do prolongamento desse tipo de fenômeno ambiental. Algo inevitável a partir disso seria o deslocamento populacional das áreas afetadas por outras áreas, modificando a dinâmica espacial de uma localidade ou região, em detrimento de uma nova lógica espacial. Em curto prazo teríamos uma inflação sobre a produção e o consumo de energia elétrica e a água potável.

02|

O Brasil foi pioneiro na produção de etanol, a partir de 1978, e biocombustível, a partir de 2004. Com domínio tecnológico, principalmente sobre a transformação de culturas tropicais faz com que diversos países que compartilha clima e condições de solo e sociais semelhantes ao Brasil se referenciem e adotem políticas ambientais e energéticas em comum.

03|

A questão aponta a sobreposição de dados biológicos sobre os geográficos, construindo uma espacialização dos recursos e os impactos ambientais, a partir da e sociais, construção de hidroelétricas, sobre a paisagem e a vida natural sobre o território nacional. A partir de capacidade de mensurar os impactos pode-se aplicar os custos econômicos e culturais que a sociedade terá e ao longo de gerações quais serão as retribuições da mesma ordem.

04|

As commodities tendem a gastar e usar grandes reservas de água potável na sua produção. Pois, quando não necessitam de irrigação artificial, tendem poluir os reservatórios subterrâneos com o uso excessivos de agrotóxicos. Por serem praticadas intensivamente nas mesmas áreas, além de esgotarem a fertilidade do solo, desgastarem o relevo, absorvem milhares de metros cúbicos de água do subsolo, e permitem menos absorção de águas da chuva pelo solo, pois os solos tendem a se compactar quando não há plantações ou serem lavados, formando voçorocas.

05|

A situação social, no que tange o uso hídrico é um problema a ser enfrentado na atualidade, como já foi exposto. Mas como enfrentar isso? Primeiro é preciso colocar prioridade de uso, se para o consumo doméstico, industrial ou na produção de commodities. Depois verificar se o problema é localizado, se for rever o uso ambiental dos recursos, pois será necessário reflorestar? Desapropriar áreas, aumentar impostos sobre os usos às empresas e ao varejo de grande porte. Se tudo isso for necessário inicia-se a implementação de uma reforma urbana, que consequentemente influenciará na economia regional, quicá nacional, expondo mudanças políticas e sociais de um país em relação à sua postura internacional e produtiva e de consumo.

ENEM E VESTIBULARES (P. XX)

01 C	04 E	07 D
02 C	05 E	09 D
03 A	06 A	10 D

A360°